3 1761 07135958 2

AMERICO F. MARQUES
Livreiro Antiquário
R. da Misericórdia, 92-1.º
Telef 34977 Lisboa
N.º 2382

Lm. 8° Em.

LATINO COELHO

GARRETT
E
CASTILHO

Com uma carta-prefacio

do

DR. XAVIER DA CUNHA

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA

125, Rua dos Retroseiros — LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/garrettecastilho00lati

ESCRITOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS

DE

J. M. LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela

GARRETT E CASTILHO

Tip. da Imprensa Portuguesa
112, Rua Formosa—Pórto
MCMXVII

pgs - ers

J. M. LATINO COELHO

LIVRARIA ADMARIO FERREIRA
ADMARIO FERREIRA
PAPELARIA, POSTAIS, GRAVURAS E JORNAIS
DE VARZIM

Garrett e Castilho

ESTUDOS BIOGRÁFICOS

COM UMA CARTA-PREFACIO

DO

DR. XAVIER DA CUNHA

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

PQ
9261
A575
Z713
1917

GARRETT, CASTILHO

E

LATINO COELHO

CARTA INDEREÇADA

AO

PROFESSOR ARLINDO VARELLA

POR

XAVIER DA CUNHA

Ill.mo e Ex.mo Senhor
Prof. Arlindo Varella,
meu Amigo dilectissimo:

Aos 26 de Janeiro do corrente 1917 procurou-me V. Ex.ª para me honrar com uma distincção muito significativa, mas sobremodo immerecida, que, por immerecida ser, mais titulos conquistou do meu agradecimento, e que só por obediencia me cumpre acceitar, pois que adeantado em annos, e subjugado pelos achaques inherentes á edade provecta, achaques moralmente aggravados pelas dolorosas condições em que ora se vive, sinceramente me reconheço incompetentissimo para a tarefa que, em nome de dois patrioticos e benemeritos editores (os illustrados proprietarios da *Empresa Litteraria Fluminense)*, V. Ex.ª amavelmente se dignou destinar-me.

Senectus est morbus: — era este um dos exemplos com que, nos meus tempos de menino, insinavam Mestres a Syntaxe, ministrando aos discipulos como expositor primario da linguagem de Cicero o *Novo Methodo da Grammatica Latina reduzido a compendio pelo P. Antonio Pereira,* — livro em que recebeu licções, sob a regencia do venerando Professor Fran-

cisco Antonio Martins Bastos, um dos nossos mais saudosos monarchas (El-Rei D. Pedro V, que veiu tambem a ser um latinista insigne), e foi por esse mesmo epitome que eu estudei simultaneamente no collegio em que superintendia aquelle famoso Mestre.

Hoje o mencionado livrinho acha-se nas nossas escolas pomposamente substituido por «Grammaticas» de mais avultado tomo, sem que todavia corresponda a mais avultados conhecimentos e a mais vantajosos resultados o tirocinio escolar dos modernos alumnos.

Mas.... voltêmos ao caso: — *Senectus est morbus.* Constitue realmente uma verdadeira doença, e (mais do que doença verdadeira!) uma incuravel infermidade, este desconsolador inverno que inexoravelmente me avassalla, cobrindo-me de cans, e por desgraça intorpecendo-me a existencia.

Para declinar, pois, o fagueiro convite, acodem-me de sobra os motivos, — e por elles me deixaria dominar, se a V. Ex.ª não parecesse descortezia, nem descortezia parecesse aos dois obsequiosos editores, responder-lhes eu com terminante recusa.

Acceitarei portanto o pesado incargo, imbora me sinta perplexo e quasi contrariado, traçando alguns paragraphos que possam incabeçar-se em guisa de «prologo» no livro em que vão reapparecer á luz da publicidade as tres formosas producções que José Maria Latino Coelho cinzelou com penna-de-oiro nas páginas d'*O Panorama,* do *Portugal Artistico,* e da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil,* ácêrca do Visconde de Almeida-Garrett e do Visconde Antonio Feliciano de Castilho. Sirva pois de «prefacio» ao volume respectivo esta singela e despretenciosa «carta-aberta» que a V. Ex.ª estou escrevendo.

*
* *

Aqui me acodem agora á lembrança palavras d'outrem que muito apropósito vou transcrever:

«O homem de quem o exercito aguarda valiosos serviços, de cuja instrucção a mocidade estudiosa conta aproveitar-se largamente, cuja facilidade e copia inexgottavel todos os periodicos cubiçam para si, cujos ensaios poeticos só careciam de perseverança para alcançarem uma corôa, cuja auctoridade politica se firmou de si propria, cuja palavra eloquente ganhou desde logo a sympathia publica, e cuja aptidão litteraria a Academia se apressou a perfilhar, merecia, por certo, penna mais auctorizada do que a nossa».

Nestes termos se exprime o illustre escriptor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos no esboço biographico destinado ao 2.º volume da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (Lisboa — 1860), por occasião de alli se publicar em chalcogravura de Joaquim Pedro de Sousa um bello retrato de Latino Coelho.

Das transcriptas palavras poderia eu, com muito mais razão do que a pessoa que as lançou no papel (com muito mais razão, e sem modestia o digo), aproveitar o final em referencia ao meu desvalimento.

E por egual motivo me cumpre, não menos, repetir como se minhas fôssem originalmente, repetir e perfilhar as seguintes reflexões do citado litterato:

«Não sabemos se nos perdoarão a ousadia de tomarmos sobre os nossos hombros esta tarefa. Conhecemos quanto é difficil cumprir com o que está pedindo a qualidade do sujeito, e o amor tão justificado que lhe tem esta boa cidade e todo o reino, mas não nos foi dado hesitar. Tivemos que obedecer á vontade de um amigo a quem ás vezes o muito grande affecto, com que nos distingue, faz crer que somos para mais do que realmente podem as nossas forças».

No caso presente, que me toca, esse amigo, meu querido Arlindo Varella, esse amigo foi V. Ex.ª — A V. Ex.ª fica por isso pertencendo até certo ponto a responsabilidade virtual da minha insufficiencia.

E, posto isso, intrarei desde já no assumpto de que se trata.

* * *

Em 26 de Janeiro me indereçou V. Ex.ª o convite vocal de que fiz menção.

Em 26 de Janeiro — uma data singularmente gloriosa e memoravel nos annaes da Litteratura Portugueza! uma data a que prestarei o preito da minha respeitosa veneração, acceitando o honroso convite com que me distinguiram.

Foi em 26 de Janeiro que, no derradeiro anno do seculo XVIII, abriu os olhos á luz do dia em Lisboa o egregio escriptor Antonio Feliciano de Castilho, — esse fecundo Poeta que tão luminoso rasto deixou da sua passagem no mundo das lettras. Quasi um anno antes, o precedêra no alvorecer da vida um seu companheiro não menos excelso, João Baptista de

Almeida-Garrett, que no Porto havia nascido aos 4 de Fevereiro de 1799 (outra data egualmente memoravel e, para todo o sempre, gloriosa).

Dois d'aquelles prodigios, com que só de longos em longos intervallos a Providencia illumina os horizontes litterarios de um paiz! E foi ácêrca d'esses dois que Latino Coelho burilou com talento inexcedivel os tres primorosos lavores a que na presente carta me vou referir.

Oxalá que d'aquella data (26 de Janeiro), por mim agora invocada e commemorada, me advenha auspiciosa inspiração para a incumbencia que acceitei na apresentação das tres biographias delineadas por Latino Coelho!

Não me deparou Deus a fortuna de tratar pessoalmente com esse biographo insigne, que em todos os seus escriptos se revelou notavelmente elegante e originalissimo, quaesquer que fôssem, por diversos que fôssem, os complicados assumptos em que fluente lhe divagava a caudal pujança do seu espirito.

E com profunda magua reconheço que me faz falta, para menos desairosamente me desimpenhar do incargo a que ora me sujeitei, esse trato pessoal que por desventura minha não logrei ter com o abalizado polygrapho.

Tal circumstancia é mais uma razão para me convencer de que mui avisadamente haveria procedido quem, pondo de parte e deixando olvidado o meu nome obscurissimo, tivesse preferido, para a delicada missão que me foi imposta, o consagrado nome d'aquelle que nos formosos livros da *Lisboa Antiga* se mostrou consciencioso investigador e archeologo distinctissimo, como se revelou primoroso chronista nas *Memorias de Castilho*, e qual se denunciou poeta dos mais valiosos quilates nos picturescos quadros d'*O Eremiterio* e no Cancioneiro das

Manuelinus. Este é que deveria estar occupando aqui o logar que legitimamente me não pertence. Este, sim, que de mui perto conheceu e por longos annos tratou Latino Coelho. Que lindo, e que artisticamente elaborado, leriamos o desejado «Prefacio», quando escripto pelo Visconde Julio de Castilho! É que lidimo herdeiro foi elle das glorias paternas, como já no berço a inspirada Paulina Flaugergues lhe presagiava em quadras que tenho de cór e que passo a transcrever aqui:

HOROSCOPE

Tu Marcellus eris!...

VIRGIL.

Jeune enfant, tu seras poète!
Déjà, sur ta débile tête,
Je vois, je vois briller le laurier paternel.
Que la Muse te donne un baiser fraternel!

En songe, elle t'a vu bégayer et sourire...
Tes premiers mots étaient des chants.
Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,
Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète!
Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor!
Vers toi je vois descendre un ange aux ailes d'or,
Qui, pour ton jeune front, tient la couronne prête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,
Nous entende applaudir à tes premiers essais!
Et vous, à qui j'adresse un «adieu» plein de larmes,
Dites-lui qu'une amie a prédit ses succès!

*
* *

O muito e muitissimo que o Visconde Julio saberia dizer de Latino Coelho, poderemos nós conjecturál-o, a calcularmos pelas referencias que de passagem lhe faz, no capitulo 28.º do Livro VIII, o auctor das *Memorias de Castilho:*

«Este illustre e honrado nome de Latino Coelho (diz o Visconde Julio) traz-me á lembrança tantas recordações, que entendo dever conservál-as.

«As relações entre elle e Castilho começaram em 1850, e duraram sempre, e sempre cordiaes. Latino Coelho era um bom; e era um desmarcado talento, que toda a geração do meu tempo admirava boquiaberta. Nas escholas superiores, nas Academias, nos cafés, nas salas, o nome de Latino tinha um prestigio extraordinario; contavam-se os ditos d'elle, conceituosos e inoffensivamente satyricos; citavam-se phrases inteiras dos seus artigos litterarios; liam-se com admiração as suas prosas politicas, limadas e brilhantes como nenhumas outras; ouviam-se as suas profundas e succulentas prelecções na cadeira de Mineralogia, transformadas por elle numa serie de folhetins scientificos do maior merito, quando algumas vezes, na sua qualidade de Lente substituto, fez as vezes do proprietario, o sabio ancião dr. Francisco Antonio Pereira da Costa. Em summa: a reputação de Latino chegára ao seu auge, quando elle mal teria attingido os quarenta annos.

«As suas maneiras eram finissimas; tinha uma distincção natural, que estava a dizer bondade. Tinha muita graça, graça academica, atheniense, que adquiria vagas intenções ironicas

no modo como era modulada por aquella voz debil, afeminada, chistosa. Era dos taes, cujos epigrammas sahiam *despontados*, tanta era a sua espontanea infantilidade. Aqui vae um, que parece ter fel, e não tem; foi, por signal, muito festejado pela victima.

«Acabavam de sahir as *Poesias* de Francisco Palha. E dizia Latino a um amigo, que lhe perguntava se as tinha lido:

«— Li, mas achei logo um erro no titulo.

«— Um erro? como é isso?

«— O livro diz: *Poesias, por... Palha.* Devia ser: *palha por poesias.*

«Latino era faiscante. Uns minutos de conversação com elle revelavam logo um sujeito de optima companhia, de vasto saber, de larga envergadura intellectual. Sahia-se bem de ao pé de um interlocutor assim.

«Com senhoras era um parisiense do grande seculo; tinha para ellas todos os resguardos, todas as attenções, e conformava a sua loquella ás posses do seu gentil auditorio.

«Com sabios era um verdadeiro sabio.

«Com litteratos revelava o saber e o gosto apurado das melhores escholas.

«Aos extrangeiros falava este polyglotto a lingua de cada um.

«Para os discipulos era um amigo; para a familia era um pae.

«Com a evolução que se operou no espirito de Latino, das idéas monarchicas para as republicanas, não concordo, mas nada tenho com ellas. Só digo: abençoada seria a Republica, se todos os seus fautores e adeptos tivessem a honestidade, o desinteresse, a cordura, a illustração, a finura, d'este republicano de luva branca».

Isto escrevia o auctor das *Memorias* no fasciculo 3.º do 50.º volume d'*O Instituto* de Coimbra (Março de 1903).

E logo em seguida accrescentava:

«Antonio Feliciano de Castilho nunca por certo discutiu com elle materias politicas; o seu campo era o das lettras. Castilho amava-o com especialissimo affecto, e era amado por elle com idolatria.

«Se se podessem ter contado os serões litterarios que os dois passaram juntos lendo Cicero, lendo Virgilio, esses serões absorveriam longa extensão da vida dos dois. Foi Latino um dos homens com quem o nosso poeta mais conviveu. Que espantosas conferencias, que extraordinarios dialogos teriamos hoje, se a estenographia os tivesse podido surprehender á intimidade de tão distinctos espiritos! Sou testemunha de tudo isto, porque muita vez assisti, no meu silencio de ignorante, a essas *noites atticas*».

Eu é que não tive nunca (tristemente volto a dizêl-o) a honra e o prazer de travar pessoaes relações com Latino Coelho, — mas algumas vezes o ouvi discursar nas sessões solemnes da lisbonense «Academia Real das Sciencias», e admiração enthusiastica me causou, tanto nesses discursos como nos escriptos que d'elle saboreei, a elevação das idéas e a finura dos conceitos em que a ilux se desintranhava com a mais energica pujança aquelle organismo physicamente debil e franzino. Assim justificava elle plenamente com o seu demonstrativo exemplo a célebre definição apresentada por um celeberrimo physiologista francez (Bérard, se me não ingano), que dizia ser a entidade humana — «uma intelligencia servida por orgãos».

Definição philosophica, essencialmente espiritualista, e brilhantemente confirmada pela individualidade «Latino Coelho».

* * *

Tambem a pirraça do «acaso» — d'esse «Acaso» a que os mythologos romanos attribuiam foros de «divindade», e que ainda hoje é invocado pela pretenciosa ignorancia de modernos materialistas, — d'esse «acaso» nefasto e pirracento que tantas pirracices me tem causado na minha existencia, — nunca se dignou permittir-me o consolador alvorôço de admirar *de visu* aquelle vulto primacialmente elegantissimo do Visconde de Almeida-Garrett.

E todavia... fôra elle amigo pessoal de meu Pae, seu correligionario politico, e seu enthusiastico admirador.

Alguns livros tenho eu carinhosamente arrecadados, com devota religiosidade, no grupo dos que mais prézo, por me representarem preciosas especies que do Poeta recebeu em tempos o meu progenitor como affectuoso brinde (entre esses um exemplar, hoje bibliographicamente «mui raro» da *Memoria historica da Excellentissima Duqueza de Palmella D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama* — bella edição estampada em 1848 e precedida por um finissimo retrato, gravado em aço, da illustrissima titular), — como arrecado com especial estima e suprema veneração o «autographo» preciosissimo do *Epilogo dos Lusiadas* que Almeida-Garrett verteu do italiano Carlos Antonio Paggi e fez publicar no 2.º volume d'*A Semana* (Lisboa — 1851), autographo que serviu para a composição respectiva na officina d'esse interessante hebdomadario, onde tambem Latino Coelho prestou formosa collaboração.

Do enthusiasmo que meu Pae me transmittiu hereditariamente e com o seu exemplo me insinuou, para com a personalidade brilhantissima constituida pelo auctor da *Lyrica de João Minimo*, testemunho público dei eu, inscrevendo-me entre os «Membros Fundadores» da *Sociedade Litteraria «Almeida-Garrett»*, e antes d'isso (em 1899) apresentando na *Academia Real das Sciencias* a seguinte proposta, que por unanimidade ficou approvada (em sessão de «Assembléa Geral» aos 12 de Janeiro):

«Tenho a honra de propôr que, em commemoração do centenario natalicio do Visconde de Almeida-Garrett, centenario prestes a celebrar-se aos quatro dias do mez proximo-futuro, a Academia Real das Sciencias de Lisboa promova desde já a elaboração e publicação de um «Livro Aureo», collaborado por quantos dos seus Socios queiram nesta justa apotheose agremiar-se, — e solicite, se tanto preciso fôr, o auxílio dos poderes publicos, por modo que esse livro monumental, representando um formoso producto da coadjuvação reciproca das bellas-lettras e das bellas-artes, seja intrinseca e extrinsecamente condigno da excelsa memoria d'aquelle vulto egregio, e possa apparecer a lume aos 9 de Dezembro de 1904, pois que em tal data se perfaz o «primeiro quinquagenario» decorrido a contar do dia em que o divino Poeta, fallecendo para a vida terrena, introu definitivamente na luminosa gloria da immortalidade».

D'essa minha proposta se fez echo sympathico o *Diario de Noticias* em seu N.º 11:889 (Lisboa, 15 de Janeiro de 1899), tecendo-lhe encomios e transcrevendo-a na integra.

Mas depois... decorreram mezes, sem que de tal assumpto se tratasse nas sessões academicas, até que tomei eu a iniciativa de propôr, em 5 de Julho d'aquelle mesmo anno supramencionado, que se nomeasse d'entre os Socios da Academia uma Commissão para discutir e determinar a maneira práctica de levar a effeito a proposta unanimemente approvada na sessão de 12 de Janeiro.

Por deliberação que logo em seguida se tomou, foi o proprio Vice-Presidente da Academia (Luiz Porphirio da Motta Pegado) quem para tal Commissão escolheu nove membros, em cujo número me coube a honra de ficar incluido, tendo por collegas os oito seguintes academicos: — Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta, Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Conde de Ficalho, Dr. Theophilo Braga, Joaquim Filippe Nery Delgado, José de Sousa Monteiro e Alberto Alexandre Girard (Socios Effectivos, todos os septe); Francisco José Teixeira Bastos (Socio Correspodente). E sôbre proposta minha se deliberou egualmente que a nomeada Commissão ficasse com plenos poderes para aggregar a si quaesquer outros Socios da Academia (Effectivos ou Correspondentes).

Nisto começaram as férias academicas, — e só em 18 de Janeiro de 1900 poude a Commissão installar-se, escolhendo para seu Presidente (sôbre indicação minha) o Conselheiro Silveira da Motta, e (por indicação d'este) confiando as funcções de Secretario ao obscuro Socio Correspondente que ora escreve estas linhas. Nessa mesma sessão inaugural deliberaram os presentes aggregar mais nove Socios, ficando pois a Commissão constituida por dezoito membros. Os aggregados foram: — sôbre proposta do illustre Presidente, os dois Socios Correspondentes Dr. Guilherme de Vasconcellos Abreu e D. João da Ca-

mara; sôbre proposta do Secretario, José Ramos-Coelho, Henrique Lopes de Mendonça e José Fernandes Costa (todos tres, Socios Effectivos), o Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna, José Augusto Moreira de Almeida e José Cypriano da Costa Goodolphim (Socios Correspondentes, todos estes quatro).

Em 25 de Janeiro do referido anno 1900, voltou a Commissão a reunir-se, com assistencia de onze membros. Alli apresentou o Secretario, nos seguintes termos concebido, o projecto da «circular» que, em seu intender, deveria remetter-se a todos os Socios da Academia, quer nacionaes, quer extrangeiros:

«**Commemoração de Garrett** — *Commissão executiva do* LIVRO AUREO.

«Ill.mo e Ex.mo Senhor:

«Em glorificação do Visconde de Almeida-Garrett, que foi na Academia Real das Sciencias de Lisboa um vulto eminentissimo, resolveu esta por unanimidade, em sua Assembléa Geral, approvar a seguinte proposta:

(E seguia-se na integra o texto da proposta que já transcrevi).

«Depois de approvada tal proposta, deliberou tambem a Academia, sôbre alvitre do proponente, confiar à uma Commissão, eleita ou nomeada d'entre os seus Socios, a execução práctica da obra.

Constituida pelos signatarios do presente convite, a Commissão executiva, esperando anciosa a imprescindivel collaboração que V. Ex.a queira dispensar ao *Livro Aureo* de que se

trata, roga a V. Ex.ª o favor, que antecipadamente agradece muito e muito, de communicar-lhe com a possivel brevidade:

«1.º — Se V. Ex.ª lhe faz a honra de inscrever-se como collaborador do Livro;

«2.º — Qual o assumpto especial da sua collaboração;

«3.º — Em que prazo approximadamente conta V. Ex.ª remetter prompto, para intrar no prelo, o seu valioso e precioso trabalho.

«Outrosim, mesmo independentemente da collaboração com que V. Ex.ª se digne opulentar o *Livro Aureo*, pedem os signatarios muito incarecidamente a V. Ex.ª o patriotico e prestantissimo serviço de quaesquer indicações, quaesquer subsidios, quaesquer conselhos, tanto no campo litterario como no artistico, tendentes a mais e mais habilitarem a Commissão ao desimpenho da sua complexa tarefa.

«O Visconde de Almeida-Garrett, — cujo vulto se destaca primoroso na constellação deslumbrante a que pertencem Gœthe, Byron e Victor Hugo, — o Visconde de Almeida-Garrett não é meramente um brilhantissimo talento. Poeta e dramaturgo em todos os generos e modalidades da arte dramatica e da cultura poetica, com a particularidade notavel de simultaneamente abranger os dotes de um consummado e de um proficientissimo insaiador theatral, — e não só isso, mas tambem romancista e folhetinista, collector e vulgarizador de xacaras e solaus populares (precursor portanto, e precursor principesco, dos nossos modernos folkloristas), biographo e bibliographo, historiador, archeologo, philosopho, jornalista, polemista, amador das bellas-artes e seu desvelado patrocinador, como patrocinador egualmente das boas-lettras, crítico, político, tribuno, estadista, jurisconsulto, magistrado, legislador, diplomata, aca-

demico, pedagogista, e, apar de tudo quanto fica dito, apar de tudo quanto por brevidade aqui se omitte, elegante frequentador de salas, idolo das damas, espirituoso conversador, e conceituoso epistolographo, — o «Cantor de Camões» é verdadeiramente um genio, e a elle se pode com justiça applicar o conhecido verso d'*Os Lusiadas:*

«Ditosa patria que tal filho teve!»

«Garrett é um d'aquelles astros refulgentissimos que só de longe em longe apparecem no horizonte de uma litteratura, e que por si bastam para illuminar uma epocha, e em si resumem como syntheses rutilantes a suprema gloria de uma Nação.

«Para que em tudo seja condigna do inclito Garrett a apotheose que no *Livro Aureo* lhe prepara a Academia Real das Sciencias de Lisboa, torna-se indispensavel o concurso de todos os seus Socios, e com elle se lisonjeia de contar a Commissão no cumprimento do alto incargo que lhe incumbe.

«Deus Guarde a V. Ex.ª

«Sala das Sessões da Commissão, na Academia Real das Sciencias de Lisboa, aos 25 de Janeiro de 1900.

«Ill.mo e Ex.mo Senhor.....»

(E seguir-se-hiam, no caso de ser approvado o projecto da Circular, as assignaturas de todos os dezoito membros da Commissão).

Mas sôbre tal assumpto, que entre alguns dos «commissionados» levantou viva e assaz ferrenha discussão, como vivissima discussão e não menos ferrenha levantou a indole do pro-

gramma litterario-artistico por mim verbalmente esboçado em relação á feitura do *Livro Aureo*,—afigurando-se-me que, a um certo numero dos circumstantes, nem esse programma agradava, nem tão pouco o projecto da «circular» que fica transcripto, muito imbora em substituição nenhum dos «opposicionistas» offerecesse qualquer outro (!),—a verdade é que não se proporcionou maneira de tomar deliberação alguma naquella noite, por mais diligencias que em sentido conciliatorio impregasse, na sua qualidade auctorizadissima de Presidente, o illustre e devotado amigo meu Conselheiro Silveira da Motta.

E depois?... E depois... por imbaraços supervenientes, que não vale a pena mencionar, a Commissão não tornou mais a reunir-se,—resultando em triste consequencia que o *Livro Aureo*, quinquagenariamente commemorativo do passamento de Garrett, não chegou a organizar-se. O meu projecto (com grande magua minha o confesso,—e não queira ninguem ver nisto o menor vislumbre de vaidade ou tola pretenção), o meu pobre projecto morreu logo á nascença,—morreu de inanição, como egualmente morrem neste mundo tantas coisas dignas de melhor sorte!

Nestas circumstancias, approximando-se o día 9 de Dezembro de 1904, occorreu-me (como desforra do *fiasco* inesperado que tão immerecidamente desabou sobre a minha despretenciosa tentativa), occorreu-me organizar na Bibliotheca Nacional de Lisboa uma *Exposição Garrettiana* constituida por especies, não só bibliacas mas iconicas tambem, naquelle instituto existentes, relacionadas com o Poeta das *Folhas Cahidas*. E em fins de Novembro communiquei o meu alvitre ao erudito Gabriel Pereira,

que em sua categoria de «Inspector das Bibliothecas e Archivos Nacionaes», interinamente investido nas funcções de Bibliothecario-Mór do Reino, gostosamente me fez a honra de applaudir o meu proposito.

Em 9 de Dezembro, ao meio-dia prefixo, abriram-se effectivamente as portas da sala destinada á Exposição, — e tive logo o prazer de assistir ao ingresso de numerosos visitantes. Entre esses honraram-me com a sua comparencia os membros do Conselho Director da *Sociedade Litteraria «Almeida-Garrett»*, cujo Presidente (o nobre Conde de Valenças) levou o requinte da sua amabilidade e gentileza a dirigir-me palavras de immerecido louvor e de suggestiva animação; com a visita do Conselho Director coincidiu a do Presidente da Assembléa Geral (o meu illustre e dilecto amigo Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro), a quem fiquei devendo egual favor e penhorante cortezia. Várias classes sociaes se fizeram naquelle dia alli representar, avultando o número dos visitantes, cujos nomes ficaram autographicamente archivados num «album de assignaturas».

E durante dias successivos proseguiu ininterrupta a concorrencia dos admiradores de Garrett.

Em 16 de Janeiro de 1905, ao tempo em que a Exposição estava já prestes a desmanchar-se, appareceu-me, por incantadora e captivante surpresa, a visita de Sua Alteza Real o Senhor D. Luiz Filippe e de Sua Alteza Serenissima o Senhor Infante D. Manuel. Vinham esses dois excelsos Principes acompanhados pelo preceptor Francisco Kerausch, pelo Coronel Antonio Francisco da Costa, e pelo capitão Manuel de Oliveira Ramos. Assim ascendeu a 610 o número das pessoas que no decurso de dezoito dias animaram com a sua assistencia quem tal commemoração havia delineado e organizado.

Nessa organização me prestou bons auxilios o meu dedicado collega João Augusto Melicio, Conservador da Bibliotheca.

Assim terminou com «chave-d'-oiro», assim finalizou, carinhosa e festivamente afagada (com desvanecimento o declaro aqui) graças á penhorante benevolencia dos dois augustos visitantes, a modesta homenagem que na Bibliotheca Nacional, como seu Director, consegui render á gloriosa memoria do Visconde de Almeida-Garrett.

Perante as manifestações de sympathia, que por essa occasião me foram generosamente dispensadas, sinto-me de sobra consolado e sobremaneira indemnizado da acintosa malevolencia com que alguma lingua praguenta possa ter procurado malsinar, invenenar, ou ridiculizar, a sincera intenção e o sincero impenho do meu imprehendimento.

E nunca mais me esqueceu esse dia da visita dos augustos Principes, dia festivo e saudoso, dia memoravel nos fastos da Bibliotheca Nacional, mas a que hoje se juntam no meu espirito associadas, por tenebrosa explosão de acontecimentos ulteriores, as mais dolorosas recordações.

* * *

Disse eu que nunca, nem mesmo de vista, me fôra dada a fortuna de conhecer o peregrino dramaturgo do *Fr. Luiz de Sousa*.

Castilho, sim, Castilho conheci eu muito de perto, desde que em 1857 — condiscipulo de seu filho Julio (o actual Visconde) nas aulas da Escola Polytechnica e tambem condiscipulo do filho Augusto (que, ha poucos annos, falleceu no elevado posto de Contra-Almirante) — logrei a estimada ventura do meu

ingresso e affavel acolhimento na residencia do «Ovidio Portuguez».

Morava o Poeta, nesse tempo, em uma casa vetusta que tinha no Bêco do Norte por número de policia o N.º 3, — mansão picturesca e perfeitamente adequada ás condições de um sonhador como era Castilho.

Na sala destinada ás visitas de ceremonia, pendiam das paredes os retratos a oleo, em meio-corpo e tammanho natural, do Dr. José Feliciano de Castilho Barreto e da Senhora D. Domitilia Maxima Dorothéa da Silva (progenitores do Poeta), e pendiam-lhe egualmente por adôrno cinco paineis em que, pintados a oleo, se debuxavam cinco scenas do drama *Camões*, devaneado por Castilho em Ponta-Delgada, e representado em público theatro no Rio-de-Janeiro, — drama que Anthero do Quental (escriptor insuspeito, por isso mesmo que foi adversario intransigente de Castilho, e até mesmo seu insultador) elogiosamente assim qualifica no acerbo pamphleto *A dignidade das letras e as litteraturas officiaes* (Lisboa — 1865):

«É um dos mais formosos dramas do theatro portuguez, e a unica admiravel e inatacavel obra do sr. Castilho — o drama *Camões*. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente que excede muito o *Camões* de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro caracter do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação, e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia».

Aos cinco paineis mencionados (correspondendo cada um d'elles a um dos cinco actos do drama) accrescia ainda outro,

complementar, figurando uma espectaculosa apotheose do Cantor d'*Os Lusiadas*. Essas seis pinturas tinham sido offerecidas a Castilho pelo talentoso João Caetano dos Santos, actor brasileiro que na representação do drama desimpenhára o papel de protagonista.

Pertencem hoje ao Visconde Julio os oito quadros a que me refiro.

Da sala-nobre passava-se para o aposento da Livraria. E na parte posterior do predio desdobrava-se um terraço e um quintal ajardinado, cujo muro se debruçava sobranceiro á Rua da Lapa.

Foi nessa casa que tomei conhecimento com os outros dois filhos do Poeta (o Manuel e o Eugenio), e outrosim com a gentilissima Idinha, que veiu a ser uma dama de fino talento e que chegou a possuir foros de pianista muito notavel.

Foi tambem na casa do Bêco do Norte que tive a honra de ser apresentado á futura Viscondessa de Castilho, a Senhora D. Anna Carlota Xavier Vidal, — uma dama illustradissima, com quem o polyglotta Latino Coelho gostava muito de conversar em sueco e dinamarquez.

E foi essa illustre dama que em 1844 verteu para as columnas da *Revista Universal Lisbonense* a descripção d'*O Natal Sueco*. Foi ella que — desimpenhando a nobre missão de inspiradora Egeria perante aquelle Numa litterario, seu esposo, — o incarreirou nas traducções, mais ou menos paraphrasticas de versos dinamarquezes, traducções incorporadas por Castilho nas *Excavações Poeticas* e no florilegio d'*O Outono*, traducções que o Poeta d'*A Primavera* nos apresenta acompanhadas pela seguinte prévia declaração, exuberantemente demonstrativa da sua probidade litteraria:

«Filinto verteu o *Oberom* (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem intender uma palavra do Wieland. Os Francezes, de todas as linguas trasladam, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os Francezes, traduzindo quantas lástimas elles por lá ingendram. Quanto ao dinamarquez, de que me apresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem francez, como os Francezes sabem as outras linguas, e como o Filinto sabia o allemão: sem embargo affirmo que traduzo fiel, porque nada mais faço do que passar para verso a prosa portugueza com que a minha amavel e instruida leitora me vai dando desfeitos os versos (se não é peccado chamar versos ás regrinhas deseguaes da mais surda lingua que nunca houve) dos muitos, e muito bons, poetas da patria de Hamlet.

«Pela fidelidade de tal intérprete poria eu as mão no fogo».

Ácêrca d'essas versões do dinamarquez, informa tambem o filho primogenito do Poeta na edição nova das *Excavações Poeticas* (Lisboa — 1905), lembrando que «eram ditadas pelo Poeta sobre versões litteraes que lhe preparava sua mulher, profunda conhecedora d'aquelles idiomas do Norte, por ter sido educada desde pequenina em Suecia e na Dinamarca».

E ahi está o motivo por que tanto gostava Latino Coelho de com ella conversar em dinamarquez e sueco.

* * *

Uma das minhas profundas satisfacções neste mundo (algures o escrevi eu já), e uma das minhas vaidades (permitta-se-me

que assim o diga), é ter pesoalmente conhecido Antonio Feliciano de Castilho e ter com elle tratado pessoalmente.

Ouvil-o discursar.... constituia um deleitoso inlêvo; da sua conversação familiar.... brotava um singular incanto; dictando aos amanuenses, logo de um jacto fundidas e primorosamente cinzeladas, as maravilhosas concepções do seu genio.... Castilho era um assombro; escutál-o em maviosa recitação de versos no remanso da sua Livraria ou sob as florentes olaias do seu *Tibur* (assim designava elle o jardim que lhe defrontava os aposentos da residencia em que foi habitar na Rua Nova de San'-Francisco de Paula depois de largar a casa do Bêco do Norte), escutál-o nessa incomparavel recitação.... equivalia para os circumstantes a uma delicia ineffavel.

Em todas estas variadas situações.... sempre triumphos para o Poeta! E assim se explica tambem o íntimo prazer que Latino Coelho sentia na conversação de Castilho.

Ah! mas quem todavia não visse Castilho entre as creanças (e na convivencia das creanças tambem Latino muito e muito se deliciava), quem não visse Castilho acariciando-as e por ellas acariciado, perderia um dos espectaculos mais commoventes e mais internecedores. É que o desvelado pedagogo tinha na educação da puericia concentrado a fina flor de todos os seus affectos, todos os seus carinhos, todas as suas predilecções, todas as suaves expansões do seu refulgentissimo espirito, do seu coração amoravel, e da sua alma de poeta. A quanto esse Poeta produzira de sublime, a tudo elle antepunha o seu *Methodo Portuguez de Leitura Repentina* (o «Methodo-Castilho»).

Não apreciou (volto a dizer) singularissimo espectaculo, quem não presenciou de Castilho a mais invejavel apotheose,

quem não viu, como eu tive o inesperado regosijo de ver, aquelle «coração-d'-oiro» em consubstanciação dulcissima (seja-me assim lícito exprimir-me), em consubstanciação dulcissima com as creancinhas.

Na sua extrema affabilidade para commigo, convidára-me o Poeta (por carta que religiosamente ainda hoje guardo com supremo apreço e veneração), convidára-me a ir um dia assistir ás demonstrações prácticas do *Methodo Portuguez* na escola de meninas que em Lisboa funccionava por conta da «Associação Promotora da Educação Popular».

A carta dizia assim:

Ill.mo Snr.

«Meu Poeta:

«Muito empenhadamente o convido a ir ámanhã ao meio-dia assistir a uma demonstração pratica do methodo portuguez na escola de meninas, Rua do Sol ao Rato.

«Estas coisas de arrotear o futuro pela instrucção do povo pertencem á gente moça, e á gente moça de talento distincto principalmente. V. S.a tem portanto ali o seu logar, e em acceital-o dará muito prazer ao

De V. S.
admirador e amigo
muito obrigado

«3 de Agosto de 59.—

(Assignado autographicamente) A. F. Castilho».

Corri alvoroçado. Assistiam naquelle dia á demonstração práctica de quanto era valioso para o insino primario da leitura e da escripta o Methodo-Castilho eminentes proceres da nossa politica e da nossa litteratura: entre outros me acodem agora á lembrança Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Antonio Rodrigues Sampaio, e José Estevam Coelho de Magalhães.

Lá travei relações de amizade com o affabilissimo Antonio de Cabedo, que desimpenhava na Associação as funcções de Secretario; lá tive ensejo de admirar duas talentosas cunhadas d'aquelle talentoso Poeta (D. Eudoxia e D. Clotilde de Miranda), que alli na escola exerciam gentilmente e com inexcedivel proficiencia o cargo de Professoras.

Tudo isso já lá vai: tudo passou. Por sôbre todos quantos deixo mencionados, muito ha que as relvas do cemiterio cubiçosas se alastraram com inexoravel voracidade.

Mas o que não passa, o que se não esvai na minha lembrança, o que na minha mente se conserva nitido e vivissimo, é o espectaculo incantador a que assisti, — quando Castilho introu na sala das prelecções, e um risonho turbilhão de creanças correu chilreando (como se iôra um bando alegre de andorinhas) a involver o Poeta numa perfumada nuvem de abraços e de beijos.

Que saudades que sinto perante a recordação d'essa festa naquella escola! — naquella escola modelar, em cujo «Album de visitantes» me foi dado ler traçadas pela calligraphia elegantissima d'El-Rei D. Pedro V que, semanas antes, intrára alli a presenciar os exercicios das alumnas acompanhado por sua augusta Esposa, as seguintes palavras, que a formosa Rainha se dignou tambem subscrever com a sua assignatura:

Para rejeitar absolutamente o methodo Castilho, é necessario ou não o conhecer, o que é remediavel, ou não o comprehender, o que não o é.

27 de Junho de 1859.

D. Pedro Rei.

D. Estephania R.

Quando mais tarde, em 1862, faltando-lhe recursos, teve a Escola de fechar suas portas, foi a Senhora D. Clotilde de Miranda quem, por mimosa offerta da benemerita Associação, ficou possuindo aquelle «Album».

Onde estará hoje essa preciosa reliquia?

Habent sua fata libelli! sentenciosamente o proclamava Terenciano Mauro.

Ha effectivamente para os livros, como elle disse, marcado um fatal destino.

Aos «albuns», que na serie das especies biblíacas representam singular categoria entre os codices manuscriptos, podem com razão egualmente applicar-se as palavras do poeta carthaginez.

As reliquias mortaes de Cabedo, cujo prematuro fallecimento (aos 24 de Dezembro de 1862) muito me penalizou, essas sei eu onde repousam. Foi no Cemiterío de Nossa Senhora dos Prazeres que em dia de Natal o desditoso mancebo ficou sepultado.

E logo por essa occasião desabrochou no espirito de Castilho a idéa de promover, em testemunho posthumo de preito saudoso á memoria d'aquelle dedicado amigo seu, a publicação

dos versos que elle deixára (congregados num volume, além dos ineditos, os que já pela imprensa andavam correndo),— collecção que deveria constituir um formoso florilegio, antecedido pela biographia que ácêrca do auctor o proprio Antonio Feliciano se propunha elaborar, seguindo-se-lhe trechos de homenagem subscriptos por varios admiradores de Cabedo.

Entre esses admiradores me contava Castilho, e d'este recebi o convite respectivo na carta que passo a transcrever:

«Ex.mo Snr.

«Preciso d'uns versos de V. Ex.a sobre a morte do Cabedo. Era um talento poetico; V. Ex.a outro; V. Ex.a não podia deixar de o apreciar; elle a V. Ex.a apreciava-o tanto como eu; portanto não me ha-de faltar, isto é, não nos ha-de faltar nem a si.

«Estes versos são para sairem com os de muitos outros poetas no fecho do volume das obras posthumas do nosso amigo. Dou-lhe 15 dias para m'os remetter, e ficam-lhe já agradecidos por esta carta.

«Sou

De V. Ex.a
admirador, amigo e
criado muito obrigado

«S/c/8/1/63

(Autographicamente assignado) «Castilho».

Obstaculos inesperados, de que nunca cheguei a ter conhecimento exacto, impediram por desventura que fôsse levado a

effeito o amoravel impenho de Castilho na commemoração do amigo saudosissimo, — ao qual, por meu lado, rendi homenagem no folhetim que sob o pseudonymo «Olympio de Freitas» publiquei na *Gazeta de Portugal* aos 25 de Dezembro de 1864, assim como no artigo bio-bibliographico de minha collaboração, que ácêrca de «Antonio Justino Simões de Cabedo» (era este o seu nome por extenso) destinei ao 4.º volume do *Diccionario Popular* (Lisboa — 1878).

Quem do adoravel Cabedo quizer apreciar photographicamente reproduzida a physionomia physica, moral e intellectual, não tem mais do que procurál-a no Cap. XXIX do lindissimo romance com que Julio de Castilho em 1866 inriqueceu as lettras nacionaes. *Memorias dos vinte annos* tem esse livro por titulo.

* * *

Foi na casa do Bêco do Norte, e ao tempo em que Antonio Feliciano regressava do Brasil, aonde tinha ido vulgarizar o seu «Methodo Portuguez de Leitura», — foi nessa casa que, numa noite de Julho de 1855, Julio de Castilho, debruçado no peitoril de uma janella, sobranceira ao jardim e fronteira ao Tejo, compoz aquelles incantadores versos em que tanto ao vivo e tão docemente se definem a sua alma de poeta e o seu coração de filho amantissimo:

«Franca a janella ás brisas namoradas,
Eis-me em frente do mar, meu Pae, sósinho.
O mar! o vasto mar que tanto amavas!

Entre as brumas da ausencia, ante o céo largo,
Quiçá neste momento de saudade,
Quando longe de ti me estorço e gemo,
Contemplas co' uma lagrima tristissima
Lua, céo, outro oceano, outras estrellas!
Entre os ermos do mar, que chora e ruge,
Talvez te lembre o suspirado albergue!
Entre extranhos irmão, nobre utopista,
Pezas na mente o bem de um povo inteiro!
Da trémula amurada debruçado
Sobre a róta fugaz sonora espuma,
Talvez se te espriguiça o pensamento
Na regalada infancia! ou se te aninha
Em caricias dos teus! ou se te eleva
Em nuvens de ideal! Oh! meu Poeta,
Meu Pae, quiçá te eu lembro, qual me lembras!
Claro esplende o luar! que melancolico
Não é de noite ouvir ao longe o lugubre
«Alerta» do soldado! e que poesia
De tristeza e de amores não respiram
Lisboa á noite, e em noite estiva a lua!
No Tejo teu mira-se a lua em chapa.
Confusa, vaporosa, álêm negreja
A costa da Outra-Banda; álêm, Lisboa
Donosa e socegada; álêm, verdura.
Do mais vizinho templo o campanario
Sôa lento, espaçado; o meu cão Fido
Ressona junto a mim. Todos na casa
Dormem, de muito; eu vélo; e tu commigo,
Tu no meu coração; tu na minh'alma.
E, emquanto o vasto mar sulcas nest'hora,
Eis-me á espera, ante o mar, meu Pae, sósinho».

* * *

Em Dezembro de 1860 mudou-se Castilho, da casa que habitava no Bêco do Norte, para outra que por tres portas (com os n.os de policia 25, 27 e 29) dava ingresso na Rua Nova de San'-Francisco de Paula, — casa de um só andar, que alegremente se destacava na via-pública pela frontaria côr-de-rosa, e que pelas trazeiras se abria num largo terreiro ajardinado, onde bracejavam olaias, em cuja copada ramagem o imbevecido Poeta ouvia cantar «cigarras de Anacreonte».

A esta residencia (aqui o digo outra vez) chamava elle o seu *Tibur*. Reminiscencias do seu querido Horacio!

Na sala-nobre, destinada ás recepções solemnes, figuravam por adôrno, além dos retratos-de-familia que já no Bêco do Norte mencionei, tres bustos de mui apreciavel esculptura: — o de Camões, pelo pintor Manuel Maria Bordallo-Pinheiro; o de Castilho, pelo esculptor Francisco de Assis Rodrigues; e o do estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelo esculptor e pintor Victor Bastos.

Fronteira á sala-de-visitas ficava a sala da Livraria, onde os intimos tinham de preferencia fagueiro acolhimento, — uma confortavel Bibliotheca, na qual se lia a seguinte inscripção em grandes lettras: AQUI JÁ NÃO SE IMPRESTAM LIVROS.

Latino Coelho e Bulhão Pato achavam naquella inscripção uma graça finissima, e não se cansavam de a commentar soltando festivas gargalhadas de approvação.

Nem podia ser mais pungente, nem mais esmagador, o epigramma incluido naquellas seis palavras.

Se o lettreiro dissesse apenas — «Aqui não se imprestam livros» — poderia, quando muito, suspeitar-se que o dono da casa era somitico, avarento, ou pouco obsequiador.

Mas assim.... com aquellas duas simples lettras do adverbio *já* (muito de industria intromettido).... a inscripção inculcava satiricamente a quantidade enorme de livros que, antes de tal advertencia, por amavel imprestimo haviam de lá sahido e «por esquecimento» (!) não tinham mais regressado ás suas legitimas estantes.

Foi nesta casa da Rua Nova de San'-Francisco de Paula que pela primeira vez eu tive o gôsto de ver a sympathica physionomia de Thomaz Ribeiro, o notavel auctor do poema *D. Jayme ou A Dominação de Castella*, patriotico poema antecedido pela famosa «Conversação preambular» de Castilho, que tanta celeuma levantou e tão furiosa contra o poeta elogiado naquelle «prefacio» e mui principalmente contra o prefaciante.

Foi na mesma casa outrosim que Antonio Feliciano de Castilho recebeu, por Decreto de 25 de Maio de 1870, o titulo de Visconde, — titulo justissimamente concedido em duas vidas, verificando-se o da segunda na pessoa do filho primogenito.

E foi ainda na mesma residencia que aos 18 de Junho de 1871 falleceu a Ex.ma Viscondessa D. Anna Carlota. Por occasião d'esse tristissimo acontecimento, habitava eu numa aldeia a vinte leguas de Lisboa, e em carta inviei ao inconsolavel viuvo minhas condolencias, carta que o destinatario assim agradeceu:

«Ex.mo Am.o e fiel Confrade
Sr. Xavier da Cunha:

«Sei o que é e quanto vale a alma de V. Ex.a Sabem-o todos que teem a fortuna de o conhecer. Acceito pois como de lei por nascidas do seu bom coração as palavras que V. Ex.a me escreve: é no coração tambem que ellas me ficam depositadas.

«Para agradecer tal prova de amizade o espaço de quasi tres mezes deveria já parecer demasiado e inexplicavel a quem não tivesse o extremoso sentir de V. Ex.a

«V. Ex.a porem imaginando-se na minha triste situação comprehende perfeitamente a repugnancia que por instincto mesmo de vida se experimenta em aggravar, renovando-as, as feridas do animo. Já o tinha dito o nosso Ovidio tão mestre na dôr como nos amores e talvez ainda mais sabedor de tristezas que de alegrias:

Horrescunt primos vulnera cruda manus.

«Aqui está o porque só agora venho dar agradecimentos em pequeno desconto da grande divida em que o seu condoimento da minha desgraça me deixou empenhado.

«Falla-me do meu *Tibur!* Fugi d'elle para sempre logo á hora em que lá perdi a minha antiga companheira de tantos dias bons e maus. Tudo isso passou e receio que tambem a poesia que bem podéra ter-me ficado para derradeiro conforto.

«E a sua Musa que faz e que tem feito? Dê-me novas d'ella que bem sabe quanto eu lh'a amava.

«De V. Ex.ª
Confrade e amigo muito obrigado

«Lisboa 16 de
Septembro

(Assignado autographicamente) «Castilho».

* * *

Não me leve a mal V. Ex.ª, meu querido Varella, se em digressões e divagações me vou nesta carta imbrenhando, — pois que em divagações e digressões se gasta egualmente, sem quasi darmos por isso, a maior parte da existencia nossa, e é talvez essa mesma precisamente uma das caracteristicas por que mais se distingue na serie animal a especie humana.

Em digressões e divagações se desintranhava o inclito Latino Coelho. Assim pudesse eu acompanhál-o no brilhantismo com que o estylista eximio illuminava os seus rendilhados lavores, — e como «rendilhados» os classifico, perfeitamente comparaveis na belleza da estructura ás decantadas *guipures* de Alençon ou á brincada phantasia dos «entremeios» improvisados pelas nossas rendeiras de Peniche. E se ás espiguilhas e rendas, caprichosamente manufacturadas, me parecem comparaveis os lavores litterarios de Latino, comparaveis os considero outrosim, na rutilancia dos coloridos, ao polychromico matiz das sedas e dos setins e dos tonkins, bordados pelos artistas da China, da Indo-China, e do Japão.

* * *

No mesmo anno em que Latino Coelho principiou a publicar no Vol. XII d'*O Panorama* (26 de Maio de 1855) o seu estudo biographico-crítico ácêrca de Garrett (memoria interessantissima que o fecundo escriptor desdobrou interpoladamente por treze fasciculos d'aquelle importante semanario, — trabalho esse que faz pena ter ficado incompleto, como incompletos o auctor deixou, por infelicidade nossa, varios outros dos seus escriptos) deu elle á estampa no Vol. I da *Revista Peninsular* (Septembro de 1855) o bellissimo artigo destinado a acompanhar o lithographado retrato com que a impresa do periodico resolvêra prestar homenagem posthuma ao glorioso Poeta das *Flores sem fructo*.

Esse artigo que, circumscripto a septe páginas, ficou egualmente por concluir, e que apenas constitue com leves alterações um breve resumo de alguns trechos escolhidos entre os que formavam mais desinvolvida escripta nas columnas d'*O Panorama*, foi originalmente redigido em castelhano.

Da perfeição com que Latino manuseava o idioma de Cervantes, dá testemunho o illustre Teixeira de Vasconcellos nos traços biographicos com que elegantemente acompanha na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* o retrato do biographado (formoso retrato estampado em chalco-gravura por Joaquim Pedro de Sousa): — «Na *Revista Peninsular*, que temos diante de nós, foi o Sr. Latino Coelho um dos mais notaveis collaboradores, escrevendo differentes artigos no idioma hespanhol, no qual se mostra tão copioso e aprimorado como na lingua portugueza».

Ao polyglottismo de Latino Coelho allude tambem por maneira inequivoca o Cantor d'*A Noite do Castello* e d'*Os Ciumes do Bardo*. Agradecendo a mercê com que D. Pedro V o distinguíra ao escolhêl-o para Professor de «Litteratura Moderna e especialmente da Litteratura Portugueza» no *Curso Superior de Lettras* (por El-Rei generosamente fundado á custa do seu bolsinho particular), — mas declinando modestamente o honroso convite, — escreveu Antonio Feliciano de Castilho em 22 de Outubro de 1859 ao illustrado Monarcha uma interessante carta que anda correndo impressa, e no remate da qual faz gôsto ler as palavras de enthusiasmado elogio ás prendas que em Latino Coelho sobresahiam.

Eis o que nesse ponto diz o signatario da carta:

«O ensino da litteratura moderna, e particularmente da portugueza, por ninguem d'entre nós poderia ser mais solida e brilhantemente professado, que pelo Secretario da Academia Real das Sciencias, José Maria Latino Coelho. Esse sim, que é polyglotto, copioso no saber, copiosissimo e felicissimo no orar; percebe, discorre, e abrange com acume e relance de aguia; expõe com ordem e lucidez; abrilhanta a philosophia com a imaginação; aviventa a imaginação com a philosophia; ama, versa e trata a lingua vernacula com subido esmero.

«As suas prelecções attrahiriam auditorio numeroso (em que eu decerto não faltaria), e afinal, passados os primeiros annos, poderiam avultar impressas, como um formoso curso, e ao mesmo tempo modelo de litteratura».

No artigo escripto por Latino Coelho em castelhano, ácêrca de Garrett, — artigo que, segundo já ponderei, equivale a um

resumo dos primeiros capitulos com que abre a biographia d'*O Panorama,* — incontram-se trechos em que esse mesmo castelhano chega a ser quasi, com pequeninas variantes ou mui leves alterações, uma reproducção litteral da publicação portugueza. Para que justamente se possa apreciar a documental demonstração do que deixo affirmado, aqui transcrevo a prova nos dois fragmentos que passo a copiar.

Diz o auctor (a pag. 164) no Vol. XII d'*O Panorama:*

«Como succedeu a Antonio Ferreira, a Camões, a Sá de Miranda e a Bernardes, as musas perfilharam solemnemente o raro engenho do sr. Garrett entre os salgueiros do Mondego. Coimbra deve antes a sua principal reputação a haver sido quasi sempre a segunda patria dos poetas portuguezes, do que a ter sido por muitos seculos a metropole e o emporio das sciencias em Portugal. Parece que os talentos poeticos hão mistér de receberem no Mondego a investidura da inspiração. É como se fôra alli o Permesso de Portugal, e como se as musas nacionaes se deliciassem em vaguear melancolicas na amenidade d'aquelles sitios, elegendo para sua Castalia a saudosissima *Fonte dos Amores*».

E (em pag. 34) no citado tomo da *Revista Peninsular* incontrâmos formuladas as mesmas idéas pelo teor seguinte:

«*Como á Antonio Ferreira, á Camoens, á Sá de Miranda, las musas nacionales prohijaron en las amenas orillas del Mondego el raro ingenio del poeta. Coimbra es más célebre por haber sido casi siempre la cuna literaria y la segunda patria de los poetas portugueses, que por haber sido longos años la metropoli de las ciencias en Portugal. Parece que en sus deliciosas campiñas y en*

sus frescas alamedas vienen los talentos poeticos á recibir solemnemente la investidura de su misión divina, como si fuera alli el Permeso de Portugal, como si pluguiera á las musas lusitanas discurrir melancólicas y inspiradas por aquellas vegas apacibles, elegiendo para Castalia la romantica « Fuente de los Amores », eternizada por el llanto de Inés de Castro y cantada en las tiernas y suavisimas estrofas de Camoens ».

* * *

Carlos José Caldeira, escrevendo na *Revista Peninsular* o artigo adjunto ao lithographado retrato de Latino Coelho, e referindo-se á biographia de Garrett começada a publicar nas páginas d'*O Panorama*, deixa-nos entrever (fundando-se provavelmente na informação fornecida pelo proprio Latino) que tal memoria deveria assumir larguissimas proporções:

« El « Panorama », periódico literario el más antiguo y acreditado en Portugal, y el primero que dió reputación á Alejandro Herculano, ha publicado muchos articulos de Latino Coelho, y en él se publica actualmente la biografia del vizconde d'Almeida Garrett, escrita en proporciones de formar después un libro, hábil para el estudio de la vida politica y literaria del ilustre autor de « Fray Luis de Souza », y la influencia de sus escritos en la literatura nacional ».

Sôbre este artigo, publicado em castelhano (como se deixa ver pelo trecho que transcrevo), outro calcou depois o auctor em portuguez, que deu á luz no Vol. I d'*A Illustração Luso-Bra-*

sileira (em 29 de Março de 1856). E neste ora se traduzem paragraphos do artigo castelhano, ora d'elle se ampliam alguns trechos, ora pelo contrário outros trechos ficam supprimidos.

Como especimen dos que representam simples versão, quasi litteralmente palavra por palavra, — aquí reproduzo o texto portuguez correspondente ao hespanhol que transcrevi: — «*O Panorama*, o jornal litterario mais antigo e mais acreditado em Portugal, o que deu a primeira reputação a Alexandre Herculano, tem publicado muitos artigos de Latino Coelho, e nelle se publica actualmente a biographia de Garrett, a qual é escripta em proporções de formar depois um livro, em que se estude a vida politica e litteraria do illustre escriptor, e a influencia dos seus escriptos na litteratura nacional».

Infelizmente.... por interrupção do trabalho, ficou desmentido o vaticinio de Carlos José Caldeira: a biographia de Garrett não chegou a tomar as proporções do projectado livro!

* * *

Esta lamentavel frequencia em nos deixar Latino Coelho incompletos varios escriptos seus — o que representa irremediavel perda para a litteratura nacional — poderá de algum modo porventura explicar-se?

Poderá talvez.

Alguem attribuirá conjecturalmente o caso a quaesquer tendencias de supposta priguiça ou de inercia que avassallassem a laboriosidade productiva do eximio escriptor.

Teixeira de Vasconcellos, escrevendo ácêrca de Latino Coelho, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, o artigo a que já tive ensejo de me referir, explica por outro motivo

(e creio que explica melhor) o facto das interrupções nos escriptos d'aquelle publicista.

Diz elle:

«A aptidão encyclopedica do sr. Latino Coelho é incontestavel. Não sabemos de talento mais fecundo, mais facil em produzir, mais rico na variedade dos fructos, mais elegante na forma, e mais flexivel e proprio para todos os generos a que o desejem applicar. D'esta capacidade universal—e por isso mesmo universalmente requerida—devia resultar a accusação de descurar alguns dos assumptos confiados ao seu cuidado e diligencia, como se estivesse na mão do homem augmentar as horas de cada dia! Onde o tempo fallece, cessa a responsabilidade de quem, para acudir a tudo, teria de transtornar a ordem da natureza».

Manuel Pinheiro-Chagas tambem ácêrca do assumpto expõe a sua opinião no esplendido artigo que a respeito de Latino Coelho a *Revista Illustrada* lhe publicou em 1891:

«..... Foi assim que ficaram interminadas e que seriam interminaveis as biographias de Castilho e de Garrett, porque a penna do biographo a cada instante se deixava arrastar pelos encantos do caminho, e se perdia nos continuados meandros da sua phantasia opulenta. Era um defeito? era uma qualidade? Era o defeito feliz da abundancia do saber e da universalidade do talento, e da extraordinaria variedade das aptidões e da facilidade quasi inacreditavel com que elle produzia. Não havia flores que o não encantassem, abelha fugaz e laboriosa, porque não havia flores de que elle não soubesse libar

com perfeição o mais fino e mais delicado mel, porque era historiador, e politico, e engenheiro, e mineralogista, e botanico, e mathematico, e acima de tudo poeta, e por isso elle a cada passo traçava as mais admiraveis e mais perfeitas syntheses historicas, illuminando a torrente de factos que lhe affluiam ao espirito com a luz da sua phantasia e com o esplendor maravilhoso do seu estylo.....»

Suspendo aqui a transcripção, e bem pena tenho de a interromper em obediencia á escassez do espaço.

Eu por mim, com respeito ao especial assumpto que venho tratando, confesso incontrar a mais plausivel explicação no irrequieto feitio que para Latino Coelho resultava do seu temperamento nervoso e do seu impressionavel organismo, apar de umas tendencias contemplativas que, de quando em quando, lhe absorviam completamente o espirito, e que por exemplo se denunciavam num phenomeno de natureza psychica, repetidas vezes observado por mim nas minhas frequentes visitas de leitor á Bibliotheca Nacional de Lisboa, quando o insigne academico morava no predio fronteiro a esse instituto. Ao intrar no atrio do antigo convento franciscano, deparava-se-me não raro, incostada ao varandim da casa em que Latino habitava, aquella insinuante figura em contemplação extatica perante o horizonte da foz do Tejo, como se carecesse de retemperar o ânimo no azul do firmamento ou de aquecer-se aos luminosos raios do sol. E quando eu me retirava, nos dias em que a minha consulta de livros não tinha sido por longas horas demorada, lá estava ainda o contemplativo Latino debruçado no parapeito do varandim, olhando fixo para o occidente, como se alli o retivesse mysteriosa influencia de irresistivel imbevecimento.

* * *

Na carta que em 17 de Agosto de 1860 Latino Coelho indereçou a Teixeira de Vasconcellos, depois de publicada por este a resumida mas excellente biographia de que já por tres excerptos fiz menção, diz o biographado (tambem no 2.º tomo da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil)*:

« Tenho sido accusado de não ter feito senão flores. De um alto personagem sei eu que me fez a honra d'este juizo. E ainda se fôra verdadeiro o conceito! Se flores tivesse eu conseguido fabricar! »

De quem esse « alto personagem » fôsse, que assim conceituava o florído estylo do escriptor, não nos deixou Latino a indicação formal e positiva. Sería El-Rei D. Fernando, como alguem já me inculcou? Sería seu augusto filho, El-Rei D. Pedro V, como estou mais inclinado a conjecturar?

Em continuação do que transcrevi, depara-se-nos Latino a dizer o seguinte:

« Um politico, cujos chistes e donaires andam em proloquio, já disse de mim que eu era *um estylo á procura de um assumpto*. Mas um estylo é a coisa mais preciosa e rara nas lettras. Um estylo é Cicero e Chateaubriand. E prouvera a Deus que fôra tambem exacta esta censura ».

Ácêrca de quem fôsse nesse particular o epigrammatico

censor, guardou Latino Coelho egualmente discreto silencio, — posto que, para quem naquelle tempo vivesse, bem nitido ficasse o retrato na breve e laconica mas significativa referencia ao «politico cujos chistes e donaires andavam em proloquio». Só lhe faltou pôr o nome declarado; mas, porque tal não fez, aqui me dispenso eu tambem de o fazer. A quem porventura ainda reste d'essa época, facil será decifrar o enigma. Aos da geração actual, que já não conheceram o afamado epigrammatista, pouco importará saber como elle se chamava.

Latino Coelho, no trecho epistolar que ora copiei, contenta-se em brincar e debicar, brincando e debicando (como elle magistralmente sabía); contenta-se em brincar e debicar, muito ao de leve, com o «politico chistoso» que na sua «graçola» se propunha amesquinhál-o e ridiculizál-o, graçola de mau-gôsto, que outros iam malevolamente repetindo e propagando.

Aqui tenho eu defronte de mim o N.º 5 das *Celebridades Contemporaneas* — collecção de folhetos publicados em 1857 por Antonio Marciano de Azevedo e acompanhados por xylogravuras, em que o lapis de Francisco Augusto Nogueira da Silva (acobertado sob o cryptonymo EU) caricaturava a figura visada no texto do satirico pamphleto.

Antonio Marciano de Azevedo era (como toda a gente sabe) o proprietario e principal redactor d'*O Asmodeu* — periodico burlesco estampado em Lisboa, com pretenções a muito ingraçado tanto no texto como nas caricaturas. Durou-lhe a publicação desde 9 de Fevereiro de 1856 até 19 de Maio de 1864.

Relativamente a esse periodico, escrevia em 1857 o proprietario: — «*O Asmodeu* é sem contradicção alguma a publica-

ção mais moral, civilisadora, mordaz e satirica, que ha dois annos tem visto a luz publica».

Poderia judiciosamente retorquir-se-lhe o que em certos casos costuma o povo dizer: — «Quem ha-de gabar a noiva? o pae que a pretende casar!»

Mordaz e acrimonioso, mordaz e virulento, direi eu, que era *O Asmodeu*. Mas.... moral e civilizador?! só o violento pamphletario poderia tal affirmar. No tom burlesco das suas facecias, elle descambava frequentemente em referencias pessoaes de feição inconvenientissima, referencias descabelladas e agressivas, referencias insultantes, — sobretudo quando inveredou pelo sestro desprimoroso de inserir no periodico a secção das «Celebridades Contemporaneas».

Do periodico passava o texto das *Celebridades* para a collecção dos folhetos. D'esses folhetos o N.º 5 foi destinado a maltratar a personalidade litteraria e politica de Latino Coelho — «Coelho em latim» ou «*Cuniculus de Latio*» (como lhe chamava, nas suas presumpções de espirituoso, o redactor dos pamphletos).

E lá vem aproveitada, lá vem repetida, lá vem repisada e desinvolvida, a tal graçola do «politico chistoso», mais uma vez disparada contra Latino Coelho no trecho seguinte:

«Os seus artigos não podem fazer-se estimar, porque nunca tendem a provar alguma coisa. São phrases cosidas com mais ou menos arte, com que Cuniculus dá soltas á sua felicidade de engenho, mas o artigo fica sempre sem idéa capital, e reduz-se a coisa a um estylo á espera d'assumpto».

Mais adeante, alludindo aos escriptos com que Latino figu-

rava no jornal *A Civilisação*, dizia o rancoroso pamphletario: — «Escreve tambem artigos de fundo e sem fundo para um jornal que, posto se inculque como civilisador, a ninguem civilisa».

Ora quem nas suas verrinas por modo nenhum civilizava os leitores.... era precisamente o faccioso redactor d'*O Asmodeu*.

A caricatura, com que no fasciculo 5.º das *Celebridades Contemporaneas* veiu «illustrado» (?) o texto satirico do pamphleto, justificaria pouquissimo o lapis artistico de quem a delineou, se não attendessemos á circumstancia attenuante da minguada sympathia que Nogueira da Silva mostrava pelas caricaturas «pessoaes».

Houve em França, no regimen da monarchia, uma lei que ignoro se as instituições republicanas revogaram, lei que prohibia dar á publicidade «caricaturas pessoaes» (fôsse qual fôsse a indole d'essas caricaturas) sem que os caricaturandos concedessem formal permissão ao caricaturista.

E bem me lembro de ter algures folheado (já me não occorre o titulo) uma curiosa collecção que em París se publicou de retratos em caricatura acompanhados por texto explicativo e humoristico, retratos de notabilidades francezas, colhidas no campo litterario, no artistico, e (se me não fallece a memoria) no scientifico e tambem no politico. Faltava, porêm, nesse variado e numeroso grupo a figura de Lamartine. E porquê? porque o cantor do *Jocelyn* se recusára intransigentemente a conceder licença para que o caricaturassem. A razão d'essa intransigencia (ponderava elle) estava em que, — sendo a personalidade humana creada por Deus á sua divina imagem, — representál-a em attitude ridicula equivaleria a profanar sacrilegamente a obra do Creador.

Eu, meu caro Varella, intendo que em absóluto sobejam motivos nas allegações d'aquelle grandioso Poeta. E apenas poderei admittir excepcionalmente a «caricatura pessoal», quando esta, longe de ser offensiva ou ridiculizante, mais se possa interpretar como evidente glorificação. Não acontecendo assim (e os casos admissiveis creio que serão mui raros), a caricatura deve considerar-se fóra dos moldes em que assenta o respeito devido á dignidade e gravidade humana.

A caricatura de Latino, estampada no mencionado fasciculo das *Celebridades Contemporaneas,* representa sôbre uma peanha (similhante ás que figuram nos altares dos templos catholicos para supporte das imagens sacras), e ladeado por dois castiçaes com vélas accesas, o vulto do caricaturado, que veste um longo redingote campanuliforme; na cabeça, em que só avultam melenas exaggeradissimas, pende a incobrir-lhe quasi todo o rosto um «chapéo alto» de carnavalesco feitio; na mão direita destaca-se-lhe, como symbolo de escriptor epigrammatico, uma enorme penna-de-pato com aparo sagittiforme. E em conclusão.... a final de contas.... uma caricatura inexpressiva, insignificativa, e desgraciosa! Uma indecencia! uma indignidade! Talvez um remoque aos admiradores de Latino, remoque tolamente ingendrado pelo atrabiliario jornalista que superintendia na publicação d'aquelles descortezissimos pamphletos!

Nogueira da Silva, que era um moço de fina educação, e com quem travei conhecimento em casa de Antonio Urbano Monteiro de Castro (talentoso mancebo que habitualmente nesse tempo subscrevia suas producções litterarias com as assignaturas «Antonio Urbano filho», ou «A. Urbano filho»,—e que

depois foi por muitos annos residir em Loanda, até que lá terminou seus dias), Nogueira da Silva desadorava a caricatura pessoal, detestava a caricatura aggressiva, e unicamente se comprazia na caricatura dos costumes, naquella que para o inolvidavel Cham e mórmente para o notabilissimo Gavarni tantos creditos conquistou em França, tantos applausos lhes mereceu em todos os paizes cultos, e tão legitimos foros lhes garantiu de immortalidade.

Não admira portanto que, desconsolado perante o feitio antipathico d'*O Asmodeu*, e talvez sobretudo para se esquivar ás imposições de Marciano de Azevedo, Nogueira da Silva fôsse fundar, fugindo ás personalidades nas caricaturas do seu lapis, o *Jornal para rir*, — «semanario comico», onde Antonio Feliciano de Castilho deixou dispersas sob variados cryptonymos (entre elles, *Philippon* e *Gavarni)* ingraçadas producções suas. E semanario foi esse, que (talvez pela discreta exclusão de escandalos e doestos, de insinuações pessoaes e caricaturas offensivas!) sómente veiu a estampar (e com interpolações, desde 15 de Maio de 1856 até 31 de Agosto do anno seguinte) 27 numeros, antecedidos por um «prospecto-specimen» que é hoje «rarissimo» e que já tambem vinha illustrado com interessantes carituras.

Nessa mallograda tentativa de Nogueira da Silva (e «mallograda» lhe chamo, não por que lhe faltassem condições de agrado e bom exito, mas por ter sido curta a sua duração) apenas cinco das caricaturas alvejavam entidades pessoaes (e entre essas figura a do proprio caricaturista, como figura tambem a do administrador do periodico Francisco Gonçalves Lopes), — constituindo, todas cinco, peças absolutamente inoffensivas e até

mui graciosas, que se recommendavam pela exactidão physionomica das pessoas caricaturadas.

Nesse particular, uma das mais felizes e das mais estimaveis é a caricatura de Latino Coelho symbolizando a Sciencia, — caricatura em que o lapis do desenhista lhe exaggera, mas com elegancia e com palpitante graça, o esmero do dandysmo nas minucias do trajo. A physionomia é perfeitamente um retrato, um bello retrato em que se reflectem as feições d'aquell'outro mui formosamente lithographado por J. Fertig na *Revista Peninsular* para illustração do artigo que, segundo já mencionei, Carlos José Caldeira alli publicou ácêrca de Latino.

Vem aqui agora, a talho de foice, recordar que esse Fertig, a quem Latino Coelho ficou devendo (acompanhado pelo facsimile da assignatura) um dos seus melhores retratos, foi precisamente aquelle mesmo artista que na citada *Revista Peninsular* proporcionou (tambem com o fac-simile da assignatura do Poeta) o lithographado retrato de Garrett, quando alli sahiu publicado por Latino o primeiro trecho (primeiro e unico! — faz pena dizêl-o) da biographia garrettiana.

Terminarei esta eventual digressão, notando que, assim como entre os caricaturados d'*O Asmodeu* se conta Latino Coelho, tambem noutros periodicos apparecem d'elle caricaturas, — *v. g.* nalguns numeros d'*O Duende,* um hebdomadario crítico e burlesco (publicado em Lisboa, de 1863 a 1866), semanario para cujos redactores não era decerto *persona grata* a individualidade notabilissima do insigne litterato a que me refiro.

E triste é dizer, como tristissimo é recordar, que por esse tempo enxameavam com abundancia em Lisboa publicações de natureza analoga. Bem haja o Visconde Julio de Castilho pela

hombridade severa com que, nas *Memorias dos vinte annos*, indignado lhes estigmatizou e castigou a vileza dos impresarios e redactores, personalizados no typo asqueroso de um «Saltabadil litterario que mercadeja pelo oiro de Judas o veneno e a vergonha».

É que a imprensa «periodica» (ou mesmo a que não é «periodica»), respeitabilissima emquanto se mantenha dentro nos limites do decoro, passa a tornar-se indigna e miseravel, infame e repellente, desde que falsear pela malevolencia, pela injustiça, pela intriga, pela mentira, pela calumnia, pela offensa, pela aggressão, e por todas as manifestações da torpeza e da vilania, os sagrados dogmas da sua nobre missão evangelica e civilizadora. Livros e jornaes que a esses dogmas não rendam preito absoluto, mais devem considerar-se focos de pestilencia e de intoxicação.

* * *

Voltando ainda ao chocarreiro «dichote» do «politico chistoso» que affirmava ser Latino Coelho «um estylo á procura de um assumpto», — affirmativa que só pode considerar-se facecia jogralesca de pessimo gôsto, gracejo forçado, gracejo impertinente, gracejo sobremaneira injusto, e quiçá inspirado pelas divergencias da «politiquice» (e digo intencionalmente «politiquice» para não affrontar a nobreza da verdadeira «Politica»), — cumpre-me advertir que ignoro se, naquella apreciativa ou antes depreciativa definição, com pretenções aliás a conceituosa, (mas irreverente, irreverentissima), haveria, por parte do pseudo-crítico, a intenção maliciosa de attribuir a Latino em suas idéas uma deploravel vacuidade.

Ignoro, e — por favor para com a memoria do pseudo-crítico — prefiro mesmo ignorál-o.

Quer-me entretanto parecer que mais adequadamente se pode affirmar no criticado Latino Coelho (em vez de «um estylo á procura de um assumpto») um estylista primoroso, um estylista formosissimo e copiosissimo, prompto sempre com a mais graciosa naturalidade, e com a mais admiravel profundeza de idéas, sem o minimo esfôrço nem o minimo desfallecimento, prompto sempre a incarar quantos assumptos se lhe deparassem, quantos lhe occorresse tratar, em todos eminentemente sabedor, em todos proficientissimo e verdadeiramente encyclopedico.

«Encyclopedico» lhe chamo, dando á palavra «encyclopedico» a restricta accepção compativel com o moderno «encyclopedismo», — visto que este não é, nem, pelo vasto alargamento da sciencia actual, poderá já ser comparavel ao encyclopedismo aristotelico, encyclopedismo que ainda no seculo XVII o famoso portuguez Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo lograva possuir quando em Veneza e Roma se promptificou a defender theses *de omni scibili*, mas que nem já o proprio Voltaire (aliás, tão sabedor!) conseguiria no seculo XVIII invulneravelmente alardear!

Latino Coelho! Era vêl-o, era observál-o (como repetidamente se me facultou ensejo de ouvir a seus contubernaes), era escutál-o, era admirál-o, no trato intimo familiar, ou na conversação das salas, ou despreoccupadamente a infantilizar-se brincando com as creanças (como se creança elle fôsse tambem), ou galanteando com as damas numa esfusiante expansão de scintillante e melodiosa garrulice, ou discutindo animadamente

com os seus pares das lides litterarias e academicas, das tarefas jornalisticas, das controversias politicas e parlamentares.

Em todos os campos, e sob todos os pontos-de-vista, Latino Coelho era sempre a mesma complexa individualidade, sempre elegantemente o mesmo assombroso fascinador, — um pasmoso *charmeur*, como costumam dizer os Francezes.

* * *

A natural tendencia para de todos assumptos profusamente se occupar — accentua-se (como em grande número dos escriptos de Latino provadamente se verifica), accentua-se com refulgente esmero em dois d'aquelles a que se propõem constituir modestissimo prefacio estas minhas desataviadas reflexões.

Assim, na memoria biographico-crítica ácêrca do Visconde de Almeida-Garrett, originariamente publicada nas folhas d'*O Panorama*, elle aproveita com judicioso criterio a emigração do seu biographado, perante a invasão de Soult em 1809, para alludir á insolencia arrogante das «aguias imperiaes», — como tambem utiliza, para de bellas-artes nos expôr as suas idéas, as referencias aos versos decasyllabos d'*O Retrato de Venus*, — e como, por fórma analoga, lhe servem de plausivel pretexto para levantar «hosannas» á Liberdade, e para nos pôr em contacto com a nossa Revolução Liberal de 1820, as referencias á tragedia *Catão*, por decasyllabos brancos egualmente constituida.

Aproveitamentos similares lhe forneceu a biographia de Castilho, em que o biographo curiosamente desliza atravez de particularidades interessantissimas, ao descrever-nos picturescas

scenas passadas na puericia e na adolescencia do seu biographado, já pintando-nos a figura typica do Mestre Eusebio (caracteristico e feroz pedagogo de «primeiras-lettras», que symbolizava na terrivel ferula a determinante das idéas e doutrinas transmittidas aos pequeninos discipulos), e já mostrando-nos ao vivo o retrato do latinista José Peixoto do Valle (tão comparavel áquelle erudito e bondoso Martins Bastos, de que já falei no princípio d'esta carta), ou photographando-nos o vulto do rhetorico Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro (que nos velhos preceitos de Quintiliano industriava os alumnos, e lhes despertava o amor pelo cultivo das bellas-lettras), já finalmente representando-nos (como se fôra num palco theatral de irreprehensivel scenario) os «outeiros poeticos» dos abbadessados e das sessões academicas, ou os serões litterarios da Casa de Almedina em Coimbra, e pondo-nos em contacto com o sympathico e adoravel Padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, que tanto influxo exerceu no espirito do moço Castilho para nelle mais desinvolver o já iniciado gôsto pela composição dos versos latinos.

E de ambas as producções que citei agora (a biographia de Garrett publicada nas páginas d'*O Panorama,* e a de Castilho estampada na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil),* —producções esmeradas que os editores Santos & Vieira com louvavel criterio escolheram para elementos principaes de um volume especial na collecção dos «Escriptos Litterarios e Politicos» de Latino Coelho,—de ambas essas biographias resulta profunda mágua ante a deploravel circumstancia de lhes não ter posto remate o seu artístico burilador.

Honra e louvor aos dois benemeritos editores que, ante-

pondo a interesses materiaes de industrialismo o só desejo de beneficiarem os estudiosos das lettras e concomitantemente glorificarem a patria portugueza, não se poupam a sacrificios no impenho de arrancarem ao olvido e revocarem á luz da publicidade preciosas perolas, quasi de todo escondidas (releve-se-me a expressão) no inexoravel barathro do jornalismo!

* * *

Mui frequentes vezes se tem ventilado, nas discussões dos criticos e dos pseudo-criticos, um curioso problema: — determinar a qual d'entre os tres luminares (Almeida-Garrett, Alexandre Herculano, ou Antonio Feliciano de Castilho) deva conferir-se primazia no pontificado supremo das lettras portuguezas.

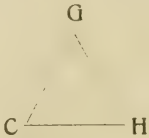
E propendem de preferencia uns para Garrett, menosprezando por acinte ou por ignorancia a personalidade altissima de Castilho (como se fôra mistér deprimir os merecimentos d'este para exaltar os d'aquelle!); em sentido contrário votam outros, deslumbrados perante a circumstancia de ter sido um cego (um cego, quasi de nascença!) quem variadissimos assumptos versou e em campos variadissimos demonstrou brilhantemente seu luminoso ingenho e sua profunda erudição e sua competencia inexcedivel; alguns ha mesmo que, desconhecendo ou fingindo desconhecer os dotes excepcionaes de Castilho e de Garrett, capricham systematicamente em muito lhes preferir Alexandre Herculano. Exclusivismos injustificaveis!

Aqui á puridade, meu querido Varella, permitta-me dizer-lhe que se me afigura insoluvel o problema, e tanto mais insoluvel por isso mesmo que nelle se me deparam, como factores, ele-

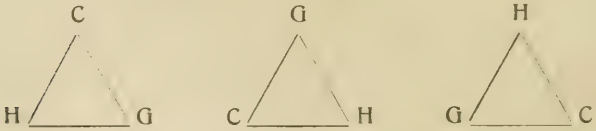
mentos de natureza heterogenea insusceptiveis por isso de comparação, — obstaculo este que todavia por maneira nenhuma implica dificuldade em lhes reconhecer, a todos os tres, uma elevadissima qualificação, elevadissima para todos e para todos egual.

Talvez por um simile geometrico eu possa graphicamente indicar com mais clareza o meu pensamento.

Imagine-se um triangulo equilatero, em que os vertices dos tres angulos componentes figurem designados pelas lettras *C, G,* e *H* (representativas de *Castilho, Garrett,* e *Herculano):*



A qualquer dos lados que tomêmos por base d'esse triangulo *(H G, C H,* ou *G C)* corresponderá sempre invariavelmente em altura egual o opposto vertice respectivo *(C, G,* ou *H):*



Quer isto dizer: — á mesma altura todos os tres *(Castilho, Garrett,* e *Herculano)!* astros de primeira grandeza todos os tres no glorioso firmamento da litteratura!!!

Que importa serem elles de feição diversa, quando postos em confronto? De feição admirabilissima ordena a justiça que todos os tres se considerem.

Dá-me licença que tambem lhe apresente agora aqui outro simile?

Na Architectura, na Esculptura, e na Pintura, quer-me parecer que (salvo melhor juizo) poderão comparativamente representar-se as physionomias litterarias dos tres a que me refiro. E ao criterio de V. Ex.ª me apraz subordinar esta minha maneira-de-ver, que passo a explicar-lhe.

Congregados os tres, e personalizadas as suas feições caracteristicas nas tres primaciaes secções das artes plasticas, assim os classifica meu espirito, e assim os distingue pelo modo que lhe vou dizer:

Correspondem a Garrett os mimosos devaneios da Pintura (symbolizada em Zeuxis e em Parrhasio, em Apelles, em Raphael de Urbino, em Julio Romano, em Paulo Veronez, em Leonardo de Vinci, em Nuno Gonçalves, e no Grão-Vasco);

Herculano corresponde aos arrojos da Esculptura (symbolizada em Phidias, em Praxiteles, em Miguel-Angelo, em Canova, em Thorwaldsen, e em Machado de Castro);

Castilho, representál-o-hemos pelas phantasticas concepções da Architectura (exemplificada em Callimacho, em Ictino, em Brunelleschi, em Bramante, em Affonso Domingues, e nos dois Castilhos (João e Diogo) illustres ascendentes do Visconde Antonio Feliciano).

E todos os tres (Castilho, Garrett, e Herculano), todos os tres, intendo eu que simultaneamente pela Musica os poderemos symbolizar.

Pela Musica, sim, pela Musica,—visto que Antonio Feliciano de Castilho nos evoca Donizetti e Bellini, Almeida-Garrett nos traz á lembrança Gounod e Rossini, emtanto que

Alexandre Herculano faz com que pensemos em Meyerbeer e em Verdi.

Tambem na Musica.... a figura severa de Herculano?! tambem na Musica. E tambem na Musica, — porque, se na sua *Historia de Portugal* o auctor d'*A Harpa do Crente* julgou que, pela austeridade especial do assumpto, mais lhe cumpria antepôr os graves processos de Amadeu Thierry aos graciosos e picturescos moldes adoptados por Julio Michelet, a verdade é que o poeta de *Eurico-o-Presbytero*, o impressionante romancista d'*O Monge de Cister*, e o polychromico devaneador dos *Contos e Narrativas*, rivaliza bem com o deslumbrante prosador de *L'Amour*, de *La Femme*, e de *L'Oiseau*.

Todos tres, altisonantes, os tres de quem falo! Todos tres inseparaveis e brilhantissimos, — como inseparaveis e brilhantissimos foram *mutatis mutandis*, no respectivo cyclo litterario, Filinto Elysio, Barbosa du Bocage, e o Padre José Agostinho de Macedo.

E se me fôra lícito, sem de prolixo incorrer no delicto, apresentar ainda aqui um derradeiro simile, eu diria que perante a diversa indole dos tres eminentes escriptores, me parece podermos distinguil-os, na egualdade aliás da sua magnitude, comparando-os a tres monumentos sacros do nosso paiz, formosos sobremaneira, mas essencialmente differençaveis entre si por suas condições architectonicas: — Herculano, symbolizado pelo templo gothico da Batalha (cuja sala capitular lhe inspirou a impolgante narrativa d'*A Abobada)*; Garrett, pela manuelina Egreja de Santa-Maria de Belem (onde tudo lhe permittia sonhar, á similhança de Westminster, o Pantheon Nacional reservado ás cinzas dos mais inclitos Portugue-

zes); e Castilho, symbolizado pela Real Basilica de Mafra (onde a estatua de San'-Bruno lhe suscitou as mais preciosas páginas de que pode orgulhar-se a Litteratura Patria).

D'estas conclusões (queira V. Ex.ª perdoar a minha immodestia) apresentarei eu a synthese no Soneto que, sob o titulo «Trindade litteraria», aos 10 de Junho de 1905, foi lido em meu nome na sessão do «Circulo Catholico Operario»,—sessão em que, presidindo o Reverendissimo Arcebispo de Mitylene, solemnemente se commemorou o 325.º anniversario do passamento de Camões:

De um Garrett, um Castilho, um Herculano,
Compunha-se a trindade portentosa,
Que em nossos tempos mais brilhou gloriosa
Das lettras no sacrario lusitano.
Soprou-lhes Deus um estro sobrehumano,
A todos tres, na fronte luminosa....
E herdeiros os sagrou da «sonorosa»
Inspiração do «Vate soberano»....
Do Vate que em «som alto e sublimado»
Deixou da Patria o nome eternizado
E a ingrandeceu entre as demais Nações!...
Qualquer dos tres (sem distincção)—Castilho!
Herculano! Garrett!—é digno filho,
Filho dilecto do immortal Camões!

Garrett que de Anacreonte verteu com esmero delicadissimo cinco producções, e com as cinco traducções respectivas deu gracioso realce ao lindo ramalhete das *Flores sem fructo*,—Garrett, ao brindar-nos com a Ode que o immortal poeta da

Grecia consagrou «á sua lyra» (ΕΙΣ ΚΙΘΑΡΑΝ), d'est'arte se expressa em portuguez:

«De gôsto cantára Atridas,
E a Cadmo erguêra louvor;
Porêm as cordas da lyra
Só sabem dizer amor.
Ha pouco, mudando-a toda,
Novas cordas lhe assentava,
E de Alcides os trabalhos
A cantar principiava;
Mas — contra as minhas tenções,
Em vez de marciaes furores, —
De teimosa e como a acinte,
Sempre vai soando amores.
Adeus, heroes! adeus, gloria!
Adeus, guerreiro furor!
As cordas da minha lyra
Só sabem dizer amor».

Castilho, vertendo a collecção completa d'*A Lyrica de Anacreonte*, não sómente rivalizou com o «divino» Garrett na interpretação da Ode mencionada, mas inclusivamente o excedeu na pujança da fórma, dizendo assim:

«De Atridas os feitos, de Cadmo os louvores,
Tentei celebrar;
E a lyra rebelde só cantos de amores
Me quiz entoar.
Impuz-lhe outras cordas.... Trabalho perdido!
A lyra troquei;
Aos feitos de Alcides a nova convido....
E «Amor» lhe escutei!

Adeus, grandes homens! Buscae noutra lyra
O vosso louvor!
A minha não sabe; não pode; suspira
Só cantos de amor».

Depois.... que vigor de versificação! e que acêrto de gôsto na escolha dos metros! que harmoniosa cadencia! que musicalidade!

Nem posso furtar-me á transcripção das suberbissimas quadras, com que Antonio Feliciano passou para a linguagem vernacula (em que até os irreductíveis adversarios de Castilho confessam que elle era «Mestre» supremo) a canção que o Poeta de Téos consagrou «A uma virgem» (ΕΙΣ ΚΟΡΗΝ),—canção que o traductor portuguez intitulou «Metamorphoses de cubiçar» quando em 1866 com as outras «anacreonticas» lhe deu publicidade em París num elegante volume:

«Fez-se Niobe em pedra, e Philomela em passaro.
Assim
Folgaria eu tambem me transformasse Jupiter
A mim.
Quizera ser o espelho, em que o teu rosto placido
Surri;
A tunica feliz, que sempre se está proxima
De ti;
O banho de crystal, que esse teu corpo candido
Contêm;
O aroma de teu uso, e d'onde efluvios magicos
Provê'm;
Depois, esse listão que do teu seio turgido
Faz dois;
Depois.... do teu pescoço o rosicler de perolas;
Depois....

Depois.... ao vêr-te assim, unica e tão sem emulas,
Qual és,
Até quizera ser teu calçado, e pisassem-me
Teus pés!»

Prospero Peragallo, que em Lisboa parochiou cêrca de trinta annos a italiana Egreja de Nossa Senhora do Loreto, e que na sua patria Genova recentemente falleceu (foi em 23 de Dezembro de 1916 que eu tive a desdita amargosissima de perder aquelle bom amigo, sempre para commigo extremoso e por mim extremecido, e hoje saudosamente recordado), — Prospero Luiz Peragallo que era um poeta de finissimos quilates, e que em versos italianos traduziu producções de alguns poetas portuguezes (entre ellas, abundantissimos trechos de Camões e Bocage, de Garrett e Castilho), — Prospero Peragallo, incantado com as versões anacreonticas do Visconde Antonio Feliciano, calcou sobre ellas uma lindissima collecção de traducções em linguagem toscana, collecção que na sua quasi-totalidade subsiste ainda inedita, e que eu alvoroçadamente folgaria de ver publicada.

Inspirado pelas castilianas «Metamorphóses de cubiçar», eis o que primorosamente ingendrou o insigne genovez a quem me refiro, dando por titulo á sua versão — «*Desiderio di metamorfosi*»:

«*Niöbe e Filomela in piedra e augel mutaronsi,*
Ed è
Mutanza egual che Giove avrebbe da promuovere
In me.
Esser vorrei lo specchio ove appar la tua splendida
Beltà;
La tunica che ognora a te cotanto prossima
Si stà;

Il bagno cristallin che il tuo corpo sì candido
Contien;
L'aroma che ti serve e donde effluvio magico
Provien;
Poscia quel solco bel, che del tuo seno turgido
Fa due;
Poi.... quel ricco collar, ch' orna il tuo collo eburneo;
Piue....
Bramerei, nel vederti ed unica, e senza emule,
Affè!
Essere il tuo calzare, e che mi conculcassero
Tuoi piè!»

Quando as «Metamorphoses de cubiçar» appareceram impressas em París, oito annos haviam já decorrido desde que o erudito Dr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha lhes dera publicidade na *Grinalda Ovidiana* appensa á monumental «traducção paraphrastica» d'*Os Amores* de Ovidio, com que Antonio Feliciano, seu irmão, inriquecêra e abrilhantára a litteratura patria. «Desejos» fôra o titulo com que nesse primeiro tempo o traductor fez conhecida a sua linda paraphrase.

D'essa paraphrase e com egual titulo («Desejos»), conservando-lhe o mesmo inlaçamento de versos dodecasyllabos esdruxulos com dissylabos agudos (quer dizer: o inlace dos mais compridos versos que ha legitimamente em portuguez com os mais curtos), compoz Antonio de Cabedo uma ingraçada «parodia», repleta de picantes allusões burocratico-politicas, —parodia que o auctor amavelmente se dignou escrever-me num «Album», d'onde (por me parecer que se conserva inedita) me apraz agora transcrèvêl-a aqui:

«Tornou-se Jove em toiro, e fez-se Myrrha em arvore;
Assim
Folgaria eu tambem me transformasse um magico
A mim.
Quizera ter de meu um pergaminho apocrypho,—
E pôr,
Antes do nome obscuro, este pimpão vocabulo
«Doutor»!
Podéra ser então um funccionario público
De truz,
Bons proventos haurindo, e apenas assignando-me
De cruz;
Depois, o pae-da-patria, ao qual diz ella attonita:
—«Tambem?!!!»
Depois barão e conde.... embaixador.... e principe....
Porêm,
Porêm.... oh! vão desejo! em loucura satanica
Me pões!
Nada d'isso quizera, e só de renda solida
Milhões».

* * *

Garrett e Castilho rivalizavam galhardamente no principado das lettras lusitanas.

Mostrei como exemplo uma das versões de Anacreonte, em que o floricultor das *Excavações Poeticas* sobrelevou ao jardineiro das *Flores sem fructo*. Aqui darei cópia de outra composição em que,—imitando ambos liberrimamente, e cada um a seu modo, uma producção de Bailly,—Garrett sobrepuja vantajosamente Castilho.

Subordinadas á descripção d'*O Janota*, e sob o titulo *As metamorphoses do macaco*, incorporou Castilho entre os versos

d'*O Outono* quatorze quadras septisyllabas, que em 1851 tinha *A Semana* publicado subscriptas por iniciaes enigmaticas e cryptonymicas *(I. I. M. P. de A. E. S.)*, e em 1856 sob o pseudonymo «Gavarni» se reproduziram no *Jornal para rir* com uma caricatura desenhada por Nogueira da Silva:

«Jacó, flor das raças monas,
E alumno de um piemontez,
Fazia entre mil gaifonas
Coisas.... que o démo não fez.
Quanto via, arremedava
Por modo tão natural,
Que o piemontez lhe chamava
«Daguerreotypo animal».
Se falasse, assombraria;
Porêm, mesmo sem falar,
Em toda a macacaria
Era um bichinho sem-par.
Um dia, em certa barraca
De uma feira, onde brilhou,
Com arte mais que velhaca
Lustroso espelho empalmou.
Viu-se, e pasmou! — «Que diabo!!
«Pois eu tenho a cara assim?!!
«Ó bruxas, de mim dae cabo,
«Ou condoei-vos de mim!
«Muchachas mestras de tretas,
«Se cabe em vós pio dó,
«Deixae-me o don das caretas,
«No mais.... transformae Jacó».
Bruxinha de genio gaio
Despachou-lhe a petição:
Eis o mono.... papagaio!
Eis nova consumição!

—«O meu falar.... é mui rico!
«Quanto ás pennas.... guapo estou!
«Mas este bico!.... este bico!!
«Quem tal ratice inventou?!
«Bruxa honrada! eu t'o aconselho:
«Vá nova transformação».
Diz, torna a encarar o espelho:
Vê-se estrellado pavão!
Espenneja-se garboso!
Ama-se!! está como um dez!!!
Senão quando.... ai! desditoso!
Repara.... que horrendos pés!
Novo rogo impertinente:
—«Por esta vez, e não mais»....
(Diz a velha, impaciente)
«Quero acceder aos teus ais.
«Do que tu mesmo approvaste,
«Nas tres fórmas que te dei,
«Para teu consôlo baste,
«Que esta final te armarei:
«Terás as visagens nicas,
«O papagaial palrar,
«Do pavão as galas ricas;
«Pegar no espelho! mirar!»
Mira-se, exulta. Só nota
Perfeições no todo seu!
Hoje.... chamam-lhe *janota*,
Bicho incognito a Linneu».

Quando ostensivamente figurou o nome de Castilho a subscrever as quadras (em 1863 é que *O Outono* appareceu a lume), corria já mundo na collecção *Fabulas e Contos* (publicada em 1853 na 2.ª edição das *Folhas Cahidas)* a descripção

d'O Casquilho — que Almeida-Garrett declara ter escripto em 1829:

«Quem de Ovidio os contos leu,
Certo inda tem na memoria
A mais curiosa historia
Que elle em seus contos metteu:
— De como Jove, indignado
C'uma nação de velhacos,
Para os não fazer em cacos
Os converteu em macacos.

«Vendo-se assim humilhado,
Veiu o povo castigado,
De contricto coração,
A pedir perdão
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

«Fazendo caretas, ganindo e guinchando,
Lhe vinham bradando
Em mona e bugia:
— «Restaura-nos, ó padre soberano,
«O antigo vulto humano
«Co' a perdida razão».

«O Tonante, a quem passado
Era o primeiro furor,
Dos bugios ao clamor
Prestou ouvido apiedado;
Mas do macaco requerimento
Não despachou senão ametade
E o resto a deidade
Mandou dispersar nas azas do vento.

«Mal o aceno omnipotente
Troou na celeste abobada,
A monaria contente
Se ergueu altiva, impavida;
Toda se impavezou
E repimpou;
E, como gente,
A andar por esse mundo se deitou.

«O pêlo esfarripado,
Que as cabeças 'té'lli lhes ouriçava,
Em lindos caracoes se debruçava
Agora pelo rosto transmudado.
Não mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco;
E a cara por fóra
Tambem não mudou muito do que fôra:
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos risinhos,
E as fofas e as tretas.

«Assim meio mudados, meio não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Ao-pé da raça humana o seu logar.

«O homem com desprêzo o bicho olhou,
Nem siquer nome para dar-lhe achou;
Mas.... a mulher gostou
Da tal farofia de apparente brilho,
E á *coisa* pôz o nome de — CASQUILHO».

Evidentemente *O Janota* de Castilho tem mais artificio e mais opulencia na sua estructura; mas *O Casquilho* de Garrett distingue-se por mais naturalidade e mais graça. D'aqui resulta que (no meu intender, e salvo o melhor juizo dos competentes) *O Casquilho* de Garrett supplanta *O Janota* de Castilho.

Dos dois Poetas, porêm, qual deveremos considerar superior em estro?

Ambos grandes por egual (tórno a dizer), ambos verdadeiramente grandes, grandiosissimos, como terá de sentenciar quem de imparcial se préze.

Neste momento me suggere a memoria um caso acontecido em París no Paço Imperial por occasião de haver-se estampado em Bruxellas o celeberrimo pamphleto de Victor Hugo—*Napoléon le petit.*

Napoleão III, acclamado já Imperador dos Francezes, havia lido o livro. E ao terminar a leitura do exemplar que tinha no seu gabinete, — exemplar em cujo frontispicio figurava impresso o titulo *Napoléon le petit, par Victor Hugo*, — o augusto sobrinho do «grande» Napoleão accrescentou manuscriptas por seu punho, em seguida ao nome do insigne pamphletario (seu irreductivel inimigo), as duas palavras *le Grand.*

Assim se ficou lendo naquelle exemplar historico, graças ao accrescentamento autographico de Luiz Bonaparte, o seguinte conceituoso titulo: «*Napoléon le petit, par Victor Hugo le Grand*».

É que Napoleão III, em sua qualidade innegavel de «fino espirito», muito sagaz, muito perspicaz, e alheio ás suggestões da inveja ou do despeito (como é natural em organismos de accentuada magnanimidade), sabía avaliar ajuizadamente o luminoso Poeta que tanto contribuiu para a gloria da França.

Grandes não menos (ainda uma vez o repito), ambos incontroversamente grandes, foram Garrett e Castilho, — ambos egualmente sublimes, como porcerto imparcialmente os qualificava o privilegiado criterio de Latino Coelho.

* * *

Ainda hoje ha quem desdenhosamente menospreze, ou finja menosprezar, o assombroso peculio com que Antonio Feliciano de Castilho opulentou as lettras portuguezas. No segundo grupo dos que menciono, entram acintosamente os malevolos e os invejosos; ao primeiro pertencem os inconscientes ou os ignorantes. E entre estes ha uns que, desconhecendo a quantidade enorme (quasi incommensuravel) das obras-primas originaes, produzidas por aquelle a quem menosprezam, declaram autotomatica e pedantescamente reconhecer no Castilho os dotes apenas de um simples «traductor»!

Simples «traductor»?!! — como se fôssem obras de somenos aprêço aquellas em que Antonio Feliciano trasladou para a lingua patria, dando-thes foros opimos de lusa nacionalidade, auctores gregos e latinos, castelhanos, francezes, inglezes, allemães, e dinamarquezes! E com que aprimorado esmero! e com que delicadeza! e com que pujança e galhardia! Vejam-se por amostra (e não citarei mais do que esta) *Os Amores* de Ovidio, em cuja interpretação portugueza o traductor chega muitas vezes a exceder na magnificencia e no brilho o lyrismo do grande poeta romano, — como nos dá palpitante exemplo aquella suberbissima canção (a elegia 2.ª do Livro III), em que o amador de Corinna assiste a uma espectaculosa festa «no Circo de Ro-

ma», dizendo amabilidades á gentil vizinha que á sua ilharga toma logar nas bancadas do amphitheatro:

«Non ego nobilium sedeo studiosus equorum;
Cui tamen ipsa faves, vincat ut ille precor.
Ut loquerer tecum veni tecumque sederem,
Ne tibi non notus, quem facis, esset amor.
Tu cursum spectas, ego te: spectemus uterque
Quod juvat, atque oculos pascet uterque suos».

E diz o traductor:

«Que me importam corseis, inbora insignes?
Vim eu sentar-me aqui por ver os jogos?
Se preferes algum.... que m'o designes!
Esse alcance o triumpho!—eis os meus rogos.
Ao circo, outro impenho
Me traz desvelado....
Sentar-me a teu lado;
Poder-te falar;
Expôr-te o que tenho
De fogo nas veias;
Das chammas que ateias
Fazer-te pasmar.
Tu no curso o olhar tens posto;
Eu em ti o meu olhar.
Cada qual siga o seu gôsto:
Tu na festa, eu no teu rosto,
Nos deixêmos incantar».

E prosegue o paraphrasta — variando a capricho, mas sempre muito apropósito e com inexcedivel acêrto, a metrificação da paraphrase em harmonia com os incidentes e as peripecias do espectaculo circense.

Que pena que eu sinto de não poder aqui, por ser uma peça extensissima, copiar na integra esse portento admirabilissimo! Portento que inspirou a José Feliciano de Castilho, em uma das notas da *Grinalda Ovidiana,* as seguintes reflexões: — «Sob o aspecto metrico, esta versão, uma das mais primorosas, precisa attentamente estudada; ha n'ella toda a especie de versos, desde duas, tres, quatro, progressivamente até doze syllabas; arietas metastasianas; harmonioso jôgo de agudos e esdruxulos; versos de echo no meio dos immediatos; metrificação adaptada á natureza do assumpto; e outros primores poeticos que os intendidos, de um relance, comprehenderão».

Perante joias preciosas de valia similhante é que Paulo Bitaubé traçava aquellas suas inolvidaveis palavras: — «*Il y a telle traduction, qui demande plus de talent que tel original*». Traducções ha effectivamente que mais talento reclamam, e mais applausos ainda merecem, do que as proprias obras originaes.

* * *

Na irrequietação do seu espirito, a laboriosidade versatil de Latino Coelho («laboriosidade versatil» — digâmos assim, porque é dar-lhe a verdadeira designação, — e não veja ninguem nestas minhas palavras um vislumbre siquer de censura, nem d'ellas deduza ninguem afrouxamento no meu respeito para com os formosos talentos do insigne escriptor), a laboriosidade versatil de Latino Coelho (versatilidade que o acompanhou desde sua edade juvenil até aos derradeiros tempos de sua existencia) comprazia-se em borboletear de flor em flor, qual mariposa inconstante, deixando a cada passo interrompidos, e por desventura nossa incompletos, alguns dos seus productos litterarios.

Pensaria talvez alguem que elle, sentindo-se fatigado pelo excesso da productividade, carecesse de temporariamente repousar e readquirir folego para sequencia do labor. Mas a verdade é que fôra injustiça attribuir ao cansaço a origem de tal procedimento, pois que ninguem reconhecêra nunca desfallecimentos nem fadigas em tão abençoado ingenho. Era simplesmente, exclusivamente, a versatilidade irresistivel (versatilidade sempre) do irrequieto borboleteador: — borboleta que nos seus elegantes volteios, quanto mais caprichosamente os desfere, mais irisada nos deixa contemplar a rutilancia das azas, e mais deslumbrantes nos prodigaliza os variegados aspectos de tão magica phantasmagoria.

Por «digressões e divagações» designaremos esses vôos phantasticos? Ah! mas que surprehendentes bellezas em taes divagações e digressões! E' assim que, analysando a obra garrettiana e occupando-se da tragedia *Catão*, Latino Coelho incontra pretexto para passar em revista a evolução do theatro. E então lhe surge o apropositado ensejo de apreciar as origens greco-romanas da litteratura dramatica, incarando em seguida os denominados *Mysterios* da epoca medieval representados nos catafalcos das cathedraes em complemento das ceremonias liturgicas, não esquecendo outrosim os *Autos sacramentaes* de Hespanha, e descendo até ao nosso Gil Vicente (o inclito fundador do theatro lusitano), depois confrontando os arrojos scenicos de Shakespeare com as tragedias classicas de Racine, notando simultaneamente e comparando as aptidões de Filinto Elysio e de Bocage, até acabar por nos offerecer, fronteiros um ao outro, o *Catão* do britannico Addison e o *Catão* do portuguezissimo Garrett.

Foi neste ponto que Latino (quando *O Panorama* lhe publi-

cava a memoria ácêrca do Visconde) subitamente deixou suspensa a analyse crítica das producções garrettianas, ao passo que tantas outras joias (tantissimas!), — e todas preciosas, entre diamantes e rubis, entre esmeraldas e topazios e amethystas, com cercadura de valiosas perolas, — lhe proporcionava, ao inclito lapidario, o inexgottavel escrinio. Joias, de que fizeram seu inlêvo encomiastico Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, José da Silva Mendes Leal, Ernesto Biester, Francisco Gomes de Amorim, e varios outros panegyristas (alguns dos quaes ainda hoje são vivos)!

Da versatilidade, a que julgo dever attribuir-se a interrupção em certos trabalhos de Latino, dá elle proprio explicação no trecho que passo a extrahir da já mencionada epistola a Teixeira de Vasconcellos:

«Com as amarguras que me visitaram precoces, e com uma doença que me influiu entranhavel melancolia, senti a necessidade de exercer o espirito em coisas estranhas aos meus estudos habituaes, porque sempre me enojou a monotonia de um assumpto continuado, nem comprehendi como um homem póde servir-se exclusivamente de uma das muitas faces da intelligencia».

E, mais adeante, accrescenta o signatario da carta:

«..... a minha organisação, excentricamente nervosa, irrita-se com a perspectiva de longos folios a escrever. Custa-me a ter perseverança para seguir a mesma idéa, e ha em mim um

horror innato de poder, escrevendo volumosas composições, caír em tedioso».

* * *

Com as interrupções e as demoras, a que Latino Coelho andava adstricto em seus compromissos de escripta, liga-se um episodio «picaresco» de que vou dar notícia.

Antes de estabelecer sua residencia na casa do Bêco do Norte (predio que foi já desmanchado e substituido por outro moderno de mais pretenciosa construcção, mas incomparavelmente menos propicio a suggestionar poetas e artistas), Castilho tinha incontrado para sua habitação e para séde escolar do seu «Portico» (assim se chamava o educativo instituto que elle fundára), e para pública realização dos saraus escolastico-litterarios em que elle practicamente demonstrava as excellencias do seu «Methodo de Leitura»,—saraus escolastico-litterarios, onde gostosamente compareciam amiude as mais preclaras notabilidades da sociedade lisbonense,—Castilho havia incontrado e arrendado na Rua dos Navegantes (a Buenos-Ayres) os espaçosos salões de um 2.º andar no chamado Palacio-dos-Sarmentos ou Palacio-Sarmento.

E foi nesses saraus que appareceu uma noite a abrilhantál-os o impolgantissimo talento do repentista improvisador Antonio Bindocci, que se intitulava (não sei se com legitimos foros) «*Avvocato*», e que (fôsse ou não fôsse realmente *Avvocato)* se recommendava sobretudo por ser um assombro nos seus improvisos de metrificador. Ainda hoje me lembro do enthusiasmo com que meu Pae falava d'elle, depois de o ter admirado e applaudido nas sessões do «Gremio Litterario»: a minha tenra

edade não me deixava ainda ir presenciar essas festas, nem ainda o meu espirito pueril me outorgava recursos que me habilitassem a ajuizar de similhantes maravilhas; maravilhado, porêm, ficára o meu progenitor, maravilhadissimo devéras, que ainda me recordo bem dos prolongados elogios com que elle narrava no lar domestico os triumphos do insigne Bindocci.

O auctor das *Memorias de Castilho* descreve-o assim (no cap. 35.º do Livro VI):

«Antonio Bindocci, de Sienna, era um liberal ardente, um d'aquelles enthusiastas politicos que a todo o propósito advogam as suas opiniões; a palavra d'elle parecia lava. Conheci-o muito bem. Veiu a Portugal com o fito em visitar os logares onde habitára o seu Rei Carlos Alberto, a fim de receber inspirações para um poema que projectava. Como desembarcou em Lisboa, aqui ficou mezes.

«Era um homem gordo, feio, com physionomia de Chinez de xarão, arrecadas ou argolinhas nas orelhas, mal puchado no trajar, e com um ar vulgarissimo e orgulhoso. O olhar era penetrante e de rara lucidez.

«Não sei quem o approximou de Castilho; sei que uma noite em pleno curso do palacio Sarmento, em 24 de Setembro, lh'o trouxeram. Acolhido pelo poeta portuguez com os extremos de cordialidade, e instado para recitar, improvisou uma longa ode, ou como queiram designar aquelles versos, em louvor da scena que elle presenciava: um poeta cego a ensinar gratuitamente umas centenas de enfarruscados; depois, uma ode á morte do Duque de Bragança.

«O enthusiasmo que Bindocci despertou no auditorio culto, numeroso nessa noite, e nas outras em que tornou a apparecer,

não se descreve. Aquelle homem, quando improvisava, transfigurava-se; lampejavam-lhe os olhos, incendiava-se-lhe o rosto, e chegava a parecer bello. Ao acabar, ficava-se; carrancudo, tremulo; alheio ao mundo real.

«Foi essa a primeira noite em que o insigne Italiano manifestou em Portugal o seu extraordinario talento. Depois deu algumas sessões pagas, creio que no Hotel de Italia, que era no Loreto. Singular espectaculo! para se animar, não tomava vinho, nem chá forte como outros; ingeria porções enormes de agua pura. Tinha em cima da mesa uma garrafa de agua, e de dez em dez minutos tomava um copo.... de Hippocrene.

«Era assombrosa a promptidão e perfeição d'aquella catadupa de versos, bellos na fórma, e bellos no pensamento!»

Algumas páginas adeante (e ainda no mesmo capítulo), prosegue d'este modo o auctor das monumentaes *Memorias* a que me estou soccorrendo para apresentação do famoso improvisador:

«..... Dizia Castilho que, desde o ultimo improviso do *igneo Bocage,* nunca mais Lisboa tornára a presenciar um Niagara poetico da magnitude do estro de Bindocci.

«Além do seu estro, era notavel o engenho com que sahia das difficuldades mais escabrosas no fundo e na fórma.

«Pedia assumptos, bem arrevezados, bem difficeis de tratar. Como bom picador do Pégaso, queria-se com ginetes rebellões, que lhe dessem gloria. Uma vez, creio que no Gremio, deu-lhe Castilho por assumpto:—desespêro de uma lavadeira por não poder enxugar a roupa dos freguezes no tempo do diluvio universal. E Bindocci fez d'aquelle assumpto uma serie de

quadros admiraveis, em que a satyra se mesclava com o sentimento, e se realçava pela mestria da fórma.

« Outra vez, cantou as aventuras de um cruzado-novo, desde o dia em que sahiu da Moeda: passa em primeira mão a um empregado, que vai com elle comprar pão; do padeiro corre de dono em dono, entre mil episodios galantissimos, até chegar ás garras de um agiota judeu, que o cerceia no peso, e lhe derrete uma boa parte em agua-forte. E dizia o extraordinario poeta:

« *Il crociato è circonciso*
« *Dalla legge di Mosè* ».

Ácêrca de Bindocci na sua passagem por Lisboa, muito mais nos refere o auctor das *Memorias de Castilho*, offerecendo-nos inclusivamente a transcripção da Ode improvisada pelo repentista siennez em memoria do Imperador, Ode constituida por vinte sextilhas de versos hexasyllabos, que traz por titulo— *Il giorno 24 di Settembre, anniversario della morte di D. Pietro IV, Rè di Portogallo.*

Mas o que o Visconde Julio não conta (e ahi está porque trago aqui o caso á collação) é o episodio occorrido entre Bindocci e Latino Coelho,—episodio chistosamente demonstrativo dos imbaraços com que Latino luctava para desimpenhar, a tempo e horas, as incumbencias innumeraveis que sôbre os hombros lhe pendiam, e a que muitas vezes, por mera condescendencia do seu feitio amavel e cortez, elle inconsideradamente se obrigava.

D'esse episodio, a que nem siquer por entrelinhas allude o Visconde, serei eu agora o chronista, e com tanto mais gôsto,

quanto é certo que nunca, segundo me consta, foi dado á publicidade.

Em casa de Castilho é que eu tive notícia do caso, e lá me foi referido em harmonia com a vocal narrativa do proprio Latino.

Tinha-se este offerecido, ou pelo Bindocci fôra solicitado, para, num artigo de revista litteraria, escrever ácêrca dos prodigios repentistas em que se notabilizava o célebre improvisador. E, para lhe facilitar o intuito, como subsidios de informação lhe fornecêra Bindocci, por imprestimo, um livro italiano em que se compendiavam producções do repentista, e varios periodicos em que elogiosamente d'elle se tratava.

Latino Coelho, com toda a sua risonha affabilidade, promettêra que sim, — que sentia o maximo prazer em render justiça aos talentos do poeta, — por modo que este, confiado nos altos creditos litterarios de que Latino dispunha, aguardava anciosamente o desimpenho da promessa.

Mas o tempo ia correndo.... correndo.... e o artigo não apparecia, com grande sentimento do Bindocci, sentimento que afinal se transformou numa violenta impaciencia, apezar das desculpas com que Latino se propunha explicar a demora na publicação.

Até que, num bello dia.... quando Latino menos o esperava.... entra-lhe o Bindocci em casa, e, prescindindo de preambulares comprimentos, diz-lhe *ex-abrupto* com peremptoria intimativa:

— *Il mio libro!*

Latino Coelho ia mais uma vez delicadamente a desculpar-se e a dar explicações....

Mas Bindocci cortou-lhe logo a palavra, e repetiu, em tom que não admittia evasivas nem delongas:

— *Il mio libro!*

Latino, convencendo-se então de que não lograva amansar a «fera», foi buscar o livro que recebêra imprestado, e silenciosamente lh'o intregou.

— *I miei giornali!* (proseguiu impassivel o indomavel italiano).

Latino foi buscar o maço dos jornaes, — e tambem, sem accrescentar palavra, os restituiu ao seu implacavel perseguidor.

— *Addio!* (disse-lhe este em despedida).

E logo imperturbavel o Bindocci se retirou, sem mais explicações querer dar nem ouvir.

Latino Coelho (segundo me foi referido em casa dos Castilhos), longe de sentir-se offendido, contava jovialmente aquella aventura, apimentando a narrativa com as gargalhadinhas agudas em que era ingraçadamente eximio.

* * *

Com que substanciosos commentarios não immoldurára Latino Coelho a biographia crítica de Castilho, se lhe houvesse chegado, em seguimento do que nos deixou impresso, occasião de apreciar-lhe a obra copiosissima!

E, se de Garrett houvera continuado a entrelaçar os dados bio-bibliographicos, que bello ensejo elle teria de apreciar-lhe os escriptos didacticos e os politicos, os discursos parlamenta-

res, os elogios historicos *(v. g.* o de Mousinho da Silveira, e o da nobre Duqueza de Palmella, — finissimas aguarellas, em cuja limpida transparencia o auctor debuxou quadros que despertam nosso alvorôço e nosso inlêvo), as comedias e os dramas (especialmente o *Fr. Luiz de Sousa, O Alfageme de Santarem ou A Espada do Condestavel,* e aquellas scenas deliciosas de *Um auto de Gil Vicente,* que os dois citados dramas havia já precedido, e em que a talentosa Emilia das Neves (a «linda Emilia», como nesse tempo a cognominavam) tanto se distinguiu na parte da Infanta D. Beatriz), e as romanticas descripções d'*O Arco de Sanct'Anna,* e as incomparaveis, as inimitaveis (tão inimitaveis como incomparaveis!) *Viagens na minha terra,* e as xácaras do *Romanceiro* (sem esquecer nem pôr de parte os scintillantes «prologos» d'essas xácaras, cuja leitura internecidamente revoca ás saudosas edades da infancia aquelles que nas lareiras provincianas tiveram a fortuna de as escutar por noites de inverno, ou nas escamisadas das eiras entre estio e outono), e os dois incantadores poemas (incantadores e singularissimos) *Camões* e *Dona Branca* (poemas tão diversos um do outro na indole e na estructura, mas ambos tão impressionantes e tão lindos!), e os «divinos» versos (como «divino» por antonomasia proclamavam Garrett em Coimbra os seus condiscipulos da Universidade), os «divinos» versos das poesias lyricas, profundamente sentidas e repassadas de suavissima doçura, «divinos» versos a que serve de remate inegulavel o perfumado florilegio das *Folhas Cahidas* (derradeiro suspiro poetico d'aquelle mirifico cysne que tão cedo — ai! tão cedo! e quando tanto ainda nos promettia! — reclinou a cabeça no travesseiro do tumulo.... para acordar nas glorias eternas da immortalidade)!

Nas *Folhas Cahidas* («mel do Hymetto» que já o Poeta nos

fizera antegostar nalgumas das composições incluidas entre as *Flores sem fructo)* descortinaria maravilhoso campo e maravilhoso convite para de seu maravilhoso ingenho desatar maravilhas o maravilhoso commentador,—elle que nos tempos da sua juventude compuzera e publicára versos não despiciendos.

E não «despiciendos» versos ainda elle compunha. quando já da juventude principiava a distanciar-se. Como exemplo d'essa mimosa manifestação, lembrarei as seis quadras septisyllabas, em que Latino Coelho, profundamente conhecedor da lingua alleman, verteu para portuguez a inolvidavel «Canção do Rei de Thule», canção que o célebre Gœthe gostou de intercalar na «Primeira Parte» da tragedia *Fausto,* e que por varios litteratos nossos tem sido traduzida,—entre esses por Antonio Feliciano de Castilho em 1872.

Anterior á versão de Castilho é a de Latino Coelho, datada aos 8 de Maio de 1871 (como informa o erudito academico Francisco Maria Esteves Pereira no seu estudo de crítica litteraria — *O Rei de Thule).* E manda a imparcial justiça confessar que, entre as diversas traducções da mencionada canção, a do nosso Latino se destaca notavelmente por sua elegancia, como passo a mostrar na transcripção das quadras respectivas:

«Até á morte, constante,
Um rei em Thule reinou:
Moribunda a sua amante
Aurea taça lhe doou.
Por esta, que mais prezava,
Bebia em cada festim,
E, quantas vezes libava,
O seu pranto era sem fim.

No seu dia derradeiro
Conta as cidades que tem,
Deixa tudo a seu herdeiro;
A taça d'oiro.... a ninguem.
Assenta-se á régia mesa,
Onde a côrte o vem honrar,
Na sala da fortaleza
Erigida á beiramar.
Alli da vida, que passa,
Bebe o último calor,
E arroja a sagrada taça
Ao mar que rebenta em flor.
Remoinha.... enche-se d'agua....
Ao profundo mar desceu!
E o rei, no auge da magua,
Nem mais um trago bebeu».

V. Ex.ª, meu estimadissimo Arlindo Varella, que, — sendo, por fortuna dos seus discipulos, um abalisado pedagogista e nessa qualidade um exemplarissimo Professor, — é tambem por feliz coincidencia um delicado Poeta (e queira perdoar-me se nesta minha sinceridade melindro a sua modestia, que tanto destôa das modernas philaucias e presumpções injustificaveis), V. Ex.ª comprehende bem quanto é verdadeira e sensata a conceituosa affirmativa do Cantor d'*Os Lusiadas* na estancia 97.ª do Canto V da sua phenomenal epopéa:

«..... quem não sabe arte, não a estima».

E ahi está o motivo por que tão pouca gente sympathiza com os «versos»; é que não gosta de versos quem, dos versos desconhecendo a technica, e não sabendo portanto versos es-

crever, nem d'elles comprehendendo a estructura, versos não sabe apreciar nem pode estimar.

Ora industriado pois e consummado, como se revela, na technica da metrificação, ninguem mais competente do que Latino Coelho, pela sua indole artistica, para aquilatar com proficiencia o elevado merecimento das lyricas em que deslumbrantes se distinguiram Garrett e Castilho, as duas individualidades mais originaes e mais pujantes do moderno Parnaso Portuguez.

* * *

Finalizando agora esta minha missiva, que vai já talvez demasiadamente longa, resta-me rogar ao seu illustre destinatario uma fineza, que antecipadamente lhe agradeço: — o favor de saudar e comprimentar em meu nome os briosos editores que tomaram sobre si o incargo de offerecerem aos amadores das boas-lettras, na vulgarização dos escriptos de Latino Coelho, um saborosissimo acepipe.

Oxalá, como espero, apezar da crise economica por que todos nesta quadra terrivel estamos passando, corresponda satisfactoriamente, com gratidão justissima, o bom acolhimento do público aos sacrificios da firma *Santos & Vieira,* que, devotadamente arrostando quantos imbaraços lhe surjam, capricha em prestar um relevante serviço, merecedor de todo applauso.

E a V. Ex.ª felicito cordialmente pela comparticipação que nesse laborioso impenho acceitou, como felicito os impresarios da espinhosa mas civilizadora tarefa, e como felicito sobretudo os leitores das obras valiosas que na « Collecção Latino-Coelho » vão ser-lhes agora proporcionadas.

Com estas felicitações ponho remate na presente carta, e peço licença para ter a honra de subscrever-me, testemunhando a V. Ex.ª a minha consideração altissima apar do meu carinhoso affecto,

De V. Ex.ª

C. de V. Ex.ª em Lisboa:
aos 21 de Março
(alvorecer da primavera)
de 1917.

admirador, venerador,
confrade e amigo,
obrigadissimo

XAVIER DA CUNHA.

GARRETT

O Visconde de Almeida Garrett (*)

I

Ainda ha bem pouco tempo que a pedra tumular encerrou as cinzas de João Baptista de Almeida Garrett. O tempo decorrido, se tem valido já para a sua memoria muitos seculos de posteridade, não pôde fazer que as lettras patrias deixassem o lucto em que as envolveu a perda irreparavel d'aquelle genio fecundo e original. Opprime-nos uma grande dôr, mas conforta-nos uma invejavel consolação. Perdemos o homem grande, mas tivemos a ventura de nascer na sua edade, e de admirar ainda vivo aquelle que a posteridade saudará pelos gloriosos monumentos que levantou a Portugal. É um orgu-

---

(*) Do *Panorama*, vol. XII (1855), e vol. XIII (1856).

lho generoso este, que devemos sentir todos os que assistimos á esplendida alvorada d'aquelle genio, ao robustecer d'aquelle choupo gigante, ao quebrar d'aquelle vaso de eleição, em que a Providencia se comprazeu de encerrar todas as graças da imaginação e todas as formosuras do talento.

A posteridade terá para o admirar um livro e uma pedra funeraria. Nós vimol-o passar rico de inspiração, radiante de gloria, e cercado em vida por esta auréola formosa que a inveja não póde nunca de todo annuvear. É saudoso o admirar já tombada no chão a arvore gigante, cuja folhagem assombreou os que lhe pousaram em redor. Mas quanto não é mais grato o contemplál-a em pé, agitando a rama viridente, florejando e sorrindo graças e primores, e entestando soberba com as nuvens de um céo meridional!

Assistimos quasi com o poeta á creação dos seus poemas mais sublimes. Entrámos com o orador no *forum* publico, quando ia a resuscitar na tribuna popular a nobreza e a facilidade dos antigos oradores. Ha em nós o orgulho legitimo de que elle pertenceu á nossa propria geração. Podêmos quasi reclamar para nós mesmos a gloria dos seus tacitos collaboradores. Não ha nenhum de nós que não tivesse com o poeta illustre mais de uma nobre liga-

ção e affinidade. A uns revelou na convivencia escolastica dos primeiros annos o genio que brincava ainda, exercitando-se, nos primeiros cantos de uma musa facil, e que insculpia descuidoso entre os censeiraes do Mondego a primeira lettra da sua inscripção na lapida das grandes e raras intelligencias nacionaes. A outros prendia-o a confraternidade dos enthusiasmos politicos e do civismo juvenil na aurora da liberdade. Com estes uniam-no as recordações de uma trabalhada emigração, e o mesmo pão do exilio repartido em terras estrangeiras. Com aquelles haviam-no estreitado os laços da gloria commum nos tempos em que o poeta tomára, á semelhança de Camões, em prol da sua patria, n'uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes, e na outra a espingarda do voluntario; nos tempos em que um dos monarchas do talento descêra a arrolar-se, sob as bandeiras do imperador, ao lado dos mais humildes conscriptos da liberdade.

Quando uma idéa nova tem de ser diffundida pela Providencia n'um povo só ou por toda a humanidade, nasce um homem que a formúla na creação do genio, e que a propaga pela fascinação da palavra eloquente. Ha o que quer que seja de fatal e de despotico em todas as revoluções operadas pelo talento. Um homem só pelo influxo da idéa que re-

presenta, e pela magestade do genio, que revela, impera sobre as multidões, e impõe-lhes a nobre servidão a uma idéa nova, que as turbas congregadas nunca poderiam descobrir. E que esplendida, que formosa não é esta dominação pacifica das intelligencias superiores sobre o commum das demais intelligencias! Que jugo tão brando, e tão facil de acceitar! Que vigor de talento para conceber; que omnipotencia de palavra para convencer e generalisar. Um homem novo surge de repente no meio do seu paiz. A principio lampeja uns fulgores indecisos que já alumiam, sem deslumbrar. O luzeiro resplende mais vivo, e faisca centelhas que fascinam. Mais tarde é o sol, que se levanta quasi sem aurora, e que offusca nas ondas da sua luz purissima os talentos inferiores, que apenas bruxuleavam na penumbra. Este homem chama-se Garrett. Diante d'elle as convenções poeticas retiram-se envergonhadas, e a arte verdadeira esvoaça em torno d'elle, afagando-o como o seu dilecto, e inspirando-o como o seu evangelisador. É elle quem inaugura para as lettras portuguezas o seculo XIX, como quasi ao mesmo tempo este seculo nasce para o povo portuguez com o primeiro brado da revolução e da liberdade. As camenas pagans é elle que as torna profanas sem as desauctorar, erguendo sobre

as aras da poesia restaurada a melancolia e a castidade da musa christan e nacional.

Não foi apenas um poeta que no meio das pompas funebres e das ceremonias mortuarias desceu ao tumulo. Foi uma época que se encerrou. Não foram as suas exequias as que a pompa mundanal doira e solemnisa n'um dia, para que no seguinte o pó da terra as venha embaciar. Com prestitos luzidos entrega a vaidade o feretro dos poderosos, e vem o esquecimento recebêl-o á orla do sepulcro. Incensos queimam-se aos opulentos, e a memoria d'elles apaga-se no derradeiro branquejar do fumo. Orações recita-as a voz da adulação, e refuta-as o silencio da posteridade. As lagrimas não preservam o nome dos obscuros, de que o ignorem para sempre os seculos vindouros. Nas exequias do poeta celebrava-se já a apotheose de uma litteratura que começava a pertencer á historia, quando o poeta, morrendo, principiava a viver para a posteridade e para a gloria.

II

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799. Foi filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, fidalgo cavalleiro da casa real, e sellador-mór da alfandega d'aquella cidade. A sua familia, de origem irlandeza, viera emigrada do seu paiz por motivos religiosos, e se estabelecêra em Hespanha, d'onde veiu a Portugal no sequito da rainha D. Maria Anna Victoria, mulher d'el-rei D. José. Levada depois aquella familia, não sabemos por que accidentes da fortuna, ás ilhas dos Açores, ali viu a luz o pae do poeta; e, vindo Antonio Bernardo para o Porto, casou ali com D. Anna Augusta de Almeida Leitão, filha de José Bento Leitão, honrado e rico negociante e deputado da companhia dos vinhos do Alto-Douro.

Incitado pelo talento, que já como que se lhe sazonava na edade pueril, e ajudado por uma

esmerada educação, fructo dos carinhos e das sollicitudes paternas, o poeta insigne annunciava desde os primeiros annos o vigor de uma intelligencia excepcional e de uma precoce imaginação, que haviam de assegurar-lhe mais ao diante um logar de honra no primeiro plano dos talentos nacionaes, e dal-o como rival a muitos dos mais predilectos das musas nas litteraturas estrangeiras.

A invasão franceza veiu surprehender o poeta quasi ao soltar-se das faixas infantis, e ao aventurar os primeiros passos na educação domestica, que formava sem o saber uma gloria de mais para o paiz, e um nome illustre para uma remota posteridade.

Singular circumstancia que approxima os destinos de Camões, e os d'aquelle que mais de dois seculos depois lhe havia de cantar o nome e os infortunios, e glorificar, como o epico dos Lusiadas, os fastos e as grandezas de Portugal. A morte de Camões coincidiu, com poucos annos de differença, com o funeral da nacionalidade, vencida por Castella. O berço do sr. Garrett, quasi que foi embalado ao som dos canhões francezes, troando em Portugal para annunciar ao mundo o termo da independencia nacional, assoberbada e proscripta pela cobiça de Napoleão. Camões morreu com a

monarchia; cantor de glorias immortaes, não lhe devia sobreviver, porque o seu estro ardente, bellicoso e patriotico não se dobraria a entoar nas exequias de Portugal o epicedio das nossas glorias. O sr. Garrett nasceu n'uma quadra tormentosa e revolucionaria, assaltou-o logo ao sair do berço a invasão e a conquista, como aquelle, que estava predestinado a ser o poeta da revolução, e como quem deveria desde o primeiro alvorecer da vida acostumar-se ás saudades do lar domestico, e ás angustias da expatriação.

A tomada do Porto pelos francezes em 1809, obrigou a familia do sr. Garrett a buscar em Lisboa, e logo depois na ilha Terceira, um asylo mais seguro contra a insolencia das aguias imperiaes.

Chegado aos Açores, o sr. Garrett bem depressa ali achou um homem cheio de virtudes e de talentos, que lhe dirigisse e aperfeiçoasse a educação litteraria, e que lhe servisse como de guia nos severos estudos em que o futuro poeta ia familiarisar a sua imaginação com os mais selectos modelos litterarios da antiguidade classica. Era aquelle homem o bispo resignatario de Malaca, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, tio paterno do poeta.

Verificou-se no visconde de Almeida Garrett uma excepção feliz á lei que parece presidir aos primeiros annos dos homens notaveis pela intelligencia e pelo saber.

De muitos homens que a humanidade inteira reverenceia hoje como titulos de gloria universal, se conta que foram nos annos infantis mais propensos ás travessuras da puericia do que por affeição inclinados á cultura da intelligencia. Quasi sempre aos grandes poetas, por lhes encarecer as maravilhas do engenho, se compraz a fama posthuma em lhes descrever os primeiros annos da existencia perdidos para a instrucção e para a gloria. De Byron se sabe que era nos tempos da sua infancia rebelde ás severidades dos pedagogos. Parece que a estes grandes espiritos, que a Providencia afeiçoou como vasos de eleição para que viessem depois a conter e a espirar de si os mais finos perfumes da inspiração poetica, os deixa a natureza como que em pousío muitos annos, quasi que para se desforrarem de antemão na ociosidade e na indolencia, das amarguras e das penas, que formam sempre o cortejo de todas as imaginações ardentes, e por assim dizer sobrenaturaes. Chega o prazo marcado pela Providencia, e no terrão que parecia arido e maninho, passa benefico o bafejo

do estro, e onde ninguem suspeitava ás vezes nem um homem apto para o tráfego da vida commum, surge de repente mais que um homem, porque se alevanta um poeta, e mais do que um poeta, porque nasce uma litteratura inteira.

O respeitavel prelado conheceu em seu sobrinho a affeição natural aos bons estudos, e desde então, por seus conselhos e esclarecida direcção, lhe facilitou a convivencia das musas antigas e modernas, por modo que o joven alumno em pouco tempo veiu a dispôr de seguro e amplo cabedal de lettras classicas, sem as quaes é quasi impossivel que um poeta, por superior que seja o seu talento, alcance jámais as qualidades que distinguem o verdadeiro engenho do incorrecto improvisador de lôas ou do inculto fazedor de fugitivas trovas e cantares.

Assim no remanso domestico chegou o sr. Garrett ao despontar da adolescencia, decorrendo-lhe os annos, não entre os brincos e folguedos infantis, senão em grave conversação e frequencia com as musas gregas e romanas, e com os mais auctorisados escriptores das modernas litteraturas, como de quem, já amadurecido o talento na aurora da existencia, se preparava de antemão para inscrever um nome justamente glorioso a par dos nomes tão populares de Gil Vicente e de Camões.

Veiu por aquelles tempos a vagar a mitra de Angra, e foi com ella condecorado D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia. Agora se abria, com esta promoção do tio, uma carreira honrosa e lucrativa para o sr. Garrett. Era natural que o bispo, ligado á Egreja pela ordem religiosa em que primeiro militára, e pelo episcopado a que subiu depois, desejasse aproveitar para o serviço da religião o talento superior, que já então, de certo, se manifestava claramente no futuro cantor de *D. Branca*. Levado pela piedosa ambição de que se não perdesse nas mundanidades do seculo uma intelligencia tão privilegiada, alcançou o bispo para o sobrinho um dos beneficios da ordem de Christo. Tomou o poeta ordens menores, e dispoz-se tudo para que viesse depois, professando n'aquella religiosa milicia, a seguir o estado ecclesiastico, para que entretanto não tinha decidida vocação. Chegando, porém, o anno de 1816, e entrando o poeta a frequentar o curso juridico da universidade de Coimbra, renunciou o beneficio, provavelmente com grande sentimento do velho prelado, que esperava a essas horas fazêl-o um dia figurar entre os mais subtis decretalistas do seu seculo.

Applicado ao estudo do direito na faculdade de

leis, o talento do sr. Garrett não se desmentiu nas provas academicas.

Não foi o sr. Garrett um d'estes alumnos que na sobranceria da sua indole, assoprados pela immodestia dos talentos mediocres, teem por desaire á poesia o cultivo das sciencias e o estudo da severa erudição. Assim como o bom Ferreira havia dito ao cardeal infante D. Henrique:

> Não fazem damno as musas aos doutores,
> Antes ajuda a suas lettras dão
> E com ellas merecem mais favores
> Que em tudo cabem, para tudo são.

O sr. Garrett entendeu que não fazia damno a austeridade e seccura dos doutores á amenidade das camenas. Entendeu, ao revez do que hoje é dogma entre versejadores ruins, que a sciencia não mata a inspiração, e que o poeta sem deslustrar a sua prosapia e gerarchia, e sem profanar o sacerdocio do Parnaso, podia e devia temperar os vôos da imaginação pelos raciocinios da sciencia. Hoje é quasi timbre de vates o ignorar a cartilha da instrucção elementar, e desprezar com um sobrecenho ridiculo os poetas da edade aurea das lettras antigas. De modo que nem os que assim pensam ser poetas, ficam sendo poetas, senão que nem

veem nunca a ser cidadãos prestantes e uteis á republica nos seus mais humildes exercicios e misteres.

O sr. Garrett cursou com exemplar assiduidade e applicação o primeiro anno juridico, e fazendo acto e não sendo premiado, como esperava, ficou em tanta maneira despeitado da injustiça contra elle commettida, que no anno seguinte, para provar a quanto alcançava a sua poderosa intelligencia, e para se desforrar do aggravo recebido, se foi matricular no primeiro anno do curso mathematico e philosophico. Os estudos eram ali, sem duvida, mais graves e demandavam talento mais seguro. As concepções e os raciocinios rigorosos da geometria e da analyse algebrica exigiam um espirito mais atilado e mais profundo do que as subtilezas, mais de convenção e de artificio, da jurisprudencia dos romanos. Apesar do firme intento em que o sr. Garrett persistia de abandonar a faculdade juridica, as intimações e os conselhos paternos o fizeram revogar a sua primeira resolução, voltando a cursar leis no segundo anno d'aquella faculdade.

Ao passo que o raciocinio se patenteava arguto e vigoroso, e a comprehensão rapida e segura para as aridas questões da jurisprudencia, a phantasia do poeta começava de florejar, com os

applausos dos seus companheiros academicos, os primores e formosuras, que a modestia, propria do genio no seu desabrochar, havia até então no seio da familia recatado á curiosidade dos estranhos.

Como succedeu a Antonio Ferreira, a Camões, a Sá de Miranda e a Bernardes, as musas perfilharam solemnemente o raro engenho do sr. Garrett entre os salgueiros do Mondego. Coimbra deve antes a sua principal reputação a haver sido quasi sempre a segunda patria dos poetas portuguezes, do que a ter sido por muitos seculos a metropole e o emporio das sciencias em Portugal. Parece que os talentos poeticos hão mister de receberem no Mondego a investidura da inspiração. É como se fôra ali o Permesso de Portugal, e como se as musas nacionaes se deliciassem em vaguear melancolicas na amenidade d'aquelles sitios, elegendo para sua Castalia a saudosissima *Fonte dos amores*.

III

Nos primeiros annos de frequencia na universidade, o sr. Garrett passou por um estudante de não commum talento, sem que ninguem adivinhasse que estava ali tambem o poeta, que depois e tão cedo havia de honrar, resuscitando-as, as verdadeiras musas portuguezas. No terceiro ou quarto anno, um acontecimento doloroso para a universidade veiu dar occasião para que se revelasse o que até então havia escapado á noticia da academia. Um cathedratico, o doutor Fortuna, veiu n'aquelle anno a fallecer. Era o professor em extremo popular entre a mocidade academica. O sr. Garrett tomou d'ahi pretexto para lamentar-lhe a morte e celebrar-lhe o saber e as virtudes em uma composição elegiaca, que, tornando-se logo conhecida, a todos patenteou o talento de seu auctor, e lhe augurou desde logo um futuro auspicioso na poesia nacional. Á semelhança de Cervantes, que dera os primeiros indicios

do seu genio n'uma poesia elegiaca, o sr. Garrett erguia-se poeta de sobre a lousa, onde fôra pagar a um mestre seu os affectuosos respeitos do discipulo.

Pouco depois a tragedia *Xerxes* foi a primeira composição mais grave em que o sr. Garrett manifestou o quanto era, e o para que valia, e poderia valer um dia, um estro predestinado pela Providencia a effectuar a mais larga e bem succedida revolução até hoje effectuada na litteratura nacional. Aquella obra dramatica, em que o talento original do poeta se podia já seguramente rastrear, atravez dos moldes classicos e das fórmas copiadas, que n'ella predominavam, nunca do theatro academico, onde se representou, saíu á luz da imprensa; com o que nos veiu a faltar um documento valioso, ao qual, como a um padrão dos primeiros annos do poeta, houvessem de comparar-se as obras de maior vulto, que depois de pouco tempo, e ainda na adolescencia, o sr. Garrett produziu e publicou.

A fórma dramatica era a que de preferencia se casava com as aspirações juvenis, e com a vocação que o sr. Garrett sentia incitar-lhe os brios de poeta. A época justificava em certa maneira aquella sua predilecção. Crendo-se já fadado para legar á posteridade o seu nome estampado no frontispicio de

grandes obras, como que desdenhava, seguindo o rasto dos talentos mediocres, medir as suas forças, apenas nos certames da poesia lyrica, e experimentar o vigor do seu pincel e o brilho do seu primoroso colorido na miniatura do poema erotico, ou na paisagem facil da ecloga e do idyllio. A epopéa heroica, como a entendiam e a prescreviam em regras impossiveis, e em exemplos infelizes, os praxistas da rhetorica e os pallidos imitadores da musa antiga, era para o talento um caminho infamado de tantos desastres recentes, e tão cortado de maus passos, que só a mediocridade se tentaria a ceifar loiros transitorios e enganadores, copiando servilmente os exemplos inimitaveis da antiguidade classica. A lyrica tinha sido cultivada largamente, e com succedimento por vezes glorioso, por muitos dos mais eminentes discipulos da Arcadia. Só o drama heroico parecêra intimidar os talentos d'aquella memoravel escola de poetas. Na brilhante pleiade de vates, que haviam illustrado os fins do seculo XVIII, como que se perderam as tradições da Melpomene portugueza, e o povo que fundára o theatro peninsular e insufflára uma vida nova na litteratura dramatica de toda a Europa, passava sem desforço pelo opprobrio de presencear, indolente e preguiçoso, a fecundidade com que as musas dra-

maticas enriqueciam por aquelles tempos a litteratura europeia, e principalmente a italiana e a franceza.

O sr. Garrett deveria pois eleger o theatro para ser o primeiro campo das suas glorias litterarias. Voltaire e Alfieri, fazendo servir os assumptos classicos á propagação das novas idéas liberaes e philosophicas, e polindo a rudeza da antiga fórma tragica pela suavidade e elegancia da musa cortezan, deveriam incitar muitas vezes a phantasia do sr. Garrett a que preenchesse, n'uma litteratura tão opulenta como a nossa, a lacuna com que a deslustrava a carencia quasi absoluta de um moderno theatro nacional.

Espirito altamente liberal e philosophico, o sr. Garrett não poderia já n'aquella edade haver escapado á propaganda das modernas idéas sociaes, nem permanecer estranho á agitação patriotica, que preludiava já, nos animos viris e nas intelligencias esclarecidas, a revolução popular que pouco depois iniciou a Portugal nos enthusiasmos da liberdade. A tragedia devia tentar o genio do poeta, não só pela difficuldade do genero, senão tambem por ser a formula mais popular e mais accommodada ás expansões de patriotismo e de liberdade. Sob a apparencia innocente de uma fabula entretecida

para enlevar o espirito, a tragedia prestava a illudir mais facilmente a censura do pensamento, e a intolerancia inquisitorial do governo absoluto. A tragedia falla ás paixões politicas pela allusão e pelo simile, quando a imprensa se cala sobre os assumptos publicos, e quando a tribuna não tem sido ainda inaugurada pela revolução, ou depois que a tem ermado a proscripção das liberdades. A historia é então a allegoria do presente. Os heroes veem, auctorisados pelas immunidades da poesia, flagellar pela espalda os tyrannos, que o pamphleto não póde verberar no rosto, nem a philippica sentencear e punir do alto da tribuna nacional. Lucrecia, caindo ensanguentada na scena, é a accusação da tyrannia. Bruto, tapando os olhos, para não ver a cabeça de seu filho destroncada pela secure do lictor, é a apotheose das virtudes democraticas. Catão, expirando em Utica, é o protesto eloquente com que a liberdade succumbe, execrando o nome dos oppressores. A tragedia, parecendo deliciar apenas a imaginação, fere-a primeiro a ella, mas repercute o golpe no coração. Se falla aos instinctos poeticos, accende ao mesmo tempo as paixões da multidão. Eschines e Sophocles mantinham, pela força imperativa do seu genio, as tradições em que se cifrava o patrio-

tismo hellenico, e robusteciam pelos exemplos historicos, animados pela acção da scena, as crenças populares e os brios guerreiros da sua gente. Nos tempos modernos o cothurno sobrelevou na sua alta missão civilisadora e patriotica ás mil outras fórmas do pensamento litterario. As tragedias de Voltaire e de Alfieri, inspiradas pela idéa revolucionaria do seculo passado, teem direito a reclamar para si os titulos de uma valiosa collaboração na empresa de vindicar contra os oppressores os direitos imprescriptiveis da humanidade.

Por isso o sr. Garrett, depois de escripta a sua tragedia *Xerxes*, não descontinuou de cultivar o theatro heroico, e escreveu em 1819 a sua *Lucrecia*, que só se tornou publica por haver sido representada por estudantes no pequeno theatro de Coimbra. D'aquella composição dramatica ainda restam alguns fragmentos, em que ha alguns versos notaveis pela sua energia e sonoridade. Tanto a *Lucrecia* como o *Xerxes* provavam que o poeta, ainda erudito seguidor das musas classicas e dos seus mais notaveis imitadores entre os modernos, não havia pela propria meditação proscripto as convenções da arte aristotelica, para voar, emancipado de rotineiros preceptistas, ao sabor de uma inspiração original e espontanea.

É condão, ainda das mais privilegiadas intelligencias, que primeiro trilhem pela imitação as sendas conhecidas, antes de elevarem-se acima dos modelos, para adivinhar novos horizontes e aspectos novos na arte e na litteratura. Primeiro ha de o pintor pasmar diante das obras dos grandes mestres, antes que ouse trasladar para a téla os primores da sua propria imaginativa. Precisa o genio, por fecundo e opulento que o haja Deus afeiçoado, de estudar a idéa do bello, concreta nas fórmas sensiveis e conhecidas, antes de a descobrir á luz da propria phantasia no mundo subjectivo e intelligivel. Por isso os primeiros cantos do sr. Garrett denunciam uma lyra temperada pelos tons dominantes na poesia que era ainda popular nos primeiros annos do poeta.

O sr. Garrett nascêra para improvisar sem interrupção a nova litteratura da sua patria sobre as ruinas da Arcadia, onde cessára havia pouco de vibrar a voz sympathica de Bocage, o mais imaginoso e o mais canoro de todos os seus representantes e pastores. O sr. Garrett pagou á musa classica, que morria, os ultimos respeitos que se devem a uma realeza gloriosa que está prestes a expirar.

A *Mérope,* que o poeta começou a escrever depois de compostas as duas tragedias já citadas, e

que depois a imprensa divulgou, diz-nol-o o proprio auctor, foi calcada sobre as tragedias que do mesmo nome nos deixaram Alfieri e Maffei, e é, segundo as suas proprias reflexões, *um mero reflexo* d'aquelles tragicos italianos. Póde dizer-se que aquellas primeiras tragedias foram como que os *estudos do antigo*, com que o cantor de *D. Branca* e de *Camões* industriava o pincel no colorido e no debuxo, para depois, nos quadros da sua mais primorosa e original *maneira de pintar,* temperar e corrigir a fogosa liberdade da palheta romantica pela elegancia mesurada e pela simpleza e harmonia do cinzel greco-romano.

IV

Em 1820 a revolução iniciou Portugal no culto ardente e apaixonado da liberdade. A revolução que dera desde Paris a volta pela Europa, a revolução que desde os seus primeiros lampejos em França illuminára em toda a parte os espiritos esclarecidos e os corações insoffridos e patrioticos, entrou solemnemente na nossa terra, e inaugurou entre acclamações enthusiasticas e em meio de triumphos incruentos o seu primeiro e curto noviciado. A monarchia velha, condemnada pelas theorias da republica franceza, e desprestigiada em Portugal pela desidia e pela covardia dos seus primeiros representantes, cedeu diante da revolução, que reclamava a soberania, não pelo clamor das classes populares, senão pela voz imperiosa do exercito e de muitos dos seus caudilhos, que se haviam associado á conjuração de alguns homens decididos das gerarchias superiores da sociedade.

A revolução mandára prégar em toda a Europa a liberdade e a renovação social ao som do canhão dos exercitos republicanos. A Portugal só haviam chegado os echos moribundos da revolução, quando um soldado feliz a havia desde alguns annos algemado. A França por muitos annos inoculára nas velhas nações da Europa o espirito das suas instituições e o contagio das suas idéas pela invasão dos seus conscriptos. Adoçára sempre a conquista dos territorios pela alforria politica dos cidadãos. A conquista significára para a republica o baptismo revolucionario dos paizes invadidos; os seus generaes e os seus exercitos levavam a guerra aos monarchas, e a rehabilitação social aos povos opprimidos pelo despotismo.

Quando a França nos enviava as suas legiões, era o sôpro da revolução que ainda as impellia para as nossas fronteiras; mas as aguias que marchavam na sua frente significavam que a França renunciára ao apostolado da liberdade para se entregar ao delirio da conquista. A invasão franceza não queria dizer já, como nos tempos da republica, que a França nos convidava pela intimação das armas a commungarmos no culto democratico; significava apenas que o vencedor da Europa colligada apagava dos nossos pendões as quinas venerandas,

para estampar-lhe no campo profanado o brazão das suas victorias, e annullava com a irrupção dos seus exercitos os nossos feitos de sete seculos para reduzir a antiga metropole das conquistas orientaes á condição opprobriosa de um departamento do seu imperio. Trocava a degradação pela degradação, a tyrannia pela tyrannia. Espedaçava um throno, onde o despotismo tinha ainda ao menos o esplendor das glorias herdadas, e o prestigio da tradição dymnastica, para lhe substituir um despotismo improvisado e forasteiro. A nação ergueu-se e protestou contra a arrogancia do estrangeiro. Desamparado pelo monarcha, apesar do seu desvalimento e orfandade, o povo ousou reptar o vencedor de cem batalhas, e, David de um novo e mais temeroso Goliath, saíu a campo a combatêl-o. O povo que não pudera associar-se á revolução e á republica indignou-se de venerar a reacção e o imperio. Os destinos haviam-lhe impedido de assistir livre á apotheose momentanea da liberdade europeia; não lhe consentiu o patriotismo e o pundonor que assistisse escravo no territorio sagrado da patria á insultuosa apotheose do absolutismo estrangeiro.

O rei fugira deixando subditos em Portugal; a guerra nacional despertou-os um dia soldados. Não

havia exercito organisado, e o povo, insurgindo-se, improvisou-o nos recontros e nas batalhas. Não havia finanças, suppriu-as a dedicação; não havia caudilhos determinados, e as phalanges portuguezas batalharam ao grito de patria, que é nos trances angustiosos das nações, e nas quadras nefastas de desamparo nacional como que o general invisivel, mas prestigioso, que dirige o povo, nos dias terriveis do seu enthusiasmo e do seu furor, aos grandes commettimentos patrioticos, e ás difficultosas empresas nacionaes.

Um povo que se não envileceu até á indifferença, e que se não degradou até ao materialismo, ha mister de um elemento moral que lhe dê vida, e que lhe mantenha a inspiração. A inspiração de um povo chama-se na paz a liberdade; a vida de uma nação chama-se na guerra a gloria. Um povo, a quem roubam a liberdade no *forum* publico, e que não protesta pela insurreição contra a violação da sua dignidade politica, é um povo que está prestes a sumir-se na lista das nações. Um povo, que no campo da batalha não freme de enthusiasmo, e se não enleva no espiritualismo das glorias nacionaes, é um povo que se offerece em almoeda á cobiça dos estrangeiros.

A nação portugueza armou-se contra Napoleão.

Durante seis annos foi a gloria o seu enthusiasmo, e a liberdade esqueceu, offuscada pelos clarões esplendidos da gloria. Os cidadãos cobiçaram os loiros marciaes, e não tiveram tempo de invejar as coroas civicas de carvalho. Preoccupados generosamente da patria commum, os portuguezes deslembraram a sua rehabilitação de cidadãos. Veiu a paz depois das batalhas e das victorias; as reliquias dos exercitos voltaram a pisar o solo nacional, desaffrontado da violação dos estrangeiros. Os cidadãos haviam defendido a patria; ella estava livre da dominação estranha; mas elles estavam como d'antes assoberbados ao antigo despotismo. O soldado, pendurando os seus trophéos na cabana da aldeia, despidas as armas vencedoras para volver aos misteres e aos trabalhos da paz, abdicando a dignidade militar, entrava de novo na servidão commum, e, depois de ter collaborado n'uma pagina gloriosa da historia nacional, achava no reverso a ignominia de outros não menos insolentes estrangeiros, governando a Portugal, e encontrava em recompensa das suas fadigas a oppressão da velha monarchia, o privilegio insolente das classes privilegiadas, o desprezo dos seus direitos, o assassinato juridico de Gomes Freire e dos seus associados, abrindo a carreira á sanguinolenta justiça politica,

que infamou por tantos annos a decrepidez e a agonia do absolutismo.

A gloria brilhou ainda no seio da patria, e illuminou os festejos publicos que celebravam a victoria das armas nacionaes e a vindicação de Portugal contra a arrogancia de Napoleão. Os loiros esfolharam-se, os disticos sumiram-se nos arcos triumphaes. Os hymnos perderam-se com os seus ultimos echos. As lyras dos vates patrioticos voltaram ao silencio depois do cansaço de tantas glorias. A velha monarchia fôra evocada á vida por uma resurreição ephemera. Despregou-se-lhe a purpura com que lhe haviam occultado as chagas para a saudarem nos dias do triumpho. Caíu-lhe o laurel que lhe assentára na fronte a gloria nacional. O Lazaro appareceu então na sua hediondez. Os homens mais patriotas e mais illustrados envergonharam-se de que Portugal assistisse durante trinta annos á queda e á renovação das instituições e dos costumes, sem aproveitar as conquistas da civilisação politica, e sem tirar nenhum proveitoso ensinamento d'estas grandes theses humanitarias, debatidas pela eloquencia e pelas bayonetas nas assembleias politicas e nos campos de batalha. Portugal era então quasi o unico paiz da Europa culta, onde a liberdade não tivesse estanceado ao menos um momento. Era

como um trecho da edade média encravado por um contrasenso historico em pleno seculo decimo nono.

A revolução tornou-se necessariamente sympathica aos homens que na flor da juventude, na cultura das lettras, no fervor das innovações, e na sua justa e patriotica indignação contra o despotismo d'aquelles tempos, achavam sobejos motivos para saudar a liberdade, como um nume que elles haviam acatado sempre de longe, a que, entre os receios da perseguição, haviam sempre confessado, e a que iam agora render homenagens publicas e solemnes sem o temor das proscripções politicas, e sem o terror das censuras e das punições inquisitoriaes. Pullulavam na universidade e nas escolas, como sempre, os proselytos e os evangelisadores da reformação politica. Corações juvenis, abriam-se nas suas ágapes secretas a todos os affectos do patriotismo, e a todos os sentimentos de pundonor civico e de dignidade nacional. Espiritos illuminados, haviam antegostado nas suas leituras íntimas e nas suas mutuas confidencias, os deleites da liberdade. Consciencias immaculadas, como são as da adolescencia, escandalisava-os a degradação da patria, o abandono da côrte, a insolencia dos estrangeiros, o cumulo dos abusos inveterados. Doia-lhes

n'alma que Portugal fosse de dia para dia contraindo moralmente as suas fronteiras e figurando no mappa da Europa como uma colonia do Brazil, assoberbada opprobriosamente por um proconsul da Grã-Bretanha. Affrontava-os a idéa de que só em Portugal a arvore centenaria do despotismo erguesse ainda o tronco carcomido, sem que, a exemplo de todos os povos do continente, o sôpro da revolução lhe viesse açoutar e destroncar a ramada, e quebrar a haste que em vão aprofundava as raizes no solo outr'ora glorioso da monarchia cavalleirosa e conquistadora.

O sr. Garrett, na primavera dos annos, n'esta quadra risonha em que o coração pulsa quasi sempre generoso e romanesco, invocando o amor e saudando a liberdade, poz o seu talento e o seu esforço ao serviço das novas idéas politicas, e offereceu á patria libertada como que as primicias do seu engenho lyrico, e foi então o Pindaro da revolução, como mais tarde na Terceira havia de ser o inspirado Tyrteu das phalanges liberaes.

A universidade festejou o advento da liberdade. Como é sempre de uso n'estes momentos de enthusiasmo, em que se julga a revolução consolidada, e impossivel para sempre o desforço da reacção, os prosadores e os poetas vieram celebrar em justas

academicas o que então se chamava e se cria ser a regeneração de Portugal. Na sala dos capellos da universidade recitou o sr. Garrett uma ode, ou antes discurso em verso, em que o estylo proprio do poeta e os dotes caracteristicos do seu talento puderam já transluzir mais livremente do que nas suas precedentes composições, porque cantava um assumpto novo para Portugal, e porque, para mover os animos dos seus concidadãos, o poeta só tinha de inspirar-se na sua íntima convicção e nos sentimentos puramente nacionaes. Cantando a liberdade moderna, a sua musa podia correr mais solta de imitação e menos timida na innovação e na originalidade. Cantando o patriotismo, o poeta havia de ser necessariamente mais portuguez do que nos seus primeiros ensaios metricos, moldados segundo os rigorosos estatutos até então vigentes no Parnaso.

V

A primeira obra impressa do sr. Garrett foi quasi contemporanea dos primeiros dias da liberdade de imprensa em Portugal. É o *Retrato de Venus*, publicado em Coimbra em 1821, e de que são já hoje mui raros os exemplares, por não se haver nunca feito d'elle uma segunda edição.

O *Retrato de Venus* é, na ordem chronologica, o primeiro ensaio, que de maior vulto o sr. Garrett tentou fóra do genero tragico, em que havia celebrado a sua estreia.

Ainda que publicado sómente em 1821, diz-nos o poeta em uma nota, que o *Retrato de Venus* fôra escripto aos dezesete annos. Pobre de invenção para aspirar ás honras de um poema acabado e de uma composição original e bella, o *Retrato de Venus* demonstra já, na valentia e na sonoridade dos seus versos, no florido e animado do seu estylo, e nas galas e bizarrias da sua linguagem verdadeiramente

portugueza e classica, o que havia de vir a ser o vate, quando deixando de hesitar entre a escola sympathica de Elmano, e a musa correcta, mas aspera de Filinto, se abandonasse á inspiração propria, e, desdenhados os «aureos numes de Ascreu», se elevasse até o ideal e o melancolico da poesia verdadeiramente nacional e christan.

O *Retrato de Venus* é, na sua composição e no seu desenho, nas tintas e no claro escuro, um esboceto, uma reminiscencia da poesia arcadiana. Relevam-n'o aqui e acolá alguns toques philosophicos, e algumas allusões politicas, alguns trechos de sonora e vehemente declamação denunciam que o poeta saíu ás vezes do campo neutro da Arcadia, da abstracção innocente dos Elpinos e dos Menalcas, para se inspirar de relance e ainda timidamente na escola voltairiana, que o absolutismo e a inquisição tornavam ainda n'aquelle tempo um contrabando arriscado em Portugal.

O *Retrato de Venus,* se o houvermos de classificar pelas convenções da escola a que pertence, não se sabe de certo em que categoria o havemos de filiar. Tem ares de poema, na sua maior parte, didactico, se bem que, para não mentir ao titulo, o abrilhante, em algumas passagens, um colorido erotico, em que o proprio Catullo não julgaria

muito guardados os fóros da castidade. O poema foi evidentemente escripto para celebrar as maravilhas da pintura, e para caracterisar a traços largos as diversas escolas e os mais insignes artistas que desde Zeuxis e Apelles fizeram da pintura a poesia das fórmas e das côres. A mãe dos Amores entra no poema como o pretexto de uma descripção. A deusa de Paphos occupa o meio do quadro, para que em redor lhe revoem os pintores illustres, cuja enumeração e elogio descairia porventura no trivial e no commum, se, desprendidos de toda a fabula, houvessem de reduzir-se a um indice chronologico, disfarçado nas pompas do verso hendecasyllabo.

Toda a traça do poemeto se resume a uma historia simplicissima. São os amores de Venus e de Adonis; são os reparos que se fazem no Olympo, sobre estas infracções da fidelidade conjugal; são os maliciosos commentarios dos numes, e principalmente das deusas, que, como mulheres, sorriem e se deliciam com os desvarios da sua formosissima rival, e com os infortunios do marido; são os zêlos ardentes de Marte, que se indigna com ter por seu rival um moço imberbe e afeminado; são os melindres offendidos de Vulcano, que, por dar uma satisfação, como diriamos hoje, á opinião

publica, lá vae, symbolo dos maridos pacientes, e que são sempre os ultimos a comprehender os escandalos da sua casa, coxeando e arrastrando-se em busca da infiel. A consorte leviana anda naturalmente por vergeis de Gnido libando os encantos do amor illegal, e prodigalisando ao mancebo afortunado os mimos e caricias, sonegados á bruteza do deus ferreiro. É preciso esconder Adonis e poupál-o ao desforço dos numes irritados. São as Graças, que por ordem sua lhe ficam de atalaia nos rosaes de Paphos, e a deusa, pondo a bom recado o seu timido favorito, sobe ao Olympo a conjurar com a eloquencia da seducção a tempestade que a sua ausencia apparelhára na mansão dos immortaes.

Paphos é, porém, terra muito vulgar para abrigo de namorados. Está na carta geographica dos deuses, e não ha ninguem no Olympo que lhe não saiba mais ou menos o caminho. Venus transporta Adonis para uma ilha remota e desconhecida. Está assente em mar nunca sulcado, para além do cabo das Tormentas. Os deuses gregos, que, segundo a mythologia poetica, não são dos mais avisados em geographia moderna, não poderão de certo agora desencantar na ilha ignota o paradeiro do criminoso amante. Mas a pobre Venus não póde assistir,

como quizera, dia e noite, ao lado do predilecto do seu amor. É mister que furte ás vezes o coração aos delirios e aos extasis da sua paixão illicita, para disfarçar, apresentando-se no Olympo, a vehemencia dos seus desejos e a voluptuosidade do seu amor. Mas, n'essas horas de ausencia, o pobre Adonis terá o retrato d'ella, para a estar contemplando, para estar, nos seus transportes d'alma, mitigando saudades, e ideando requebros novos, e anhelando novos deleites, e suspirando prazeres nunca d'antes sentidos nem gostados. Cupido vôa com a sua guarda de honra de alados amorinhos a discorrer o mundo, em demanda de pintores para reproduzirem na téla o transumpto de todas as perfeições e de todos os encantos da Cyprina. Todas as escolas accorrem a este convite erotico. As palhetas brotam novas tintas, e os pinceis vibram de novo nas mãos dos artistas de todos os seculos, e a inspiração e a voluptuosidade aguçam-lhes o estro, incendem-lhes os corações para que possam pela mais poderosa de todas as artes, copiar em obras humanas o divino ideal da gentileza e da volupia.

A invocação á natureza denuncia logo ao abrir do primeiro canto a pretenção philosophica e materialista, propria d'aquelle tempo, e perdoavel na

curta edade do poeta. O sr. Garrett havia bebido na litteratura antiga. Elle proprio, nas notas ao primeiro canto, cita como o seu modêlo dos primeiros versos a Lucrecio, o poeta naturalista, o poeta que teve o raro engenho de tornar magestoso o atheismo, e ideal a impiedade de Epicuro.

O que no *Retrato de Venus* ha de amoroso é calcado sobre os modelos classicos. O amor é ali puramente carnal. A arte é, com poucas excepções na antiguidade, antes a cópia idealisada da natureza physica, do que a traducção dos typos intelligiveis. As estatuas de Praxiteles e de Phidias são correctas no desenho, e admiraveis no primor de execução; mas, atravez dos contornos do Jupiter olympico e da celebrada Venus do estatuario grego, não ressumbra esta animação phantastica, este *quid* immaterial, que releva e quasi divinisa a figura sublime de Moysés, sob o cinzel de Miguel Angelo. A arte antiga abaixa a representação dos entes sobrenaturaes até ás proporções da belleza terrenal e humana. A arte moderna, pelo contrario, tende a idealisar os sentimentos, e a levantar as creaturas acima do nivel do natural e do commum. Na arte antiga os deuses descem a conviver entre os homens, imitando-lhes a estatura e copiando-lhes as paixões. Na arte moderna os homens como que despem os

envoltorios materiaes, e a alma purificada revôa nas phantasticas regiões do infinito. As Lesbias e as Cynthias de Horacio e de Propercio convidam pela exposição mundana dos seus encantos physicos ás bacchanaes do amor. A Julia de Lamartine, a Ophelia de Shakespeare, associam pelo contrario o pudor ao sentimento, e imprimem á voluptuosidade dos sentidos o travo da tristeza e o amargor da melancolia. Na poesia antiga o amor é uma orgia. Na moderna é muitas vezes um martyrio. Ás mulheres que a musa antiga vae copiar á natureza, cinge-lhes apenas a tunica vaporosa, unge-lhes as tranças soltas em essencias voluptuarias, engrinalda-lhes a fronte lasciva de capellas odoriferas, recosta-as languidas e impudicas nos triclinios dos banquetes, e, no meio do seu triumpho momentaneo, dá-lhes por sceptro a taça de Falerno, e completa as seducções de Venus pelos delirios de Lyeu. A lyra moderna endeusa a mulher, para fazer do amor um culto. Comprazia-se o poeta romano em celebrar a mulher no tumulto dos festins, e no esplendor e na publicidade da corrupção antiga. O poeta de hoje suspira amores nas melancolicas soidões, nas ruinas desertas do mosteiro, nas torres derrocadas do castello, na floresta onde as arvores entoam, ramalhando, um canto lugubre,

nas serranias, onde os vapores do crepusculo desenham imagens phantasticas e imitam apparições preternaturaes. A poesia erotica dos antigos é quasi sempre jubilosa como o *evohé* de uma orgia, porque celebra o prazer. A de hoje é quasi sempre melancolica e plangente, porque se inspira na saudade.

O *Retrato de Venus* resente-se do materialismo da escola em que se filia. Percebe-se-lhe em varios trechos, na sonoridade e na cadencia dos seus versos, que o sr. Garrett modulava os seus cantos pela animação um pouco affectada, e pelo numero de algum modo amaneirado da musa bocagiana. Mas a predilecção pelas palavras menos triviaes e alatinadas, pelas vozes archaicas, a abundancia das phrases quinhentistas, e o esmero classico na maneira de dizer, estão a cada passo traindo no poeta um leitor assiduo e um apaixonado imitador de Francisco Manuel. Mas em meio d'esta conscienciosa imitação dos vates, que então dividiam entre si a soberania das lettras patrias, adivinha-se a originalidade do sentir, e percebe-se o poeta que, rendendo preito ás convenções e ás formulas poeticas dos seus tempos, começa já de retemperar o engenho na inspiração do seculo em que tinha de florecer.

Como não é formosa a voluptuaria languidez da mãe dos Amores, suspirando nos braços do seu dilecto! Que perfume erotico, que suavidade e que ternura não espira de si a meiga Venus, desenhada com as tintas ideaes que o sr. Garrett sabe ainda, depois de tão lidadas e gastas, extrair da palheta greco-romana!

Nas languidas pupillas lhe transluze
O prazer divinal, que a opprime, e anceia:
Nos inflammados beijos, nas caricias,
No palpitar do seio voluptuoso,
No lascivo apertar dos braços niveos,
Nos olhos, em que a luz quasi se extingue,
Na interrompida voz, que balbucia,
Nos derradeiros ais que desfallecem...
Quem do prazer não reconhece a deusa
No excesso do prazer quasi espirando?
Sorri-lhe ao lado o filho de travesso,
E d'entre o myrtho as candidas pombinhas
C'o estremecido arrulho a dona imitam.

A descripção da ilha deliciosa, onde Venus esconde o objecto dos seus illicitos amores, prova que o sr. Garrett podia já entrar em competencia com os mais imaginosos paisagistas da antiga e da moderna poesia.

Jaz muito além do tormentorio cabo,
(Sempiterno brazão da lusa gloria)
Em não sabido mar, jamais sulcado,

Ilha aprazivel, deliciosa, e breve.
A mão dos homens, destruidora, e barbara
Mimos da creação não lhe estragára.
A seu grado crescia o bosque, a selva;
Vecejava sem leis o prado ameno;
D'alvas pedrinhas pelo leito amigo
Se espriguiçava o crystalino arroio,
Sem temer que impia dextra ouse perversa,
No brando curso interromper-lhe as aguas.
Presas não gemem fugitivas Nayas,
Nem Dryades gentis feridas choram:
Sem arte a natureza era ainda a mesma.
No mais escuro do copado bosque
Ternas suspiram maviosas rôlas;
E em mais alegres sons, prazer mais ledo,
A meiga ave d'amor no arrulho exprime.
Outro vivente algum a aura fagueira
Não ousa respirar. Silencio eterno
Impera na soidão, dobra-lhe encantos.

Desde os versos finaes do primeiro canto até quasi ao meio do quarto e ultimo, decorre uma enumeração de todos os pintores, que illustraram a arte antiga, e que, desde o renascimento das boas artes, formaram as differentes escolas, desde Cimabue, o patriarcha e primeiro restaurador na edade média, até á escola portugueza, se escola se póde dizer que teem formado os cultores da pintura em Portugal.

A verdadeira poesia, deixada a trilha didascalica, que seguiu no segundo e no terceiro canto,

reapparece, quando os amores, escoltando de todos os angulos da Europa os artistas inspirados, os conduzem até ao delicioso retiro onde a deusa de Gnido recata o seu amante ao ciume e á malevolencia dos immortaes. É Venus, é o typo ideal da formosura, quem se apresenta por modêlo á inspiração de todos os pintores, ao debuxo e ás tintas de todas as escolas. É agora que o poemeto justifica o titulo, e que, deixando de ser uma dissertação historica e artistica em versos cadenciosos e valentes, attinge rapidamente e n'um esboceto apenas assombreado as proporções de uma concepção original e imaginosa.

Assim lhes falla a carinhosa Venus:
«Vinde, ó filhos, que um nome tão suave
«Vossos dotes merecem; vinde: e a empresa,
«Que na mente revolvo, effeituae-me.
«Não mando, peço... (Ah! d'uma bella o rogo
«Quanto mais vale, que uma lei d'um nume!)
«Retratae-me, ó pintores.» N'isto a deusa
O mimoso sendal, já pouco avaro
Do thesouro, despiu. Quantas bellezas,
Que divinos encantos não descobrem,
Não pesquisam, não vêem avidos olhos!
Sonhos da phantasia, ah! não sois nada!
Guindado imaginar, ideal belleza,
É frouxo o vôo, limitado o arrôjo;
Não tenteis franquear mysterios tantos.
Cai das mãos o pincel, sem que o percebam,
Aos pintores na vista embevecidos;

No Olympo os deuses, ignorando a causa,
De insolito prazer sentem banhar-se.
A natureza inteira revolveu-se;
Sonhada, pythagorica harmonia
Nas espheras soou mais branda e doce.
Aos entes todos pelas veias lavra
O incentivo do gosto; gemem ternas,
Que ha pouco uivaram, pelo bosque as feras;
Arrulharam d'amor meigas pombinhas.
.....
Ah! muitas vezes não descubras, Venus,
Magos encantos; ou verás que em breve
Á força de prazer se extingue o mundo.

Recobram-se os pintores do assombro em que os enlevára a apparição fascinadora da deusa de Chypre. O estro, pouco antes vencido e obumbrado pela magestade e pela seducção da formosura celeste, resplende novamente em todo o seu brilho e galhardia. Ora contemplam os artistas os contornos e as feições da encantadora divindade, ora lhes passam animados e ligeiros sobre o quadro os pinceis omnipotentes. É ella... é Venus... É agora que o poeta esquece a erudição e a historia da arte, para demonstrar que os traços e o colorido da palavra podem na téla do poema rivalisar em grandeza de concepção e no correcto do debuxo, com a palheta mais opulenta e imaginosa, com o mais arrojado e phantastico cinzel.

Eis a fórma gentil do corpo airoso
Salta, deslisa o fundo apavonado;
Roseos descurvam, se arredondam braços;
Ondeiam n'alva fronte as tranças d'ebano;
Doce brilham de amor os olhos meigos.
Os meigos olhos, que prazer scintillam,
Que o facho accendem dos desejos soffregos,
E contra o debil resistir do pejo
Do atrevido mancebo a audacia imploram.
Nas lindas faces purpureia a rosa
Que insensivel esvai na côr de neve;
Sorri nos labios o delirio, o encanto.
Que importuna razão tam doce afasta,
Que avidos beijos deliciosos, ternos,
Annuncios de prazer, mutuam fervidos.
Despontam no alvo, crystalino collo,
Os arcanos d'amor, que anceiam d'elle...

Um poema consagrado á apotheose da belleza e do amor devia terminar por uma apostrophe eloquente á mulher que então reinava no coração do poeta, n'aquella edade em que o amor é um delirio, e em que a mulher que se idolatra, aviva e engrandece a cada instante a inspiração, e se consubstancia com tudo o que a natureza offerece de mais suave, e o que a arte concebe de mais ideal e de mais puro. A Venus, que o poeta retrata n'aquelles versos apaixonados, tem um typo visivel sobre a terra... É a *Analia*, cujos encantos, cujas seducções elle bosqueja nos versos finaes, dignos de rivalisar, na

fluidez e na harmonia, com os mais affectuosos carmes da lyra antiga.

E foram estes versos, em que o poeta desata dos hombros a tunica subtil da sua amada, para lhe patentear, com alguma infracção do decoro feminil, as mais recatadas perfeições, os que, de certo, attraíram sobre o poema a nota de licencioso, assim como as affectações de materialismo lhe valeram a censura de propender para a impiedade.

VI

A revolução de 1820 é preciso não a julgar, nas praticas da sua existencia democratica, pelo que tinha de liberal e de democratico o seu credo revolucionario. É coisa notavel que na revolução as palavras precedem as idéas, as formulas á reformação publica, o sentimento ao raciocinio, e o enthusiasmo febricitante e supersticioso ao culto racionavel da verdadeira democracia. O povo presente a liberdade antes de a gosar. Acostumado a venerál-a de longe e timidamente, basta-lhe nos primeiros dias do triumpho a lettra morta da liberdade antes do verbo democratico incarnado nas instituições e nos costumes. A aurora da revolução passa-se em ovações e em jaculatorias. Para estes festejos basta por orago uma abstracção e um nome. Para esta idolatria cega é sufficiente uma pomposa, embora van, invocação. Para esta religião ainda mesclada das antigas crenças nacionaes, é bastante um idolo,

que o povo prostra e exalta successivamente na sua inexperiencia apenas corrigida pelos primeiros vislumbres do instincto popular.

Os liberaes de 1820 tinham toda a sciencia especulativa dos revolucionarios sem o arrojo pratico das grandes reformas publicas. Eram, por assim dizer, uns demagogos academicos, que faziam da revolução um thema de disputações e um certame de dialectica. Ninguem mais do que elles sabia todos os antecedentes da grande revolução franceza. Não lhes eram reconditos os thesouros de toda a boa erudição democratica, nem lhes faltaram nunca as comparações campanudas da democracia antiga, nem os similes oratorios da revolução de França. Tinham de cór os eloquentes desvarios de Rousseau, e sabiam paraphrasear a tempo um trecho apropriado do *Choix de Rapports*. Faziam da liberdade um hymno, e da revolução um circo apparatoso. A par dos mais inspirados improvisos sobre a soberania popular, ouriçavam-se-lhes de terror santo as cabelleiras apolvilhadas ao menor tentame de verdadeira emancipação popular. N'aquella revolução não se póde dizer que houvesse entrado o povo em toda a magestade dos seus brios, em todo o esplendor da sua omnipotencia. Eram em grande parte as classes privilegiadas as que recrutavam no

seu seio os primeiros campeões da cruzada liberal. Os fidalgos provincianos, que haviam levado a abnegação ao extremo de se constituirem patronos e fautores da liberdade, faziam os mais patrioticos idyllios sobre a egualdade, salva sempre a generosidade da sua prosapia, e a pureza dos seus escudos e brazões; mas entibiava-se-lhes a consciencia ao menor assomo de reformação na propriedade, e á menor indicação de nivelamento nos proventos e nos encargos sociaes.

O desembargador, ao revez do que eram, e são ainda todos os jurisconsultos, os esteios do despotismo, e os apostolos da ordem materialista, achava na jurisprudencia razões e argumentos favoraveis á liberdade, e punha as pandectas de sentinella ao capitolio da patria regenerada; mas julgaria infamada a magestade da toga judiciaria, se alguem ousasse metter ordem no cahos da lei civil, e na oligarchia infrene da velha magistratura. O militar offerecia a sua espada e o seu braço para a defensão da liberdade, mas, docil a todas as reformas, e censor de todos os abusos, estremecia com a só idéa de alterar n'um apice a aristocracia das armas, e o caracter patriciano da profissão guerreira. Cada um cedia nas aras da patria os privilegios das outras classes, mas perseverava obstinado na con-

servação das suas proprias prerogativas. Havia só um ponto em que todos accordavam. Era a liberdade. Ora a liberdade não podia ser uma abstracção. Para ser verdadeira, é mister que seja a synthese de todas as liberdades, e a harmonia racional de todas as franquias cidadans. Em 1820 a constituição mais democratica nas formulas e nos dizeres coexistiu com a tradição viva e estavel da monarchia que se julgava derrocar. Se um marquez, inflado da preeminencia da sua raça, opulento de tributos senhoreaes, e de vastas possessões hereditarias, adorna, em dia de commoção e de passageiro dominio popular, o seu chapéu agaloado com o laço republicano, só os simples poderão acreditar que um dixe insignificante terá força de annullar as tradições de muitos seculos e de retemperar o orgulhoso patricio no baptismo democratico. Pois foi o que em 1820 aconteceu á monarchia em Portugal. Trouxeram-n'a em todo o fulgor das suas pompas, na séde curul, a estancear um momento no fôro. Por sobre a dalmatica real, deslumbrante de brocados e de pedrarias, lançaram-lhe a tunica plebeia. O sceptro incamaram-lh'o de carvalho civico; e sobre os lizes da coroa suspenderam ligeiramente o barrete da democracia. Revestida a monarchia com os novos paramentos liberaes, dei-

xaram-lhe ao redor todas as instituições já condemnadas. Puzeram-lhe nas mãos a carta das liberdades, e deixaram-lhe ao redor o cortejo do despotismo. Era claro que a monarchia assim, apparentemente, desfigurada, só podia entrar alguns dias na farça da liberdade, emquanto ensaiava com recato a tragedia da reacção.

Mal se plantaram então as primeiras instituições revolucionarias, e ficaram todas de pé as instituições do absolutismo. Os mesmos privilegios de fidalguia; a mesma organisação absurda de tribunaes; o mesmo systema de tributos; o mesmo principio e a mesma essencia na instrucção official; o desembargo do paço e a chancellaria-mór do reino campeando a par dos direitos do homem; os alcaides-móres e os donatarios em amigavel sociedade com o suffragio popular; os direitos banaes avisinhando com a soberania do povo; as privanças nobiliarias servindo de glosa e de explicação á egualdade constitucional. Só a inquisição veiu a terra com o abalo. Estava decrepita e invalida. O marquez de Pombal accendêra pela ultima vez as fogueiras. Desde então aquella humana instituição durava como uma tradição sinistra, e agonisava como uma entidade ferida de quasi unanime reprovação. A inquisição, tornando-se compassiva,

suicidava-se. Uma idéa que vive do terror, aniquila-se pela brandura. A monarchia envenena-se, mesmo dando um escanho humilde á democracia, junto aos degraus do solio. A republica annulla-se, dando pela anarchia treguas á liberdade, e brios ao despotismo pela dictadura. A inquisição assigna a sua sentença, deixando extinguir uma vez o fogo implacavel da vindicta religiosa.

Não admira que n'uma quadra revolucionaria, de tão inauditas excentricidades, e de tão frisantes contradicções politicas e sociaes, vacillasse ainda a imprensa, entre o desafogo democratico e a censoria official. O que é certo é que o *Retrato de Venus* foi denunciado como offensivo aos bons costumes, e que o primeiro poema do sr. Garrett foi ao mesmo tempo o corpo de delicto em que assentou o primeiro julgamento do jury da imprensa em Portugal. Em Coimbra se instaurou a causa, mas, trasladada depois para Lisboa, aqui veiu o poeta defender de fanaticas imputações o primeiro fructo sazonado do seu talento. Já então (1821) era o sr. Garrett bacharel em direito. Despontára para elle precoce a gloria de poeta; não menos no verdor dos annos havia de ser a primeira tentativa do orador. Deparava-lhe a fortuna, na juvenil liberdade de alguns versos, ensejo proprio para revelar

agora na tribuna a outra não menos esplendida face do seu genio. Chegou o dia do julgamento. Compareceu o réu. Elle mesmo era tambem o patrono. Rompe o silencio, falla, enthusiasma-se na defensa, e enthusiasma jurados, juiz e auditorio. Absolve-o, mais que a leveza da culpa, a formosura do seu talento. Estava então entre os concorrentes o abbade Correia da Serra, cujo nome era já na Europa o maior timbre litterario de Portugal. Conta-se que o velho, apenas findou a allegação, com abraços e vozes de sincera admiração, com que felicitava o mancebo orador, ali saudára desde logo o que seria mais ao diante uma das mais legitimas glorias da tribuna popular.

Fixou o poeta a sua residencia em Lisboa, e aqui andou mesclado ás peripecias e incidentes d'aquella quadra, tão propria, pela novidade dos acontecimentos e pelo desusado das idéas, a accender enthusiasmos, e a fomentar louvaveis ambições, e a aquecer esperanças lisongeiras, e a delinear futuros encantados n'uma imaginação, sobre fogosa pelo estro, apaixonada pela liberdade. Era por fins de 1821. Como succede em tempos de agitação e de civico fervor, a liberdade foi acclamada em todos os logares, e ministrou assumpto a todos os desafogos do pensamento. Das associações secretas,

onde primeiro a saudaram em ritos de symbolica liturgia, veiu troar na praça os primeiros brados na eloquencia laconica dos *vivas;* fez-se discreta e discursadora nas sessões do congresso, copiadas livremente nas sociedades patrioticas de então; da assembleia politica subiu a inspirar na scena os brios do cidadão. No theatro o seu maior e mais eloquente brado foi, sem duvida, o *Catão.*

O *Catão* compoz-se para satisfazer ás instancias de uma sociedade de pessoas instruidas e notaveis, pela sua posição e pelos seus talentos, a qual desejava representar n'um theatrinho particular de Lisboa um drama que fosse grandioso pela idéa republicana, e portuguez de lei, n'aquela quadra, tão supersticiosamente patriotica, e tão fanaticamente portugueza, que até adoptou, por ephemera moda, um trajo portuguez e um estofo patriotico. Escreveu o poeta o seu *Catão,* como se não houvera a tragedia de ser ouvida e gostada mais que por um auditorio de occasião. O proprio auctor confessa que n'um dia se iam escrevendo as scenas que no outro se haviam de decorar e ensaiar; tal era a apertura e estreiteza e o anhelo de saudar no theatro, n'um sublime episodio da historia romana, o advento da liberdade em Portugal.

Como seria então julgado e apreciado o *Catão*

n'aquelle ensejo, é superfluo quasi descrever. Dramas de enfezado merito seriam n'aquelles dias scentelha bastante para accender enthusiasmos de liberdade. O *Catão,* victoriaram-n'o como a glorificação dramatica da liberdade. Muitos o julgariam então, fóra de toda a parcialidade politica, pelas bellezas do desenho, e pelo encanto e melodia da versificação. Todos, pelos menos os que de liberaes se prezavam, o saudaram como um hymno em que a republica, personificada no austero vulto de Catão, vinha moribunda e ultrajada pela lembrança da sua catastrophe, tornar mais appetecivel e preciosa a liberdade recentemente conquistada em Portugal.

Das tragedias que escreveu Garrett, o *Catão* é a em que elle, como mais predilecta sua, se revia, e em que mais se esmerou em retoques successivos e em repetidas correcções. A *Lucrecia* era uma reminiscencia das primeiras leituras; a *Mérope,* se podia pela gentileza do metro portuguez sonhar em glorias da posteridade, era, confessava-o o poeta, um arremedo de Maffei. O *Catão,* apesar de quasi improvisado, era um quadro original, onde a invenção e o debuxo, logo desde as primeiras pinceladas genuinas ganhariam em limpidez e em harmonia de colorido novas graças e primores novos em subsequentes edições.

O assumpto era seductor para uma imaginação juvenil, porventura mais preoccupada pelos devaneios da propria gloria do que pelas aspirações de patriotismo e de liberdade. Não ha nada mais grandioso do que era a historia romana, como a creram e nol-a ensinaram nossos paes, como ella era, poetica, magestosa, formosissima no seu patriotico fabular, e nas suas sombras quasi mythologicas, como ella era antes que a *sciencia nova* de Vico, e a critica severa, mas prosaica de Niebuhr, nol-a descarnassem e nol-a houvessem rebaixado á craveira das historias communs. Pois n'essa historia, que era a chronica de gigantes escripta por inspiradissimos poetas, nada havia de mais solemne, de mais nobre, de mais heroico do que a ruina da republica depois da jornada de Pharsalia, e das victorias de Julio Cesar. Entre todos os vultos romanos sobrelevava a todos o busto de Catão. É generoso o empenho de Junio Bruto, vindicando a republica ainda nascente contra a tyrannia dos Tarquinios. É grandiosa a vindicta popular contra a oppressão patriciana dos decemviros. É poetica a salvação de Roma pelo esforço dos Horacios. Em todas estas historias, que ainda depois de despojadas dos seus ornatos populares, nos estão enlevando e dilatando a phantasia, é a republica que vence e o nome ro-

mano que se exalta; mas nada ha que eguale o desenlace da tragedia republicana dentro dos muros de Utica. Ha ali mais que n'outros lances, o que ha de mais tragico e de mais inspirador, um grande infortunio, e uma tremenda morte, e não o infortunio de um homem, ou de uma familia, senão a catastrophe de uma grande idéa, e não a morte de um vulgar protagonista de tragedia, senão a morte de um cidadão, que leva comsigo por mortalha a tunica da liberdade, e que tem por exequias as pompas funebres de Roma.

Exalçar a liberdade, celebrando a apotheose do seu mais generoso e mais estoico defensor e martyr, era empenho digno de um grande vate, e idéa grata a fervorosos democratas. Só a morte de Cesar podia, nas historias da Roma republicana, ministrar assumpto egual ao de Catão; egual no patriotismo, mas de certo inferior no pathetico e no magestoso da tragedia. Tão inspirador o achára Shakespeare, que fizera d'elle o objecto de um dos seus mais formosos dramas. Tão poetico o julgára Voltaire que, seguindo o rasto do poeta do Avon, em tudo o que o tolerava a etiqueta da musa franceza, o trasladára em versos magnificos para a scena da sua patria. Mas o Catão era de certo mais ainda do que Marco Bruto, a personificação d'este

intractavel e quasi feroz republicanismo, que faz da liberdade uma religião, e não um direito, e da republica uma divindade sequiosa do sangue dos seus adoradores. Catão morria, para não sobreviver á republica. Bruto feria com o punhal parricida o dictador que o amava como a filho dilecto, para adiar alguns momentos os paroxismos da liberdade romana. Catão, se na superstição do estoico conservava ainda alguns vestigios de egoismo, era na ambição de alliar o seu nome á ruina da republica. Bruto desmentia o mestre, porque, em vez de expirar como elle, maculava com o sangue de seu pae a estatua de Pompeu, para gosar alguns instantes mais o nome ephemero de cidadão romano.

Havia porventura uma razão de mais para que Garrett preferisse a historia de Catão. Um grande genio ennobrecêra com ella a scena britannica. João Addison, um dos mais correctos e elegantes escriptores do tempo da rainha Anna, ainda mais celebrado pela elegancia e atticismo da sua prosa, que pela magestade dos seus versos, mostrára aos inglezes que a tragedia podia, sem desmerecer da gravidade do cothurno nacional, alliar as liberdades shakesperianas á severa observancia das regras classicas e dos preceitos do bom gosto. O *Catão* de Addison ficára como um modêlo de correcção e

de belleza dramatica no reportorio nacional. Voltaire, que poz em moda a litteratura ingleza, d'antes ignorada quasi no continente, mais de uma vez aprendêra a corrigir as exaggerações e os defeitos, e as rudes e asperas concepções de Shakespeare, no verso mesurado e nobre, e nas scenas eloquentes e inspiradas de João Addison.

Garrett havia lido o *Catão* de Addison. Foi elle sem duvida o que lhe despertou a idéa de que era possivel escrever a tragedia sem observar a poetica rotineira com que era geralmente de uso escrever-se o drama heroico em toda a parte. Acaso tambem a frequente leitura de Voltaire lhe inclinára o espirito a esta escola poetica, em que a tragedia, soltando-se dos moldes estreitos das regras julgadas orthodoxas, faz servir as musas aos grandes interesses e ás grandes idéas philosophicas, e torna o drama mais intelligivel, approximando-o mais de perto á imitação idealisada do natural e do commum.

A França tem o privilegio insigne de legislar para a Europa, e, porventura, para o mundo inteiro o codigo intellectual de cada seculo. Em todas as edades e em todas as civilisações, ha uma nação, que é como guia e directora no movimento incessante das instituições e das idéas. Athenas, Roma e Paris dividem em tres grandes capitulos a historia

espiritual do mundo. Por que fatalidade ou por que providencia isto succeda, não vem ao nosso proposito o discernil-o. Desde Luiz XIV a Europa é franceza nas idéas. Já antes, na edade média, o houvera sido em muitas coisas. Até o grande seculo das lettras francezas, as nações tiveram ampla liberdade de pensarem e de escreverem por si mesmas e desajudadas de estrangeira inspiração. Gil Vicente teve tempo de inventar o ainda rude, mas sincero e genuino drama peninsular. Lope de Rueda, e Montalban, e Torres Nabarro, e Lope de Vega, e Calderon, puderam a seu salvo desempoeirar as chronicas da sua nação, e inspirar-se na sua nativa e caprichosa musa castelhana. Shakespeare e Fletcher, puderam, na feliz ignorancia do theatro grego, soltar a musa fertil e aventureira ao sabor da mais original inspiração, e povoar a scena britannica de concepções, ora sublimes, ora grosseiras e indecorosas na sua rigida nudez e na sua severa naturalidade. Floresceram os theatros de cada nação, e distinguiram-se por feições caracteristicas, e contrapuzeram-se por typos genuinamente nacionaes. Apparece Racine e Corneille, e esta escola convencional, mas elegante, estes reformadores a que pudera caber o nome de *neo-classicos,* passam a rasoura da imitação sobre a litteratura dramatica de todas as nações.

Racine tentou restaurar, vestindo-a e adornando-a com garridices francezas, a austera magestade da Melpomene antiga. Já os *rhetores* e grammaticos tinham desde a aurora do renascimento pretendido formular as regras immutaveis do theatro grego. A renascença foi uma reacção da auctoridade contra a democracia. A edade média não foi para o espirito, como se pensa vulgarmente, uma larga e tenebrosa noite, apenas interrompida a espaços por algum tenue e baço clarão de luz de estrellas. Não foi o duradouro eclipse da razão e da phantasia. Não ha interrupções na actividade do pensamento, nem treguas possiveis nas incessantes campanhas do progresso humano. Seria quasi uma blasphemia asseverál-o; e a historia felizmente encarrega-se de a desmentir e refutar. A tradição romana não se perdeu de todo na meia edade, nem os barbaros, desmantelando e saqueando o capitolio, apagaram brutalmente o facho que espargia a luz da civilisação romana pela amplidão do mundo dos cesares. Succedeu apenas o que é racionavel e justo que aconteça. As idéas romanas perderam o interesse da actualidade com as ultimas reliquias do imperio do occidente. O paganismo, proscripto e deslembrado como uma impiedade, communicou o seu infortunio á civilisação e á litteratura, que haviam nascido e

prosperado á sombra d'aquellas poeticas ficções. A nova religião que regenerava as gentes, tornava dominantes no mundo idéas novas, que reclamavam uma nova litteratura. As nações germanicas, que então revolucionavam o antigo mundo romano, passavam da barbaria ao christianismo, sem que saudassem ao menos a civilisação latina. Tudo o que na cultura antiga era compativel com o idealismo christão, ficava apropriado pela Egreja, ou conservado como tradição domestica pelas provincias romanas, submettidas á dominação septentrional. Mas no commum da gente simples e barbara, como era nos estados que se levantavam sobre os despojos do colosso romano, as necessidades da intelligencia e as ambições então modestas do espirito, não podiam contentar-se com a litteratura dos antigos dominadores, e do paganismo já proscripto. O que tinha que ver a epopéa latina, celebrando grandezas e heroicidades mythologicas, com a severa aspereza e a piedosa devoção dos christãos ainda fervorosos no seu credo? Como acharia não já affeição, mas indulgencia a lyrica de Ovidio e de Tibullo, poetisando em lascivos carmes a bruteza do amor sensual e as seducções da impudicicia? E se, para os barbaros, recentemente convertidos, nem sempre valia o proscrever as lettras classicas, a voluptuo-

sidade que d'ellas ressumbrava e o pudor que nem sempre n'ellas resplandecia, assistia-lhes a elles uma razão mais forte do que as censuras da Egreja, condemnando a profanidade de semelhante litteratura. Não a comprehendiam elles, na sua rudeza; e as allusões frequentes a todas as risonhas fabulas do paganismo, e a commemoração continuada das glorias e das façanhas da republica e do imperio, deviam soar-lhe estranhamente aos ouvidos barbaros e rudes. A lingua, em que estavam escriptos esses modelos da mais eloquente prosa e da mais artificiosa e fluente metrificação, era assás engenhosa nos seus processos e complexa nas suas combinações para amoldar-se á pronuncia guttural dos novos conquistadores. Os barbaros absorveram na sua linguagem o idioma opulento e magestoso do povo a quem haviam avassallado. Mas truncaram aqui e acolá os vocabulos mais bellos, e ultrajaram em corruptelas atrevidas as mais puras modulações da voz humana. Fizeram no idioma o que praticaram em tudo: uma alliança violenta da civilisação e da barbaria, a lei romana, coexistindo, incompleta e confusa, ao lado da lei dos salios e do codigo wisigothico; as instituições latinas a par dos costumes barbaros; o luxo romano contrastando com a sobriedade germanica; e tudo isto mal

combinado, mal serzido, como que hostilmente enlaçado, que mal poderia conchavar-se a policia e elegancia dos romanos, ainda mesmo decadentes, com a barbara singeleza dos invasores.

Imagine-se hoje uma horda de kalmukos ou de kurdos, irrompendo violenta n'uma povoação europeia, esplendida em todos os ornamentos de uma esmerada civilisação, e amollecida em todas as sumptuosidades de uma industria maravilhosa. Mettida a cidade a saque, incendiados os templos, derrocadas as habitações, espoliados os bazares, dispersa e erradia a população, figuremo-nos que saem as tribus vencedoras, levando entre as pompas do seu triumpho os despojos opimos da sua algara, correria e devastação. Aqui um tartaro adornará o turbante singelo com um ornamento magnifico, mas disparatado. Acolá outro ennobrecerá a humildade dos seus vestidos com roupagens sumptuosas, que na opulencia do seu estofo, e na galhardia do seu talhe, desdizem da selvatica simpleza do seu trajo habitual. E no meio de tudo isto ha de lamentar-se que os restos mal apreciados do trabalho intelligente se alliem em flagrante desharmonia com os productos grosseiros de uma industria primitiva.

Pois eis ahi como os barbaros retalharam e dividiram entre si o thesouro da boa latinidade.

Truncaram e desformaram os vocabulos para os tornarem menos rebeldes á pronuncia. Barbarisaram o sonido das vozes romanas. Aqui um franco salico enxertou uma palavra ciceroniana entre duas vozes do seu dialecto ingrato. Acolá um borguinhão mareou com o bafejo impuro o oiro de lei dos vocabulos de Virgilio. Ali um wisigodo associou entre barbarismos affrontosos um nome teutonico mal disfarçado sob as vestiduras romanas. Os dois idiomas fundaram-se juntos, sem se ligarem completamente. A latinidade foi desapparecendo, incrustada pelas influencias germanicas, assim como uma antiga medalha preciosa esconde os traços finos do seu cunho sob a terra que a obliterou e corroeu.

Desde então a litteratura romana retirou-se do tracto e conversação do vulgo. Como as moedas que saem da circulação, ficaram algumas peças d'ella dispersas aqui e acolá por gabinetes de antiquarios. O latim era a lingua official da Egreja. Em latim estavam escriptas as numerosas obras dos padres do occidente. Ora, quando se conhece uma lingua, sempre se conserva a tradição e o estudo dos seus mais aprimorados monumentos. Os bons escriptores da edade aurea não foram pois nunca totalmente deslembrados dos que, por obrigação do

seu officio espiritual, tinham de cultivar o idioma, que, de expressar os symbolos pagãos e as idéas materialistas, passára rapidamente a interpretar as grandezas todas espirituaes do christianismo, e a servir de instrumento ás apologias, ás polemicas, ás homilias e aos discursos mysticos da Egreja.

VII

A edade média começou inaugurando a democracia, ainda mais, alguns degraus abaixo d'ella, a anarchia do pensamento. Á mesurada regularidade da sociedade romana succede a variedade das instituições e o parcellamento dos estados. Á unidade do poder imperial succede o antagonismo das pequenas sociedades feudaes e a hostilidade permanente das pequenas republicas municipaes, que desde muito cedo se começaram a organisar por toda a Europa. Á unidade e á harmonia da lei romana, substitue-se a diversidade infinita dos codigos e dos costumes locaes. Á uniformidade da lingua, a barbara riqueza de numerosos dialectos, d'onde surgiram e se aperfeiçoaram ao diante as linguas neolatinas. A ciosa e intolerante centralisação do imperio cedeu o logar á absoluta descentralisação mais rebelde e insoffrida. A Europa voltava a copiar da Grecia antiga e da Italia, quando teve o

espirito de independencia local e de ciumenta e intractavel rivalidade. Era mister que a sociedade romana, cujos laços rompêra o christianismo, se decompuzesse e agitasse com o fermento do norte, e, sacudindo o jugo de toda a centralisação temporal e exclusiva, tivesse apenas por liame no seu extremo parcellamento, e por correctivo ás hostilidades intestinas, a communhão da crença religiosa, e a auctoridade, toda espiritual, mas temerosa, do passado.

As formulas do pensamento tornaram-se mais individuaes e variadas. Os moldes romanos desappareceram, tornando impossivel a imitação. Cada um pôde escutar a inspiração íntima sem que lesse nos commentarios dos criticos, ou nas mais formaes concepções da arte greco-romana, a condemnação das suas idéas, em nome do classico bom gosto e do atticismo antigo. Ás ridentes fabulas da mythologia de Ovidio succedeu o maravilhoso do norte; á doçura epicurista das musas romanas, o ideal melancolico das harpas teutonicas.

Em meio, porém, d'esta diversidade de instituições, de costumes e de creações artisticas, a edade média teve a sua civilisação e o seu progresso. A sociedade revela-se no poema e no templo, que congloba todo o sentimento e toda a idéa que do-

mina cada geração e cada seculo. O templo é na sua traça e nos seus ornatos, como que a synthese material da crença de todo um povo. A epopéa é o commentario do pensamento architectonico. Teve a civilisação greco-latina a sua epopéa e o seu templo. E a edade média é hoje celebrada pela mystica formosura das suas cathedraes e pela temerosa mas sublime magestade do poema do Dante.

Não podia ser barbara, como nol-a repetiram e repetem ainda hoje supersticiosos e mal-avisados idolatras da antiguidade romana, aquella edade que produziu o *Inferno* do Dante e as sumptuosas basilicas normandas. Tinha Virgilio para traçar e delinear os contornos do seu maravilhoso poema o seguro modêlo da epopéa homerica. A fabula bastou-lhe apenas copiál-a de mais antigo mestre; os heroes dava-lh'os já debuxados e coloridos a musa hellenica; a luz e a perspectiva era sempre a mesma, admittidas e conservadas as convenções do paganismo, e as normas da idealidade pagan. Arde e desmorona-se Troia com egual estrepito e com clarões semelhantes no poema de Achilles, ou no vigoroso poema de Enéas. São os mesmos, e egualmente inflexiveis e crueis os fados pagãos; é a mesma magnanimidade dos heroes; egual a simpleza arrogante dos seus vultos; parecida a mages-

tade dos seus arrojos; semelhante a constancia do animo em todas as fortunas. Os deuses, n'um e n'outro poema, ora ascendem ás proporções da divindade, ora se abaixam ás miseras paixões da condição humana. Venus é compassiva em ambos, como é indulgente e affectuoso o amor. É Juno sempre fera e vingativa; Minerva sabia; Jupiter indeciso; Eólo impetuoso, e Neptuno compassivo ao exicio extremo da cidade sua favorita. O que não impede que, ao mesmo desenho geral, correspondam em Virgilio e em Homero bellezas distinctas de composição e toques diversissimos, e tintas e cambiantes proprias, e riquissimos thesouros de invenção.

Mas abra-se a comedia do vate florentino. Onde estão os modelos d'aquelle painel, onde tudo é novo desde a téla em que vagueou indomito o pincel até ao colorido, ora avivando-se em clarões afogueados, ora esmorecendo sob as ondas transparentes de luz paradisiaca? Onde estavam na palheta romana as tintas d'aquelle quadro? O que ha ali que não seja o fructo da mais arrojada e espontanea concepção, ou a cópia ideal da natureza e da sociedade? Barbaros seriam aquelles tempos e aquelles homens, e nós, com sermos hoje por excellencia policiados e cultos, ainda agora nos deliciamos ao

versar aquellas paginas, onde a musa dantesca espargiu as mais graciosas bellezas poeticas a par dos mais austeros raptos do mysticismo christão.

E para chegar a meia-edade a conceber e a produzir a *Commedia* de Alighieri, para attingir n'aquella mysteriosa trilogia a synthese magestosa dos sentimentos e das idéas christans, que variado e multiplice trabalho não custou a todos esses trovadores e menestreis, troveiros e jograes, que andaram primeiro em ligeiras escaramuças combatendo com a rudeza e asperidade dos idiomas incultos, que do tronco romano sairam com a invasão germanica. Antes que nas obras primas de Raphael pudesse o pincel clamar um novo *fiat lux* e tentar um novo mundo e uma segunda Creação, engenhos menos privilegiados e artistas menos illustres colligiram e imitaram as reliquias da arte bysantina.

A edade média foi democratica, mais ainda demagogica e anarchica nas lettras. Nos dominios do pensamento tentou com inteira liberdade todas as evoluções e trilhou desassombrada todas as veredas. Assim como a unidade politica do imperio romano se desatára em fragmentos e se perdêra na mais infrene descentralisação; assim a monarchia das lettras se afundiu, rotos todos os vinculos da auctoridade e todas as tradições da imitação.

O instincto, mais do que o calculo e o deliberado proposito de emancipação e independencia, revela-se a cada passo nos fastos d'aquella edade. Não se diga que a liberdade e a democracia estiveram esperando os sectarios da *Encyclopedia* e os tribunos da revolução franceza, para tomarem logar na gerarchia das idéas e dos principios sociaes. Não se faça á civilisação christan a injuria gratuita de suppor que vivesse ella largos seculos sem accender no seu gremio a scentelha da liberdade. A democracia e o absolutismo teem coexistido sempre, luctado sempre, ora equilibrando-se, ora vencendo-se, mas sempre pugnando com Marte incerto, na terrivel peleja do bom e do mau principio. Quando os phariseus, que julgam a liberdade a primogenita da irreligião, perguntarem á democracia de d'onde vem e quaes são os seus brazões, responda-lhes ella que tambem como elles conta avoengos illustres e remotos, e que não sómente na praça da Bastilha assenta o seu solar, senão em mais nobres paragens, e em edades mais antigas. A sociedade feudal era em si mesma uma democracia, imperfeita, primordial, apenas esboçada. O cavalleiro na sua róca-forte, cidadella da sua independencia quasi absoluta, pesava-lhe bem pouco a muitas vezes nominal e ficticia suserania

dos seus monarchas. Entre os homens livres a egualdade existia então como hoje se dá entre os cidadãos de um paiz constitucional. Os servos sós faziam excepção á lei commum. Mas a Roma republicana, e nos seus mais felizes dias democraticos, lá tinha os escravos, deshonrando a civilisação romana; e as cidades gregas, todas ellas republicanas tambem, não deslustravam, segundo a crença de então, os seus fóros democraticos, mantendo na condição servil, uma tão consideravel parte da sua população.

Insurgentes e revolucionarias foram as cruzadas, que tanto abateram da sua primeira pujança a altiveza dos Barões, e chamaram ao gremio dos homens livres a muitos dos que vegetavam na servidão feudal. Democraticos foram os movimentos que determinaram a erecção das communas e a restauração barbarisada dos antigos municipios. Democraticas eram as communidades politicas que entre si dividiram boa parte da Italia; e democraticas Siena e Florença, Veneza, Pisa e Genova. Com serem encaminhadas em beneficio da theocracia pontificial, muitas vezes serviram tambem a democracia e a emancipação dos povos contra a auctoridade imperial, as contestações violentas e frequentes entre os soberanos e os pontifices.

De muito longe datam no occidente as dissidencias religiosas. Antes de Luthero e de Calvino, os albigenses e os vaudezes, os beggars e os fraticellos, andaram revolucionando a Egreja e imbuindo as mais humildes classes populares no espirito de agitação e de independencia. Dentro da Egreja christan e catholica, a democracia pleiteou as suas excellencias e conquistou influencia e auctoridade. As ordens mendicantes, principalmente a dos menores, representam o povo que protesta contra a insolencia dos privilegios, e que revoluciona, por assim dizer, a Egreja, para a restituir á fraternidade do Evangelho e á humildade dos seus antigos fieis. Estes exercitos espirituaes que se recrutam no povo para exprobrar, com os seus exemplos e com as suas catecheses, a arrogancia e a corrupção dos opulentos e poderosos, não é senão a democracia que veste o burel, e que se acouta na Egreja e na crasta, para á sombra da lei divina abrigar o povo contra a perseguição mundana.

A anarchia litteraria nascia necessariamente da anarchia social. Com a unidade do imperio nascêra e se consolidára a unidade das lettras romanas. Com a desunião feudal e com a independencia dos municipios, vivia, como formula expressiva da vida social, a litteratura independente e aventureira, que

esquecia as tradições antigas e desdenhava com sobranceria, toda a idéa de uniformidade e toda a tendencia de centralisação. Com a renascença do absolutismo começa a despontar a regularidade litteraria. Com a sua consolidação firmam de novo o seu dominio as camenas pagans e reconstrue-se com esforços inauditos de erudição o velho edificio classico. As lettras seguiram a condição do imperio, que voltava, modelado nas fórmas do absolutismo europeu. O despotismo novo era apenas a imagem descorada da antiga magestade dos Cesares. As musas gregas e latinas que resuscitavam com elle, não eram de certo já as musas de Homero e de Theocrito, de Virgilio e de Catullo. Haviam dormido largos seculos, e perdido no tumulo a pureza das suas graças naturaes e a gentileza das suas antigas fórmas. Haviam resurgido, mas ninguem tivera poder de remoçál-as. Vieram inspirar, a mais de mil annos de distancia, a homens que invocavam outros numes e que viviam de diversas tradições. O seu reinado foi antes uma apparição, do que uma vida verdadeira. O que prova que nem no Parnaso as restaurações são duradouras, e que nem o proprio Apollo, depois de haver uma vez abdicado a realeza, volta a segurar no throno a magestade da sua antiga dominação.

Das fórmas externas da litteratura, é o theatro a mais natural e a mais expressiva, e por uma singular contradicção entre a natureza e a litteratura, é a scena a ultima que se instaura e se cultiva, na ordem dos progressos intellectuaes de uma nação. Aquelles que pensam e crêem, e escrevem confiadamente, sem mais exame nem indagação, que a arte é a cópia e a imitação da natureza, ahi teem n'esse phenomeno uma efficaz contestação das suas theorias. Ha na vida, a mais singela, a menos enredada de paixões e de intrigas, a mais placidamente discorrida, longe dos tumultos do mundo, a mais approximada ao typo bucolico das antigas pastoraes, ha na vida mil dramas que se entretecem e se enleiam, e se enredam uns nos outros, de sorte que vem a ser a catastrophe de uns a exposição dos outros, o protagonista d'estes, o derradeiro personagem d'aquell'outros; o tyranno aqui, a victima acolá; e esses dramas passam e desenrolam-se á vista da menos perspicaz observação. E, comtudo, quem os copia, quem os descreve, quem os analysa e quem os transplanta para a scena? A litteratura grega vive muito tempo sem inaugurar sequer a fórma dramatica, e sem se atrever a descobrir, entre os pampanos que adornam o carro de Thespis, os primeiros lineamentos do thea-

tro rude e primitivo. Abalança-se o estro aos maiores commettimentos. Canta-se a guerra, que é o drama vivo das nações; celebram-se em hymnos inspirados as memorias da patria; e as lyras estão mudas, para descantar as acções da vida trivial; o estro tem vigor para altear os vôos até aos céos; e evocar a terrivel magestade dos numes; e dedigna-se ou não se lembra de roçar um instante pela terra para ennobrecer e idealisar os sentimentos e as paixões dramaticas que luctam na scena real da sociedade. A arte logo desde o berço se amostra e annuncia grande e generosa nas suas empresas. Desde o seu alvorecer, procura logo o sublime e o mysterioso, parecendo desairar-se com o trivial e o mundano. Hesiodo canta, nos *Trabalhos e nos Dias*, a historia primitiva dos Deuses e dos Navegantes, antes que Homero celebre a historia dos heroes, e antes que Xenophonte e Thucydides escrevam simplesmente a historia dos homens. Decorrem seculos até que na scena litteraria appareçam Sophocles e Euripides, Aristophanes e Menandro, que escrevam para o theatro a historia animada das paixões.

A lyra, quando cria o theatro, envergonha-se quasi de deslustrar a sua nobreza, cantando as scenas da sociedade. Não se atreve a tomál-a, como ella é, e como se manifesta, por assumpto e

espelho das suas composições. Em toda a parte o theatro nasce nos campos e filia-se na musa pastoril. E' a ecloga que, degenerando pouco a pouco, perde a simpleza antiga para se enriquecer e adornar com as pompas do espectaculo. Não são quaesquer homens as figuras dos primeiros dramas. A arte refoge cautelosamente as cidades e povôa a medo a scena com os pastores recrutados entre os mais singelos e bucolicos mortaes. E' a taes ascendentes que o theatro grego deve a sua prosapia. E' a elles que se prende a genealogia de todo o theatro peninsular.

Como em toda a parte, o theatro teve na peninsula, em toda a edade média, um entreacto de muitos seculos. Os espectaculos foram para o povo uma necessidade e um prazer, mas eram os espectaculos que recreiam mais os olhos do que o animo, e que fallam mais á phantasia do que persuadem o coração. Um povo rude precisa de viver para o exterior, porque a alma está então pouco disposta para se concentrar e viver a sós comsigo na immensidade do pensamento. A edade média, no seu apparente espiritualismo, precisava apalpar, tornando-as sensiveis, todas as fórmas do pensamento e todas as manifestações do espirito humano. Todos os sentimentos revestem um symbolo mate-

rial, todas as paixões uma physionomia corporea, todas as idéas se vestem e se engrandecem n'um véo tangivel e real. Não se comprehende a Deus sem a magestade dos templos e sem a magnificencia do culto, a que dão realce todas as creações mais phantasticas das artes que então começam a germinar e a servir. E' a época das cathedraes, onde a amplidão das immensas arcarias, a melancolica frouxidão da luz, coada pelos vidros de mil côres, a ousada projecção dos arcos, a variada profusão dos lavores e laçarias, como que traduzem physicamente a magestade da creação e a vaga e indefinida previsão da beatitude celestial.

A fé ardente do christão não queima já os animos piedosos nos raptos beatificos dos antigos confessores e dos primeiros martyres. O christão não se limita a conservar a crença de seus paes, prostrando-se diante da cruz pacifica, que se levanta no claustro do mosteiro, ou assombra a musgosa pedra dos sepulcros; vê-a tambem no punho da sua espada, e julga ver n'ella escripto o dever de consagrar o seu sangue não á confissão da fé, com a mansidão dos primeiros martyres na presença dos pretores, senão á glorificação do nome de Christo pelo exterminio dos infieis. A fé personalisa-se na guerra, e as cruzadas foram para a

meia-edade a corporificação da crença. Nos primeiros tempos da egreja o christão combateu com as armas interiores da mansuetude e da abnegação. Na meia-edade, a fortaleza evangelica formou corpo, transformada no montante e na ascuma do cruzado.

Tudo falla aos sentidos na rudeza d'aquelles tempos, onde a luz da civilisação como que batia em raios obliquos sobre as trevas dos primeiros tempos. Não se explicou nem se comprehendia quasi como a providencia legislasse e mantivesse a harmonia do universo material e do mundo intelligivel sem a intervenção visivel do poder sobrenatural nos successos da vida commum. As lendas multiplicam-se, e as chronicas enriquecem-se de episodios imaginosos e de narrativas sobrenaturaes. A virtude dos eleitos de Deus é mister que se manifeste por signaes exteriores e por indicios materiaes. D'ahi vem a infinidade dos prodigios e a innumeravel cópia de milagres que exornam e auctorisam a biographia dos heroes christãos. Não é bastante que os sanctos intercedam junto ao solio de Deus pela victoria das armas christans. E' Santiago, o chefe dos exercitos espirituaes da egreja militante, quem desce do céo á terra, e domando um ginete de alvura singular, tremolando o pena-

cho de fogo sobre o elmo de diamante, arranca rijamente contra os inimigos do Senhor e os desbarata nos ultimos instantes da batalha.

O mundo invisivel deixa as fórmas indecisas e nebulosas com que o rastreia a intelligencia, para tomar dimensões exactas e figura natural. Era Jacopo e o Dante, precedidos pela audaciosa imagem dos theologos e dos legendarios monachaes, descrevendo o universo dos espiritos com a exacção de uma viagem ordinaria e natural. O poeta guibelino mede o inferno na mais temeraria e na mais poetica das visões dos tempos médios, como que levanta a carta geographica dos dominios de Satan. Aqui é a portada sombria do reino das trevas, onde lampejam apenas os caracteres sinistros d'aquella epigraphe eterna: *Per me si va nella città dolente*. Mais adiante é o circulo do limbo, logo o dos voluptuosos; depois a cidade de Dite, com os seus muros torneados, as suas ameias guarnecidas, com as suas cavas alagadas de agua paludosa, com o seu residuo de espiritos infernaes, tudo á imagem e semelhança das communas de Florença ou de Siena, de Arezzo ou de Verona, onde se haviam pelejado as guerras intestinas e ferozes dos guibelinos e dos guelfos, a lucta sanguinosa entre as chaves de S. Pedro e as aguias do sacro imperio.

O theatro na edade média fallava mais aos olhos do que ao coração, mais á fé que ás paixões humanas. Durante muito tempo andou ligado á egreja como um supplemento profano ao culto religioso. Desterrado e proscripto na sua antiga belleza classica, como reminiscencia da gentilidade e como indecoroso á austeridade dos fieis, anathematisado pelos sanctos padres, condemnado pelos doutores, e prohibido pelos bispos, desappareceu durante seculos, sepultando em egual esquecimento as graças varonis da tragedia antiga e os graceios impudicos do Momo atheniense e da Thalia romana. O theatro antigo lembrava as festas do polytheismo e a gloria sacrilega dos falsos deuses, que Constantino espedaçára nos templos de todo o imperio. Quando o theatro quiz renascer, a egreja dirigiu-o, para que não voltasse como Julião ás censuras do paganismo. Franqueou-lhe os adros dos templos, e chegou a admittir a musa dramatica, acanhada e rude, mas christan, a exornar nas barbaras visualidades dos *mysterios* a celebração das festividades religiosas, a representar em fórmas sensiveis as scenas sacrosanctas dos divinos testamentos, e a figurar em personagens animados a legenda dos sanctos e a historia dos heroes christãos.

Havia espectaculos, mas não havia theatro. A scena profana esclareceu-se com os primeiros raios da renascença e com os primeiros clarões da reforma religiosa. Na Hespanha nasceu da ecloga, e de certo da tradição dramatica tal qual havia sido na edade média. Indirectamente proveiu da litteratura antiga, mas não de Plauto nem de Menandro, senão que de Moscho e de Theocrito, de Virgilio e de Calpurnio.

A mais antiga fonte conhecida do theatro hispanico é a ecloga satyrica de *Mingo Revulgo*. E' o primeiro exemplo de um dialogo em que os personagens começam a caracterisar-se e a reflectir, em luz baça e duvidosa ainda, os cambiantes da sociedade. Mais tarde veem as eclogas de Juan del Encina, a quem os castelhanos talham a primeira palma theatral. Está ali o theatro, é verdade, mas virtual, mas latente, como o choupo ou o baobab gigante na cellula vegetal. Onde começam, porém, a divisar-se os primeiros lineamentos do theatro peninsular é nos singelos autos de natividade, primitivas creações da musa folgazan, mas reflexiva do nosso Gil Vicente. Discipulo e imitador do poeta Salmantino, Gil Vicente em mais de uma feição copia os traços de seu mestre. Juan del Encina dedica as suas «representaciones», como elle pro-

prio as alcunha, a servirem de distracção e de luz aos principes e grandes que mais particularmente o favoreciam. São os reis catholicos Fernando e Isabel os primeiros que no seu palacio disfructam, nas eclogas rudes e singelas do Terencio hespanhol, os primeiros e ainda vagos antegostos dos faustosos espectaculos scenicos com que havia mais ao diante resplandecer a magnificencia da côrte hespanhola. Abaixo dos modernos fundadores da grande monarchia hespanhola, é a casa de Alba, a mais illustrada então das Hespanhas pela generosidade do berço, e pelo brilhantismo dos feitos de armas, a que recebe as primicias do theatro hespanhol, creado por Juan del Encina. Gil Vicente para reis tambem, e reis tão esclarecidos e tão magnanimos como Fernando e Isabel, escreve as suas composições dramaticas, é seu theatro o paço, o auditorio uma curia de principes e de senhores.

O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua escola dramatica e a sua fórma litteraria nas mesmas tradições e nas mesmas origens. Juan del Encina aproveita a idéa dos autos e dos mysterios, e nas suas primeiras eclogas, destinadas a celebrar alguma festividade christan, ou alguma tradição religiosa, não se atreve ainda a romper de todo a cadeia que liga durante seculos e por costume im-

memorial o theatro á egreja, e que faz das artes scenicas um appendice obrigado das magnificencias do culto christão. Gil Vicente começa egualmente pelo auto religioso. A natividade e a epiphanía são os themas das suas primeiras composições. Os personagens são os do velho e do novo testamento, que ás vezes por um arrojo insolente do auctor, como no *auto de Sebilla*, se encontram sobre as pranchas com as figuras da mythologia pagan. Em Gil Vicente, do mesmo modo que em Encina, o sal comico, exaggerado por vezes até o gracejo escurril e á satyra obscena, vem deslustrar a magestade do assumpto e alegrar com chispas de um engenho pouco reverente e piedoso, a gravidade das representações em que a divina magestade se apresentava em contemplação ás magestades da terra.

Ha nos dois fundadores do theatro peninsular o mesmo molde dramatico, a mesma escolha de assumptos, egual maneira, parecidissimo colorido, retoques imitados pelo portuguez sobre as imperfeitas miniaturas do poeta castelhano. Até na identidade da lingua se manifesta o escrupulo com que o comico de D. Manuel segue no seu primeiro trilho, ainda incerto e duvidoso, as pisadas do seu menos engenhoso predecessor. O theatro portuguez ao nascer, soltou os seus primeiros vagidos em

idioma estranho, como quem previa já que havia de ser quasi toda castelhana a musa dramatica nas Hespanhas, e que, loucamente pródiga com os centenares de escriptores dramaticos de Castella, nos mostraria em Gil Vicente as esperanças de uma scena opulenta e variada, para nos condemnar depois ao opprobrio litterario de sermos ainda até hoje uma nação desprovida de theatro.

Foi notavel acaso que o nascimento do theatro castelhano viesse a succeder na mesma época em que a Hespanha de Fernando e de Isabel inaugura com a expedição aventureira de Colombo o periodo das suas conquistas ultramarinas. No proprio anno de 1492, em que de Palos saía a flotilha do almirante Genovez ao serviço de Castella, as representações de Juan del Encina traçam os primeiros lineamentos do theatro hespanhol. Da expedição do Gama quasi que foram tambem contemporaneas as primeiras manifestações do estro de Gil Vicente. Foram semelhantes e egualmente auspiciosos os principios dos dois theatros peninsulares. Cedo porém se apartaram e distinguiram em prosperidade e em destinos.

O castelhano no meio das excursões do ultramar e das guerras prolongadas, que avassallaram quasi a Europa ao sceptro de Carlos V, achou

meios para cultivar e enriquecer o drama. A nós, parece-nos que nos foi de sobra o ser actores n'essas grandes epopéas que á ponta da lança haviamos escripto longe do nosso continente e do nosso berço. O que nos faltou em inspirações da musa folgazan e risonha da comedia, sobrou-nos em grandeza lyrica e no estro varonil da epopéa. É curioso observar como castelhanos e portuguezes, filhos da mesma terra, cultores de linguas quasi gemeas, herdeiros das mesmas tradições e das mesmas glorias, descendentes da mesma prosápia goda, com a bastardia arabiga, que todos nós os peninsulares temos em mais ou menos subido grau, com litteratura, por assim dizer, commum, e tão semelhante na essencia, na metrificação e nas fórmas do dizer, chegados ao ponto em que as lettras se transformam para, ao cerrar da meia-edade, tomarem uma feição mais cortesan e mais polida escola, nos partimos em direcções diversas, como se todo o campo litterario o não pudessemos usar em sociedade, e como se imitassemos o proceder de Abraham e de Loth na partilha da terra commum.

Porque foi que nós, os verdadeiros creadores do theatro, não passámos nunca da tal ou qual barbaria de Gil Vicente, em quanto que os hespanhoes, acceitando sequiosos a herança d'elle e do seu Juan

del Encina, tractaram de grangear e enriquecer aquelle precioso patrimonio?

Ha mais engenho e mais invenção em Gil Vicente do que no seu ainda barbaro modêlo. O trovador portuguez adivinhou effeitos scenicos e combinações dramaticas, que Encina nunca chegou sequer a rastrear. A scena dilata-se para Gil Vicente em mais largos e menos ennevoados horizontes do que para a Thalia modesta do hespanhol.

E comtudo Gil Vicente é elle proprio o principio e o encerramento do seu cyclo dramatico para Portugal; em quanto que o seu rival é apenas o germen d'onde por uma serie de felizes operações do engenho brota e floreja copada e opulenta a arvore gigante do theatro hespanhol. Gil Vicente fica sempre acima dos seus discipulos e imitadores na scena. A sua propria escola numera rarissimos proselytos. Antonio Prestes, Simão Machado, Antonio Rodrigues Chiado e poucos mais, de mais obscura nomeada, completam o circulo inteiro do theatro propriamente nacional. Os que apparecem fóra d'este grupo, ou se filiam na tradição classica, e são adeptos eruditos da renascença, ou apparecem aqui e acolá, debeis imitadores do theatro hespanhol nas épocas mais lustrosas e mais cultas do seu progresso e desenvolvimento.

Na Hespanha o theatro fica estacionario alguns annos, apesar dos impulsos felizes dos dois fundadores do theatro peninsular. Pelos annos de 1582 escreve-se em Ferrara a novella intitulada *Cuestion de amor*. Vem ali inserida uma ecloga de bellissimos versos, a qual, segundo todas as apparencias, figurou na scena e se representou diante da côrte de Napoles, a cujo serviço andaria porventura o auctor anonymo d'aquella producção.

O drama sae d'esta vez ainda da singela contextura da ecloga pastoril. A scena plebeia e popular não tem ainda expedido ao drama o seu diploma de litteratura cidadan. São o auditorio principes e próceres, ante quem a musa tem necessariamente de sacrificar á magestade e á etiqueta cortesan os vôos do estro livre e os arrojos da satyra mordaz.

É pelos annos de 1517 que a Hespanha recebe de Napoles os primeiros reflexos da arte dramatica, que esforça por depurar-se e vasar as suas concepções em moldes menos estreitos do que os da ecloga pastoril, do auto religioso ou da allegoria palaciana, em que d'antes se amesquinhára o estro peninsular.

Se Juan del Encina funda o theatro, representando pela primeira vez eclogas, mais ou menos calcadas nos modelos virgilianos, se Gil Vicente,

porventura mais rude e menos erudito, multiplica os assumptos e salpica de sal attico, nem sempre terso e decoroso, o ar frio e sentencioso das camenas bucolicas, Bartholomeu de Torres Naharro é o primeiro que consegue a ligação dos personagens n'uma fabula, ainda incoherente e mal entretecida, com uma intriga e um desenlace mais parecido na maneira e tom egual á litteratura dramatica dos bons escriptores da edade aurea do theatro hespanhol. As circumstancias favoreciam singularmente a Bartholomeu Naharro, para que adiantasse mais uma balisa na carreira theatral. Vivia na Italia, onde o seculo XVI annunciára o alvorocer das boas lettras, pela erudita resurreição dos bons modelos classicos. As musas latinas e hellenicas tinham arrojado o véo nebuloso com que as encobria a superstição e a sobranceria da meia-edade. O pensamento, libertando-se de todas as cadeias, voava, animado pela grande insurreição da reforma espiritual, em todas as direcções. O espirito, cansado da auctoridade, sacudiu o jugo actual, para buscar nas instituições e nas lettras um jugo novo e uma nova superstição. Renegava a auctoridade da edade média para curvar-se diante da auctoridade dos antigos. Sacudiu a dictadura dantesca para se deixar conduzir como escravo de Homero e de Virgilio.

Desdenhava os autos e mysterios christãos para copiar servilmente as scenas profanas de Euripides e de Sophocles. Renegou a auctoridade feudal para curvar a cerviz á auctoridade imperatoria. Luctava contra a dominação da egreja universal para se humilhar diante do intolerante despotismo de Luthero ou aos pés da ciosa aristocracia de João Calvino.

No meio do movimento de reacção, que illustrou o seculo XVI, e que fez d'elle a primeira estação da moderna civilisação e o primeiro posto da cruzada revolucionaria, a Italia primou na interpretação da antiguidade e na imitação dos seus mais correctos escriptores. Em 1515 o prelado Trissino representava em Verona a sua tragedia de *Sophonisba,* a primeira tragedia regular dos tempos modernos, e a primeira em que as regras aristotelicas e os exemplos dos tragicos antigos foram rigorosamente obedecidos desde o assumpto heroico, bebido nas guerreiras frontes romanas, até á disposição e contextura do drama e ao estylo e fórma do dialogo.

O movimento litterario da Italia accendeu porventura o estro de Naharro, sem lhe despertar o desejo de se inspirar na Castalia antiga. Pouco affeiçoado á erudição classica, os olhos em vez de se enlevarem na pureza das fórmas romanas e na cor-

recção da musa antiga, vão-se-lhe saudosos para os exemplos e tradições da patria Hespanha. A maneira de Gil Vicente apparece nas comedias de Naharro, que elle chamou «comedias á noticia», ou aquellas em que se rebocavam do natural algumas scenas desconnexas da vida commum, taes como as comedias *Soldadesca* e *Tinellaria,* ou em que se prestava a allegoria nas suas mais extravagantes fórmas á celebração das acções heroicas do seu tempo, taes como a comedia *Trofea,* destinada a exalçar as glorias e conquistas d'el-rei D. Manuel, e segundo toda a probabilidade, representada em Roma, na presença do nosso faustoso embaixador Tristão da Cunha.

E' nas comedias que Naharro, segundo a sua estranha theoria dramatica, chama *comedias á fantasia,* ou de assumpto ideal e inventado, que o escriptor hespanhol approxima o theatro peninsular do que teria de ser, fecundado pela veia original de Luepe de Rueda e de Juan de Timoneda a principio, e depois, nos tempos de maior esplendor e de maior fertilidade, sob os auspicios do inventivo Lope de Vega, do imaginoso Calderon, e do gracioso Tirso de Molina. A *Hymenea* é a primeira composição dramatica hespanhola onde o amor preside á intriga e ao desenlace, e onde o sal pi-

cante dos dialogos plebeus se mescla, sem os deslustrar, ás expansões do coração e aos desafogos da paixão sentimental. Mais tarde a fórma da *Hymenea*, melhor afeiçoada, e polida de todas as suas asperidades e rudezas, constitue o genero que se chamou de *capa e espada*.

Coisa notavel e cuja observação não devemos preterir, já que viemos n'esta digressão a fallar nas mais remotas origens do theatro peninsular, é a affinidade e semelhança que entre si contrairam Naharro e Gil Vicente na soltura da lingua e em satyrisar e denegrir as mais intractaveis potencias da gerarchia sacerdotal, e na desvairada zombeteria com que por vezes tracta a Egreja com mostras de pouco sincera contrição e de pouco piedoso acatamento. Como Gil Vicente, Naharro agita os guizos de Momo sobre a cabeça dos mais venerandos tonsurados, e aponta á risada publica os desconcertos dos cardeaes e as mundanidades dos prelados, a lascivia dos clerigos e a dissipação dos monges. O theatro nasce da ecloga, mas a poucos esquece a simpleza pastoril. Já não o contenta o balar das ovelhinhas, o ramalhar dos salgueiros a debruçarem-se no regato, a alfombra esmaltada dos outeiros, o monotono volver dos lavores campestres, a avena bucolica, a cabana aldean fumegando,

como na ecloga de Tytiro e Melibeu, de Virgilio, os queixumes das pastoras, a rustica altiveza das zagalas. A ecloga, feita drama, erra pelas cidades, espreita nos palacios, debruça-se á portaria dos mosteiros, e fulmina sem piedade as orgias dos poderosos e os escandalos da plebe. Na *Tinellaria* de Naharro, o pincel comico debuxa n'um quadro folgazão mas satyrico, as orgias de um cardeal e a hypocrisia dos próceres da egreja; assim como, nas *Barcas* de Gil Vicente, o diabo fulmina sem distincção e sem resguardo os vicios de um pontifice e as dissipações de alguns prelados.

Esta feição satyrica do theatro nascente explica-se pelo fervor com que a palavra, solta das restricções e das cadeias, voava a illustrar todos os assumptos e a questionar todas as auctoridades. O theatro não ha de ser nunca abstracto nem especulativo para ser gostado das multidões; para ter sabor popular é mister que viva das condições do seu seculo e da sociedade em que florece. No seculo XVI as luctas, ainda então pacificas, da egreja eram, no enthusiasmo da reforma, o que foi na ordem politica e civil, a revolução dos espiritos no seculo XVIII, e a revolução das instituições no seculo XIX. A revolução chamava-se então reforma, como dois seculos depois se appellidou *liberdade*,

como nos nossos tempos tomou o nome de socialismo, que tem a pretenção de comprehender na sua indole synthetica a dupla reformação das relações espirituaes e physicas da humanidade.

O theatro nasceu pamphletario. Nos cadafalsos erguidos na camara dos reis, para sua apparente diversão, ou sob as arcadas das egrejas, para edificação e piedoso regosijo dos fieis, vinham as figuras allegoricas dos autos e comedias, esconder a allusão profana sob as apparencias innocentes do panegyrico, e chegou a musa comica na sua extrema sinceridade a soltar proposições que offenderiam por irreverentes ou hereticas a ouvidos menos dispostos á complacencia e ao prazer.

A comedia não logrou por muito tempo as liberdades com que nascera. Em quanto foi apenas diversão de palacianos, pôde envenenar mais livremente a satyra, sem accordar a intolerancia dos poderosos que dominavam n'aquelle tempo. Das curias dos reis e dos salões dos grandes quiz tentar mais largas excursões na scena publica. De distracção de poderosos quiz ser ao mesmo tempo espectaculo e tribuna do vulgo. Quiz ser instituição litteraria e nacional o que até ali não fôra mais que mesquinha curiosidade de magnates e diversão intima de principes. A inquisição crescêra com o theatro, e,

muito antes d'elle, chegára á robustez e á perfeição. Quando a musa comica se quiz fazer popular, a inquisição foi-lhe ao encontro, sopeou-lhe os primeiros impetos e deu-lhe como que foral, porque vivesse sem exaggerar as suas liberdades e sem se exceder em criminosas exempções. Gil Vicente pagou nas restricções da censura o que lográra de liberdades na scena. A Torres Naharro puniram-lhe os arrojos comicos, tornando defesa a representação das suas obras.

Apesar da inquisição, o theatro progrediu e aperfeiçoou-se em Hespanha, percorrendo toda a escala da composição dramatica desde o auto sacramental e o intermedio até ás mais sublimes concepções da tragedia nacional. Em Portugal, ao contrario, nem se póde dizer que viveu de inspiração alheia, porque, na variedade dos nossos poetas e dos nossos escriptores, poucos se atreveram a dotar o theatro portuguez com obra que opulentasse e ennobrecesse os fastos do drama nacional.

O sceptro dramatico pertence, primeiro que a outro povo, ao engenho ardente e phantastico dos hespanhoes. Lope de Vega, a quem os seus contemporaneos distinguiram com o cognome de *divino,* quasi que escreveu mais do que todos os escriptores de todas as nações, que tiveram theatro con-

temporaneo. Mas o que é singular é que este honroso padroado litterario, que a Hespanha exerceu tão largamente, não pôde resistir ás leis providenciaes, que chamavam a França a empunhar entre os demais povos o sceptro da intelligencia, e que fizeram da sua capital o emporio das boas artes e o capitolio da litteratura.

Eram barbaras e rudes as lettras francezas, quando na peninsula alvoreciam viçosas e opulentas as musas. Passou um seculo, e a França recebia das camenas antigas, que ella melhor do que ninguem apreciára e entendêra, a dictadura litteraria que desde Luiz XIV lhe pertence pelo direito da conquista intellectual.

Ha individuos e ha nações que a providencia destina á gloriosa missão de vivificar pelo sopro do seu genio os primeiros germens da civilisação e da cultura, que outros povos e outros individuos mais precoces lançaram á terra ainda mal arroteada. Nas grandes invenções do espirito humano a gloria dos primeiros ensaios e das tentativas ainda timidas é bem depressa offuscada pelo resplendor duradouro dos que generalisaram as idéas dos seus antecessores. A machina de vapor lembra logo á posteridade agradecida o nome de Watt, e na auréola que cerca a fronte d'este semi-deus da industria mo-

derna escondem-se humildes e quasi ignorados os bustos de Papin e de Newcomen. É a genealogia das creações humanas ao revez das ascendencias nobiliarias. N'estas a gloria dos avoengos reflecte-se inteira sobre o orgulhoso descendente; nas outras a humanidade quasi que attribue toda a nobreza e toda a gloria ao ultimo progenitor, esquecendo os que durante muitas gerações constituiram laboriosamente a genealogia de uma idéa ou de um invento.

A França recebeu de estranhos a primeira noção das artes litterarias. O drama brotou-lhe de sementes alheias. Foram italianos os primeiros incitamentos. Na Hespanha e no seu já então opulento e variadissimo theatro, andaram os primeiros engenhos dramaticos francezes segregando, d'entre muita ruim e desgraciosa planta, as flores com que adornam á nascença o theatro dos Corneille e dos Racine.

O seculo de Luiz XIV deu á França o summo sacerdocio das lettras. A Athenas moderna foi Paris. Os seus engenhos litterarios foram os proconsules, enviados em espirito a governar, com a irresistivel e suave auctoridade do poder intellectual, as nações que mais se prezavam de policiadas e de elegantes em litteratura e em costumes. A penna pôde, n'aquelle seculo de glorias, mais do que não che-

gára nunca a acabar o bastão dos marechaes de França e a bizarria dos seus exercitos. A monarchia universal, que Luiz o Magno devaneava tantas vezes nas suas conquistas ambiciosas, foi-se pouco e pouco realisando nas lettras. O seculo XVIII com a sua prodigiosa actividade, com a turba dos seus escriptores de todos os generos e de todas as materias, eruditos e philosophos, geometras e romancistas, historiadores e dramaturgos, criticos e naturalistas, acabou de vergar a Europa culta ao genio francez, muito antes que as aguias de Napoleão levassem os decretos imperiaes desde as margens do Tejo até Berlim e até Moscow.

O theatro em todas as nações que o tinham seu e proprio, foi esquecido quasi como um opprobrio nacional, quasi como um testemunho da antiga rudeza litteraria, por todos os que se prezavam de entendidos em coisas de arte e de gosto cortesão.

A Hespanha malbaratou os seus thesouros dramaticos para acolher com enthusiasmo a mais fria e desinspirada imitação da musa tragica franceza. A mina inexhaurivel das boas tradições nacionaes ficou desamparada de cultores á espera de que a reacção anti-franceza viesse reaccender a devoção pelas idéas e pelas coisas peninsulares.

A Inglaterra culta desdenhou tambem a scena

patria, que Shakespeare enriquecêra. O escriptor mais verdadeiramente tragico de todos quantos inspirou jámais o genio, tractaram-n'o de barbaro e de rude, e affectaram de lhe amaciar as asperezas da fórma e as irregularidades da contextura, afeiçoando-lhe os membros, fadados para viver com toda a liberdade e independencia britannica, no cothurno estreito das fórmas classicas. Ducis aprimorou a tragedia de Shakespeare, condimentando-a ao sabor dos paladares francezes, estragados pela sonora e formosa monotonia do verso raciniano. A musa ingleza, destoucada e singela no trajar, como a virgem dos Highlands, teve de pedir aos tragicos de punhos de renda e de véstias de brocado, que lhe alteassem as madeixas á Pompadour, que lhe arrebicassem a tez com todos os recursos da mais cortesan *toilette* litteraria, e lhe calçassem o *talon rouge,* para assim, garrida e perfumada, apparecer sem escandalo e sem profanação diante dos pudicos e aristocraticos auditorios de Paris e de Versalhes.

Se a musa de Racine e de Corneille se assenhoreou sem resistencia do logar que pertencia ao drama nacional nos paizes onde existia, a conquista foi facilima em Portugal, onde a scena não chegára a ter nunca feições proprias e populares.

Ninguem esboçou em mais rapidos e mais felizes traços o nascimento e os progressos do theatro portuguez do que o visconde de Almeida Garrett no prefacio da terceira edição authentica do seu *Catão*.

«A dramatica, diz elle, é uma litteratura nova para nós, ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultores apenas semearam, por uns claros da devesa em terra crua, quatro ou cinco sementes, que vegetaram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas. Quando morreram, ninguem n'o soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra, e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, illudiam-se, indo buscar estacas de arvores estranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar; mas não: esta é planta que só nascediça produz bem; vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outoniças e seccavam. E n'esta parabola está a historia do nosso theatro. Não era mingoa de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.»

Eis ahi está n'uma concisa e delicada allegoria,

tão rica de atticismo e de elegante dicção como as sabia fallar e escrever o nosso poeta, a chronica verdadeira da scena portugueza. O nosso theatro annuncia-se logo por uma soberba frontaria no estylo manuelino. Na portada, rica de arabescos e laçarias, esculpe o cinzel dramatico, ainda rude e inexperto, mas com a sua viçosa phantasia e candura primitiva, o sello de uma arte original. Transpõe-se o limiar, e, dentro, ainda aqui e acolá se notam vestigios de buril, que pretendêra imitar as graças nativas do primeiro. Depois observam-se nas paredes nuas e desornadas do edificio, pedras e lavores, trazidos de ruinas, e esculpturas desgraciosamente apalpadas por modelos estrangeiros.

O renascimento da poesia nacional no ultimo quartel do seculo XVIII deixou sem solução o problema do theatro. A Arcadia subiu bastante nas azas da elevação lyrica para lhe sobrar tempo para a reformação da scena decaída. Aquelle periodo brilhante que nos deixou por herança os cantos do Diniz, do Garção e do Quita, que accrescentou o patrimonio litterario com um dos mais bellos modelos da epopéa comica, e que nos deu no Tolentino o primeiro e porventura o ultimo e inimitavel exemplar da satyra moderna, não contemplou no seu testamento o theatro, que continuou a viver de

algumas versões felizes, de frouxas imitações e de languidas e descoradas producções de Melpómene acanhada, posto que original.

Á Arcadia succedeu não uma litteratura, mas dois homens que, á maneira dos triumviros romanos, dividiram entre si o imperio litterario, e que bem depressa, desenrolando bandeiras oppostas e hostis, repartiram em dois bandos os espiritos litterarios, e accenderam os odios civis na quasi sempre agitada e anarchica republica das lettras.

Mas Bocage e Filinto, que representavam cada um os dois aspectos da litteratura, o estro e a erudição, Bocage e Filinto que foram por si sós a continuação da Arcadia, revolucionada já pelas idéas do seculo em que viviam, e que em tantas provincias litterarias deixaram valiosos monumentos, passaram sem vivificar ao menos o theatro nacional, que continuou com elles e depois d'elles a mesma vida valetudinaria e artificial.

Francisco Manuel era mais erudito que poeta. Faltava-lhe aquella mais preciosa e mais rara porção da phantasia, aquella que inspira o pensamento fundamental das mais sublimes concepções e que delineia na mente o esboço dos mais grandiosos quadros litterarios. O seu talento era antes de ornatista que de pintor. Dessem-lhe um poema já

concebido, e já moldado; ao trasladál-o para a lingua vernacula, o pincel aprimorava-lhe os toques, corrigia-lhe o desenho nos *detalhes*, inventava novos arabescos e nova e caprichosa ornamentação com que dar relevo e galhardia e como que certo verniz de originalidade ao que outros, menos felizes porventura nas bellezas minuciosas, haviam concebido e desenhado em traços menos rasgados e em colorido menos brilhante e gracioso.

Dissessem-lhe que inventasse um poemeto, e o poeta, torturando a musa rebelde e pertinaz, apenas conseguira que o Pegaso tardio e somnolento erguesse o vôo rasteiro sobre o estádio da prosa commum e trivial. Mas que lhe chegue ás mãos o gracioso poema romantico de Wieland, desfigurado na versão mediocre de um traductor vulgar, com as feições alteradas, como de rosto formoso que se reflecte em espelho desegual e recurvo; e o poeta, brincando com a sua musa facil e engenhosa em expedientes de dicção e em recursos de estylo, creará quasi, na paraphrase, o segundo poema de *Oberon,* parecido sim ao poema teutonico, como seu filho que era, mas embellecidos os traços da physionomia, como de raça mais fidalga e mais pura, mas polida a asperidade germanica com o donaire senhoril da poesia meridional, mas enrique-

cido em cambiantes de sentimento e de expressão, mas substituida ao oiro fôsco da severa linguagem alleman a refulgente doiradura de um idioma mais propicio á ternura dos affectos e ao colorido ameno e gracioso dos paineis eroticos.

Por instincto e por estudo, Francisco Manuel chegára a apparelhar uma palheta, onde o colorido da locução podia variar ao infinito. Mas o seu desenho era debil, e durissimo o *tom*, o *caracter* das suas composições. Perfeito imitador no *Oberon,* a sua musa já denuncia a cada passo na excentrica paraphrase dos *Martyres* que o poeta a traz violentada e mal soffreada por aquelles caminhos mais ingratos e mais difficeis de trilhar. Se tivesse tentado a tragedia, imitando as obras primas da scena franceza ou italiana, ter-nos-hia de certo legado em cada uma das suas peças um novo manancial de casta e esmerada elocução, sem remediar n'um ponto a penuria da scena nacional.

Bocage era o contrario de Filinto. Em Elmano a veia inexhaurivel da poesia compensava largamente a mediania dos seus haveres de erudição. O talento n'elle adivinhava sempre a phrase e a palavra. Com uma lingua mais pobre e menos variada, os seus poemas traziam este sello particular que só imprime o genio, e que a erudição mais vagarosa e a mais

indefesa philologia em vão se esforçariam por imprimir e perpetuar.

O theatro deve-lhe algumas versões onde apenas ha que admirar a flexibilidade do seu metro, a symetria caracteristica dos seus conceitos, e o timbre deleitavel dos sons que desferia. A poesia em geral deveu-lhe muito. O theatro muito pouco.

O visconde de Almeida Garrett, ao apparecer na scena litteraria não tinha, pois, modelos a quem seguir, e as tradições dramaticas propriamente indigenas, essas estavam perdidas, como elle mesmo o affirma no trecho já citado do prefacio ao seu *Catão*.

Genio destinado a regenerar um dia as lettras patrias, os seus projectos deveriam ser gigantes desde o alvorecer da sua imaginação. Cesar sonhava já aos dezoito annos as glorias da dictadura e a suprema dignidade da universal dominação.

Julgou-se inspirado para resgatar por si o desleixo e desidia dos poetas que o haviam precedido. Volveu os olhos em redor de si em busca de modelos nacionaes e achou a scena deserta. Affeiçoára-se desde a infancia á leitura dos bons tragicos modernos, e ou nos textos originaes ou nas suas numerosas e eruditas interpretações, versára, como elle diz, com *nocturna e diuturna mão* as escassas, mas

preciosas reliquias do maravilhoso theatro de Athenas. Não lhe havia escapado certamente, no enthesourar d'esta preciosa erudição, o theatro britannico, e como seu mais legitimo e illustre representante a Shakespeare. Se o não lêra todo e no texto inglez, antegostára-o porventura nas imitações de Ducis e de Voltaire. O que é certo e se deprehende do prologo do *Catão,* impresso em Lisboa em 1822, é que Almeida Garrett pudera já comparar e distinguir, na sua mais evidente antithese, os dois generos que desde o principio do seculo se haviam reptado, e continuavam por aquelles tempos em França o litigio pertinaz, que já hoje ameaça terminar por uma racionavel e honrosa composição.

A ambição de rehabilitar a scena portugueza manifesta-a sem rodeios o poeta no prologo do *Catão.*

«Em Portugal, diz elle, se passarmos os antigos, não sei contar senão J. B. Gomes, pois dos outros todos creio que affoitamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contál-os. Será isto defeito e falta nossa? Não teremos nós *la tête dramatique,* como os francezes *l'épique?* Não sei responder, mas nem por isso deixo e deixei desde que me entendo de forcejar por encher quanto em mim fosse o vasio do nosso theatro.»

Tal foi o seu pensamento dominante, porventura desde que a flor da sua mimosa imaginação começou a desabotoar e a recender perfumes. Para habituar-se ao cothurno, d'onde tantos se teem precipitado, foi ensaiando a musa nos logares communs dos engenhos tragicos. A *Lucrecia,* que morreu quasi á nascença no theatro, apunhalada pela sua mediocridade, como em Roma pela sua pudicicia exemplar; a *Mérope,* que viveu para servir de padrão aos progressos do poeta, foram como que academias copiadas do antigo, onde o lapis adquiriu flexibilidade e movimento para se arriscar ao difficil claro-escuro do busto de *Catão.*

Nas primeiras tragedias sentiam-se as peias da imitação a constranger em cada verso o estro ainda balbuciante. No *Catão* a inspiração e o fundo revelam a antiguidade; nas fórmas porém domina o que quer que seja de sabor moderno e da maneira mais solta e mais caprichosa com que se revelou nos seus aureos dias o theatro castelhano, e ainda o drama irregular mas energico de Shakespeare. A *Mérope,* calcada sobre modelos conhecidos, e inspirada por um assumpto vulgar, e prodigamente explorado, não tem caracteres distinctivos quasi, nem feições individuaes. No *Catão* tinha Garrett menos modelos a seguir, e menos rivaes que temer ou supplantar.

De todos os trechos heroicos da historia romana, o Catão era o menos vulgarisado pela musa tragica. Sómente a scena ingleza lhe deparára um talento vigoroso e variado, que, exercitando-se no mesmo assumpto, merecêra um triumpho aos seus contemporaneos, e alcançára para si a honra de restaurador da tragedia e de modêlo dos tragicos britannicos.

Addison era o nome do poeta celebre que primeiro illustrará a scena ingleza cantando a morte de Catão, e a ultima ruina da liberdade romana. Era um d'estes engenhos robustos e perspicazes que dominam a sua época e que legislam com o tacito assentimento das turbas litterarias, que lhe acceitam sem murmurar a dictadura. Poeta e prosador de egual vigor e originalidade, a sua musa brincava com as difficuldades da tragedia, em quanto o periodo facil e sonoro, na lingua menos euphonica e menos graciosa de todo o mundo, popularisava sem tedio a mais valente erudição e fulminava do alto do throno litterario, a sentença dos auctores e a critica humoristica dos costumes e da sociedade do seu tempo. O *Spectator,* jornal litterario, que então exerceu uma influencia prodigiosa, e que ainda hoje se lê com o interesse de um livro sempre juvenil e sempre verdadeiro, ficou para nos attestar que, mais

do que poeta tragico, fadára o talento em Addison um d'estes fecundos escriptores em quem a imaginação, trasbordando, mal se accommoda nas convenções poeticas e nas estreitezas da versificação e da rima.

O *Spectator* atravessou a posteridade, em quanto o *Catão* pertence mais particularmente ao dominio dos eruditos, e em quanto a *Campanha*, pequeno poema em que Addison glorificou o duque de Marlborough, o maior capitão d'aquelles tempos, adormece no quasi geral esquecimento dos proprios sabedores de coisas litterarias.

Apesar de que o tempo e a moderna revolução litteraria rebaixou, nos juizos da critica imparcial, as apreciações exaggeradas do decimo-oitavo seculo, o *Catão* de Addison, pela regularidade classica do seu plano, pelo desenho correcto e vivo colorido dos seus personagens, pela engenhosa antithese das paixões, e sobretudo pela belleza dos seus versos, que por vezes raiam no que ha de mais sublime na poesia tragica, merece ainda um dos mais distinctos logares na scena ingleza.

No seculo passado, em que foi moda menosprezar o theatro nacional de cada povo, para assim lhe inocular a imitação franceza, sob color da arte antiga restaurada, o *Catão* de Addison citou-se e

applaudiu-se como a primeira tragedia do culto e litterario theatro britannico. Shakespeare, que ainda era pouco familiar aos criticos e poetas do continente, foi intimado a ceder o primeiro logar no pantheon dramatico ao que chamavam restaurador da scena ingleza. Voltaire, que era parcial como o são sempre os homens de *muito espirito,* e facil de enthusiasmar, como todos os grandes talentos, disse d'elle algures no prefacio de uma das suas tragedias que «Addison entre os inglezes, assim como Racine em França, fôra o unico que depois dos gregos conhecêra e usára esta poesia de expressão, e esta elegancia continuada, que embellecem a natureza sem nunca a desfigurar.» A *Encyclopedia,* este immenso repositorio de erudição e de critica onde a verdade se enreda a cada passo com o sophisma partidario, e onde a philosophia, por vezes, á força de esmeulhar a analyse, cae no preconceito, de que timbrára em se afastar, a *Encyclopedia* talhou n'esta laconica sentença as mais gloriosas palmas que a um escriptor póde jámais sagrar a posteridade: «O seu Catão é o maior personagem, e a sua tragedia a mais bella de quantas jámais se deram em nenhum theatro do mundo.»

A escolha do Catão para assumpto da tragedia portugueza era como que um repto em que o poeta

portuguez desafiava a gloria do seu emulo britannico. Garrett porém, fugindo á imitação e ao plagiato que em tempo lhe imputaram, soube, sem trair a magestade classica do «ultimo dos romanos», ageitar-lhe tunica mais graciosa e soltar-lh'a em prégas mais phantasiosas e mais livres do que o permittia o rigor da pragmatica antiga e a affectada severidade da escola raciniana.

Houve uma mulher, cuja celebridade litteraria não foi bastante a escurecer o moderno esplendor das Stael e das George Sand, que já no seu tempo, em que imperava sem rival pela agudeza das suas apreciações e pela vivacidade do seu espirito, prophetisou á musa de Racine, então ainda admirada com idolatria, a abdicação do diadema tragico diante dos modernos cultores da scena romantica. Madame Sevigné disse: «La mode d'aimer Racine passera comme la mode du caffé.» O prognostico não saíu de todo o ponto veridico. Nem Racine passou inteiramente, nem o café perdeu um ápice dos seus bem ganhados fóros de bebida universal. A verdade está porém em que Racine, que era a manifestação de um só dos aspectos do theatro, teve descendentes litterarios que lhe renegaram o culto e lhe deslustraram a memoria, e outros, que, mesclando n'um bem entendido eclectismo as bellezas do theatro

classico e as da scena romantica, preferiram a verdade dramatica á veneração das tradições e á auctoridade dos antigos.

D'estes ultimos foi Garrett no seu *Catão*. Para ser fiel observante do rito raciniano, era mister não haver degustado uma vez ao menos as bellezas de Shakespeare. Quem um dia por acaso, com o estro ardente de verdadeira inspiração, houver lido o *Hamlet*, o *Rei Lear*, *Macbeth*, ou *Julieta e Romeu*, sentirá um raio de intima luz relevar-lhe subitamente que o bello e o sublime podem manifestar-se sob um aspecto novo e diverso das regradas fórmas de Racine e do estylo elegante mas artificial do theatro classico francez e italiano. E o que não dirá logo o instincto, se depois de termos visto os romanos de Paris e de Versalhes aprimorar requebros e aguçar conceitos e antitheses nos *Horacios* de Corneille, ou na *Berenice* de Racine, a rude mas ideal musa de Shakespeare nos levar em espirito ao fóro de Roma, nos mostrar Antonio despregando a tunica de Cesar ante o feretro do dictador, e concitando na artificiosa mas valente eloquencia do triumviro futuro a compaixão das turbas e a vindicta popular? Os heroes de Racine podiam existir; os de Shakespeare vivem e fallam como se o genio os evocasse do sepulcro. A musa classica fere ape-

nas o espirito, a romantica elevando o espirito, inflamma ao mesmo tempo o coração. É a differença da imitação ao original. Racine pinta os heroes, contornando-os pelo debuxo dos tragicos antigos. Shakespeare, que entrevê os vultos heroicos, por entre o nevoeiro da sua deficiente erudição, completa-lhe a imagem por esta especie de poder divinatorio com que o genio de Cuvier, animando ossadas incompletas com a scentelha divina do talento, povoava as selvas do mundo primitivo com gigantes e desconhecidos animaes. Shakespeare é como o zoologo francez: recompõe pelo instincto do genio os homens de outras eras.

Visconde de Almeida Garrett (*)

Ainda ha bem pouco tempo que a pedra tumular encerrou as cinzas de João Baptista de Almeida Garrett. O tempo decorrido, se tem valido já para a sua memoria muitos seculos de posteridade, não pôde fazer que as lettras patrias deixassem o lucto em que as envolveu a perda irreparavel d'aquelle genio fecundo e original. Opprime-nos uma grande dôr, mas conforta-nos uma invejavel consolação. Perdemos o homem grande, mas tivemos a ventura de nascer na sua edade, e de admirar ainda vivo aquelle que a posteridade saudará pelos gloriosos monumentos que levantou a Portugal. É um orgulho generoso este, que devemos sentir todos os que assistimos á esplendida alvorada d'aquelle genio, ao robustecer d'aquelle choupo gigante, ao quebrar d'aquelle vaso de eleição, em que a Providencia se

---

(*) Do *Portugal Artistico*, janeiro de 1855.

comprazeu de encerrar todas as graças da imaginação e todas as formosuras do talento.

A posteridade tem para o admirar um livro e uma pedra funeraria. Nós vimol-o passar junto de nós, rico de inspiração, radiante de gloria e cercado em vida por esta auréola formosa que a inveja não pôde nunca de todo annuvear. É saudoso o admirar já tombada no chão a arvore gigante, cuja folhagem assombreou os que lhe pousaram em redor. Mas quanto não é mais grato o contemplál-a em pé, agitando a rama viridente, florejando e sorrindo graças e primores, e entestando soberba com as nuvens de um céo meridional!

Assistimos quasi com o poeta á creação dos seus poemas mais sublimes. Entrámos com o orador no *forum* publico, quando ia a resuscitar na tribuna popular a nobreza e a facilidade dos antigos oradores. Ha em nós o orgulho legitimo de que elle pertenceu á nossa propria geração. Podêmos quasi reclamar para nós mesmos a gloria de seus tacitos collaboradores. Não ha nenhum de nós que não tivesse com o poeta illustre mais de uma nobre ligação e affinidade. A uns revelou na convivencia escolastica dos primeiros annos o genio que brincava ainda, exercitando-se, nos primeiros cantos de uma musa facil, e que insculpia descuidoso entre

os censeiraes do Mondego a primeira lettra da sua inscripção na lapida das grandes e raras intelligencias nacionaes. A outros prendia-o a confraternidade dos enthusiasmos politicos e do civismo juvenil na aurora da liberdade. Com estes uniam-no as recordações de uma trabalhada emigração, e o mesmo pão do exilio repartido em terras estrangeiras. Com aquelles haviam-no estreitado os laços da gloria commum nos tempos em que o poeta tomára á semelhança de Camões, em prol da sua patria, n'uma das mãos a lyra dos cantos nacionaes, e na outra a espingarda do voluntario; nos tempos em que um dos monarchas do talento descêra a arrolar-se, sob as bandeiras do Imperador, ao lado dos mais humildes conscriptos da liberdade.

João Baptista de Almeida Garrett nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799. Ajudado do talento que se lhe sazonava já na edade pueril, e incitado por uma educação aprimorada, fructo dos carinhos e das sollicitudes paternas, o poeta insigne annunciára, desde os seus primeiros annos, o vigor da intelligencia, que havia, mais diante, assignar-lhe um logar de honra na primeira plana dos talentos nacionaes. A invasão franceza forçou, com a tomada do Porto em 1809, a familia do sr. Garrett a buscar na Ilha Terceira um asylo mais seguro con-

tra a insolencia das aguias imperiaes. N'aquella Ilha decorreram-lhe os annos da puericia, não entre brincos e folguedos infantis, senão em grave commercio e continuada frequencia com as musas da antiguidade e com os mais auctorisados escriptores das modernas litteraturas, como a quem, já amadurecido o talento na aurora da existencia, se preparava de antemão para inscrever um nome glorioso a par das populares reputações de Gil Vicente e de Camões.

Em 1816 entrou a cursar os estudos maiores na faculdade juridica da universidade de Coimbra. O talento do sr. Garrett não se desmentiu nas provas academicas. Como a Antonio Ferreira, a Camões, a Sá de Miranda, as musas perfilharam solemnemente o raro engenho do poeta entre os salgueiros do Mondego. Coimbra tem-se illustrado muito mais por haver sido quasi sempre a segunda patria dos vates, do que por haver sido por largos annos a metropole das sciencias em Portugal. Parece que os talentos poeticos vão receber no Mondego a sua magestosa investidura. É como se fosse ali o Permesso de Portugal, como se as musas nacionaes se deleitassem em vaguear melancolicas n'aquelles sitios, elegendo para Castalia a saudosissima *Fonte dos amores*.

Uma tragedia, *Xerxes,* que do theatro academico, onde se representou, nunca saíu para a luz publica, foi a primeira composição com que o sr. Garrett manifestou aos dezeseis ou dezesete annos o estro brilhante, que já pudera antes rastrear-se por algumas poesias fugitivas, e especialmente por uma elegia escripta em honra de um professor da universidade. A *Lucrecia,* tragedia tambem inedita, demonstrou um anno depois que o poeta, ainda erudito seguidor das musas classicas, não havia ainda pela propria meditação proscripto as convenções da arte greco-romana, para voar, desprendido dos modelos, ao sabor de uma espontanea e fecunda inspiração.

O sr. Garrett pagou á musa antiga, que morria, os ultimos respeitos que se devem a uma realeza que está proxima a abdicar. A *Mérope,* que depois o poeta deu á estampa, e as duas tragedias já citadas, são como que os estudos do *antigo,* com que o cantor de *D. Branca* e de *Camões* industriava o pincel no colorido e no debuxo, para depois, nos quadros da sua escola, poder temperar a liberdade phantasiosa das musas romanticas pela elegancia mesurada e pela correcção e harmonia do plectro greco-romano.

Em 1820 a revolução iniciou Portugal no culto

fervoroso da democracia. O sr. Garrett na primavera dos seus annos, n'esta quadra risonha, em que o coração pulsa quasi sempre generoso e romanesco, em que a alma se alarga, saudando o amor e invocando a liberdade, offereceu á patria regenerada as primicias publicas do seu talento lyrico, e foi então o Pindaro da revolução, como depois havia de ser na Ilha Terceira o inspirado Tyrteu das hostes liberaes.

Pouco tempo depois o poeta, illustrando-se por uma das suas mimosas composições, o *Retrato de Venus,* experimentou a primeira perseguição, e tendo de defender perante o jury aquelle poemeto, que havia sido incriminado, lançou n'uma defesa oral, brilhante e vigorosa, os fundamentos da sua reputação como ornamento da tribuna.

Aos vinte e um annos incompletos achamos o poeta nomeado official da secretaria do reino, e encarregado de dirigir ali a instrucção publica, que por aquelles tempos veiu a cair em quasi absoluto desamparo e orfandade. É a este periodo que pertence o *Catão,* a mais elegante e primorosa das tragedias portuguezas; poema então apreciadissimo pela elevação republicana das suas idéas, e ainda hoje apreciavel pela nobreza do metro e pela admiravel correcção do seu estylo.

Assim como o sol, n'um dia de primavera que desponta sombrio e nebuloso, se annuncia primeiro por um brilho pallido e pouco duradouro, para, depois de algumas horas de nevoeiro, brilhar esplendido n'uma atmosphera limpida e serena, assim a liberdade foi primeiro em Portugal um lampejo duvidoso, e o antegosto incompleto dos fóros populares da nossa edade. A reacção proscreveu-a, depois de um curto periodo de inexperiencia. A restauração intimou o desterro aos patriotas, e d'este numero foi o sr. Garrett, que pela primeira vez deixou a sua terra para provar no verdor dos annos os amargores da expatriação.

Elegeu o poeta para seu retiro em 1823 o condado de Warwick, na Gran-Bretanha, e foi ali que o illustre cantor de Camões se inspirou como Ovidio nas saudades de Portugal e nas angustias do exilio, para legar a Portugal um poema nacionalissimo e glorioso na escolha do assumpto, calcado nas fórmas aerias e imaginosas da nova poesia, que já por aquelles tempos, com os nomes de Chateaubriand e de lord Byron, com o poeta da fé, e com o poeta da duvida, andava firmando os alicerces da escola que se tem chamado romantica, e que o nosso poeta introduziu e naturalisou em Portugal.

Era este poema o *Magriço,* e entretecia-se a fabula com a sabida tradição, ou antes lenda romanesca dos doze de Inglaterra e do torneio real de Smithfield em prol da honra offendida das donzellas inglezas. Era assumpto de molde para uma historia de cavallarias e galanteios. Pertencia naturalmente o poema ao cyclo meio-epico, meio-romancesco dos Palmeirins e dos Amadis de Gaula, mas posta a narração em bellos versos, e avivada por muitos conceitos espirituosos, por muitos episodios ora graves ora satyricos, e abrilhantado o poema com os gracejos, as canduras e os mimos de Ariosto, alliados ás excentricidades e ás ironias do *D. Juan.* Chegava o poema a quasi trinta cantos, quando o manuscripto se afundiu na foz do Douro, com o navio em que vinha, e que as baterias realistas ali metteram a pique.

N'este seu primeiro desterro escreveu o sr. Garrett o seu *Tratado de Educação,* de que só veiu a imprimir-se o tomo I em Londres em 1829, sem que nunca mais, apesar do apreço em que o poeta conceituava esta obra, visse a luz o segundo e ultimo tomo, e não obstante no-lo prometter o auctor na lista dos seus ineditos.

Dizemo-lo ao mesmo tempo com lastima e com orgulho. O poeta, para não mendigar na terra es-

tranha o auxilio dos amigos, passou em 1824 ao Havre, e o grande genio portuguez não se pejou de repartir o seu tempo entre um mister quasi degradante para a sua privilegiada intelligencia, e o culto das musas, que era já então para elle um fanatismo consolador, e uma gloriosa predestinação. Foi nos ocios do empregado commercial da casa Laffite, que o sr. Garrett ideou e escreveu os dois livros predilectos da sua e da gloria nacional. Póde dizer-se que o *Camões* e a *D. Branca,* estes dois thesouros de elegancia e de sentimento, estes dois transumptos de tudo quanto a poesia tem de mais sublime, e o coração de mais affectuoso, brotaram espontaneos entre os afans prosaicos do tracto mercantil. Não é a primeira vez que o genio, para viver a vida material, se abaixa á humildade das profissões communs, em quanto, nos que o mundo chama ocios, se eleva, para viver a immortalidade, ás mais augustas concepções da intelligencia.

É da primeira emigração do sr. Garrett, que deve datar-se a revolução litteraria que o poeta insigne não descontinuou de consolidar pelo seu exemplo e pelo seu conselho, até os derradeiros annos da sua vida. Quasi desde o seculo de quinhentos, que não possuiamos, na abundancia e na variedade apparente das nossas lettras, uma arte

verdadeiramente nacional. O *Camões* e a *D. Branca* foram para os tempos modernos o que o *Oberon* e a *Messiada* para a Allemanha, os *Martyres* para a França, e para a Inglaterra o *D. Juan* e os poemas originaes de lord Byron. Com estas duas creações gigantes do seu estylo, o sr. Garrett afugentou as musas pagans, convencionaes e emprestadas dos culteranistas e dos arcades, para enthronisar a casta e genuina musa christan e portugueza.

Pouco tempo depois, em 1826, o sr. Garrett, em cuja intelligencia crescia e se aperfeiçoava o talento do publicista a par com o estro do cantor, inseriu no *Popular*, periodico mui conhecido, que então se publicava em Londres, um escripto notavel — *Europa e America* —, o qual depois veiu o auctor a encorporar na sua obra politica de maior tomo — *Portugal na balança da Europa* —, dada á estampa n'aquella cidade em 1830.

Depois das largas tormentas politicas que assignalaram o reinado infeliz do Senhor D. João VI, vieram, com a morte d'este rei e com a outorga da Carta Constitucional, a augurar-se mais prosperos dias a Portugal. Começou o segundo ensaio e a segunda provação para a liberdade. Os exilados correram anciosos á terra d'onde os banira a intolerancia timida e a suspicacia da reacção. O sr. Gar-

rett saudou de novo a patria, e, como quem se inscrevêra dos primeiros no martyrologio da liberdade, foi dos mais promptos e zelosos em pôr a sua grande intelligencia e o seu bello nome a serviço da cruzada liberal. O *Portuguez* e o *Chronista*, jornaes politicos, ainda hoje nomeados, foram, n'aquelle interregno do absolutismo, os testemunhos que o sr. Garrett nos legou da vehemencia do seu talento de publicista e do enthusiasmo fervoroso e sincero das suas opiniões.

A quadra não ia propicia na Europa para os fóros populares. A politica europeia e os velhos interesses sociaes, buscando esforço desmedido na propria decrepidez, conseguiram rasgar a Carta sem lhe darem tempo de ser instituição. A segunda tentativa de plantar a liberdade sem a consagrar pelas batalhas foi improficua e desastrosa. A Carta, como todas as grandes revoluções que ferem o amago da sociedade, só poderia naturalisar-se de feito, desbravado pelas baionetas, e regado com o sangue das luctas civis, o sólo portuguez, onde se haviam arreigado fundo e por seculos o despotismo e a servidão. Tão fatal é que seja a guerra o instrumento das grandes reformas sociaes, e que a luz da civilisação se annuncie em toda a parte e sempre ao lampejo terrivel dos canhões.

O poeta illustre soffreu n'uma rigorosa prisão durante tres mezes a punição da sua fidelidade á causa liberal. Algum tempo depois a liberdade refugia de Portugal, e o sr. Garrett emigrava para voltar com ella de novo á patria, como um dos soldados do exercito libertador.

Londres foi de novo a terra hospitaleira que deu guarida ao illustre foragido. Ali publicou o sr. Garrett, em 1828, o poema de *Adozinda,* que popularisou e deu novo brilho ás legendas poeticas, degenerado depois, na exaggeração da cópia, por inscientes imitadores. Em 1829 appareceu em Londres tambem a *Lyrica de João Minimo*, de que o poeta promettia depois a segunda parte, ainda até agora inedita.

Os destinos da causa liberal mudaram-se totalmente com a estrondosa revolução de Julho em França. O Duque de Bragança, abdicando o throno do Brazil, veiu ser o general de uma grande empresa, a que faltava um chefe resoluto. Aos soldados valentes que haviam mantido na Terceira sempre inextincto o fogo sacro da liberdade, veiu accrescentar esforço novo a expedição que se organisou em França, e partiu de Belle-Isle em 1832. O poeta acompanhou a pequena phalange, como soldado raso n'um batalhão de caçadores, e, depois

de chegar aos Açores, passou para o corpo academico, onde militou até que seus talentos o chamaram a servir com maior utilidade publica, collaborando activamente, sob a inspecção do ministro Mousinho da Silveira, em trabalhos legislativos de grave consideração. O decreto de 16 de maio, sobre a organisação administrativa, é o documento mais notavel do esmero e sagacidade com que o poeta sabia, sem deslustrar as musas, consagrar o seu genio ás questões aridas e positivas da vida publica.

Reduzidos os Açores á obediencia da Rainha, o sr. Garrett acompanhou a expedição constitucional, e com ella veiu desembarcar nas praias do Mindello. No Porto encarregou-lhe o governo a organisação da Secretaria do Reino. Ali lhe commetteu o Duque de Bragança a redacção do decreto, por que se reformou a Ordem da Torre e Espada; o preambulo do decreto é um dos raros documentos officiaes, em que a pureza da lingua, e os primores do estylo, não hajam sido afugentados, pela ignorancia pretenciosa dos que geralmente escrevem relatorios e peças officiaes.

Concluida felizmente a restauração da liberdade, foi o sr. Garrett nomeado encarregado de negocios da Rainha na côrte de Bruxellas. D'ali, passados

menos de dois annos, transferiu-o o governo, na qualidade de ministro residente, para Dinamarca. Não acceitou o sr. Garrett a nomeação, e voltou á patria onde o esperavam novos encargos e nova gloria.

Eleito deputado ás Côrtes constituintes, depois da revolução de setembro, o sr. Garrett provou na tribuna parlamentar que a Providencia lhe fadára talentos para todas as artes da palavra, e vocação para todos os assumptos do pensamento. O auctor do *Catão* e do *Camões* mostrou-se orador vehemente e energico; o cantor de *Adozinda* e de *D. Branca* trasladou para a assembleia popular a formosura e a amenidade do estylo, e os primores e galhardias da sua linguagem sempre vibrante e sempre pittoresca.

Depois de terminadas as guerras da liberdade, a lyra do bardo havia largo tempo emmudecido, trocada pelo mosquete do voluntario, ou esquecida nos cuidados do estadista e do politico. Agora devia começar a terceira, e talvez a mais florescente edade para o genio do poeta; e o fundador da poesia romantica em Portugal devia forcejar por deixar modelos em todos os generos á geração encarregada de receber a sua herança intellectual e de continuar as tradições da nova escola litteraria.

A regeneração do theatro nacional foi um dos seus mais desvelados empenhos. Para a inaugurar escreveu o sr. Garrett o *Auto de Gil Vicente*, que em 1838 se representou no theatro da rua dos Condes. É d'este drama, genuinamente portuguez, que data o que hoje possuimos de propria e de exclusivamente nosso n'este genero de litteratura.

Em meio dos continuados trabalhos politicos, a que o incitava a sua grande reputação parlamentar, e a gravidade do seu voto nos assumptos da causa publica, o sr. Garrett redobrou de enthusiasmo pelas lettras, e provou em novos monumentos litterarios a fecundidade do seu talento, e a facilidade e a elegancia da sua musa. Em 1840 compoz, para ser representado pelos alumnos do Conservatorio de Lisboa, o pequeno drama, *D. Filippa de Vilhena*. No anno seguinte o *Alfageme de Santarem*, resumo dramatico das agitações populares do tempo de D. João I, surgiu quasi d'entre as commoções politicas e dos combates oratorios, em que andava empenhado o celebre poeta, nos seus dias de mais esplendor parlamentar. O *Fr. Luiz de Sousa*, a verdadeira coroa dramatica do sr. Garrett, compoz-se logo depois, e deu-se á estampa só em 1844.

A *Adozinda* fôra a primeira e felicissima tentativa de rejuvenecer e popularisar a singeleza dos

antigos cantares do povo, e de naturalisar nas lettras a xacara e o romance, que a pragmatica severa dos seiscentistas e dos classicos proscrevêra como rude e deselegante. O sr. Garrett continuou a colligir e a colleccionar as versões populares d'estas historiasinhas rimadas, que o vulgo indouto recita e canta ao lar da familia, e que são os mais antigos monumentos da litteratura nacional. D'ahi nasceu a idéa do *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, de que o sr. Garrett publicou o 1.º volume em 1843. Só alguns annos depois appareceu o 2.º tomo de tão laboriosa e interessante collecção.

Na década que começa n'este anno, a penna do poeta não foi esteril de glorias patrias e de inspiradas invenções. N'este periodo escreveu o sr. Garrett o seu primeiro e ultimo romance, *O Arco de Sant'Anna,* modêlo de castigada phrase portugueza, de espirituosa observação, e de satyra discreta. N'este intervallo escreveu e deu á estampa o bellissimo livro das *Viagens na minha terra,* porventura a mais pensada e mais rigorosamente escripta das obras em prosa do sr. Garrett. O theatro do poeta ennobreceu-se com uma nova composição, a *Sobrinha do Marquez,* em que a formosura do dialogo se allia á justa apreciação de um grande vulto historico, o de Pombal. A voz do poeta solta-se, pela

ultima vez, nas *Folhas cahidas,* mimosa collecção de poesias lyricas, de uma saudosa amenidade e de um sabor original e inimitavel. É o poeta, que á maneira de Millevoye, lê nas folhas sêccas, arrancadas pelo furacão do outono, o presagio da agonia proxima, e que desfolha pela sua propria mão as saudades íntimas em redor da lousa semi-aberta. É o vate que annuncia de perto a sua ultima hora, e que paga á sua irresistivel vocação e ao culto poetico das paixões a ultima homenagem para, rendido o corpo, mas robusta como sempre a intelligencia, se concentrar, todo affecto e penitencia, no fervoroso culto do Senhor.

Nada faltou áquelle talento privilegiado para fazer-lhe da vida um modêlo litterario, da morte um exemplo edificante e piedoso. O homem que, nos esplendores da gloria e no seio da mais brilhante inspiração, provára que o talento é sempre inseparavel das tormentas do coração, ao desprender-se das prisões terrestres, quiz antegostar ainda no mundo as doçuras ineffaveis da luz celeste, e despido das vaidades mundanas, reconhecer de perto a omnipotencia creadora que lhe assentára na fronte predestinada o diadema da magestade intellectual.

As maculas da vida tinha-as offuscado perante o mundo, sumindo-as na luz deslumbrante do ge-

nio. Os erros da consciencia expiou-os perante Deus nos mysticos exercicios de seus dias derradeiros. E quem não tem erros e maculas na vida? Que peregrino andou sempre via recta sem transviar-se em passos escabrosos? É proprio dos rios caudalosos o trasbordarem ás vezes do álveo em que se estreitam. Só os regatos pobresinhos serpeiam ignotos e remansados, estorcendo-se em meandros humildes, sem jámais encresparem a corrente, que passa murmurando.

E comtudo a harmonia celeste do alaúde do poeta não pôde cobrir sempre os clamores da intolerancia, e a vozeria discorde de mil invejas. Só a morte pôde sellar a alliança fraternal entre a fama do poeta e a opinião dos seus contemporaneos. Triste condição das paixões humanas, que só d'entre as cinzas se levante a justiça para os grandes homens, e que só brote do tumulo, por entre os goivos e as saudades, como um cedro funerario, a gloria indisputada para os nomes immortaes.

CASTILHO

Antonio Feliciano de Castilho (*)

Do Capitolio á rocha Tarpeia não dista mais que um passo: disse um grande poeta da tribuna. Tem-no repetido mil vezes a multidão, como a expressão concisa das rapidas vicissitudes da gloria e da ignominia.

Do sublime ao ridiculo não dista mais que um passo. Disse-o um poeta dos campos de batalha, e teem-no repetido mil vezes as multidões, cifrando na gravidade d'este conceito a antithese das maiores grandezas e das maiores degradações.

Ambos aquelles aphorismos se enlaçam para definir a poesia. A poesia é a grandeza e o nada; o universo e o atomo; a gloria e a humilhação; o triumpho e o martyrio; o genio e a loucura.

Singular manifestação da intelligencia é a poesia, que tão contrarios são sobre ella os juizos da

---

(*) Da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, vol. I (1859), e vol. II (1860).

humanidade. Platão coroa-a de myrtos, e fecha-lhe no rosto as portas da sua cidade. A Roma christan muitos seculos depois decreta-lhe o solio e a purpura nos triumphos do Tasso. Escrava e perseguida hoje; ámanhan senhora e venerada. Hoje desdenhada por van; ámanhan reverenciada por varonil. Hoje desterrada para entre rusticos, com a flauta pastoral de Theocrito; ámanhan posta á frente dos exercitos e das povoações enthusiastas com a tuba guerreira de Tyrteu ou com a lyra jovial de Béranger.

O que é a poesia?

Para os antigos é um deus que vibra no intimo d'alma as cordas do estro juvenil. *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*

Para os modernos é uma lucta em que o espirito, rompendo as cadeias da humanidade, esvoaça para o infinito.

A poesia é o protesto eloquente do sentimento, que affirma a immortalidade, contra a sensação, que celebra a apotheose da carne.

Nenhum poeta póde ser materialista nem atheu. Lucrecio crê, poeta; quando philosopho, duvida. Anacreonte é espiritualista nos proprios delirios de Lyeu.

O poeta é o Titão mythologico, que sobrepõe as montanhas ás montanhas para chegar até Deus.

Só ha duas sublimes manifestações da intelligencia humana. Por ellas o entendimento é genio, e o genio parece volver á divindade. São a poesia e o calculo. Só o geometra e o poeta comprehendem verdadeiramente a Deus, porque o imitam. O geometra mede o universo, o poeta canta-o. Ambos o refazem pela harmonia e pelo numero. O poeta adivinha-o, o geometra demonstra-o. O geometra acha o espaço e as suas fórmas. O poeta entorna-lhe na amplidão torrentes de luz e ondas de perfumes. E como se confundem nas suas fronteiras estas duas poderosas faculdades, que parecem ao vulgo intractaveis e hostis: a phantasia e a abstracção! Como se enleiam e fraternisam! Como folgam no mesmo campo, como se extasiam em eguaes contemplações, como vão tantas vezes, irmans e socias, roubar a Jupiter o fogo de Prometheu! O céo é para ambas um enlevo; a terra para ambas um thesouro; o mar para ambas um espectaculo. O infinito e a harmonia são-lhes meditação commum. Sobre o poema de Milton irradia, deslumbrante de esplendores, a imagem sublime do Creador. No fim do livro de Newton apparece Deus, conclusão sublime d'este admiravel syllogismo, que se chama o universo.

Poeta e geometra, irmãos no destino, enfeixa-os

ás vezes a plebe materialista na mesma excommunhão, e humilha-os a turba, que tumultua no fóro e no mercado, com os mesmos apodos e sainetes. Véda-lhes as magistraturas e os officios da republica, e julgando desacatál-os, estreita-lhes os caminhos da terra e do presente a elles, que teem patentes e esperançosos os caminhos da immensidade e da gloria. É um poeta! É um geometra! são duas sentenças que significam a incapacidade para os negocios prosaicos da vida material.

Uma vez o grande conquistador moderno quiz honrar, como costumava, o genio dos sabios, não chamando-os apenas aos logares honorificos e rendosos do imperio, senão ao maior e mais trabalhoso officio do estado. Appeteceu-lhe ver como executaria as leis caducas em tres palmos de terra o que dictava por esse tempo as leis eternas á immensidade dos espaços. Chamou Laplace e fêl-o secretario de estado. Ao cabo de poucos mezes acharam-lhe na pasta dos negocios, em vez de expediente, os manuscriptos da theoria da lua. Motejaram os praguentos da distracção do sabio. Mais de um obscuro escriba riria a bom rir da negligencia do ministro, e altearia os hombros para se medir com o geometra francez e a si proprio decretar-se primazias de entendimento. Napoleão commentou a

anecdota com os seus marechaes. Mas se o imperador escreveu com a espada alguns capitulos de uma historia, que d'aqui a alguns mil annos será apenas uma lettra na inscripção dos seculos, Laplace escreveu no céo um livro, que terá para sempre o mesmo valor; se Napoleão cingiu a fronte de uma luz, agora esplendida, e que será no futuro um crepusculo indeciso, Laplace circumdou o seu laurel de uma luz, que terá sempre a novidade de uma aurora.

Chateaubriand passou rapido pelo poder, como entre dois oasis floridos se atravessa correndo o Sahara. Luziu e apagou-se depressa. As turbas disseram maliciosamente: É um poeta! mas o seu tumulo, afagado pelas aguas do Oceano nas costas da velha Armorica, será para os vindouros uma romagem, em quanto ninguem saberá onde repousam as cinzas, já hoje quasi esquecidas, de Villèle.

Trazem os poetas comsigo este condão, quando nascem. Custa-lhes a caminhar na terra, mas é-lhes facil o caminho para a verdadeira gloria. Tardios na fortuna agora, velozes na reputação para a posteridade. Vêdes aquelle velho veneravel, tunica em desalinho, rôtas as sandalias, bordão de peregrino na mão? Pasmam-lhe em redor as mulheres que o escutam, esquecem os seus mesteres os homens,

que o rodeiam. Canta, inspira-se. Do espirito d'elle aos espiritos que o cercam formam o genio e o enthusiasmo uma cadeia de sensações communs. É Homero, que solta um hymno a Jupiter, ou declama, com a accentuação heroica, a temerosa batalha de Achilles e de Heitor.

Agamemnon é um nome, Nestor um mytho; mas Homero é uma gloria. Tanto foi o poder de uma lyra vibrada pelas mãos de um mendigo inspiradissimo.

Quantos reis encheram a terra com a fama dos seus triumphos, em quanto Homero votava a estranhos lares as offerendas, que não podia sagrar aos seus? Quantos dominadores arrogantes assombraram com a sua chlamyde a extensão de imperios colossaes, em quanto o vate hellenico não podia medir com a sua sombra um só palmo de terra, que fosse d'elle? Elles grandes, poderosos, senhores, reverenciados e temidos. Elle pequeno, desvalido, hospede, e recebido por esmola na humildade das choupanas. Elles encastellando pyramides sobre pyramides, com alicerces de ossadas, para salvarem o nome do diluvio inexoravel dos tempos. Elle, descuidoso, assentado á beira dos regatos obscuros, luzindo a magestade da sua miseria ao sol esplendido da Achaia, pagando com trovas o pão da hos-

pitalidade popular, e cunhando em medalhas indestructiveis o seu busto para a immortalidade.

Os grandes morrem duas vezes, uma para o mundo, a outra para a memoria. Elle, morrendo, ergueu-se, estatua immortal da sua propria gloria, sobre o pedestal dos seus canticos divinos.

Perguntae a esses grandes homens de um dia, a esses, a quem a fortuna dá em applausos ephemeros a parodia sarcastica da gloria, perguntae-lhes se quereriam ser poetas e trocar pela lyra sem adornos as insignias da suprema potestade? Até da pergunta haveriam de sorrir. Perguntae-o a esses, que se crêem Cesares, porque a fortuna lhes ageitou nos hombros a veste imperatoria. Perguntae-o a esses, que na tribuna alcançaram os loiros faceis e communs de uma eloquencia, que após si não deixa rastro. Perguntae-o a esses, a quem vulgares talentos alcançam n'um dia as eminencias do poder. Perguntae-o áquelles, a quem a complacencia docil dos amigos e a instabilidade dos sectarios decretam n'um dia triumphos e no outro execrações. Se elles se trocariam por um poeta! Se elles não julgam vinculada a si com mais seguros grilhões a memoria dos posteros! Se elles trocariam uma oração das suas por um poema inteiro!

A humanidade é leviana, mas é justa. Os seus

erros ella mesma os corrige e os expia! Decretam os homens em vida os maiores triumphos aos que menos os merecem. As gerações que succedem, revogam porém, sem piedade, as sentenças dos contemporaneos. Na Grecia e em Roma mais coroas e mais acclamações tinha um athleta dos jogos olympicos ou um gladiador do circo, do que um poeta admiravel. Hoje o enthusiasmo é no theatro para os cantores de uma noite, no senado para os oradores de um dia, no *forum* para os dictadores de um mez. A gloria será ámanhan para os poetas, para os artistas, para os sabios, para os grandes bemfeitores da humanidade. Aos que enlevam ou seduzem um momento, dêmos-lhe o enthusiasmo, que é a doiradura falsa da gloria, dêmos-lhe as palmas e os applausos, que são a immortalidade fingida, dêmos-lhe a apotheose dos jornaes, que é a divindade de um dia. Os grandes poetas cantem, esperem e morram. Deixem passar junto de si, nos seus carros triumphaes as mediocridades brilhantes, as cantoras, que envelhecem, os tenores, que definham, os oradores, que empallidecem, os estadistas, que vão perder-se no occaso. Deixem passar a procissão solemne das reputações da praça publica, deixem luzir ao sol as veneras e as gran-cruzes, as purpuras e os loiros. É o grande prestito, é o lugu-

bre epigramma, em que o pincel de Holbein escreveu o epitaphio das glorias feitiças. É a dança da morte, que desfila. Ámanhan os imperadores serão um tumulo, os ministros um echo, os poderosos um nada. E a gloria virá tomar pela mão o verdadeiro genio, chamál-o do seu cantinho na lareira humilde, enxugar-lhe as lagrimas, coroar-lhe a fronte, pronunciar-lhe festiva o *io triumphe* da verdadeira immortalidade.

Por isso os grandes poetas não podem ter biographia. Viver para elles é sentir e cantar. A narrativa da sua vida terá apenas dois capitulos: a poesia e o amor. Viver, para outros homens, são as facções, em que se mesclaram, as discordias, em que foram parte, os exilios, que padeceram, as magistraturas, que geriram, as victorias, que alcançaram. A historia de um poeta são tres palavras — nasceu, cantou, morreu. Da vida do Dante quem sabe os odios, que lhe votaram, os desterros, que o levaram longe da patria, os officios, que lhe incumbiram? Quem cura hoje de saber em qual das parcialidades Guelpha ou Ghibelina, se inscreveu o sombrio cantor do inferno? Quem sabe que elle assistiu á batalha de Campaldino? Quem sabe que foi embaixador junto do papa? A sua vida inteira é o seu poema. E basta elle só para a sua gloria.

Quem foi Virgilio para a vida publica? Um ocioso. Elle mesmo o diz, na transparente allusão á munificencia de Augusto:

Deus nobis hæc otia fecit.

Quem foi Homero? Um peregrino inspirado, que talvez nunca assistiu como cidadão ás assembleias democraticas da sua patria.

Quem é Castilho? Para a posteridade, que o ha de julgar, é primeiro que tudo, mais do que tudo, um poeta; um poeta, quando canta, e um poeta, quando ensina e se afadiga por diffundir a instrucção entre os humildes.

*

Antonio Feliciano de Castilho nasceu quasi com o seculo, n'aquelles annos, que entre o cerrar do XVIII e o alvorecer do nosso, deram a luz a tantos homens illustres, que nas lettras, na sciencia e no governo, vieram a ser os Hugo, os Lamartine, os Guizot da França, em Portugal os Garrett, e os Rodrigo da Fonseca. Correndo já o seculo presente, nasceu Castilho em Lisboa, na rua de S. Roque, n'uma casa, que fica fronteira á egreja da Miseri-

cordia. Foi seu pae o doutor José Feliciano de Castilho, lente de prima da faculdade de medicina, medico da camara d'el-rei D. João VI. Foi sua mãe a sr.ª D. Domicilia Maxima de Castilho, senhora que ainda hoje, na edade provecta, manifesta a viveza do seu engenho e deixa ver, octogenaria, quaes seriam, na edade florente, os dotes do seu espirito. Teve o poeta na sua ascendencia um precursor do seu talento na pessoa de um seu avô do mesmo nome, o chanceller Antonio de Castilho, tambem poeta e chronista das nossas glorias.

Logo ao amanhecer da vida lhe foi adverso o mundo, como se o berço tivesse de o avisar das tempestades, que o haviam de saltear no decurso d'ella. Como muitos homens illustres pelo engenho, Castilho luctou na infancia com a debilidade de uma compleição, que parecia incompativel com o trabalho.

Ou negligencia da ama, que o nutria, ou acaso desculpavel, as lettras patrias estiveram a perder um poeta, que as devia para sempre accrescentar com todos os esplendores do seu talento. Uma queda perigosissima ia-lhe custando a vida, ainda nas faixas infantis. Uma fractura do esterno foi a lesão que então lhe pôde descobrir a medicina, mas a organisação toda padeceu a tal ponto, com o de-

sastre, que até aos cinco annos se julgou quasi milagre o haver triumphado das enfermidades, que o prostravam. Aos cinco annos uma d'estas revoluções organicas, que na ordem physica, como na moral, tornam a imminente destruição em renascença, e a crescente debilidade em inesperado vigor, se começou de operar no poeta ainda infantil. A medicina, que era para o poeta amiga domestica, accrescentando com o affecto paternal o que a sciencia póde ter de salvadora, cuidou sollicita em aproveitar o ensejo para que o pobre menino, que havia de ser um grande homem, recuperasse a já quasi desesperada robustez.

Decidiram os paes levál-o para o campo, nas cercanias de Lisboa, para que a amenidade dos ares operasse a cura, em que a só medicina parecia ser inefficaz.

Eil-o, o nosso poeta a deixar Lisboa, para ir pela primeira vez folgar entre arvoredos, e libar os primeiros gosos, tão predilectos seus, da remansada vida rural.

Havia então no Paço do Lumiar uma quinta, que chamavam do *boticario,* provavelmente porque algum dos herbolarios sabios de antigos tempos a havia comprado e embellecido com o fructo das suas economias, ou antes regado com as aguas

ferteis dos seus preparados magistraes, convertidos em genuinas peças de oiro. Chamavam-lhe tambem a *quinta do principe*, porque ali residira, ou a honrára com os seus passeios, um descendente da casa de Bragança. E por fortuna crescera no vulgo a auctoridade d'este ultimo cognome, porque era o sitio por tal maneira encantador, que merecia bem o desterrarem-lhe da sombra dos seus olmedos e da frescura aprazivel das suas cascatas a prosaica recordação do velho pharmacopola.

N'aquelle delicioso retirosinho travou o poeta a sua batalha decisiva contra a doença, que o andava ainda diuturnamente experimentando, e ali foram os seus primeiros amores com a natureza, á qual o poeta consagrou desde os primeiros annos a feição mais predilecta dos seus amenissimos cantares.

Era ali Castilho um pequenino Millevoye. Se não fôra a descuidosa e innocente confiança dos cinco annos, como lhe não seria dolorosa a antithese entre o vigor da vegetação, a vida multiforme da natureza, a renovação esplendida da terra, e a lenta desorganisação, em que o espirito, ardente já talvez n'aquelle tempo, requeimava o barro debil, que o não podia subjugar!

Mas o infantil poeta brincava com a natureza,

que elle via, que elle adorava, que elle comprehendia pelos sentidos, como haveria depois de a tactear, de a adivinhar, de quasi a crear de novo, quando as trevas lhe velassem quasi eternamente os olhos, em uma segunda e mais afflictiva provação.

Era como se a vida fosse para elle tão larga, como eram extensas as campinas, que se desenrolavam, correndo em plainos, colleando em outeirosinhos, desde a abençoada vivenda do Lumiar. Era a quinta, onde vivia, um epilogosinho da ridente natureza na formosa estação, que decorria. Circumdada de arvoredo, era a casa, d'onde os olhos se podiam espreguiçar á toa, até os recortes phantasiosos, que desenhava a curva do horizonte. Aqui alamedas umbrosas e viridentes. Ali cascatas e lagosinhos, a cuja borda contemplar o crystal das aguas e phantasiar nayades gentis. Acolá recessos e penetraes de ramagem enflorada, onde simular colloquios com as nymphas mais sociaveis. A aerea phalange de todas as mais poeticas figuras que inventou a mythologia pagan podia voltear ali, evocada pela imaginação opulenta do poeta, se, como nós o acreditamos, o genio tem já na infancia a confusa e vaga representação da poesia. Mais ao longe a nora, com este indefinivel canto, que no seu ranger monotono tem o que quer que seja de grave

melancolia. Depois as culturas n'aquella quadra do anno, em que ellas são uma festa de Ceres, em que as paveias, colhidas e amontoadas, são o emblema do consorcio fecundo entre o trabalho e a natureza, entre o homem e a mãe commum. Acima de tudo isto o céo azul ethereo de Lisboa, e o sol estivo em Portugal; as duas mais formosas manifestações da vida e da creação.

Este era o theatro, estas as decorações magnificentes, risonhas. O actor uma creança, a quem aquellas pompas podiam ser, no sentido receio dos seus, as nuncias traiçoeiras de um sepulcro.

Era a quinta, onde o poeta vivia, propriedade de um parente seu, que a habitava. Com uma prima sua, creancinha tambem, dividia a doçura dos seus folguedos. E foi tal a persuasão, a que chegaram os parentes, de que o poeta ia sendo consumido por uma phtysica, que á jovial companheira das suas excursões campestres lhe vedavam muitas vezes a sociedade, temerosos de que não viesse tambem a padecer pelo contagio a enfermidade, que no seu doloroso, mas arriscado diagnostico, suppunham irremediavelmente declarada.

Do Paço do Lumiar, podemos dizêl-o sem hyperbole, data a primeira luz da poesia para Castilho. É inutil referir que era ali ainda totalmente

ignorante das primeiras lettras. Nem sabia talvez para que servissem os grossos infolios, que na livraria paterna, lhe faziam muitas vezes, nas furtivas incursões ao sacrario da sciencia, o officio de pedestaes, com grave sacrilegio e escandalo de Hippocrates e Boerhaave. Se o sabia, era talvez quando a velha Escolastica, sua creada, e, como diriamos hoje, *bona* privilegiada, assestando doutoralmente uns oculos de classica estructura, rosnando beatamente e adubando de syllabadas o latim da ladainha, com a obesa chanternidade de um prebendado, e subjugando a espaços os folhos rebellados da touca matronal, folheava gravemente o devocionario; em quanto o seu pupillo, a um canto da sala de jantar, junto de uma janella, d'onde se descobria a paisagem, comia sobriamente o seu jantarinho, adubado naturalmente de conselhos dieteticos e moraes da boa velha.

No Paço do Lumiar foi a primeira Arcadia de Castilho. As primeiras impressões ficam sempre a determinar ás vezes a vocação. Se as protuberancias de Gall e Spurzheim podem justificar o seu influxo no destino do homem, os primeiros espectaculos, que nos affectam, são muitas vezes as premissas da vida inteira. O poeta não sabia que o era, e que os havia no mundo. Mas era-o já, sem

duvida, latente, indeciso. O cahos do entendimento começava a ordenar-se ainda lento e hesitante nas suas evoluções. O *fiat lux* foi aquelle viver do estio, aquelle padecer da enfermidade, aquella tristeza morbida, ás vezes doce, que tinge a alma sem de todo a escurecer, aquelle apparato da natureza esplendente e vivida, aquellas arvores annosas, agitando a coma, aquellas aguas a murmurar, aquelles cordeirinhos a esconder-se ao pôr do sol por detraz da ultima collina, aquelles moinhos enfileirados nos visos, aquelles bois jungidos, obedecendo á agreste cantilena do lavrador, aquelle fumar das casinhas rusticas, alvejando ao longe ao ultimo crepusculo, por entre os arvoredos da campina.

D'estas primeiras scenas da natureza campesina, d'este espectaculo da vida rural, nascera a inclinação com que o poeta revelou depois o seu talento, votando-o á musa de Theocrito e de Virgilio.

D'este amenissimo eremiterio do Lumiar ha reminiscencias e allusões no *Poema das Flores,* primeira creação, ainda até hoje inedita ([1]), com que o poeta auspiciou o seu engenho e temperou a lyra

---

([1]) O *Poema das Flores* foi, pela primeira vez, estampado no vol. LI das *Obras completas,* de A. F. de Castilho, Lisboa, 1907.

A. V.

para tomar depois logar preeminente entre os arcades, que se despediam já, cedendo o campo á irrupção poetica do norte.

O inverno seccava e despia as arvores e intimava o regresso aos conchegos da côrte. Eis o nosso poeta em Lisboa já sensivelmente melhorado da sua enfermidade.

*

Aos cinco annos de edade foi Castilho aprender as primeiras lettras. Do jugo suave da senhora Escolastica passou o poeta para a tutela litteraria da senhora Catharina do Rego, que na rua da Barroca presidia a uma escola de meninas, supprindo pela severidade com que tomava no sentido litteral a sua profissão, o que pudesse haver de imperfeito na sua doutrina. D'aqui data o primeiro horror, com que o poeta contemplou na escola da infancia um calvario de iniquidades. Aqui nasceram as primeiras impressões em que o poeta-philosopho ainda creança previa já talvez, pelo sentimento, o que depois, em beneficio da puericia, chegou a realisar pela meditação.

Mas a escola da senhora Catharina era o paraiso terreal, se a compararmos com a que depois

lhe succedeu na primeira educação de Castilho. A mestra ao menos era mulher, e o pedantismo escolastico ainda ás vezes deixa logar para que um vislumbre de benevolencia e de amor tempere, n'um coração feminil, os rigores do pedagogo. A mulher não esquece os instinctos amoraveis do seu sexo, ainda mesmo quando a lei e o costume lhe põem nas mãos uma férula e a transformam em carnifice de innocentes.

Do governo monarchico da senhora Catharina do Rego, passou Castilho para a dominação friamente despotica de mestre Eusebio, que tinha escola na rua da Atalaia. Mestre Eusebio era um homem de annos já maduros, que engrandecia a austera magestade do seu officio pela obesidade da sua pessoa, em quanto diminuia a veneração publica pela extravagancia do seu trajar. Sentado no seu pretorio, atapetada a calva com um barrete de pelle de lontra, oculos redondos seguros pela pressão na ponta do nariz, deixava cair em pregas artisticas, como se fosse a pretexta de um personagem consular, o seu chambre de ramagem, sob cujas orlas appareciam, como uma provocação ás leis sumptuarias e ao bom gosto, as vastas pantuflas de marroquim amarello, que lhe tornavam os pés desmesurados e medonhos.

Mestre Eusebio era como a maior parte dos pedagogos do seu tempo, continuados infelizmente nos nossos dias, acerrimo sectario da mais feroz pedagogia. A sua philosophia era singela como o seu lenço de Alcobaça, estendido quasi sempre e formado em batalha entre o favorito Madureira e a caixa, em cuja tampa as tres graças, pintadas em papelão, escondiam a nudez n'uma crusta de simonte. Disputaram os philosophos sobre quaes são as fontes dos nossos conhecimentos. Inutil e lastimosa controversia! Mestre Eusebio era dogmatico e decisivo na questão. A origem das idéas era palmatoria. Tal era o principio simplicissimo, d'onde mestre Eusebio, tão avaro de theorias como munificente em palmatoadas, menos transcendente que Pestalozzi ou Feuerbach, derivava ao mesmo tempo a educação e a philosophia. Mestre Eusebio deixou milhares de successores na sua doutrina. Mas em Castilho — mal o sonhára o pedagogo nas vesperas da invasão franceza — deixava um perseguidor incansavel d'aquella seita e um apostolo eloquente da educação pela intelligencia e pelo amor.

Sob a direcção de mestre Eusebio alcançou o poeta as primeiras noções do ler e do escrever; mas o que ficou sabendo com evidencia, para não mais o deslembrar, foi a improficuidade dos metho-

dos brutaes, que fazem da aula uma hecatombe, e da férula um argumento irrespondivel.

Andando nas primeiras lettras o veiu saltear uma dolorosa enfermidade. A um sarampo, a principio benigno, succedeu uma erupção, que se foi complicando com uma inflammação dos olhos. Incharam-lhe as palpebras pela parte interior, de modo que era impossivel descerrál-as e receber a menor porção de luz. Multiplicaram-se as juntas e os esforços da medicina, que tão de casa tinha o poeta, pelo pae e pelos collegas. Com as juntas e pareceres os desenganos. O poeta perdeu inteiramente a vista. Parecia não haver a principio lesão alguma nos orgãos da visão. Annos depois melhorou o poeta da primeira inflammação. Mas a cornea quasi de todo se havia tornado opaca. O olho direito estava para sempre condemnado á escuridão. No esquerdo alguns pequeninos espaços ainda transparentes permittiam o accesso a alguma luz. Desde então Castilho teve quasi defesos á sensação os mais ricos thesouros da natureza. Distinguindo as côres, percebendo os objectos, quando os examina a curtissima distancia, ficava-lhe ainda luz bastante para lastimar o perdido esplendor com que ainda havia pouco a festejava.

Cantor da natureza, cantor da luz, pintor e co-

lorista felicissimo e brilhante, ficava-lhe para desenhar e colorir os seus amenissimos paineis, a palheta preparada nos primeiros annos da infancia. Era como se a Raphael lhe tivessem apenas concedido para immortalisar o seu nome as tintas que lhe sobrassem das loges do Vaticano. Singular paradoxo da vocação poetica! Milton, perdendo a vista, levanta-se da terra, que é toda trevas para elle, até ao céo, onde refulge a luz intellectual, e traça nas sombras da sua vida a pintura esplendida do Paraiso. Milton, porém, tinha contemplado muitos annos o universo radiante. A Castilho mostra-lhe a natureza as suas côres, os seus matizes, os seus esplendores, as harmonias da sua luz, deixa-lhe ver o verde esmaltado dos seus arvoredos e das suas campinas, o azul diaphano das suas aguas remansadas, o verde escuro do Oceano, o ceruleo dos ares do estio, a côr plumbea de um céo brumoso, e depois, cerrando-lhe de improviso e para sempre o panorama, dá-lhe com a vocação o pincel, e diz-lhe «Retrata-me, se pódes. Dá-me nos teus versos as minhas paisagens mais ridentes e variadas. Dá-me o loirejar das espigas, as tintas suavissimas da aurora, as côres saudosas do crepusculo, os reflexos melancolicos da lua, e inunda em torrentes de luz o phantasioso desenho dos teus

poemas.» Pediu a natureza o impossivel quasi. Castilho, porém, acceitou o repto e saíu laureado com a victoria. Irrefragavel demonstração de que o universo inteiro existe retratado em miniatura n'um perfeito entendimento!

A doença, que privára Castilho da perfeição da vista, acabou de operar a revolução, que no seu organismo se começára logo nos seus primeiros annos. Estava agora robusto e saudavel como depois tem sido sempre. Agora lhe dava a natureza as forças para o trabalho, quando lhe tirava o mais poderoso instrumento da educação intellectual. Agora o engenho a sós comsigo, livre das importunações externas dos sentidos, como que recatado em seu sacrario, crescia, ardendo por desatar-se em manifestações poeticas. Era ainda precoce a edade para a poesia. O poeta, antes de cinzelar artificiosamente os periodos e de relevar as fórmas intelligiveis, devia tactear as fórmas physicas, e passar pelo escopro antes de vibrar a lyra.

Queria a natureza experimentál-o com um milagre do engenho. Aporfiava por fazer crer a todos que é para os talentos a visão uma superfluidade e a luz uma pompa van.

Vejamos como dispoz as coisas para o provar.

*

Contava Castilho entre os amigos de sua casa ao celebre estatuario Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre d'el-rei D. José I. Era já o esculptor por aquelles tempos mui entrado em annos, mas ainda laborioso e diligente. Assistia ao Thesouro Velho. A casa tinha o que quer que fosse de solemne e antiquario. Era uma habitação do antigo regime, decorada de pannos de arraz, onde as imagens dos heroes da Iliada pareciam, á luz indecisa dos aposentos, saltar da téla, para vir terminar no meio d'elles as suas homericas pelejas. Ali levavam muitas vezes o futuro poeta, como se fôra uma gloria nascente, que ia a receber a benção de uma gloria moribunda. Estava o decrepito esculptor no seu gabinete, cercado de livros e de gravuras, ora desenhando, ora escrevendo, ora deixando aquelle pequeno sanctuario para ir visitar a aula e a officina de esculptura, que tinha estabelecida no andar terreo da propria habitação. Celebrava o velho o engenho precoce de Castilho e lastimava não poder ensinar-lhe, como aos irmãos, as suas artes predilectas do desenho. Tinha Joaquim Machado por ajudante na escola, que regia, o

esculptor Faustino. Festejava o ajudante as disposições precoces em que já se revelava no poeta o amor das artes. Dava-lhe ás vezes, para que brincando os afeiçoasse, alguns pedaços de cera plastica, com que os imaginarios costumam esboçar as suas obras, para corrigir em vulto os desenhos, que idearam.

Começou Castilho a tomar nas mãos, mais do que inexpertas, desajudadas da visão, os pedacinhos de cera, e a moldál-os em pequeninos esbocetos. Saíu-se bem com as primeiras tentativas, que pelo commum abortam em monstrosinhos plasticos nas mãos da infancia ignorante. Elevou-se a maiores vôos o poeta. Pelo tacto foi estudando a rude anatomia, que em tal edade lhe era permittido descobrir; com as mãos foi observando a musculatura no proprio corpo, e errando agora, emendando logo, tentando sempre, não desanimando nunca, aquecendo com o fogo do estro a cera, que não podia illuminar com a vista, alcançou cinzelar uma estatueta, que representava um geniosinho, um amor, o que quer que era de infantil e de poetico. Caíu a obra nas mãos do grande mestre. Imagine-se o alvoroço, com que a receberia. Uma creança, sem luz, tentava n'um brinco pueril, os caminhos de Canova e de Thorwaldsen. Aqui foram os encare-

cimentos e enthusiasmos do ancião, aqui os louvores ao que se lhe afigurava um milagre do engenho, aqui as prophecias, com que promettia ao futuro cantor da *Primavera* um logar distincto na galeria dos Phidias e dos Miguel-Angelos. Do que lhe parecia prodigio de talento, deixou Machado honrosissima e authentica recordação n'um papel, escripto e firmado pelo seu proprio punho. Existe o documento em poder do agraciado. A elle, e ao episodio que lhe deu occasião, allude Castilho em uma nota das *Escavações poeticas,* que publicou, já quando a fama do seu nome tomára logar preeminente nos fastos litterarios de Portugal.

Perdida quasi inteiramente a vista do poeta, julgaram os paes serem perdidas as esperanças de o aproveitar para a mais singela educação, quanto mais para officio litterario e gloria sua e da nação. Era um invalido, a quem a affeição paterna destinava o abrigo da familia. As honras, os cargos e as dignidades era sonhál-as e promovêl-as para os irmãos, que já denunciavam na puericia talentos tambem distinctos, e que fariam depois da familia uma especie de academia. Era tempo de mandar os irmãos do poeta a cursar humanidades. Começaram, como é uso, pelo latim, que se ensinava então nos *Geraes,* especie de lyceu irregular e incompleto,

que por aquelles tempos havia ao Cunhal das Bolas, na rua da Rosa. Ali professava as lettras latinas José Peixoto do Valle, erudito e supersticioso cultor das antiguidades romanas. Era um homem já adiantado em annos. Quem o visse no alto da sua cadeira magistral, com os cabellos brancos n'uma desordem classica e estudada, fazendo repercutir nas paredes da aula publica as allocuções de Tito Livio, vibradas por uma voz grave e magestosa, quasi inspirado a dois mil annos de distancia pelos sentimentos e pelas grandezas da republica, julgaria ver representada ali a romana magestade, imaginaria ouvir a entonação eloquente de Menenio Agrippa, evocando do Monte Sacro á cidade eterna a plebe offendida e revoltada. José Peixoto tinha o corpo no Bairro Alto, prosaico e desconsolador theatro para heroicas attitudes, mas o espirito vagueava-lhe senhoril e triumphante no fóro, ou no senado. Mais zeloso do nome quiritario do que os Fabios e os Scipiões, chegava porventura a tomar a turba imbelle e infantil, que o escutava, pelo povo-rei, congregado em centurias no campo de Marte para deferir o consulado a Paulo Emilio ou a Pompeu. Para elle, Roma havia cerrado o cyclo inteiro das mais esplendidas e opulentas civilisações. Depois de Roma os barbaros duravam ainda no se-

culo, em que elle vivia. A missão da humanidade era venerar nos codices latinos as unicas reliquias preciosas da antiga senhora do universo. O *Felix qui potuit rerum cognoscere causas* tinha no seu juizo litteral applicação aos que podiam comprehender e interpretar nos originaes romanos os unicos prodigios verdadeiros do engenho e da phantasia. Ajudava a José Peixoto no seu fanatismo latinista a memoria prodigiosa, que soube enriquecer com a mais selecta erudição. Elle só, valia a bibliotheca de Fabricio. Os trechos da mais grave ou da mais amena poesia latina, saíam-lhe sonoros e fluentes na magestosa declamação.

Da aula do latim voltaram no primeiro dia os irmãos de Castilho, trazendo para decorar a costumada licção de *musa, musæ*. Perguntou-lhes o poeta o que haviam elles de estudar n'aquelle dia. Disseram-lhe que os primeiros nominativos. Redargúe Castilho que, se lh'os lessem, mui de prompto os tomaria de memoria. Duvidaram os irmãos da façanha de quem se propunha aprender latim sem poder com os proprios olhos estudar. Recresceu-lhe o animo com a objecção. E já n'esse dia mostrou para quanto era a sua agudeza e retentiva. No dia seguinte pediu ao pae que o deixasse ir á escola com os irmãos. Cedeu o pae, como quem condes-

cendia com um desejo inoffensivo, mas inutil. Vôa á escola. Dão os alumnos a licção. Offerece-se Castilho para ser dos primeiros a responder. A ponto são as suas respostas. José Peixoto afaga a esperança de um novo e tão singular alumno, que por seu alvedrio, sendo creança e dispensado de cursar escolas, as vinha buscar por vocação. Depressa entrou Castilho, não como proletario, senão como patricio, n'aquella modesta Roma litteraria, onde havia de subir depressa quasi ao officio e honra de dictador.

Um mestre enthusiasta, um discipulo poeta, que mais se podia desejar para que fosse estreita e cordial a ligação?

É hoje moda desdenharem os litteratos e principalmente os poetas, que se prezam de originaes; a convivencia familiar com as musas classicas. Era então exactamente opposta a tendencia dos espiritos. Hoje cobre-se e doira-se a negligente ignorancia dos thesouros antigos com a opulencia exaggerada das modernas creações. Então avultava-se a penuria da invenção para sujeitar os engenhos mais audazes ao jugo de Horacio e dar-lhes a todos moradia de escudeiros no Parnaso da velha gentilidade.

O latim, que devia ser um estudo e um exemplo,

era então um culto e uma superstição. Hoje é um atheismo commodo, que dispensa os poetas de estudar. No regrado justo-meio reside agora a verdade da questão. E, de feito, que exemplares e que modelos de gosto, de correcção, de atticismo, de eloquencia, de dicção e colorido não perderam os que deixaram virgens os codices da antiguidade? Duas faces tem a verdadeira poesia. Uma intellectual, sensivel a outra. Uma ideal, formal a segunda. A esculptura, por assim dizer a modelação, o relevo, o cinzelado da poesia tocaram a extrema perfeição na antiguidade. O pensamento christão anima o poema actual. Mas a fórma, para que elle brilhe, ha de rastrear de perto o exemplar antigo. Assim como o *Moysés* de Miguel Angelo, excedendo-o de toda a magestade do Sinay e de toda a gloria biblica, segue de perto, no desenho material, as linhas classicas do *Jupiter* de Phidias.

Da estreita convivencia com o mestre erudito e enthusiasta, nasceu em Castilho o ardor, com que elle desde os mais verdes annos conversou familiarmente as musas latinas. É porventura ao influxo, que no seu animo exerceu o já hoje obscuro José Peixoto, que se devem em principio as mimosas traducções, que, dos poetas da edade aurea, temos já hoje recebido da penna de Castilho. Os seus pri-

meiros tentames de poesia sairam, como era uso no antigo ensino classico, moldados pelas normas virgilianas; exercicio perigoso para mediocres engenhos, porque os póde facilmente transviar para o pedantismo: fecundo e illustrativo para poetas verdadeiros, que hão de mais tarde subjugar e afeiçoar um idioma, nascido do latim.

Nos *Geraes* do Bairro Alto aprendeu Castilho a rhetorica com Maximiano Pedro d'Araujo Ribeiro, que ali a professava, com tanto esplendor e eloquencia, quanta é possivel em mestres de oratoria, quasi sempre opulentos de exemplares, e pobrissimos de engenho e de invenção. Era Maximiano um cultor apaixonado do velho Quintiliano, bom humanista e achacado da enfermidade de fazer versos, ora originaes, ora versões de escriptores da antiguidade. Traduziu Persio e Juvenal. Calculava rhetoricamente os seus enthusiasmos em odes pindaricas, de que ficou pouca memoria. Escrevia comedias da propria lavra, de que não resta hoje recordação no theatro nacional. Era Castilho o seu discipulo amado, como aquelle em quem reluziam mais visiveis lumes de poesia. A Castilho tomava por confidente dos seus desafogos metricos, e a elle o elegia por auditorio o Pindaro ephemero do Cunhal das Bolas. Tinha por Cicero um amor que raiava

em adoração. Ás bellezas nativas, que um simples mortal póde achar desprevenido nos discursos do celeberrimo orador, juntava Maximiano perfeições, que elle proprio esquadrinhava, calumniando de sublimes as expressões mais triviaes e familiares, que o orador escrevêra sem pretenção.

A estes tempos de vida litteraria pertencem os primeiros versos portuguezes de Castilho. Andando no latim, verteu em metrificação vernacula o episodio da *Inveja* das *Metamorphoses,* o qual lhe foi dado como thema pelo mestre. Tendo lido a vida do padre Balthasar da Encarnação, piedoso fundador do conventinho da Boa-morte, saudou a memoria do veneravel ancião, n'um soneto que começa

Debaixo d'esta rocha tosca e dura,
No centro d'uma lapa escura e fria, etc.

em que se percebe já, a despeito da profusão dos epithetos, a cadente harmonia da sua correcta versificação. Eram-lhe já por estes tempos as musas complacentes, e com natural e fluente improvisação denunciava a viveza e promptidão do seu engenho. Volumes e volumes de poesias compoz e colligiu n'estes annos de primeiro tirocinio. Seguia n'ellas o sabor e o estylo de Camões. As eclogas eram o

producto mais espontaneo e predilecto da sua fertil imaginação. Era Camões emprestando as suas tintas ás saudosas reminiscencias do Paço do Lumiar. Quasi todas estas primicias litterarias as consumiram as chammas, ao começar o poeta, com intentos de maior seriedade, segundo e mais brilhante periodo da sua vida intellectual.

*

Tinha cursado os estudos menores, terminando-os pela philosophia, estudada sob o magisterio do padre Fr. José d'Almeida Dracke, no convento de Jesus, da Ordem Terceira da Penitencia, seminario de tantos varões illustres em lettras e piedade. Havia demonstrado aos mais incredulos que podia arcar ainda com maiores e mais difficeis lucubrações.

Era nos principios d'este seculo ainda rara a instrucção das linguas vivas e havia-se quasi como uma prenda de summo apreço o conhecimento do francez. A nossa republica das lettras desdenhava ainda quasi por barbaras as linguas neo-latinas, e os mais doutos eram não poucas vezes totalmente ignorantes das modernas litteraturas. Era então suspeita a França, a sua linguagem e os seus escri-

ptos, que se afiguravam aos ordeiros d'aquelle tempo os fachos perfidos, que, com a apparencia de alumiarem, iam antes incendiando a velha Europa. Saber francez era um principio de suspeição para o sancto officio e para a policia, e habilitação essencial para jacobino, segundo os preconceitos d'aquella época. Era licito odiar os tyrannos em latim, expulsál-os de Roma com as imprecações de Tito Livio, amar a liberdade com a terminação inoffensiva das escolas, e declinar sonoramente a palavra povo na innocente agitação dos nominativos. Era permittido deplorar a decadencia da republica, e marcar na face os despotas com o ferro quente das nervosas objurgações de Cornelio Tacito, mas era um perigo saudar em francez a magestade da razão, e os familiares do sancto officio e os esbirros da intendencia registavam no livro negro os assiduos leitores de Voltaire e de Rousseau.

Por fortuna trouxera a revolução a Portugal alguns emigrados francezes, que fugiam então ás aguias, ou aos açores de Napoleão; uns d'elles legionarios fugitivos da desbaratada democracia, exules outros por não haverem renegado a realeza de S. Luiz. A casa de Castilho viera parar um d'estes emigrados, não sei a qual dos bandos vencidos pertencia. Era M. Barnois. Ali o agasalharam como

o sabe fazer, melhor do que ninguem a estrangeiros desvalidos, a portugueza hospitalidade, sempre aberta ao infortunio, e tantas vezes calumniada e ferida em troca de cordial sinceridade. Com M. Barnois aprendeu Castilho a lingua franceza, e das conversações domesticas nasceu a facilidade e gosto parisiense, com que falla este idioma. Era por aquelles tempos a casa paterna uma pequenina, mas instructiva academia. Era um pae sabedor e erudito, e muitos filhos, todos elles de engenho já cultivado em tenros annos. Á mesa se discreteava e discutia, e cada reunião familiar e íntima era um colloquio litterario, em que aproveitava o entendimento e se estreitavam pela communhão das lettras os laços do sangue e da affeição. Ardia então a Europa nas guerras memoraveis do imperio, e Bonaparte, que é para nós um heroe e um dogma, era n'aquelles tempos um homem e uma questão. Vivia-se junto d'elle, e os heroes, vistos face a face, á semelhança das pyramides do Egypto, aterram mas não admiram.

Era para ver como o honrado cathedratico da faculdade de medicina, reunia os filhos em redor de si, como se presidira a um congresso europeu. Vinha a *Gazeta de Lisboa,* satisfação quasi exclusiva da ardente curiosidade nacional. Commenta-

vam-se as novas, figuravam-se as marchas, consultavam-se os mappas, rectificava-se a geographia, invadiam-se os territorios, defendiam-se os estados, inquiria-se a historia das nações. Dispunha o grave professor uma semelhança de concursos, em que havia premios para os vencedores, animando pela emulação o gosto litterario e o desejo do saber nos juvenis herdeiros do seu nome.

Por este tempo travou Castilho relações com um distincto erudito portuguez, Antonio Ribeiro dos Santos, bibliothecario-mór e academico, homem de boas lettras, de que deixou memoria honrada em vastas obras de erudição, e em poemas de maior artificio e esmero que de originalidade e melodia. Era um velho de tracto sincero e facil, que se aprazia de honrar e acolher os engenhos nascentes e esperançosos. Typo quasi perdido d'estes litteratos graves e sisudos, que buscavam no estado ecclesiastico a abastada commodidade de uma vida regrada e exemplar para poderem soltos de cuidados vagar á leitura e á meditação e hospedarem bizarramente as suas musas favoritas. Morava na rua do Sacramento á Lapa; eleito com discreção o sitio pelo socego e amenidade. Tinha a casa um jardim, que realçava a commoda tranquillidade d'aquelle eremiterio litterario. No meio do horto erguia-se em

pavilhão a livraria, opulenta de selectas edições. Presidindo áquelle congresso mudo de venerandos escriptores, erguia-se um Apollo de marmore, emblema do gosto classico, familiar ao ancião. Ali entrára Castilho a visitál-o, e a ouvir oraculos seus, como se fôra elle o grão-sacerdote do Deus auricrinito. Ali conversava a lyra já cansada com o plectro juvenil. Ali recitava Castilho as suas composições, e ouvia as criticas benevolas do velho e os conselhos da experiencia e da razão. Nas notas da *Primavera* deixou Castilho memorada esta sua proveitosa intimidade com Antonio Ribeiro dos Santos.

Com outro não menos erudito academico entrou Castilho por aquelles tempos em agradavel frequencia. Era Fr. Joaquim de Santa Clara, arcebispo de Evora, que então residia no convento da Estrellinha, da sua ordem benedictina. E, pelo apreço que então merecia a homens já próceres nas lettras do seu tempo, se póde ajuizar quanto promettia o engenho do poeta, ao qual velhos eruditos, constituidos em altas dignidades sociaes e litterarias, consentiam que na sua presença vestisse antes de tempo a toga viril.

*

Depois de larga enfermidade, que a depuzera do governo do reino, veiu a fallecer em 1816 a rainha D. Maria I. Afinaram os vates as suas lyras para prantearem a morte da soberana. Quiz tambem Castilho ser das justas e saíu com o seu *Epicedio,* primeiro poema seu, que viu a luz. Era ainda frouxa revelação de originalidade, mas era já documento irrefragavel de estro feliz e de valente metrificação. Andava então revolta a republica litteraria em Portugal, onde aporfiavam alguns mais arrogantes e temerarios por levantar-se com a dictadura e senhorio. Um sobrelevava aos demais em jactancia e ambição. Era o padre José Agostinho de Macedo. Saíam a disputar-lhe o passo alguns émulos insoffridos e implacaveis, sobresaindo entre elles Pato Moniz, o sarcastico e mordacissimo escriptor da *Agostinheida.* José Agostinho cerrava de perto com a phalange embravecida dos seus aristarchos e detractores. Tinha para as oppugnar e se defender estabelecida uma folha semanal, que intitulava o *Espectador portuguez.* Esta era a tranqueira com que se acobertava para disparar os seus dardos envenenados contra os seus inexoraveis perseguidores. Pato

Moniz era a victima obrigada de todos os numeros do semanario. Havia sempre em cada um d'elles um artigo, onde os epigrammas e as insolencias da mais cruel personalidade deixavam em carne viva a reputação litteraria do desgraçado antagonista. Serviam-lhe de fecho constante os dois infelicissimos versos, de burlesca recordação, que Pato Moniz inserira n'uma ode sua ás victorias do exercito anglo-luso:

São provas do que digo
Rolliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo.

O miserrimo auctor teve o infortunio de fazer uma boa acção em versos, que pouco se erguiam acima de ruins. Compoz um epicedio á morte da rainha. Aqui foi para José Agostinho o soltar do açoute para flagellar sem piedade o seu obstinado contendor. Para humilhar Pato Moniz, lançava-lhe feiamente em rosto que uma creança, como era Castilho, lhe viesse dar no mesmo assumpto licções de poesia a elle, que era velho e experimentado no officio, mas incorrigivel nos seus erros e desprimores. O elogio em José Agostinho era moeda rara. Quando o concedia, contrariava a sua vocação e cedia vencido diante da verdade ou do engenho incontestavel. Imagine-se o effeito de um elogio d'es-

tes n'uma creança-auctor. O algoz das reputações assignando diplomas de immortalidade! O Attila dos poetas, o que não perdoára a Camões, conferindo o direito de cidade a um cantor, que apenas se revelava! Castilho foi agradecer o louvor. Foi agradavel a recepção, com que o acolheu o feroz dictador do Forno do Tijolo. Multiplicaram-se as visitas e estreitou-se em pouco o commercio litterario.

Era José Agostinho, apesar de todos os seus defeitos, um vasto repositorio de erudição. Prosador negligente, plebeu e desalinhado, e frequentes vezes escurril, mais insolente do que epigrammatico, e antes chocarreiro do que faceto, era comtudo mais castiço e commedido nos seus poemas. Havia alguns annos que vertera a *Thebaida* de Stacio em portuguez e dera o poema a Bocage para que lh'o houvesse de corrigir. Teve-o Bocage em seu poder por algum tempo. Um dia José Agostinho mandou uma preta, que o servia, pelo manuscripto a casa de Bocage, encommendando-lhe que á volta passasse pelo alfaiate, em busca de uns calções, que lhe dera a fazer, ou — mais provavel ainda — a remendar. Foi-se a preta ao desempenho da sua missão poetica e vestiaria. Conchegou os rolos de papel no avental, accommodou junto do Stacio os calções do padre, e d'esta confraternidade forçada entre uns calções e

um poema, resultou perder no caminho os seis primeiros livros da *Thebaida,* que vinham n'um folheto separado.

Eloquente de improperios e bordada de biliosas imprecações deveu ser a allocução dirigida á preta sexagenaria pelo auctor do *Oriente;* mas a perda ficou irreparavel. José Agostinho desmaiou diante da empresa de completar a truncada trasladação. A proposito em Castilho lhe deparava o destino um latinista já profundo e um poeta já quasi laureado, para lhe resarcir, fazendo a nova traducção, o damno da serva perdularia. Instou-o com sinceros encarecimentos do quanto era azado para a tarefa. Não acceitou Castilho a proposição; mas já não era pequeno testemunho do seu merito o pretender quem se julgava principe das lettras, e pelo menos era tyranno de sua republica, investir no officio de seu tenente o mancebo, que apenas provára as armas n'um recontro.

*

Dos modestos *Geraes* da rua da Rosa voemos com o poeta até os geraes magnificos de Coimbra. E quando digo *voemos,* fique entendendo o leitor que é apenas o vôo da narrativa, porque a viagem

verdadeira e historica foi, n'aquelles tempos, quasi heroicos e mythologicos para o transporte, a proverbial e lenta peregrinação dos estudantes no classico muar. Deixamos de referir aqui as honras antecipadas, com que o poeta, apenas entrado na adolescencia, foi saudado emphaticamente pelo hyperbolico arrieiro, e por elle condecorado, segundo a praxe do tempo, com o — para caloiro, — bem soante appellido de doutor, sem previo juramento nem propina. Que era n'aquelles tempos o grau academico o só tratamento, em que a urbanidade dos almocreves infringia a pragmatica real, depois tão barbaramente democratisada, quando as circulares eleitoraes juntaram a *senhoria* ao direito de votar, e as philarmonicas associaram a *excellencia* ao culto cavalheiresco do sexo amavel, sem inquirições nem escrupulos de genealogia.

Estamos na ponte da velha Coimbra. Temos á direita a couraça de Lisboa. Á esquerda a calçada com os seus especieiros e mercadores. A uma parte a sciencia e a abstracção. A outra parte o facto e a mercancia. De um lado os doutores, os athenienses da cidade, e do outro, segundo a opprobriosa expressão da aristocracia academica, os ilotas e os *futricas*. De um lado a Minerva, idealista e melancolica. Do outro o Mercurio, *realista* e jovial.

Estamos em 1817 ou 1818. Coimbra estava então no auge do seu indisputado senhorio litterario. Reinava sem rival na educação superior da juventude. Não era então, como hoje, em que a revolução dos tempos e das idéas nos permitte a nós, pobres cidadãos, que aprendemos a cartilha entre a arcabusaria das guerras civis, o tomarmos logar, para uns elevado, mediocre para outros, nas lettras e na republica sem o chrisma da velha universidade.

Coimbra era a chancellaria do talento. D'ali saíam em torrentes caudaes os candidatos a todos os officios rendosos da egreja e da republica, e ali iam os mimosos do engenho poetico, como ás justas do proprio Apollo, a provar suas armas e galhardia.

A revolução despoetisou as instituições antigas. Feliz e admiravel prosa, que proscreveu com a mesma sem-ceremonia a poesia das conclusões magnas e da inquisição de Coimbra, a poesia do cancellario e a da censura prévia, e confundiu no mesmo nivel materialista a poesia melliflua dos outeiros e a poesia sinistra do algoz. Coimbra hoje é uma blasphemia, um sacrilegio, um crime de lesa-magestade em Minerva. É Paris, é Babylonia; é a Roma de Heliogabalo, é a metropole do sensua-

lismo revolucionario, se a comparamos na sua regrada e burgueza simplicidade municipal com a Coimbra academica e monastica dos annos anteriores á revolução de 20.

Coimbra tem hoje eleições, philarmonicas, montepios, jornaes, deputados, mala-posta, estadistas, associações fraternaes, e institutos. A academia é hoje um accidente. Era n'aquelles tempos a propria substancia da cidade. Hoje ha n'ella cidadãos. Então era uma povoação de habitos talares, um grande convento benedictino, uma congregação de doutos, onde os claustros eram as praças e as ruas.

Em cima, como um castello-roqueiro, erguia-se assoberbando a povoação, a torre da universidade. O suserano, o bispo-conde reitor, dominava na cidade, cercado dos seus altos dignitarios, dos seus maceiros e mestres de ceremonias, dos seus *verdeaes,* lictores do consulado universitario, dos seus juizes conservadores, dos seus meirinhos, dos seus doutores, dos seus famulos, da sua numerosa clerezia. Em redor da universidade as casas das ordens religiosas e os collegios seculares circumdavam a *alma Mater,* como uma prole obediente e affectuosa, que se comprazia na veneranda ancianidade da sua commum progenitora. Em volta de todos estes laboratorios espirituaes a cidade burgueza, representando

a funcção humilde de ucharia e de refeitorio para todo este convento colossal. Em cima a aristocracia da sciencia, atirando desdenhosamente á plebe os despojos do seu festim. No fim de tudo, a inquisição para realçar os toques principaes d'aquelle painel. Ao lado da academia, que é a palestra da razão, o sancto officio, que era o thermometro da fé. Junto da universidade, onde a sciencia indiscreta toca nos seus vôos com a heresia, a inquisição, que as podia censurar e corrigir. Junto á fabrica de idéas, o sello do sancto officio para evitar o contrabando intellectual.

Imaginae o que seria então Coimbra. Ideae-a n'um grande dia de primavera. O Mondego retratando no seu espelho de prata o *ʊ da ponte*, e orlando com o verde dos censeiraes as margens sinuosas. A casaria da cidade a trepar pelo declivio, dividida em degraus de amphitheatro. Do massiço das edificações surgem aqui e acolá as torres das egrejas, com as suas cruzes floreteadas e as suas agulhas de mais arrogante projecção. Pelo rio os barcos á véla a perderem-se na volta dos meandros. Além os campos ridentes do Mondego, estendidos como um tapiz de arvoredos e de searas. Nas ruas as sotanas negras dos clerigos, as capas dos estudantes, a serguilha das serventes, os habitos va-

riegados dos monges de varias religiões, o retinir dos guizos nos machos de liteira, os chapéos derrubados dos arrieiros, as vestes burguezas dos mesteiraes, o trajo dos camponezes, o uniforme extravagante dos archeiros, e no meio de tudo isto sua excellencia reverendissima, o bispo de Coimbra, conde de Arganil, senhor de Coja, do conselho d'el-rei *meu senhor,* reitor reformador da universidade, atravessando gravemente a rua da Sophia para ir a Santa Cruz, no seu coche de estado, tirado por quatro urcos.

Agora entornemos por cima d'esta cidade meio-monastica, meio-burgueza a chuva de oiro das tradições guerreiras e poeticas. Façamos voltear nos ares os sons confusos e perdidos de tantas lyras, dedilhadas á sombra verdejante do Mondego. Figuremo-nos que ainda esvoaça á luz indecisa do crepusculo a tunica resplandecente da amorosa Ignez de Castro. Ponhamos hombro a hombro, mirando-se desdenhosos, os reis e os heroes, que tiveram a Coimbra por theatro das suas façanhas. Façamos desfilar á hora das visões os espiritos saudosos de Ataces e de Sisnando. Dividamos o campo ás justas sanguinolentas dos almogavares mussulmanos e das turmas irresistiveis da cavallaria christan. E ao longe contemplemos a *Quinta das Lagrimas,* poema

tacito de amoraveis melancolias, e discorramos com o inspirado Camões, com o ameno Bernardim, com o grave Antonio Ferreira, que trasladam o côro das Camenas para as margens do Permesso portuguez.

Ahi temos a Coimbra d'aquelles tempos, cidade de poesia e de decretaes, de amores puros e phantasticos e de galanteios prosaicos e plebeus, de cultos enthusiastas á religião ridente dos augures e de beatas superstições á religião sombria dos inquisidores, cidade ao mesmo tempo austera e jovial, onde as serventes andam acotovelando as musas, e as musas sorrindo maliciosas ao roçarem com a fimbria transparente na estamenha dos monges e no capello dos doutores; cidade, onde Justiniano e Hippocrates, Pedro Lombardo e Cavallario trançam choreias caprichosas com Tibullo e Anacreonte; cidade, onde os homens adormecem pastores e arcades, embalados ao som das harpas eolias penduradas nos salgueiros, e accordam prelados e desembargadores, ao temeroso baquear das illusões.

*

É esta a Coimbra a que somos chegados agora com o nosso poeta Castilho. Levemol-o ao *pateo,* que assim se chamava então em estylo de prosaica familiaridade o proprio alcaçar de Apollo, o colle-

gio, onde se professavam as humanidades e lettras amenas. Ali fez o poeta os seus exames preparatorios, e de quem já de Lisboa ia amigo e familiar dos escriptores da velha latinidade, não ha que dizer qual foi o resultado dos exames. Sairam brilhantes e auspiciosos para a carreira litteraria do mancebo.

Que sciencias entraria a cursar na universidade? As sciencias do poeta, se as ali houvera, e se com ellas se pudesse bater a moeda prosaica para os usos da vida, e se como a banca ou o pretorio do legista, a receita do physico, e o baculo ou a murça do theologo, dessem direito a talher doirado no festim da humanidade.

Se a Providencia lhe não houvera annuveado os olhos, seguira o poeta — jurâmol-o quasi — as sciencias naturaes. Enfeitiçára-o a botanica, para o levar comsigo a herborisar pelos campos seus dilectos, e para lhe ensinar os amores castissimos das pudibundas ervasinhas. Fascinára-o a zoologia para o guiar na região onde esvoaçam as borboletas, e para o deixar errante nas selvas primitivas, onde as aves aos milhares pompeiam ao sol dos tropicos o iris da sua plumagem deslumbrante, e celebram as suas innocentes alegrias no concento harmonioso dos seus gorgeios. Tomára-o nas azas a curiosa

astronomia para o soltar depois attonito, cortado de admiração e de terror, no infinito dos espaços estellares, e para segredar-lhe amiga o hymno magestoso do Creador. Convidára-o a tenebrosa geologia a descer ao seio da terra, a conversar e inquirir os gnomos, a decifrar nas formações do globo as estrophes sublimes d'esta ode magnifica de pedra, e colligir nos restos paleontologicos as folhas dispersas da biblia da terra, e a genese mysteriosa da creação animal.

A poesia, que é a contemplação intuitiva da natureza, houvera feito consorcio egual e fecundissimo com a sciencia, que é a contemplação experimental do Universo. Mas eram-lhe adversos os costumes e os interesses de então.

O poeta decidiu-se, ou decidiram-no a seguir as faculdades positivas e a eleger d'entre ellas os sagrados Canones.

Quem ignora o que são os Canones, não póde achar a justa medida, por que avaliar o desaccordo entre o poeta e a sua escolha.

Se houvessem de enumerar-se n'uma escala graduada as sciencias e disciplinas que mais ou menos se conciliam com a poesia, seriam os Canones desterrados sem appellação d'esta serie de doutrinas compativeis com o poeta.

O poeta é o futuro; os Canones são o passado; o poeta é a liberdade intolerante; os Canones são a auctoridade incontrastada; o poeta é o *eu* imperioso, que a si proprio se governa, excita e acalma as tempestades do coração com o poder magico do plectro; os Canones são o nivel, com que o baculo espiritual tira uma linha recta sobre todas as paixões; o poeta é a imaginação brincando com a duvida e com a fé, com o enthusiasmo e com a ironia, com a natureza e com o espirito, ora disciplinando a carne nos extases do mysticismo celestial, ora glorificando-a no sensualismo idealisado dos seus jubilos terrestres; os Canones significam a submissão universal, o cilicio da carne e a penitencia dos mais deliciosos sentimentos; o poeta vê tudo azul ethereo; os Canones vestem de sacco a humanidade inteira; o poeta coroa-se de myrtos e de rosas, e pronuncia, apontando para o céo com quasi blasphema sublimidade, o — *est Deus in nobis;* os Canones traçam cruzes de cinza na fronte dos peccadores e exclamam, apontando para a terra, — *memento homo;* o poeta canta o amor, julgando-o uma divindade; os Canones abençoam-no para esfolhar de todo na coroa do *Eros* profano as moribundas violetas da poesia sentimental.

E comtudo os Canones e a poesia são egual-

mente necessarios no mundo christão. A Henrique IV, que no lyrismo do amor perguntava á formosa Gabriella d'Estrées por onde se entrava para o seu perfumado camarim, respondeu a dama recatada que pela porta de uma egreja. Era uma mulher oppondo a prosa dos Canones á poesia de um rei. Tão zelosas observadoras das decretaes e dos concilios teem sido sempre as mulheres, que os teem por cidadella da sua congenita fraqueza.

Se a poesia alarga e enflora os campos, onde o amor adeja, os Canones limitam-nos á sincera intimidade da vida conjugal; se a poesia fabrica os templos do amor em toda a amplidão do Universo, os Canones enfeitam-lhe as aras de grinaldas modestas na paz do lar domestico; se a poesia faz do amor um egoismo, fraudando tantas vezes as leis da providente natureza, os Canones, restaurando-as no palimpsesto dos poetas, fazem do amor o esteio da humanidade. Se a poesia cria os Werther e as Heloisas, os Canones fazem as boas mães de familia e os honrados progenitores. Se a poesia faz amantes, que se suicidam, os Canones fazem esposos, que fundam morgados e dynastias. Assim que a prosa ruim do decreto de Graciano vale bem o rhythmo cadente de Virgilio. O que não prova todavia que o nosso poeta Castilho andasse conforme

com os seus gostos ao eleger a profissão de canonista.

Entrando a cursar o direito ecclesiastico, que desusados e prosaicos problemas lhe não irrompiam de chofre na florente imaginação! A infallibilidade do papa ou do concilio? A origem das annatas? O direito de investidura? A auctoridade do cabido, *sede vacante?* Os impedimentos dirimentes? Os litigios *mixti fori?* E os casos reservados ao pontifice?

Não nos atrevemos a descrever o horror, com que o poeta saudaria logo nos primeiros dias os doutos, mas indigestos folios dos romanistas e glossadores, dos praxistas e regnicolas, turba grave e austera de detestaveis prosistas, que por salvar os direitos do genero humano offenderam sem commiseração os direitos da boa latinidade.

Que pousada achariam tão de má vontade os miseros doutores de uma e outra jurisprudencia n'uma cabeça, onde os dezeseis annos haviam inundado de poesia as mais secretas anfractuosidades de um cerebro enthusiasta! Que humilhações não haviam de soffrer com animo resignado os Accursios e os Cujacios com as suas togas negras e modestas n'aquelle templo vivo, onde as musas já despoticamente dominavam! Que visagens de mau humor não faria o velho e festival Horacio, de den-

tro da cabeça do poeta, ao ouvir o texto das doze taboas, commentado por um romano da Beira Alta ou do Alto Minho, assentado na cathedra universitaria, ou escutando um capitulo das Extravagantes de João XXII n'um latim de mais que patavina rusticidade!

Apesar de todas estas contradicções, Castilho foi tão exemplar canonista como póde sel-o um poeta verdadeiro. Succumbiram o Tasso e o Ariosto á prosa casuistica das Pandectas. Castilho fez mais do que elles. A sua musa casta e virginal soube conservar-se intemerata na propria convivencia de tão prosaica sociedade.

Mais de uma vez esteve a musa, travessa como era, a arriscar-lhe a reputação de bom e diligente jurisconsulto, com as suas litterarias *coquéterias*. Andava elle estudando, se me não engano, direito natural com o professor Camello Fortes, que ainda alcançou os nossos dias, quando uma vez succedeu cair uma sabbatina sobre um assumpto de muita controversia. Havia no livro de Martini, que era o texto das licções, uma nota do mestre Fortuna sobre coisas de feitiçaria. Estavam reunidos em volta de uma mesa, n'um d'aquelles serões escolasticos de Coimbra, uns tantos estudantes, os quaes com o nosso poeta se haviam congregado para mais facil-

mente se apparelharem para aquelle academico certame. A nota foi o thema de largas digressões. Mais sorria a nota, e o assumpto, de si naturalmente poetico, ás ousadas imaginações dos estudantes, do que todo o latim eruditissimo dos trechos, em que recaía a sabbatina.

Era a hora propria para espraiar a phantasia pela região dos espiritos. Cada um dos juvenis contubernaes se julgou um doutor Fausto, buscando na conversação das potencias invisiveis o segredo impenetravel do homem e da natureza. Contaram-se historias de bruxas e de coisas-más, como se fosse n'um circulo de estudantes em redor da banca de pinho de uma estalagem alleman em Giessen ou Heidelberg. Os contos de Hoffmann e de Arnim, as historias lugubres, com que Henri Heine exemplifica no seu livro de *L'Allemagne* as lendas supersticiosas da nebulosa Germania, seriam porventura idyllios côr de rosa ao pé d'aquellas narrativas, cujos heroes eram espectros pavorosos, e onde as feiticeiras convocadas para um *sabbado* infernal voavam sobre o dorso dos morcegos até á côrte de Satanaz. Corriam as horas no temeroso dialogar. Cada um dos estudantes fôra o editor dos contos, com que o embalára em pequeno uma velha familiar, graduada em historias supersticiosas. Despediu-se a sociedade,

e eruditissimos na sciencia das bruxas conheceram, já tarde, os estudantes que volviam para casa ignorantes de Martini e de direito natural.

Ao dia seguinte abre-se a aula. Comparece o austero cathedratico. Tira o bedel arguentes e defendentes. Entre estes cae a sorte em Castilho. Trava-se o debate com todo o encarniçamento da dialectica subtil. Do alto da cadeira o professor Camello Fortes desfructava as delicias impagaveis d'esta nova especie de circenses, que arremettiam uns a outros com um chuveiro de distincções e syllogismos. Camello Fortes distinguia tudo. Era um jurisperito da velha escola. Toca alarma nos arraiaes de Castilho. Cabe-lhe a sua vez de entrar em liça. Das theses, que pendiam na controversia, não sabia quasi nada. Investe com elle o arguente, de que não ficou memoria. Aperta-o n'um cilicio de logica cerrada. Dispara-lhe uma saraiva de textos, capazes de deixar perplexo o proprio Puffendorfio. Não havia salvação possivel. Do fundo da aula animava a peleja o doutor Camello, sorrindo complacente aos estratagemas do arguente embravecido. Era o Cesar da jurisprudencia presenceando de um monticulo a carga dos seus cavalleiros n'uma Pharsalia de distincções. Lembram-lhe a Castilho as bruxas da vespera e a nota do Fortuna. Recorre ás

feitiçarias, que era o caso harto desesperado para invocações sobrenaturaes. Arrebata a palavra ao seu contrario, e n'uma larga dissertação, imaginosa, como o demandava o assumpto, enriquecida com toda a erudição, que aprendêra em Thiers no *Tractado das Superstições,* commette e leva a cabo a propria apologia das bruxas, admiradas de terem por causidico um tão florente e correcto defensor.

*

Não lhe prescreveram os canones que de todo deixasse por satisfazer a curiosidade e o amor, que sempre o haviam para a natureza convidado. Ás licções de historia natural assistiu, sob o magisterio do doutor Manoel José Barjona, ornamento da faculdade philosophica, auctor das *Taboas mineralogicas,* em que a mineralogia werneriana, já hoje antiquada e imperfeitissima, achou em lingua portugueza um methodico, senão inventivo introductor. A chimica ouviu ler ao doutor Franco, que, então, na faculdade a professava. E de uma e outra sciencia tomou o que era bastante para não incorrer, como tantos seus irmãos em Apollo, na tacha de ignorante no alphabeto e cartilha da natureza.

Aos romanistas e doutores é bem de crer quanto haviam de anteceder, na predilecção do nosso poeta, as musas, com que desde menino se comprazia. O estro, que madrugára em Lisboa, ia agora em Coimbra, terra de vates e de amores, ousando mais correctas melodias. Hoje ha entre a juventude universitaria, e a das outras escolas de Portugal, duas vocações, ou antes um demonio e um anjo bom, que tiram pela capa aos escolares e lhes enchem os ocios da sciencia: são a politica e a litteratura. Tem uma e outra encantos e seducções. Ás mãos cheias acenam coroas e triumphos. Figura-se o alumno, nas suas illusões da adolescencia, umas vezes Lamartine, outras Roberto Peel. A imprensa, esta feira colossal onde se vendem todas as esperanças da vida, esta officina mentirosa onde se doiram todos os futuros, está como um circo immenso convocando a si todos os luctadores do entendimento. O artigo, o folhetim, a poesia solta devoram a imaginação dos estudantes. A politica é uma cortesan, que promette os seus encantos como premio á ousadia, é a Aspasia moderna, que circumda o seu triclinio de todos os escravos da ambição, e embalsama o seu maculado camarim com o perfume de todos os talentos. Entre a mediocridade e o nada, entre o genio e a gloria, medeia

sempre esta suprema dominadora, estendendo a mão, como Charonte, á drachma dos que sonham o Elysio, e pagando-lhes com a coroa ephemera, por fóra illusões e loiros de theatro, e por dentro espinhos e remordimentos de consciencia.

Não havia por 1818 grandes politicos na academia. Faltava a imprensa, a tribuna, ou em logar d'ellas a tradição revolucionaria, que as suppre e tantas vezes exaggera. Não era a universidade, como são hoje, como teem sido n'este seculo as universidades allemans, a obra avançada do espirito democratico. O tempo não consentia manifestações de liberdade. Desde a revolução franceza lavrára sempre em Portugal o incendio revolucionario, mas ia minando o travejamento do edificio social, sem que nem de leve se descobrisse na frontaria o menor indicio da chamma, que o roía. Havia mais patriotas, que democratas, mais philosophos, que publicistas, antes legatarios da herança de Voltaire, do que herdeiros de Danton e Robespierre. A *Encyclopedia* tinha achado mais discipulos, do que partidarios a constituição republicana. As ironias de Voltaire, os idyllios sociaes do Genebrez, haviam creado mais proselytos do que as sangrentas prégações da guilhotina. Havia muito quem abolisse o christianismo, raros eram então os que arremettessem con-

tra o throno. Pedia-se a abdicação de Deus diante da razão, ninguem ousava sonhar a queda da monarchia diante da liberdade. Os cortesãos da realeza levantavam-se arrogantes contra a divindade, e o joelho, que se dobrava nos degraus do solio, recusava, se podia, em nome da magestade humana, a homenagem devida á magestade do sacrario.

Não havia nos professores exemplo nem incitamento a pensamentos liberaes. Como todas as aristocracias, a universidade estremecia diante da innovação. O privilegio escondia nas dobras do seu capello, como sob a toga do magistrado, sob a farda verde do capitão-mór, sob a casaca vermelha do alto dignitario o odio entranhavel ás revoluções. Os pagãos d'aquelle tempo tinham defesos e recatados os seus templos gentilicos. Os republicanos de Tacito tinham o seu fóro nas suas livrarias, e os seus comicios nos íntimos colloquios dos amigos. Os *espiritos-fortes* vingavam-se da communhão, beatamente recebida, com a leitura de Helvetius e de Holbach. Os leitores enthusiastas do *Contracto social* registavam cuidadosamente na Torre do Tombo as suas cartas de nobreza, e maldiziam a volubilidade da fortuna, que situára a côrte a duas mil legoas de distancia, roubando aos philosophos de gabinete a honra de sellarem a sua fidelidade á dynastia

com o osculo reverente na mão adiposa do soberano.

A universidade era grave, séria, melancolica e ordeira, como a douta Minerva, que em vulto de marmore, medianamente cinzelado, estava postada, sentinella da sciencia, no cimo da escada da livraria. Quem lhe trocasse a lança pelo chuço proverbial das velhas ordenanças, em vez do elmo lhe enlaçasse uma xumberga de canudos á Pombal, teria feito da Pallas conimbricense uma especie de centauro academico, um ente meio-verdeal e meio-doutor, e contemplaria na gravidade comica d'esta imagem o symbolo acabado do que era por aquelles tempos a vetusta academia.

A politica de então resumia-se publicamente em duas questões, ambas de orgulho: orgulho de nação contra os inglezes, que a tinham quasi por colonia; orgulho de metropole contra a colonia, que se levantára quasi com o senhorio, dando a côrte ao rei foragido e indolente. Lord Beresford a governar em Lisboa, e a côrte a governar no Rio de Janeiro, eram as duas pedras de escandalo para os portuguezes de boa lei. Liberdade era então o contraposto de dominação britannica. Por esta liberdade puramente aristocratica se conspirava. Por ella caía martyr Gomes Freire, por ella ia lavrando

no exercito e no seio das classes privilegiadas o fermento da impaciencia, ao depois convertida em rebellião.

O povo ainda hoje surge a custo debaixo dos escombros da revolução. É ainda hoje um esboço. Era n'aquelle tempo um germe. Sómente ás classes privilegiadas era dado pensar negocios publicos. Mas não são os privilegios, que chamam contra si a revolução e applaudem com abnegação a liberdade.

Os liberaes d'aquelle tempo eram quasi todos homens de saber. O interesse, porém, tornava-os precatados e abstemios nos seus dithyrambos democraticos. A inquisição era de certo um visinho impertinente, mas o desembargo do paço era uma invenção admiravel para as ambições dos moços jurisconsultos, e as prebendas e prelaturas, onde a pobreza apostolica fugia diante da opulencia das mitras e dos cabidos, era um sonho doirado para theologos juvenis. A França, antes dos dias da revolução, conhecêra egualmente d'estes Spartacus elegantes, que apregoavam em salões esplendidos a egualdade das condições, e d'estes Senecas sybaritas, que escreviam, como o philosopho de Roma, o *Desprezo das riquezas*, n'uma poltrona de terciopelo e com um tinteiro legitimo de Sévres.

O pae do nosso poeta, o doutor José Feliciano de

Castilho, era sem duvida liberal de coração e philosopho de espirito; que sempre philosophia e liberdade andaram sorrindo a medicos e naturalistas. Mas em tempo, em que rareavam os tribunos, não queria o doutor Castilho sacrificar a um sonho a propria felicidade, a paz domestica, e o accrescentamento de seus filhos, a quem, nas apparencias da austeridade, queria e amava com a mais entranhavel affeição. Seguiram-lhe os filhos a esteira, ajudados do pouco incentivo que para coisas politicas havia por então entre a mocidade estudiosa. Liberaes eram já, e quem o não é, ou foi, escolar e poeta, no primeiro florir da adolescencia? — liberaes mas não sectarios. Um homem, que aos dezoito annos não protesta sinceramente contra a dominação de um só, não é um homem, é um monstro, em que a natureza se envergonha das feições, que lhe imprimiu. O proprio Nero poetisa n'aquelles annos a sombra fugitiva da republica, que esvoaça no senado acossadà pelos sicarios dos Cesares. N'aquella edade de oiro, o mesmo Napoleão scisma, por horas de melancolia, nos ocios de Brienne, a magestade da antiga democracia, e elle — o que mais fundo bebeu na taça das vaidades — condemna a gloria como um sacrilegio, quando a espada, que lhe ceifa os loiros, destroe do mesmo golpe o choupo da liberdade.

*

A espirito livre, qual o de poeta, responde pelas harmonias íntimas do homem, coração generoso e liberal. O estro, como o corsel de Mazeppa, vôa á larga nos plainos da phantasia, pisando, como se fossem ervasinhas rasteiras do seu caminho, as coroas e as dynastias. O horizonte dos seus desejos não podem limitál-o as maiores grandezas da terra. Semelhante á aguia, rasgando no vôo as nuvens mais erguidas, e percebendo apenas a fundura dos valles, e o boleado das serranias, o poeta não vê da sua immensa altura o millimetro insensivel, que alteia a cabeça ungida dos reis sobre a fronte crestada dos pegureiros.

O que não impede o poeta, para quem o martyrio seria esteril, e o tribunato inopportuno, de saudar os reis absolutos, quando os encontra nas ruas, e de accender apenas nos íntimos lares o fogo republicano, que seria inutil e perigoso baratear n'um *forum* povoado de malsins.

Era este o caso para o nosso poeta. Não havia então d'estas ignominiosas oppressões, que embravecem os mais timidos cordeiros. É verdade que no Campo de Sant'Anna as fogueiras do absolutismo

haviam deixado no solo tisnado a terrivel ameaça aos conspiradores. É verdade que ainda vertia sangue, na memoria e na compuncção dos bons e verdadeiros portuguezes, o vulto heroico de Gomes Freire, juridicamente assassinado como um ladrão contra as preeminencias e fóros da nobreza. Mas a quem não tomára voz contra os inglezes, a quem se lhe dava pouco de saber onde estanciava a côrte, a quem só com os romanos era livre, só com primorosos escriptores revolucionario, com os salgueiros do Mondego utopista de revoluções bucolicas, bem pouco importunava a perspicacia dos esbirros e a feroz auctoridade das alçadas.

Não havia na ordenação penas *de majestate* contra os que, á semelhança de Castilho, ideavam, pelos moldes de Virgilio, e ainda mais do mavioso Gessner, republicas de pastores, socialismos de choça colmada e enflorada de myrtos e rosaes, egualdades desambiciosas de bemaventurados arcades, liberdade ideal de correr e doidejar pelas campinas, coroando por soberanas as Graças e os Amores no throno da ridente natureza. Não havia penas nem bullas pontificias contra esta innocente maçonaria de pombas e cordeirinhos, de faias e carvalheiras, nem a egreja se offendia d'este poetico renegar das fontes baptismaes para tomar com a

frauta e a samarra os nomes campesinos de Salicio ou Melibeu.

Castilho era pois assim politico. Como elle eram politicos os mais dos seus joviaes contemporaneos.

Que pois nos havemos de admirar, se por estes tempos achamos a Castilho saudando na sua coroação a el-rei D. João VI?

Escreveu, de feito, uma poesia ao soberano. Não estranhemos a inspiração, admiremol-a. Que se cante Napoleão, embora. O seu nome é uma ode já feita. A sua gloria defende o cantor de toda a sombra de adulação. Mas D. João VI era o rei mais bondosamente prosaico de quantos se teem sentado no throno portuguez. Mediocre na prosperidade, e mediocre ainda no infortunio, nem admirava pelas suas acções, nem interessava pelas suas desventuras. A sua côrte podia ser uma comedia de intriga, mas repellia, felizmente para a nação, todas as ambições da tragedia purpurada. Um rei, que reina antes de o ser, que embarca, ao estrepito dos francezes, que endireita para o Brazil, escoltado pelos seus corteses alliados, que se aclima á sombra dos coqueiros, que desconhece com um cosmopolitismo verdadeiramente assustador o menor assomo de nostalgia, que prosegue em se deliciar no Rio, como d'antes na pavorosa Mafra, com a melodia soturna

do cantochão; que depois, ouvindo rugir ao longe o tigre popular, reparte o seu animo entre condescendencias e terrores, que acceita as bases da constituição, com a sinceridade de um Manoel Borges, e depois com monachal sinceridade as annulla sem azedume e sem pesar; um rei, que a si decreta a coroa de imperador, e pede, nos seus receios dynasticos, a toga de presidente da republica; um rei assim é um exemplo seguro para moralistas, mas é o pessimo dos assumptos para poetas. É a burguezia coroada com todos os accidentes afortunados ou adversos da sua despoetisada condição.

Para indultar o crime do estro, se acaso o houve, com que o nosso Castilho no seu alvorecer poetico festejára a realeza, participemos ao leitor que foi esta a composição, que melhor fortuna lhe alliciou. Quando o poeta canta o povo como Béranger, recebe a moeda do povo, a gloria; quando se lembrava outr'ora de cantar os reis, á semelhança de Boileau, conseguia a magra pensão de poeta cesareo. Castilho recebeu uma rendosa mercê em paga da sua oblata. Mas, ó poesia, ó virgem intemerata e castissima, ó visão ideal, que viajas pelo infinito no dorso dos hippógryphos, que te alimentas do mel do Hymetto, e do manná espiritual da tua sancta inspiração, que reflectes na fimbria

etherea do teu manto diaphano a luz, com que te doira a divindade; ó poesia, esconde, rubra de pejo feminil, os teus olhos formosissimos com o girão da tunica inconsutil! Ó prosa, ó carne, ó burguezia, ó ordenação do reino, ó cabelleiras anneladas de todos os velhos corregedores e ministros togados da casa da supplicação, ó manes utilitarios do regrado Bentham, exultae e tripudiae na humilhação, em que vos tem postos a arrogante magestade do espirito e do sentimento, Castilho, o poeta, o cantor de idyllios, a omnipotencia de um rei agradecido (pasmae de a quanto se atreve o despotismo!) mudou-o um instante apenas... em que? n'um escrivão.

A ironia era amarga, mas representava quatro pingues mil cruzados de renda annual e vitalicia ao injuriado cantor da *Primavera!* Era uma affronta, que o proprio Camões tivera perdoado no orgulho do seu infortunio e do seu talento. Era um preço vil, por que o vate da *Gerusalemme* houvera vendido, se pudesse, a purpura da sua apotheose na heroica magestade do capitolio.

Contemos a historia, que vale a pena de se registar para os vindouros.

*

Governava então a illustre diocese de Coimbra, e regia ao mesmo passo a velha universidade o bispo D. Francisco de Lemos. Já ninguem imagina hoje, n'estes tempos de niveladora democracia, o que era, no regime decaído, um prelado portuguez, condecorado com todo o esplendor de um berço esclarecido, e com toda a auctoridade do poder episcopal, e ainda sobre tudo isto, com a suprema direcção do ensino publico. O reverendo bispo-conde reitor reformador, D. Francisco de Lemos, tirava da sua estirpe nobilissima, da sua valia na côrte, dos 120 mil cruzados annuaes da sua mitra, da sua auctoridade espiritual duas vezes veneranda na Egreja e no Estado, motivos com que realçar o orgulho nativo e a hereditaria altivez do seu caracter. Principesco na sua magnificencia, a sua alma alargava-se á medida da sua opulencia e da sua jurisdicção. Rodeava-o uma côrte numerosa de clerigos, nem todos evangelicos, os quaes exerciam no animo debil do prelado o influxo, com que as ruins ilhargas de magnates espirituaes ou seculares, costumam perverter a tibieza das suas boas inclinações. Regia-se o bispo pelos conselhos dos seus aulicos de sobrepelliz, e o commum da gente da cidade via

com maus olhos a turba de taes aduladores. Bem de ajuizar será qual fosse a maledicencia, que, recatada e timorata, vingaria na clerezia episcopal os erros do seu pastor. A historia parlamentar do congresso constituinte de 1821 depara-nos em violentas discussões mais de uma occasião por onde computar a infeliz popularidade, de que então gosava na Academia e na cidade o já quasi octogenario reformador.

Succedeu pois que um espirito dicaz e malicioso conglobou n'um só corpo os murmurios soltos contra os clerigos do bispo, e lhes deu a amarga celebridade do ridiculo n'uma satyra, que voou de mão em mão sob o titulo de *Lanterna magica*, e foi lida e gostada com esta avidez deliciosa, com que se devoram libellos provocados por demasias do poder, nos tempos, em que jaz oppresso o pensamento e cerrada a imprensa com os cadeados da censura.

Nunca foi possivel atinar com quem fosse o auctor. A varios, como succede, se attribuiu a gloria perigosissima e funesta do poema. Cairam, porém, as suspeições do bispo e seus clientes em tres graves cathedraticos da faculdade de medicina. Sua excellencia reverendissima elegeu, para lhes dar os emboras de tão graciosa composição, e de tão

festivo sal e chiste comico, aos doutores Castilho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo e Angelo Ferreira Diniz. O leitor adivinha já, que o jury, convocado para coroar nos tres doutores o merito da satyra imputada, não foi uma secção da Academia, nem umas *côrtes d'amor,* como as que presidia o rei Renato, senão um carrancudo e feroz corregedor, circumdado de escrivães e de meirinhos, solemnemente convidados a apreciar, segundo a esthetica das ordenações do reino, a belleza picaresca do desenho, a frescura demasiada do colorido, e a propriedade exaggerada dos epithetos. Duas devassas, em que juraram falsamente alguns inimigos dos tres lentes, deram em resultado serem elles suspensos de seus officios. O bispo offendido no seu orgulho, estendeu a purpura sobre as feridas que no dorso dos seus clerigos havia rasgado o flagello do anonymo Juvenal. O processo foi remettido á côrte do Rio de Janeiro, precedido e acompanhado de um cardume de missivas, em que o prelado empenhava com os seus amigos, — que os tinha poderosos na côrte e nos tribunaes — todo o seu valimento e auctoridade para que de tão inaudita affronta e arrojamento se tirasse vingança exemplar. Não se esqueceu o bom do bispo de dar relevo e seducção á sua desartificiosa eloquencia epistolar com varios dons e pre-

sentes, que em mercancias e acepipes europeus, apreciados no Brazil, subiam ao valor de muitos mil cruzados. Tão sabedor era o prelado de que a venda que cega os olhos da justiça já por aquelles tempos, como agora succede nos nossos dias, não é tão espessa, que não deixe perceber com deleitavel seducção o oiro dos corruptores. Tão confiado andava em que a justiça, que a mythologia figura *vendada*, a realidade nol-a depara muitas mais vezes *vendida*.

Se fossem agora delineados os planos do bom reformador, e se nos tempos, que hoje correm, se levantasse pleito entre elle e os que elle suppunha os seus detractores, venceriam de certo os respeitos do magnate a innocencia dos accusados, porque póde agora com dobrada razão caber ás leis e ao rigor dos seus executores aquella notavel sentença do philosopho antigo, quando affirmava que eram ellas como as teias de aranha, que prendiam os insectos pequeninos, e eram rotas pelos animaes de maior vulto.

Felizmente para a verdade as justiças d'estes reinos (que a fallar com a mão na consciencia nem sempre andaram exemptas de todo o peccado venial) não deram razão ao reverendo prelado reformador.

O doutor Castilho, temeroso de que lhe fizessem aggravo, se o julgassem á revelia, nos tribunaes do Rio de Janeiro, seguiu para a nova capital do reino, as missivas e as páreas do bispo. Chegado á côrte, achou ali visiveis os effeitos da munificencia e da valia do prelado. Inclinava-se a justiça quasi a decretar a paternidade da *Lanterna magica* aos tres innocentissimos doutores.

Era então um dos principaes secretarios de estado d'el-rei D. João VI, na repartição dos negocios do reino, Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que deixou illustrada a sua memoria em excellentes trabalhos de jurisprudencia nacional nas collecções da nossa Academia. Fallou-lhe o doutor Castilho, expoz-lhe a verdade, demonstrou-lhe a sua innocencia. Fallou por elle o valimento, com que tambem o favoreciam pessoas de auctoridade na côrte. Foi o processo á Relação, que o annullou, declarando o doutor Castilho e os seus collegas da faculdade illibados de toda a culpa, com que pretendia maculál-os a sanha do bispo-conde. *Tantœne animis cœlestibus iræ!*

As penas, com que esperava o bispo ver punido o imaginario sacrilegio do doutor Castilho, converteram-se em bom gasalhado, que na côrte recebeu e em mostras de régia benevolencia. Fundava-se por

aquelles tempos uma colonia suissa no Brazil. Era a povoação de Nova Friburgo. Deputou o governo ao doutor Castilho para que em companhia de monsenhor Miranda fosse presidir á inauguração do nascente estabelecimento.

Antes de partir para a sua nova commissão, obteve o doutor Castilho uma audiencia d'el-rei e n'esta occasião lhe apresentou o poema, com que Antonio Feliciano saudára a acclamação do monarcha portuguez. El-rei, como pouco atreito a vaidades de litterato e a subtilezas de critico, não descriminou no poema nem as bellezas nem os defeitos. Costumado a ver-se guindado, na sua burgueza vulgaridade, até ao pedestal dos heroes nos sonetos genethliacos, com que obscuros poetastros de luminarias o engrandeciam no dia dos seus annos, sentiu-se desvanecido com que o acclamasse de novo um verdadeiro poeta, já preconisado, em verdes annos, como um talento privilegiado e singular em toda a conimbricense academia. Acolheu el-rei a offerta do poema com palavras de bondoso agradecimento. Soube que o poeta era um moço, que desde a puericia perdera quasi inteiramente a vista, e que, lendo por alheios olhos, cursára com distincção a universidade, como o demonstravam os attestados, que o doutor Castilho levára de Coimbra. El-rei para

significar a Antonio Feliciano a satisfação, que experimentava com os progressos dos seus estudos e com a felicidade do seu engenho poetico, proveu-o no officio, então rendoso, de escrivão, chanceller e promotor na correição de Coimbra, e expediu-lhe o provimento n'um diploma, em que com palavras honrosissimas se allegavam por fundamentos da mercê os talentos distinctos do apariado.

Eis ahi como Castilho se achou, sem o sonhar, levantado, — ou se querem antes, rebaixado — á categoria de escrivão do civel. As musas portuguezas, que já haviam com Antonio Ferreira e Gabriel Pereira de Castro subido a julgar nos pretorios da magistratura portugueza, estavam agora ameaçadas de trocar a lyra pelos autos, deixando de escrever por metros para escreverem prosaicamente *á rasa*.

Felizmente n'aquelles aureos tempos da velha monarchia a legislação ou o costume havia introduzido em quasi todas as funcções publicas uma saudavel instituição, que umas vezes escudava a preguiça dos desembargadores, e que d'esta vez ao menos serviu para livrar do protocollo o engenho feliz de um vate melodioso. Esta providencial instituição era o *serventuario*. Era este o verdadeiro funccionario, e a troco de uma parte cedida nos salarios, desfructava quietamente o titular os pro-

ventos do seu officio, podendo longe dos negocios vagar ao tracto intellectual, quando se era poeta como Castilho, ou ás delicias da opulenta ociosidade, quando se era fidalgo ou desembargador.

*

É por estes tempos, a que nos vamos referindo, que começa a florescer e fructificar em todo o seu viço e esplendor a juvenil imaginação do cantor da *Primavera*.

Entre os divertimentos da mocidade academica, cultora das lettras amenas, figuravam em primeiro logar aquelles innocentes jogos de espirito em que as musas adolescentes se exercitavam e mediam as forças, preparando-se para mais alentadas e duradouras composições. Eram os *outeiros*, verdadeiras justas poeticas, em que os engenhos discretos enlaçavam a poesia ligeira com o culto cavalleiroso da mulher.

Eram então em moda os outeiros. As escolas rivaes, em que os fanaticos das musas, andavam repartidos na academia, os elmanistas e os filintistas, os conservadores das constituições velhas do Parnaso, e os revolucionarios da anarchia romantica, os que nos valles deleitosos de Tempe, sob o

sol radiante da Grecia, erguiam os seus altares á poesia, e os que entre as brumas do norte e os gelos da Scandinavia iam buscar na melancolia o ideal das suas concepções, todas as parcialidades adversas se congregavam em boa paz no territorio neutro dos outeiros. Era então grossa a phalange dos poetas academicos. Muitos dos que foram depois engenhos mimosos e applaudidos, outros que figuraram ao diante na vida publica, luziam como poetas nos certames de Coimbra: Castilho e Garrett, José Maria Grande e José Victorino Freire Cardoso da Fonseca, os irmãos de Castilho e alguns que no tracto dos negocios trocaram as musas pelo menos glorioso trafego da vida positiva.

O outeiro era ao mesmo tempo uma solemnidade religiosa, uma ostentação poetica, e uma verdadeira parada do amor platonico. Diante do mosteiro, adornado com todas as pompas de uma festa, ao repique dos sinos, ao estalar das girandolas, em dia de abbadessado, accorriam os poetas a celebrar a eleição monastica com todos os primores do seu talento. Era para ver como o mosteiro, esquecendo n'aquelles dias a austeridade da regra seraphica, ou benedictina, fazia em pequeninos peccados, que mal chegavam a veniaes, algumas timidas concessões á elegancia da sociedade, como as Thebaidas solitarias

contemplavam complacentes a juvenil população, a ondear, sob as janellas da clausura, como as esposas de Christo volviam os olhos ao mundo, a suspirar e anhelar na turba dos cantores um esposo profano e folgazão. A egreja abria as portas de par em par. Todas estas artes delicadas, que fazem de um convento de monjas uma officina de primorosos artefactos feminis, conspiravam a engalanar e embellecer o interior do sanctuario. Os altares ostentavam as mais decorosas coberturas. As imagens deviam á sollicita devoção das freiras habilidosas a garridice de suas vestiduras, com que ás vezes pareciam affrontar-se na sua evangelica pobreza. Santo Antonio e S. Francisco, os mais implacaveis antagonistas das vaidades mundanas e os mais austeros desprezadores da carne, deitavam n'aquelles dias seus mantos de mais que religiosa galhardia. Os ramos naturaes e artificiaes enfloravam as mais modestas capellinhas. O sineiro conventual estreava então as suas mais ruidosas, — nem sempre cadentes, — ás vezes profanas partituras. As freiras jubiladas nas artes de conserveira, exhauriam a imaginação e o assucar em arrojadas combinações de deliciosas gulodices. As grades abriam-se e a clausura relaxava um pouco os seus rigores habituaes. As monjas, todas alegres e felizes, descingiam o ci-

licio, as já edosas e achacadas rememorando os dias, em que a sua formosura incendera o estro de antigos vates, as adolescentes phantasiando-se cada uma talvez uma Heloisa sentimental sem os atrozes infortunios do seu ardente adorador.

Todo o dia se passava em desenfados da monotona vida monachal, em colloquios á grade, em quanta largueza permittiam os recatos da clausura, em trocar de conceitos e de requebros, em galanteios convencionaes, em miradas ternas, em suspiros meio dissimulados, servindo de pontuação aos dialogos, e de acompanhamento ás effusões do coração, uma saraiva copiosa de rebuçados, que excediam o voto do velho Horacio, visto que no animado locutorio em vez do estricto *utile dulci,* era sempre o doce extenuante dos amores que se mesclava ao doce reparador das bandejas conventuaes.

Quando as primeiras sombras da noite desciam sobre as torres do mosteiro, principiavam as justas dos poetas. A uns trazia-os ali a esperança de luzirem os seus talentos, a outros o instincto juvenil, que busca em toda a parte distracções; alguns não andará errada a chronica, se referir que, mais do que a fama, os convidava o appetite áquelle bodo franco de abbacial confeitaria. Batiam-se então as palmas, pediam-se os motes, choviam os conceitos

arrebicados, as allusões amorosas, os reptos do amor, dissimulados na innocencia de uma colcheia. Accendiam-se as imaginações, tumultuava o estro, succediam-se os vates na porfia, voavam as decimas e os sonetos, e a alegria dos mancebos ia accordar nas monjas novas os risos da edade juvenil.

*

Castilho era infatigavel n'estes bizarros combates de imaginação. A improvisação era-lhe facil, e os versos saíam correctos e fluentes d'aquella phantasia, ainda agora accessivel a todas as excitações do enthusiasmo, então, no frescor da adolescencia, prompta a inflammar-se a cada instante sob o influxo do amor e da poesia.

Porque buscavam os outeiros com uma singular predilecção a portaria e a grade dos conventos? Porque é que os poetas se arrebatavam espontaneos diante d'aquelles retiros consagrados á virgindade? Que singular encanto os attraía ali?

Os mosteiros, que são hoje uma duvidosa instituição no mundo social, tiveram sempre na scena da imaginação um logar privilegiado. A poesia, penetrando a clausura, deleita-se em devanear n'aquel-

las mulheres, roubadas ao amor e á sociedade, as mais apaixonadas formosuras e as mais romanescas exaltações. Imaginae por uma noite amena que sois transportado a uma paisagem de montanhas. Illuminae a scena aqui e acolá com os toques prateados da lua cheia. Tornae bem ensombrados os declivios dos valles e as anfractuosidades mais profundas da serrania. D'entre um massiço de choupos centenarios fazei surgir um mosteiro de veneranda antiguidade, um Lorvão, um Fontevrault, nas asperezas da Beira, nas campinas da Bretanha.

Alteae as torres, encurvae as arcarias normandas, projectae ás nuvens a agulha dos campanarios. Soltae os ventos, para que vão esvoaçar na ramada das florestas proximas, adensae os cyprestes a negrejarem ao lado do convento, filtrae o luar atravez das arvores funereas, até pratear as lousas solitarias e as cruzes mutiladas dos sepulcros. Rasgae uma fresta nas paredes ennegrecidas do cenobio e imaginae a luz mortiça da lampada, contrastando a horas mortas com a tranquilla pallidez do astro da noite. Fazei tanger a campa das matinas com este som melancolico, que se diffunde em gemidos pelas quebradas do valle. Sonhae agora que á janellinha escassamente illuminada responde um dormitorio de arcaria veneranda; ao fundo o altar

com as suas columnas salomonicas de talha, apenas visiveis á luz tremula da lampada pendente; sobre o altar a cruz negra, sobre a cruz a alvura da toalha; ali proximo um tumulo embebido no vão da parede, entre dois feixes de columnellos, que sustentam uma ogiva. Aqui e além, destacando do fundo cinzento das paredes, as cruzinhas negras de uma devota via-sacra. Ideae um vulto de mulher no dormitorio solitario. Escutae os passos, que no silencio da noite resoam sobre a lage do pavimento, a que responde o echo no outro extremo da deserta galeria. Aquella mulher é talvez bella, juvenil, apaixonada. Talvez nas litanias piedosas do côro terá involuntariamente intercalado aos hymnos graves e magestosos da liturgia o nome, a memoria ao menos, o desejo, — quem sabe? — do homem, a quem ella amou. Será uma Heloisa, luctando nas macerações da carne, entre as exaltações do amor e a crença da salvação? Será uma La Vallière, que vae abraçar a cruz e estreitar o cilicio para afugentar as memorias criminosas dos seus dias profanos, em que, vendo a seus pés o rei galanteador, brincava, ao mesmo tempo infantil e orgulhosa, com o sceptro dos Bourbons?

Imaginae tudo isto, que vos aponto, e vêde se não ha sentida poesia n'um mosteiro. Lêde uma

d'aquellas cartas admiraveis de Heloisa, em que ora se vos afigura estar ouvindo o espirito de um padre da egreja, a abnegação de um asceta; ora as lagrimas vos inundam involuntariamente o rosto, ao seguirdes no seu vôo desesperado a eloquencia apaixonada da mulher, soltando as blasphemias innocentes de um pobre coração, que espedaça por momentos os grilhões espirituaes e as muralhas da clausura. Pondo em relevo as scenas, que vos desenha a ardente e sensivel abbadessa, levantae dos seus escombros centenarios a abbadia de Heloisa, e dizei-me depois se não vos estremecem n'alma as fibras da poesia ao contemplar um mosteirinho perdido na solidão esteril das montanhas.

Com traça semelhante á que deixamos escripta poderia um engenho perscrutador architectar a theoria philosophica e transcendente dos *outeiros,* e explanar com mais ou menos plausiveis argumentos a sua obscura genealogia. Não quero enredar-me n'estas arduas controversias e deixarei aqui indeciso o ponto, encommendando a juizes mais argutos o decidir se a cohorte dos vates buscou para os seus certames os mosteiros pela mesma razão esthetica, por que nos encanta e commove no *Roberto* a crasta melancolica de Santa Rosalia, ou pela razão experimental e pratica com que a perspe-

ctiva dos ovos-molles fazia enxamear ha mais de um seculo a turba dos freiraticos nos locutorios de opulentas abbadias.

*

Aos outeiros de amena poesia succederam bem depressa os outeiros de poesia patriotica. Tinha vingado a revolução do Porto. Entrára ovante na capital. Aspirava-se á larga o ar da liberdade. As musas não podiam encontrar melhor ensejo para soltarem cantos, que a suspicacia do absolutismo lhes não quizera até esse tempo consentir. É d'este tempo o *Catão* de Garrett, cadente explosão revolucionaria de um engenho inexperto e juvenil, que tomava a toga dos ultimos republicanos para soltar o repto, facil então, ao que se julgava expirante despotismo. São d'essa época tambem os frequentes outeiros do theatro lyrico, onde o hymno patriotico entrelaçava as suas estrophes com o rhythmo apaixonado de fogosos improvisadores.

Castilho cursou tambem os outeiros de S. Carlos. Que poeta, em tempos revolucionarios, não tem sido ao menos uma vez tribuno de sonetos em noites de popular enthusiasmo e de republicano frenesi?

A primeira vez que o nosso já então laureado improvisador ostentou a promptidão da sua musa na plateia de S. Carlos, dava-se uma opera nova, a *Cenerentola*. Era a dama a Bressi, a qual convocára aquella noite a mais selecta e numerosa sociedade. Estava a sala cheia; os *dilettanti* a postos, as cabeças ondeavam na plateia, as laçarias e os leques agitavam-se em mil sentidos nas frisas e camarotes. Anceavam todos por escutar a afamada partitura. Castilho, que foi sempre um assiduo frequentador da scena italiana, estava conchegado no seu cantinho, acepilhando talvez algum dos bellos versos das *Cartas de Ecco,* que por aquelles tempos se compunham em Lisboa. Ás primeiras arcadas da rebeca, um sentimento exclusivo dominava o auditorio, a curiosidade ou o enthusiasmo das harmonias. Os proprios representantes da nação, com suas casacas direitas de saragoça, emblema intolerante do seu intractavel patriotismo, esqueciam a auréola dos seus nomes provincianos e, semelhantes aos senadores romanos nos degraus do amphitheatro, deslembravam a salvação de Roma para alongarem as orelhas parlamentares ás primeiras volatas da cantora.

De improviso tumultuam as cabeças na plateia, volvem-se todas na mesma direcção, interrogam-se os visinhos. Chegára ao camarote o ministro da

marinha. De pé, batendo as palmas, invocára a attenção do auditorio. A curiosidade tem suspensos os espiritos, um murmurio quasi unisono percorre a assembleia, enfraquece, extingue-se e o silencio mais profundo reina na sala de S. Carlos. O ministro annuncia então que el-rei D. João VI jurára solemnemente no Brazil as bases da constituição.

O silencio da plateia rompeu n'uma tempestade de acclamações e n'um delirio de momentaneos enthusiasmos. O juramento d'el-rei podia ser o primeiro escolho da revolução! D. João VI, homem pacifico e egoista, não devia amar apaixonadamente as commoções revolucionarias, que são sempre para os monarchas a humilhação da realeza e a intimação de uma vontade hostil á sua. Mais do que ao rei, a revolução podia com reformas atrevidas ferir o interesse dos privilegiados e cortesãos. Se el-rei a duas mil legoas da metropole respondia com o direito divino ás declamações dos constituintes? Se o que em Lisboa era revolução chegasse ao Brazil rebellião e sacrilegio contra el-rei? Se el-rei se deliberasse a resistir? Se não jurasse as bases já votadas pelo congresso e acceitas solemnemente pela nação? Eis ahi os terrores, que annuveavam o azul celeste dos idyllios liberaes, em quanto não chegavam novas do Brazil.

Agora adivinhe-se a rapidez, com que o sentimento patriotico correria toda a escala das jubilosas manifestações. Vivas á constituição, vivas a el-rei, parabens sinceros e reciprocos, intimidades fraternaes entre desconhecidos espectadores, esperanças de salvação commum e doirada prosperidade nacional. Um povo, que se achou pela primeira vez em revolução, é como uma creança, que no primeiro esforço acima do commum, pensou achar o segredo da sua força e ser já entrada na dignidade varonil. Orgulhosa com a sua facil victoria, crê então poder exclamar como Napoleão na sublime composição de Victor Hugo — *L'avenir est à moi.* Poucos tempos decorreram, e o prosaico soberano portuguez respondia áquelles vencedores ephemeros com a jornada de Villa Franca, soltando a temerosa verdade — *Non, l'avenir n'est à personne.* E a monarchia absoluta, como o luctador extenuado pela velhice, antes do que pela robustez do seu contrario, erguia ainda o torso para cair depois na arena ensanguentada pelas guerras da verdadeira revolução.

N'aquella noite de excitação febril não admira pois que o estro de Castilho, sonhando assegurado e duradouro o reinado das liberdades nacionaes, rompesse em torrentes, desafogando o enthusiasmo em versos tão promptamente improvisados, quanto

era subitanea a inspiração. Em pé sobre um dos bancos, o poeta juvenil bate as palmas, pede mote. A turba que ondeava em differentes direcções, volve-se para o vate. Vem o primeiro mote. Respondelhe um soneto. Applausos universaes cobrem os ultimos versos do soneto. Outro mote, outro soneto, mais inspirado que o primeiro. E assim interpolados os versos com o hymno nacional, correu a noite, sem que a Bressi, humilhada diante da inopinada exaltação, pudesse conseguir a minima attenção aos gorgeios e ás cadencias da sua voz.

Á saída o juvenil poeta era festejado por amigos e estranhos. Em triumpho o levaram pela rua. Borges Carneiro, o maior talento que surgiu com a revolução, o unico orador, que nas palestras da constituinte rastreou mais de perto a magestade vigorosa da tribuna, conheceu então Castilho, e o mais sincero e ardente evangelisador da nascente liberdade saudou o seu mais canoro e férvido cantor.

*

Por estes tempos compoz o nosso poeta em Lisboa, onde viera passar as férias, a sua primeira obra de mais vulto, as *Cartas de Ecco e Narciso.* Em muito poucos dias, ideou e levou a cabo o ma-

nuscripto. Fôra sempre desde os mais tenros annos de Castilho a poesia da natureza o enlevo e predilecção do seu engenho. Eclogas, na maneira camoniana, tinha-as escripto aos centos no primeiro tirocinio da sua feliz metrificação. As imagens campesinas, que sempre foram tão suas favoritas, tivera sobejas occasiões de as receber e poetar nas suas quietas excursões pelas varzeas do Mondego, tão ricas de inspiração pelas formosuras naturaes e pelas amorosas tradições de antigas eras.

Ha na contemplação da natureza um encanto indefinivel, que tem feito as delicias dos mais altos engenhos, a quem a sensibilidade traz temperada a frieza da razão. Desde Lucrecio até Virgilio, desde Humboldt a Chateaubriand, o aspecto multiforme do universo tem excitado sempre nos philosophos e nos poetas uma fervente adoração, que chegou ás vezes a raiar no pantheismo. O mysterioso *Pan*, que na frauta de sete cannas symbolisa as inexcrutaveis harmonias da natureza, teve em Castilho um cultor quasi gentilico e um mavioso sacerdote.

A natureza *artificial* e contrafeita dos nossos bucolicos imitadores desdenhára-a Castilho como uma injuria ás magnificencias da creação. Estas searas ondeantes ao sôpro de Virgilio, estas montanhas contornadas no extremo horizonte segundo

os modelos do mantuano, estas arvores recortadas segundo um typo invariavel, este universo convencional, dado quasi como em supplemento ao *Gradus ad Parnassum*, pareciam-lhe indignos da verdadeira poesia descriptiva. E assim como os sabios do renascimento haviam renegado nos dominios da sciencia o incorrecto mundo de Aristoteles, assim tambem Castilho, lançado pela providencia n'um clima opulento de bellezas naturaes, julgou, paisagista verdadeiro, dever repudiar nos dominios da esthetica o caduco universo dos bucolicos.

As leituras da adolescencia despertam sempre nos grandes talentos a sua irresistivel vocação. Gessner encaminhou os primeiros vôos de Castilho. A paisagem do Lumiar deixára no vate ainda infantil a paixão instinctiva da natureza. A leitura do bucolico suisso ensinou-lhe a arte de a descrever.

E fôra Gessner, de certo, um dos seus poetas de maior enlevo. Na collecção selecta de poesias allemans, vertidas em francez por Huber, achou Castilho quem lhe descerrasse o véo, que até ali lhe tivera encoberto o esplendor e as pompas da natureza poetisada. O enthusiasmo de Castilho pelo mavioso cantor da Helvecia revela-se nas expressões de ardente admiração, com que o saudou no prologo das *Cartas de Ecco*.

E advirta-se a quanto se arrojava Castilho na empresa que tomava. A penumbra, a que o trazia condemnado a Providencia, cerrando-lhe quasi os olhos, parecia desviál-o da musa descriptiva.

Para cantor do sentimento era-lhe o engenho propicio. Para celebrar este mundo íntimo, cuja luz divina se irradia dentro em nós, para colorir affectos e paixões, e não para esboçar e tingir paisagens e verduras, o parecêra eleger a Providencia. Quasi sem vista, quiz ser pintor, e pintor que sobretudo se esmerou nos effeitos opticos e na variedade exquisita da palheta.

Milton cego traçára as deliciosas paisagens do Eden. Mas creára esta natureza ideal e transparente, em que a presença do Creador inunda em torrentes de luz divina as scenas sublimes da creação e os amenissimos paineis da vida paradisiaca.

Na dedicatoria do seu poema á mocidade academica da universidade de Coimbra solta Castilho em versos melodiosos, inspirados na fórma e na cadencia pela assidua leitura de Bocage, o repto do poeta quasi cego á natureza illuminada e opulenta de matizes. É o Titão arrogante a provocar o universo, que lhe quizera roubar o aspecto das suas scenas magestosas.

«Turvastes-me os olhos? Fizestes descer sobre

as minhas pupillas o véo que me intercepta quasi a luz? Pois bem. Assim mesmo hei de ir aos picos das vossas montanhas espraiar a vista intellectual sobre os vossos infindos horizontes. Hei de surprehender os nevoeiros a toucarem na antemanhan as cristas das mais levantadas serranias. Hei de tingir de violeta e de oiro os arreboes das vossas madrugadas. Hei de adivinhar a luz vaga e melancolica dos vossos crepusculos. Hei de seguir nos seus meandros os regatos, que se despenham das penedias, e á natureza do universo hei de contrapôr, sem a trair nem affrontar, a natureza da imaginação e da poesia.»

E n'este sentido é verdadeira a sentença de Schelling, quando o profundo philosopho allemão ensina que o homem, o *eu*, é só por si o creador da natureza.

As *Cartas de Ecco*, cuja primeira edição é de 1821, foram acolhidas pelo publico com espontaneo favor e sympathica admiração. Desde que Bocage descêra ao tumulo, deixando na sua rapida existencia o rastro luminoso de um talento superior, cujos vôos originaes foram improvisamente reprimidos, não se haviam escutado versos de mais grata cadencia e melodia.

A fórma bocagiana revelava-se logo ás primei-

ras linhas do poema. Eram os mesmos dotes de Bocage. A mesma paixão, a mesma impetuosidade de sentimento, o mesmo fogo juvenil, o mesmo enthusiasmo nos affectos, a mesma abundancia de imaginação, a mesma fluidez de versos, que pareciam estar brotando em torrentes caudaes, era a mesma estructura musical, a mesma superfluidade dos epithetos, e os mesmos defeitos, que muitas vezes em Bocage faziam vergar a singeleza da idéa sob a vestimenta recamada de pedrarias e de ornatos.

É a fabula de Narciso a mais desnatural de toda a grega mythologia, se por mytho philosophico a não houvermos de acceitar. É a paixão da mulher, volvida em delirio dos sentidos, a luctar com a insensibilidade do homem, tornada em loucura da castidade. Em todas as fabulas poeticas da antiguidade classica só ha dois entes, que representem o desprezo do amor. Narciso e Diana. Mas Diana, invocada sob o epitheto de casta, não foge inteiramente nas selvas á fascinação do amor. Endymião protesta contra a innocencia da tantas vezes esquiva divindade. Mas Narciso é, para as idéas do paganismo, para a religião inteiramente sensual da antiguidade, um escandalo sem nome.

Castilho tomou á sua conta vingar o vituperado

caçador. Estranho paradoxo! Elle, o poeta, todo amor, todo sensibilidade, elle o cultor e o cantor da mulher, elle apaixonado talvez por alguma Ecco menos expansiva, tenta defender a intractavel austeridade de Narciso. Os mais piedosos cenobitas teriam suado sangue para resistir ás amoraveis tentações, ás lagrimas ardentes, ás supplicas ternissimas da nympha sentimental. Santo Antonio e Santo Hilarião teriam saído vencedores, mas depois de escudados pela graça; o proprio Origenes teria succumbido; e o moço, a quem andavam presentes os maus exemplos de Jupiter, e os escandalos domesticos do Olympo, d'esta corrupta Versalhes dos immortaes, affrontaria impunemente os dois maiores poderes da terra, a natureza e a formosura?

Castilho, que, se encontrasse um Narciso imberbe de gorro e de batina no pateo da universidade, entrincheirado no *novo methodo,* como o outro no incansavel exercicio venatorio, fugindo esquivo e affrontado aos requebros de uma *tricana,* lhe houvera descarregado uma trovoada de improperios, acha razões e versos com que restituir o filho de Cephiso aos fóros de extremado cavalleiro.

Em vão a affectuosa Ecco lhe procura incender a imaginação com as mais formosas pinturas do amor. Em vão lhe offerece n'uma prelibação ideal e

apaixonada os dulcissimos prazeres da vida conjugal, e lhe prophetisa as delicias do amor paterno, e lhe enfiora o thoro nupcial, e lhe promette na existencia uma festa interminavel de alegrias intimas e de inexgotaveis affeições. Em vão ella supplica, exora, obsecra. Em vão entalha nos choupos e nas faias as lacrimosas inscripções do seu amor tão ferinamente desprezado. Narciso, o ideal do celibatario, a exaggeração do egoismo, a louca idolatria de si proprio, escuda-se com os sophismas da razão contra a eloquencia do amor e contra a soberania da natureza.

Hoje Castilho desdenha um pouco o poemeto dos seus primeiros annos de vigor intellectual. Quasi lhe consagra apenas este amor frio de um pae aos fructos da sua verde adolescencia. A outros filhos queridos e legitimos os amima e estremece. Mas o poeta é nimiamente severo com a sua mimosa producção.

*

As *Cartas de Ecco* são a primeira despedida da graciosa e amena poesia pastoril. As nayades e as dryades para apparecerem na vespera da sua proscripção, desthronadas pela musa romantica, enfeitam com maior empenho a nativa belleza, toucam e

entrançam de flores mais recendentes e mimosas as madeixas loiras e ondeantes, como um rei antes de abdicar diante da revolução compõe o manto e releva o esplendor da magestade, como o sol, a ponto de esconder-se no horizonte, se coroa de resplandores e annuncia em pittorescos e matizados arreboes as melancolicas tintas do crepusculo.

As *Cartas de Ecco* são um verdadeiro romance íntimo, com todos os defeitos d'este genero de litteratura. É a gamma do amor percorrida em todas as suas combinações. O poeta tem apenas para compôr o seu romance duas côres fundamentaes — o amor da mulher, e o enlevo da natureza. D'aqui provém, apesar de todos os primores da imaginação, de todas as voluptuosidades do estylo, de todas as cadencias da metrificação, uma certa pallidez de monotonia, que desbota um pouco a frescura das paisagens e resfria com o ar das paixões de convenção a atmosphera tropical, em que respira a nympha desprezada.

O poema tem comtudo innumeraveis formosuras. Tomemos o amor de Ecco como o pretexto do romance, e admiremos o que elle encerra de paineis deliciosos e de coloridas e frescas descripções. É como se entrassemos n'uma galeria da mais pura escola flamenga na verdade e na correc-

ção dos seus paizes. N'esta ridente pinacotheca, onde as télas sorriem luz e harmonia, ha uma mulher contrastando na tempestade do seu amor com a limpidez dos céos, com o azul ethereo das montanhas, com a avelludada relva das campinas, com a lympha espelhada dos regatos, com o perfume ineffavel, com que a natureza virgem embalsama o seu leito de verdura.

Pesam-vos e amargam-vos as tradições mythologicas? Não vos apraz misturar com a natureza o encanto da musa classica? Sentis o coração pouco doído com as amarguras de Ecco? Pois bem. Tirae da scena a amante e ficar-vos-ha a natureza para vos recrear a imaginação no poema de Castilho.

Como é mimosa a descripção da festa de Venus na setima das *Cartas!*

Sente-se toda a singela amenidade da musa grega na descripção da gruta de Ecco, quando a nympha pretende fascinar o seu Narciso, com a eloquente hypotypose da sua pequenina e flórea habitação.

Adivinha-se aos primeiros versos o valente metrificador, o poeta sensivel, o pintor imaginoso, ao ler o episodio da *Ilha das Graças.*

As *Cartas de Ecco,* apesar das suas imperfei-

ções, teriam sido por si sós um honroso documento de felicissimo engenho poetico. Castilho não era ainda chegado, ao escrevêl-as, áquella admiravel elasticidade de versificação, em que elle primou depois entre todos os seus contemporaneos; não conseguira ainda aquelle vigoroso colorido, que tornou depois afamada a sua palheta, aquella riqueza de vocabulario, de que deu mostras nas suas graciosas trasladações dos poetas romanos, aquella quasi instinctiva facilidade de estatuario no manusear e relevar, tornando-a obediente aos caprichos da inspiração, a linguagem, a materia plastica da poesia.

Os epithetos, nas *Cartas de Ecco*, revelam o influxo, que Bocage exercêra em leituras precoces no animo de Castilho. Os versos, quasi sempre cheios de vehemencia e melodia, caem ás vezes no artificio, demasiado transparente, com que Elmano corrigia por uma arte ociosa as nativas opulencias do seu engenho. A accentuada partição do verso em hemistichios, que são como reflexos um do outro, belleza original nos metros heroicos de Bocage e de Castilho, chega ás vezes pela sua repetição exaggerada a raiar em affectação de conceito, embora o ouvido se compraza nos effeitos sensuaes d'esta engenhosa disposição.

*

Dissemos que D. João VI jurára as bases da constituição democratica, projectada pelo congresso das Necessidades. El-rei, com esta obrigada facilidade e violentada complacencia, com que os reis acceitam as revoluções, sanccionára com o seu tão festejado juramento o movimento popular. Como um dos aggravos, que haviam provocado o povo, ou os seus tacitos representantes, era a ausencia da côrte no Brazil, ao juramento de D. João seguiu-se o seu regresso a Portugal. Deixaremos aqui de referir as graves e prolongadas discussões, a que o augusto congresso recorreu para formular o ceremonial do desembarque e conciliar quanto possivel a magestade da coroa com a soberania da nação. Legaremos este encargo aos historiadores de uma época ainda quasi virgem para a historia, e diremos apenas n'este logar que el-rei saudou finalmente, depois de anciosamente esperado, as praias, que havia quatorze annos abandonára, para levar longe da Europa os penates da sua gloriosa dynastia, humilhada perante as aguias imperiaes.

O sr. José Feliciano de Castilho voltou á patria, no sequito d'el-rei. Achava os filhos já mui adiantados no curso de differentes faculdades. Antonio

Feliciano em canones, Augusto Frederico em theologia, José Feliciano em medicina, e em mathematica o desventurado Alexandre, espirito brilhante e vivacissimo, que luctou tão rijamente com o sepulcro antes de totalmente desapparecer. Era uma familia toda litteraria, onde as sciencias e as lettras ficavam repartidas pelos seus differentes membros, uma domestica universidade, onde achavam representantes e cultores todas as provincias do saber.

O chefe d'esta dynastia de poetas devia retomar a sua cadeira na faculdade de medicina. Para Coimbra partiu a familia inteira, assentando ali de vez o seu domicilio, que até então fôra em Lisboa.

A casa onde se foi estabelecer esta familia patriarchal ficava proxima ao arco de Almedina. Era este arco nos tempos de Coimbra antiga uma das portas, por onde da velha cerca da cidade se saía para a campanha. É a sua architectura moirisca, seguro indicio da sua remota antiguidade e de quaes foram os seus edificadores. As suas grossas portas chapeadas de ferro denunciavam o intento defensivo, com que haviam sido collocadas. Ao pé do arco demoravam as casas, que serviam a Castilho de habitação, contiguas egualmente aos paços do concelho. Era a casa de feição antiga e veneranda, e como que moldada para servir de abrigo a um

poeta. Não sabia dizer-se com certeza se a dominava o aspecto sombrio de um castello ou a austera gravidade de uma abbadia. Tinha talvez reminiscencias de alcaçar e de mosteiro. A imaginação romanesca e scismadora podia á vontade povoar a crasta deserta de espectros monachaes, ou escutar o som metallico das esporas e das grevas, accordando-se em unisono com o som repercutido nos pavimentos de tijolo. Um terreno espaçoso dividido em tres quintaes temperava com as alegrias da vegetação a grave melancolia do edificio.

Tornemos á casa de Castilho. Do lado dos quintaes, seguia-se uma construcção monumental pelas recordações de que se tecia a sua lenda, e então pelas injurias do tempo mui decaída de seu antigo esplendor. Era chamada a casa de Sobripas. Devêra ter sido acastellada pelos guerreiros moradores, que a deixaram memoravel. As paredes ennegrecidas zombavam, com a irresponsabilidade das ruinas, de todos os protestos concelhios e da edilicia civilisação dos almotacés conimbricenses. Fôra, segundo reza a tradição, nos primeiros seculos da monarchia, residencia de templarios.

As janellas projectadas em ogiva, os columnellos esguios, os relevos mutilados, que decoravam aquelles muros seculares, attestavam ainda que mão

de ambiciosos e altivos cavalleiros havia guiado para antigas magnificencias o estylo do architecto e o cinzel do esculptor. Das scenas, que ali se haveriam succedido, quando os monges-cavalleiros desfraldavam o pendão da cruz vermelha sobre sua mansão privilegiada, não achamos memoria nos annaes. O que a tradição parece vincular ao edificio é um dos mais sinistros dramas, que registou a historia nacional. Ali viveu D. Maria Telles, e ali o desnaturado infante, surprehendendo no leito a timida consorte, tingiu n'aquelle sangue illustre o punhal de cavalleiro desleal.

Ali foi o theatro d'aquelle tragico successo, que Fernão Lopes, na chronica de D. Fernando, quasi chegou a dramatisar, com o animado e desambicioso colorido das suas descripções e com a primitiva ingenuidade das suas narrativas.

Outras lendas se accommodavam á casa de Sobripas, misturando-se as invenções do maravilhoso popular, como sempre acontece em monumentos, ás tradições, que tinham fundo de verdade. Corria entre a gente da cidade que uma galeria subterranea seguia desde ali até o rio.

Imagine o leitor que inexgotavel manancial para scismar de poeta em dias de sesta, meio-dormida n'este sonho espiritual, que os francezes chamam

rêverie, em horas de calma, perdidas á sombra das arvores do jardim. E Castilho muitas vezes devaneava no seu pequeno Trianon. E a casa dos templarios amostrava-lhe n'um diorama de phantasia os moiros, primeiros habitantes do edificio, as moiras, que ali deveram jazer ainda encantadas na mysteriosa galeria; depois os torneios e as algaras da arrogante milicia do Templo; depois o espectro da formosa Maria Telles, obsecrando os céos contra o seu desalmado matador. E depois d'estas memorias da edade média, depois d'estas scenas, que se podiam poetisar? Depois dos moiros, das moiras, do mestre D. Gualdim Paes, do mestre D. Pedro Alvitis, do infante D. João, da poetica Maria Telles? Depois? O padre José Fernandes! Eis ahi em que pára a poesia, eis ahi como é o ultimo élo da cadeia historica, eis ahi qual é o ultimo representante de um morgado de heroes, eis ahi em que veem a parar as glorias d'este mundo, as alcaçovas soberbas, as *perceptorias* do Templo, os furores do infante e os suspiros de Maria Telles. No padre José Fernandes; soldado do templo, mas soldado pacifico como um cordeiro paschal, jovial como uma creança, incapaz não só de matar Maria Telles, mas de comprehender como alguem pudesse applicar o ferro frio, que não fosse em sacrificio ao

paladar, como uma tragedia pudesse achar outro theatro, que não fosse alguma populosa capoeira.

Caímos dos templarios no padre José Fernandes com a mesma naturalidade, com que se passa dos soberanos da raça merovingia, ainda heroica e vigorosa, para os reis appellidados *fainéants,* com que nas memorias de uma casa illustre descemos de um barão feudal, que primou em matar sarracenos nas cruzadas, até o seu ultimo representante, que, feito hoje agricultor, engorda bois da raça charoleza na gleba hereditaria da sua gloriosa baronia.

É porque o padre José Fernandes era o actual habitador da casa de Sobripas.

Mas quem era o padre José Fernandes, perguntará o leitor impaciente, e que ha de commum entre o novo morador de Sobripas e o inquilino illustre da casa de Almedina?

O padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia era um sincero amigo de Castilho, e, apesar da differença das edades, ameno e festivo contubernal do cantor da *Primavera*. Era já de maduros annos, mas conservára de uma feliz e descuidosa mocidade todo o frescor do espirito, e da infancia uma quasi ingenuidade pueril. Exercendo o magisterio do latim, soubera esquivar-se ás tentações do pedantismo, e na má companhia dos grammaticos,

creaturas damnosissimas a toda a genial e castiça poesia, aprendêra o officio, sem adoptar a *morgue do novo methodo,* a mais abominavel e insoffrivel de todas as *morgues,* contando mesmo a do conselheiro official de secretaria e a do mercieiro remediado, que pela primeira vez meneia o bastão de regedor.

*

Era o padre José Fernandes um professor á Tolentino, com a differença de que para elle o latim era o mundo inteiro, ao mesmo tempo industria e distracção, enxada bruta e enlevo espiritual. Era um d'estes typos de erudito, que vão escasseando em nossos dias; um d'estes sobrios litteratos, cujo estreito horizonte expira na ultima pagina de um auctor de predilecção. Horacio era quasi toda a sua sciencia. E apostamos que havia mais contadas as folhas do seu poeta favorito do que as rubricas do missal romano, ou os dias *duplex* e *semi-duplex* do breviario, em que rezava. Posto que o não favorecesse um talento privilegiado, a sua musa, nos passeios ideaes a Tibur, aprendêra a imitar as odes horacianas. As odes de José Fernandes, reflexos de uma poesia vigorosa e original, não deshonravam o engenho de seu auctor.

Era natural da aldeia do Couce, e, a avaliarmos por este nome, era a terra prosaica de mais para que o berço do padre José Fernandes fosse embalado pelas Camenas, excepto se, pela razão de analogia, o Pegaso andára retouçando por aquellas beiroas regiões.

Não havia em Coimbra n'aquelle tempo um homem tão original como o morador de Sobripas.

No mesmo quarto, onde a affectuosa Maria Telles, descendo sobresaltada do seu leito, havia sido apunhalada pelo esposo, tinha o padre José Fernandes instituido a sua modesta aposentadoria. Sobre o pavimento, transudando memorias sanguinolentas e exhalando o perfume sinistro da tragedia, erguia-se prosaicamente o catre escolastico, onde somnos epicureos, dormidos de um só trago, e sonhos eburneos da madrugada, tinham habituado o padre a ser no aspecto jubiloso a mais irrespondivel ironia ao cothurno e ao punhal.

Se o padre José Fernandes era todo elle uma ode de Horacio, regrada e correcta, como as sabia limar o vate romano, o velho aposento de Maria Telles, era, sob o seu presente locatario, uma verdadeira ode pindarica, pela desordem da sua contextura e pela absoluta ausencia de transições. Já hoje se observam rarissimos exemplos d'estes pene-

traes da litteratura, onde o cahos parece estar circumdando o escriptor ao desentranhar da phantasia as suas mais ordenadas e harmoniosas creações. Vae-se afrouxando este laço, que estreitava a vocação litteraria e o desalinho dos poetas. Os cultores das musas, accrescentaram em nossos dias ás categorias fundamentaes da esthetica transcendente, ao *bello,* e ao *sublime,* uma entidade mais mundana, que com um anglicismo, hoje quasi naturalisado, dizemos modernamente o *confortavel,* assim como os estoicos da republica expirante e da nascente monarchia dos Cesares, discreteavam abnegação em triclinios marchetados, e possuiam, como Seneca, palacios sumptuosos, como Cicero, deliciosas *villas* e diversorios monumentaes. Bufetes de talha artificiosa, contadores da India, estantes, que são miniaturas de cathedraes, esculpturadas em pau sancto, fogões mais ou menos sumptuosos, reposteiros, graciosas *corbeilles* pendentes do apanhado das cortinas, alcatifas preciosas, bustos, paineis, espelhos e candelabros, exornam, mesmo em Portugal, o sacrario dos mais somenos escriptores. Apollo, que tantas vezes adormeceu feliz nos estabulos de Adméto, trocaria hoje o seu pobre Parnaso, aberto a todos os ventos e propicio ás mais pertinazes catarrhaes, pelo gabinete apenas estei-

rado do mais obscuro folhetinista dos nossos dias. O *confortavel* invadiu as mais humildes habitações. Calafetou as fendas por onde o ar exemplificava de inverno uma extensa nosographia. Accendeu a cêpa nas chaminés artisticamente trabalhadas. Temperou a luz meridiana com a verdura artificial dos transparentes nas janellas. Sophismou a dureza das poltronas com os estofos economicos, e, democratisando o luxo e parodiando muitas vezes a opulencia, tirou ao lar domestico o caracter de uma verdadeira penitenciaria.

Mas o padre José Fernandes nem conhecia a palavra *confortavel,* nem presentia ao menos que pudesse haver uma idéa, que precisasse d'este nome.

A alcova servia ao mesmo tempo de salão, de gabinete de trabalho, e os emblemas e attributos d'estas encontradas entidades confundiam-se na modesta vivenda do feliz horaciano. Aqui, sobre uma arca chapeada, um calção de meia em amigavel intimidade com um Horacio de algibeira, no chão, ao pé do leito, uma bota divorciada, e entre ella e a consocia mediando uma ode, que esperava para os ultimos primores a hora da inspiração. Os magros honorarios do professor mostravam sobre uma banca de primitiva constructura os seus ultimos tostões de envolta com os despojos opimos de

uma renhida batalha gastronomica, porque o padre José Fernandes não esquecia no Parnaso horaciano as horas da sua copiosa, mas singela refeição.

Tinha o padre José Fernandes, na falta absoluta de domesticos, inventado um systema admiravel de prover ao alinho e nitidez do seu anarchico cenobio. Em dias de ventania, as janellas espaçosas deixavam livre entrada ao ar dos campos. Éolo suppria gratuitamente os officios mercenarios da classica *servente*. Aquelle oceano de livros dispersos, de papeis soltos, e de utensilios antinomicos, era arrojado pelo vento até á porta do dormitorio. Ali o padre José Fernandes, como um archeiro de sentinella, armado de sua vassoura previdente, sustava na *avalanche* os objectos, que ainda queria aproveitar, uma ode, uma folha perdida de um poeta, um fugitivo lenço de assoar.

A sua excentricidade encantava os que a viam a cada passo comprovada com chistosos lances e engraçadas anecdotas. Não era excentricidade calculada e sombria de um inglez, assoberbado pelo *spleen*. Era a excentricidade de um homem infantil, ameno, candido e descuidado dos amargores da vida, e aspirando n'um facil e quasi innocente epicureismo tudo o que o mundo póde offerecer de honesta deleitação. Era frequente e mavioso toca-

dor de flauta. Apraziam-lhe os passeios nocturnos *per amica silentia luna* áquelles sitios deliciosos, que circumdam a cidade universitaria, a Santa Clara, á *Quinta das Lagrimas,* á romantica *Fonte dos Amores.* Ás vezes, pela calada da noite, quando as aguas do Mondego se espelhavam com as lantejoulas prateadas do luar, ouviam-se ao longe as notas suavemente melancolicas de uma flauta. Era o padre José Fernandes, que cavalgava quietamente na jumenta, socia de suas innocentes aventuras, buscando algum sitio campesino onde soltar as redeas á sua festiva imaginação. Para alumiar os passos pelo escuro da noite, levava pendente de uma bota uma lanterna, que, no seu frouxo bruxulear, dava ao jovial horaciano o aspecto de uma apparição extravagante.

Contavam-se infinitas anecdotas da sua ingenuidade e distracção habitual.

*

Depois de haver cursado canones, sonhára um dia o bom do padre José Fernandes as glorias da borla doutoral. Tinha na patria aldeia de Couce uns olivaes e umas courellas, que lhe haviam cabido em patrimonio. Foi á terra e vendeu a pequena

herança. Volvendo a Coimbra, preparára-se para receber o capello appetecido. Com a sua costumada negligencia, esqueceu-se de recatar o seu thesouro no aposento, mal policiado e defendido. Ladrão domestico lhe cobiçou o peculio, que o padre José Fernandes infructuosamente buscou por muitos dias. Resignou-se facilmente com este lance inopinado. A borla fugia-lhe para sempre, porque não havia novas herdades que vender. Passaram-se annos. Uma vez estava o padre ouvindo mui devotamente a sua missa no convento da Estrella. Um homem desconhecido o vem interromper nos seus exercicios de piedade. Insta-o para que lhe oiça uma palavra. Acode o padre e escuta-o curioso. O estranho acabava de chegar-se ao tribunal da penitencia e o confessor lhe impuzera com absolvição o dever de impetrar o perdão por um furto que havia annos commettera. O padre José Fernandes tinha junto a si, a implorar-lhe o perdão, o homem que lhe furtára o dinheiro, destinado aos gastos do capello. O bom do padre sorri infantilmente e estranha a commoção do contrito peccador. Homem, replica José Fernandes, depois de o contemplar com a sua costumada benevolencia, o dinheiro que vossa mercê me furtou ha annos era toda a minha fazenda; com elle intentava comprar uma vaidade. Tenho vivido

feliz sem as insignias de doutor, morrerei feliz sem ellas. Não tornemos a fallar em semelhante bagatella e vá-se vossa mercê na paz do senhor, que o mal que lhe desejo a mim me venha. E ergueu-se com a consciencia limpa, tão alegre e radiante, como se houvera recebido ali com juros compostos o furto, que tão christanmente acabára de amnistiar.

A visinhança de tão festiva creatura deu a Castilho occasião para enlaçar mais estreitamente as suas relações com um homem que tão ardentemente cultivava as musas romanas. A horas mortas da noite, quando Castilho já repousava, vinha muitas vezes o padre José Fernandes bater-lhe sofregamente á porta do aposento. Accordava Castilho em sobresaltos. Perguntava quem era. Instava o padre porque lhe abrisse. Entrava o excentrico José Fernandes, tripudiante, jubiloso, accesos na fronte os raios de uma nocturna inspiração. Vinha mostrar-lhe uma ode que fizera, e declamar na sua voz rouca as estrophes escriptas na vigilia.

*

Na casa de Almedina volveram felicissimos tempos para Castilho. Do alto mirante, que dominava a habitação, esparzia-se a vista pelas virentes

de Coimbra. As amenas paisagens da campina, o curso do Mondego, as hortas apraziveis encantavam docemente a alma ao que nas scenas da natureza se comprazia. Ha nas organisações sensiveis uma funcção privilegiada, que falta nas indoles vulgares. Assim como é uma condição da vida o respirar physicamente, assim ha tambem para as delicadas sensibilidades uma como que respiração espiritual. A natureza é-lhes complemento indispensavel, nutrição mysteriosa e intellectual lhes ministra nos seus aspectos, nos seus esplendores, nos seus aromas, nas suas vagas harmonias. O campo, que é um costume aristocratico para os cultores da moda, uma officina industrial para os agricolas, um nada para os ociosos, é para altos entendimentos um manancial de indiziveis deleitações. A bucolica infantil do Lumiar achou mais largos dominios nos valles floridos e nas arrelvadas cercanias de Coimbra.

Quantas vezes o poeta, furtando aos geraes da universidade algumas horas matutinas da primavera, com seu irmão Augusto, socio dilecto dos seus devaneios, do seu poetar, das suas mais gratas illusões, das suas affeições mais queridas, se ia a buscar nas varzeas algum recosto bem ensombrado pelas arvores, bem tapizado de verdura, e

ali, esquecendo o rigido Van Espen, se deliciavam ambos com a leitura do numeroso Ovidio! Quantas vezes em festivas romarias ia Castilho, com os mais íntimos convivas dos seus prazeres espirituaes, discorrendo os campos, admirando as suas formosuras, respondendo á poesia da natureza com a poesia da sua alma; quantas, sentado á pôpa n'um barquinho ligeiro, se deixava embalar sem norte e sem destino pela veia preguiçosa do Mondego, passando aqui sob a arcada espessa dos salgueiros, ali surgindo n'alguma aprazivel angrasinha enramada de arbustos, acolá saltando na areia limpida para furtar-se na espessura dos censeiraes aos ardores do sol a prumo!!

D'estes ocios encantados, que o poeta sagrára á natureza, foi o fructo mais mimoso o poemeto da *Primavera*.

ÍNDICE

Pág.

Carta-prefácio do Dr. Xavier da Cunha 5

Garrett. 89

Castilho 223

CORRECÇÕES PRINCIPAIS

Pág.	Lin.	Onde se lê:	Leia-se:
27	1	*Oberom*	*Oberon*
27	16	as mão	as mãos
40	4	de «Litteratura	«de Litteratura
40	8	Castiiho	Castilho
60	10-11	*Contos e Narrativas*	*Lendas e Narrativas*
72	17	dando-thes	dando-lhes
78	22	com os extremos	com os costumados extremos
92	24	dos seus	de seus
115	10	dymnastica	dynastica
143	14	n'aquela	n'aquella
149	11	Nabarro	Naharro
153	11	habitaçães	habitações
179	13	alvorocer	alvorecer
201	11	Stael	Staël
201	17	Sevigné	Sévigné
231	11	potestade?	potestade.
232	14, 15 e 17	demos-lhe	demos-lhes
241	24	*completas,*	*completas*
262	19	as oppugnar	os oppugnar

Escritos Literários e Políticos

DE

LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção do professor ARLINDO VARELA

ACHAM-SE PUBLICADOS:

Fernão de Magalhães, com um prefácio do *Dr. Júlio Dantas,* 1 vol. com o retrato do autor . . . . . 600 réis

Garrett e Castilho, com uma carta-prefácio do *Dr. Xavier da Cunha,* 1 vol. 700

A SAIR PRÓXIMAMENTE:

Typos Nacionaes, com um prefácio do *Dr. Júlio Dantas* 1 vol.

EM PREPARAÇÃO:

Figuras Contemporaneas . . . . . 1 vol.

Discursos Parlamentares . . . . . 1 vol.

Apreciações Litterarias . . . . . 1 vol.

(A estes volumes seguir-se hão outros do mesmo autor)

Biblioteca de Sciências Contemporâneas

VOLUMES PUBLICADOS

Teoria da Educação, por JOÃO CESCA, tradução de *Arlindo Varela,* 1 vol . . . . . 500 réis

Dores do Mundo, por ARTUR SCHOPENHAUER, tradução prefaciada por *Albino Forjaz de Sampaio,* 1 vol. 350

As Doenças da Memória, por TEÓDULO RIBOT, tradução do *Dr. António Barradas,* 1 vol. 500

A Saúde pelo Naturismo, pelo DR. AMÍLCAR DE SOUZA 1 vol. . . . . 600 »

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
A575
Z713
1917

Latino Coelho, José Maria
Garrett e Castilho

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 06 15 022 9